OBRAS COMPLETAS

— DO —

Conselheiro Macedo Soares

— V —

PARTE II

NOBILIARQUIA FLUMINENSE

GENEALOGIA

DAS

PRINCIPAIS E MAIS ANTIGAS FAMILIAS

DA

CORTE E PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO

— 1878 —

— 1947 —

(C.I)

Conselheiro Antonio Joaquim de Macedo Soares, ministro do Supremo Tribunal Federal — n., em Maricá, 14 de Janeiro de 1838. — †, Capital Federal, 14 de Agosto de 1905.

OBRAS COMPLETAS

— DO —

Conselheiro Macedo Soares

(*Antônio Joaquim*)

Ministro do Supremo Tribunal Federal, sócio efetívo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade de Geografia e de outros institutos literários e científicos

COLIGIDAS, REVISTAS E PUBLICADAS

POR SEU FILHO

Desembargador Julião Rangel de Macedo Soares

Presidente do Tribunal de Apelação do Estado do Rio de Janeiro (1936-1937), sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro da Academia Fluminense de Letras, Vice-Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do mesmo Estado (1945-1947)

OBRAS COMPLETAS

— DO —

Conselheiro Macedo Soares

(Antônio Joaquim)

— V —

(PARTE 2.ª)

NOBILIARQUIA-FLUMINENSE

GENEALOGIA
DAS
PRINCIPAIS E MAIS ANTIGAS FAMÍLIAS
DA
CÔRTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

PELO

DR. ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES

Juiz Municipal de Araruama

coligida, revista, completada e publicada

PELO

DR. JULIÃO RANGEL DE MACEDO SOARES

— 1947 —

GENEALOGIA
DE ALGUMAS
DAS
MAIS ANTIGAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS
— DA —
CÔRTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO,
SEGUNDO DOCUMENTOS AUTÊNTICOS
E RELAÇÕES GENEALÓGICAS TRANSMITIDAS
PELO CAPITÃO-MÓR DOUTOR

Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coitinho,
Barão de Itapacorá,
Conde de Iguassú, Barão do Monte Bello,
e outros.

— POR —

Antônio Joaquim de Macedo Soares

1862 a 1878

De todos êstes existem títulos honoríficos de nobreza conhecida, de grandes serviços à pátria e ao trôno. A gratidão fluminense consagrará a memória de tão ilustres cidadãos, cujas notabilidades enobreceram a sua pátria. A nobreza é o capital do edifício da civilização. pelos estímulos à virtude e ações gloriosas que produziram.

Balthazar da S. Lisboa, *Anais do Rio de Janeiro*, cap. 2, § 11 *in fine*.

ABREVIATURAS

Pp. C. Ig.	Papéis do Sr. Conde de Iguassú (Côrte).
Pp. B. M.B.	Papéis do Sr. Barão do Monte Bello (Araruama).
Pp. Cap. M.	Papéis do Capitão-mór Dr. Frco. de Macedo Freire de Azeredo Coitinho.
Pp. B. It.	Papéis do Barão de Itapacurá (Itaborahy).
Pp. Com. S.	Papéis do Sr. Comendador Jm. Je. Soares (Itaborahy).
Pp. Cor. S.	Papéis do Corel. Theodoro de Macedo Sodré (Cantag.º?).
Pp. G. M.	Papéis dos Gagos Machados (Estrela?)
Pp. Ab.	Papéis dos Abreus do Rio de Janeiro pelo Dsor. J.º Per. R. de A. Coitinho.

NOBILIARQUIA FLUMINENSE

PARTE II

OS

ABRÊOS DO RIO DE JANEIRO

Illm., Exm. Sr. Dr. Benjamin Francklin Ramiz Galvão,

Segundo prometti a V. Ex., remetto-lhe para a Exposição da Bibliotheca Nacional a genealogia dos *Abreos do Rio de Janeiro*, escripta do proprio punho do Desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coitinho, Chanceller da Torre do Tombo, brazileiro distincto ainda por tantos outros titulos, politicos e litterarios. Veiu-me ás mãos esse manuscrito, ou por favor de meu tio o Major João Barbosa de Azeredo Coutinho, fazendeiro em Saquarema, entre outros papeis de familia herdados de seu pae e meu avô materno o Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coitinho, capitão-mór de Cabofrio e primo de João Pereira Ramos; ou de meu primo, o Consº Manoel Antonio Duarte de Azevedo, que os houve de seu tio o Barão de Tapacurá.

Nas costas se lê a declaração em letra e tinta antigas: — *propria lettra do Sr. João Pereira Ramos.* Não é letra de meu avô, nem de meu tio, talvez seja do finado Barão, ou, quem sabe, de seu pae, o Mestre de campo Alexandre Alvares Duarte de Azevedo, contemporaneo do Dezembargador

Data o papel de 1755 como se vê da sua ultima linha; e não está mal conservado. [ ].

Si V. Ex. acha que tem algum valor, receba-o como presente que faço á Bibliotheca, em homenagem a V. Ex., seu digno Director, de que tenho a honra de ser

servo obrigado e amº attencioso,

(a) Antonio Joaquim de Macedo Soares.

Casa, no Mar de Hispanha, 30 de Oitubro de 1881.

Segundo se vê da carta acima, encontrada entre as folhas do manuscrito, o original "da própria letra do Dezembargador Pereira Ramos" se acha na Biblioteca Nacional. O Dr. Macedo Soares tinha por habito conservar o rascunho das cartas que enviava a seus amigos (J. R. M. S.).

NOBILIARCHIA FLUMINENSE

ABREOS do Rio de Janeiro

(Manuscripto da propria lettra do Dezembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coitinho, guarda-maior da Torre do Tombo, procurador da Corôa, etc, etc, annotado por A. J. de Macedo Soares, Juiz de Direito, Cav. da I. O. da Rosa. (1).

Querendo Diogo Rongel de Macedo, o moço, pôr a ultima mão a um titulo de Rongeis em que pretendia comprehender todos os ramos d'esta familia, e não tendo as noticias necessarias pelo que tocava aos Rongeis (1) do Rio de Janeiro, fez um papel em que consultou sobre elles, e outros ramos, a José Freire de Montarroyo Mascarenhas. Este papel conservava José Freire junto com o seu titulo de Rongeis, onde eu o achei e d'onde o extrahi para o meu poder, deixando em seu logar uma copia. N'elle se acha noticia do primeiro Abreu que passou ao Rio de Janeiro, de quem descendem os que hoje se acham d'este appellido na mesma cidade; a qual o dicto Diogo Rongel refere como dada pelo conego José da Fonseca Rangel. Cingindo-me a ella por não haver visto esta materia em outra parte, referirei o que consta do mesmo papel, acrescentando algumas noticias que depois adquiri a respeito das successões posteriores da mesma familia, por occasião de se achar aparentada com os Rongeis da mesma cidade, de quem tambem eu sou descendente.

1.º — BALTHAZAR DE ABREU DE SOUTOMAYOR

Nasceu na Ilha da Madeira, e foi moço fidalgo da Casa Real. Da sua ascendencia não se encontram alli

---

(1) O original do punho do Dr. A. J. de Macedo Soares [illegible]

(1) O original do punho do Dr. A. J. de Macedo Soares, foi entregue ao Dr. Vieira Fazenda pelo Dr. Julião Rangel de Macedo Soares para constar, a seu pedido, dos arquivos do Instituto Historico.

noticias; mas o seu filhamento e a qualidade da sua mulher dão a conhecer que era das familias dos seus appellidos, que ainda hoje se conservam com boa nobreza na dicta ilha e, como tal, descendente de João Fernandes de Abreu, Senhor da Lomba do Arco, de quem provêm quasi toda a nobreza do Funchal, Machico, Calheta, e ainda uma boa parte da de Angra, e de quem tracta o Padre Cordeiro, na sua *Historia Insulana*, Liv. 3, cap. 7, n.° 48 e 49. Tenho por provavel se achem as dictas noticias em poder do Domingos Ferreira de Abreu, Secretario da Juncta dos 3 Estados, e seu irmão Monsenhor Ferreira, que, como participantes do sangue d'estes Abreus por sua mãe, e mais cuidadosos da sua genealogia que os parentes da America, não deixarão de as ter averiguado com exacção.

Passou o dicto Balthazar de Abreu ao Rio de Janeiro, onde casou com D. Isabel Rongel de Macedo, irma inteira de Balthazar Rangel de Macedo, 3.° avô por varonia de Julião Rangel de Souza Coutinho (2), e tambem irmã inteira de D. Paula Rongel de Macedo, mulher de Diogo de Mariz Loureiro, (3) Provedor da Fazenda Real, de quem descendem os Marizes e quasi todos os Azeredos Coutinhos e tambem irmã inteira de Belchior Rongel de Macedo, (4) que foi capitão na conquista do Maranhão, de cuja qualidade se achará uma prova nos *Annaes Historicos do Maranhão*, compostos por Bernardo Pereira de Berredo, n.° 318 e desde o n.° 248 até o 308.

Eram todos filhos de Julião Rongel de Macedo, o velho, (5) capitão da conquista do Rio de Janeiro, onde serviu muitos annos; e tambem foi fidalgo da Casa Real, como se declara no mesmo papel; e Ouvidor Geral do Rio de Janeiro por Provisão de Sua Magestade, de que tomou posse no ano de 1583, como consta do 1.° Livro da Camara, em que a dicta Provisão se acha registrada, emprego que n'aquelle tempo não andava em homem de lettras, exercitando-o os mesmos que seguiam as armas: e de sua mulher D. Brites Sardinha, irmã inteira de D. Pedro Fernandes Sardinha, 1.° Bispo do Brazil e filhos de João Gomes Sardinha, da familia dos Sardinhas de Setuval. (a) (6)

Netos por parte paterna de Damião Dias Rongel; bisnetos de D. Diogo Dias Rongel, Commendatario de Cete e Villela;

e terceiros netos de Pedro Alvres Rongel, Senhor da Casa e quinta do *Rongel*, juncto á cidade de Coimbra, onde esta o solar dos Rongeis; e de sua mulher Ignez Alvres Sanches de Macedo, em cujos descendentes se uniram os appellidos de Rongel e Macedo: do qual Pedro Alvres Rongel é descendente e possuidor da sua casa Calixto Rongel Pereira de Sá, morador em Coimbra; e a sua ascendencia se acha na *Corographia Portugueza*, tom. 3.° pg. 653 e 654. (7)

Produziu este matrimonio de Balthazar de Abreu com D. Isabel Rongel varios filhos, de que me faltão noticias; entre os quaes parece foi filho ou neto um João de Abreu Rongel, que casando na familia dos Souzas Britos Botelhos Coutinhos, (8) foi ascendente do ramo de Abreus do Secretario da Juncta dos 3 Estados; e do Dr. Domingos Luiz Pouzada, Senhor do engenho de Tamby; e do Conego Ignacio de Oliveira Vargas e outros de que não tenho noticia exacta. So me consta ao certo que foi filho do dicto matrimonio.

2.° — D. ISABEL RONGEL DE MACEDO, a qual casou com o Dr. Francisco da Fonseca Deniz, ( ) natural do Rio de Janeiro, e filho do Dr. Jorge Fernandes da Fonseca, e de sua mulher Brites da Costa Homem, filha de Aleixo Manoel, ( ) o velho, natural da ilha do Fayal, e Francisca da Costa Homem, da ilha Terceira, ambos pessoas principaes, e parentes de Pedro Homem de Albernaz, ( ) Acclamador d' El Rey D. João, o 4.°, no Rio de Janeiro, e como tal premiado por elle com a Prelazia da mesma cidade, por ser ecclesiastico. (6)

Teve d'este matrimonio:

3.° Balthazar de Abreu Cardoso, que segue.

3.° D. Brites Rongel de Macedo, § 2.

3.° D. Isabel Rongel de Macedo, que casou com Amador de Lemos de Azevedo, (7) pessoa principal do Rio de Janeiro, de quem ha um neto por nome Jorge de Lemos, casado com filha do Mestre de Campo João de Abreu Pereira Sodré.

(a) (A lapla — 1844. 419 — refere-se á R.I.H.?

3.° D. Maria de Abreu de Soutomayor, que casou com Ignacio de Oliveira Vargas, (8) Coronel de um regimento do Rio de Janeiro e foram paes do Conego José da Fonseca Rongel e seus irmãos.

3.° José da Fonseca Rongel, que nunca casou, e falleceu deixando filho bastardo:

3.° Fr. Jorge da Apresentação, Carmelita Calçado e Prior do Convento do Rio de Janeiro;

3.° Fr. Francisco da Cruz, religioso Capucho, quatro vezes Guardião, Definidor e Custodio da provincia do Rio de Janeiro.

3.° Fr. Manuel de S. José, leigo na mesma religião e de muita virtude.

4.° João de Abreu da Fonseca, Capitão de infantaria da Colonia no tempo da ultima guerra, Sargento-mór de Sanctos e Tenente General de S. Paulo. D'elle se faz menção na Relação do Sitio da Colonia, pg.

3.° BALTHAZAR DE ABREU CARDOZO, (a) n.° 3, filho de D. Isabel Rangel de Macedo e Francisco da Fonseca Deniz n.° 2, foi homem dotado de bom juizo, e como tal respeitado. Foi Coronel de um regimento do Rio de Janeiro e Senhor de dois engenhos. Casou na mesma cidade com D. Isabel Pereira Sodré, filha de Francisco Sodré Pereira, (10) Moço Fidalgo da Casa Real e Coronel de um regimento pago do Rio de Janeiro; e de sua mulher D. Catharina da Silva Sandoval, filha de João Gomes da Silva, (11) Capitão de infantaria e das fortalezas de S. Antonio, da barra da Bahia, e S. João, da barra do Rio, Provedor da Fazenda Real e Juiz dos Orphãos do Rio de Janeiro; e de D. Maria de Mariz, filha de Diogo de Mariz Loureiro, Provedor da Fazenda Real e D. Paula Rangel de Macedo, de quem fallamos acima no n.° 1; e neta, por parte de seu pae Francisco Sodré, de Duarte Sodré Pereira, Moço Fidalgo e Senhor da villa de Aguas Bellas em Portugal, e D. Dionysia de Sande. sua mulher.

(a) Pizarro III. 12. B. de A. C. fundou a egreja de N. S. da Penha de Irajá.
Vj. apendice: artigo do Dr. Vieira Fazenda.

Teve d'este matrimonio:

4.° João de Abreu Pereira Sodré, que segue.

4.° José Pereira Sodré, Presbytero Secular e Vigario perpetuo da freguezia matriz da cidade de Cabo Frio.

4.° Francisco Sodré Preira, que morreu de bexigas, sendo ainda moço.

4.° Fr. Balthazar... Religioso Carmelita calçado.

4.° D. Maria..., que falleceu sem estado.

Tem bastardo:

4.° Antonio da Fonseca de Abreu, que foi Capitão de Ordenança em a cidade de Cabo Frio.

4.° JOÃO DE ABREU PEREIRA SODRÉ, n.° 4.°, filho de Balthazar de Abreu Cardozo e D. Isabel Pereira Sodré n. 3, é Coronel de um regimento de Ordenanças do Rio de Janeiro, e tem servido com tanto zelo e satisfação do General Gomes Freire que este o propoz a S. Magestade para um dos regimentos pagos da mesma praça, em que não foi provido por falta de exemplo. E' senhor de um engenho em o sitio a que chamavam Tapacurá. (12) Casou duas vezes, e de sua segunda mulher e parenta D. Escholastica Pacheco, (13) cujos paes ainda não chegarão á minha noticia, teve:

5.° João de Abreu Pereira Sodré, tenente de uma das companhias da guarnição do Rio de Janeiro, e solteiro em 1755.

5.° D. Isabel..., (14) mulher de seu parente Jorge de Lemos.

5.° D. Paula..., mulher de seu parente João Freire de Azeredo Coutinho, (15) de quem viuvou, ficando-lhe um filho.

5.° D. Escolastica, mulher de Francisco Cordovil de Sequeira, (16) Coronel do regimento de Paraty. (a)

(a) Vide artigos sob o titulo Nitheroy. noticia necrologica de D. Anna Isabel Ferreira. assinado C. J. V. No Diário de Noticias da Côrte. 19 Fev.° 86 e outro sob o titulo "D. Anna Isabel Ferreira. por A. A. S. C. Fluminense. Nitheroy. 17 fev.° 86.

— § 2º —

3º D. BRITES RANGEL DE MACEDO n.º 3, filha de D. Isabel Rongel de Macedo e Francisco da Fonseca Deniz n.º 2 § 1, casou com Sebastião Martins Coutinho, o velho, que depois foi clerigo e morreu com a roupeta da Companhia, Senhor do engenho de Guaxindiba, e filho de Francisco Martins Ribeiro, Senhor do mesmo engenho, e D. Joanna Ferreira da Cunha, filha de Domingos de Azeredo Coutinho de Mello, Capitão descobridor e administrador das minas das esmeraldas no sertão da Capitania do Espirito Santo, e todas as mais do Brazil, por Provisão de 12 de agosto de 1645, registrada nos Livros da Camara da villa da Victoria, *Livro dos Registros fol.* 34; e de sua mulher D. Anna Ferreira da Cunha, filha de Crispim da Cunha Teixeira e D. Isabel Velho de Mariz: (17) e o dicto Domingos de Azeredo Coutinho, filho de Marcos de Azeredo, (18) Moço fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Christo, Capitão de infantaria na Capitania do Espirito Sancto, em que militaram os seus tios Belchior ( ) e Balthazar de Azeredo, e depois Capitão-mór Governador da mesma Capitania, Provedor da Fazenda Real e dos Defunctos e Auzentes e Ouvidor Geral: e de sua mulher D. Maria Coutinho de Mello, irmã inteira de Vasco Fernandes Coutinho, o moço, 2º senhor donatario da dicta Capitania, e filhos ambos (18) de Vasco Fernandes Coutinho, o grande, 1º senhor e fundador d'ella, por mercê del'Rey D. João, o 3.º, no anno de 1525, em que passou a esta fundação, como escreve Seb. da Rocha Pita, na sua *America Portugueza*, Liv. 2, n.º

Teve a dicta D. Brites Rongel de seu marido os filhos seguintes:

4.º D. Joanna de Azeredo Coutinho, mulher de seu primo com-irmão José Gomes Pereira, Senhor do engenho de Taitindiba, com geração.

4.º Francisco Martins Coutinho Rangel, Presbytero secular, visitador do Bispado do Rio de Janeiro pelo Bispo D. Francisco de S. Jeronymo. Foi senhor do engenho de seu pae e avô, que deixou a seu sobrinho do mesmo nome, filho de sua irmã D. Luiza Grimalda.

4.º D. Isabel de Azeredo Coutinho, mulher de seu parente Antonio Barbosa de Sá, sem geração.

4.º José de Azeredo Coutinho de Macedo, que segue.

4.º D. Anna de Azeredo Coutinho, mulher de Antonio Cardozo Barboza, c. g.

4.º D. Brites Rongel de Macedo, mulher de seu parente Antonio da Cunha Falcão, Senhor do engenho de Merety, c. g.

4.º Sebastião Martins Coutinho Rongel, Capitão da nobreza do Rio, casou com sua parenta D. Isabel de Mariz, irmã inteira da mulher de seu irmão José de Azeredo Coutinho, e falleceu deixando d'elle geração.

4.º D. Maria Deniz Coutinho, mulher de seu parente Luiz Barboza de Sá, c. g.

4. Fr. Boaventura do Monte Carmelo, Religioso Carmelita calçado.

4. Fr. João de Mariz, Religioso Capucho.

4. D. Michaela Coutinho de Azeredo, mulher de Miguel Monteiro Barbosa, s. g.

4. D. Luiza Josepha Grimalda, segunda mulher de Antonio Dias Delgado, Cavalheiro da Ordem de Christo e Mestre de Campo de um regimento das Ordenanças do Rio, de quem teve entre outros:

5. Francisco Martins Coutinho Rongel, que succedeu a seu tio do mesmo nome no engenho de seu avô e bisavô.

4. D. Antonia Sebastiana de Macedo, mulher de Sebastião Fagundes Varella, e viuvando d'elle sem geração, casou depois com o Dr. Euzebio Alvres Ribeiro, de quem tem geração.

4. JOSÉ DE AZEREDO COUTINHO DE MACEDO n.º 4.º, filho de D. Brites Rangel de Macedo e Sebastião Martins Coutinho n.º 3 d'este §, é Capitão da companhia da Nobreza do Rio de Janeiro, e senhor do engenho do Rio Grande. Instituiu morgado de seus

bens de mão commum com seu filho unico José de Azeredo Coutinho de Mello, com obrigação dos appellidos de Azeredos Coutinhos, chamando para elle em primeiro logar o dicto filho, por escriptura de 8 de Novembro de 1753, nas notas do tabelião Francisco Coelho da Silva, com obrigação de tres capellas de missas todos os annos, duas pelas almas dos Instituidores, uma pela de sua mulher e mãe D. Ignacia, e mais uma dicta na primeira segunda-feira da Quaresma pela alma de seu sogro José Barretto de Faria, na capella do Senhor dos Passos do Carmo, de que elle foi senhor e padroeiro, e onde os Instituidores têm o seu jazigo. Casou com sua prima D. Ignacia de Azeredo Coutinho, filha de José Barretto de Faria, Senhor do engenho do Rio Grande, (19) e padroeiro da Capella do Senhor dos Passos, no Convento do Carmo onde jaz sepultado; e de D. Paula Rangel de Macedo, filha de Luiz de Barcellos Machado, Senhor do engenho de Merety, e instituidor do morgado de Capivary-furado nos campos de Goaitacazes; e de D. Catharina Coutinho de Mello, filha de Marcos de Azeredo Coutinho de Mello e D. Paula Rongel de Macedo, em titulo de Azeredos Coutinhos.

Têm:

5. José de Azeredo Coutinho de Mello, que instituiu juncto com seu pae morgado nos bens que lhe pertencião a titulo de legitima de sua mãe, e casou com sua prima com-irmã D. Anna Tenreiro de Macedo, filha de sua tia D. Antonia Sebastiana de Macedo e de seu segundo marido o Dr. Euzebio Alvres Ribeiro e vivem no Rio de Janeiro em 1755.

— N O T A S —

(1) *Rongeis do Rio de Janeiro* — O appellido de *Rongel* vinha da casa e quinta do *Rongel*, juncto a Coimbra, como lemos no texto e na *Chorographia Portugueza* do P. Antonio de Carvalho, tom 3, pag. 454, onde alias o nome da quinta vem *Rangel*, e assim se escreve sempre o appellido da familia (2.ª ed. Braga, 1869). Quinta de Ronge vem na *Petição de Justificação para Brazão* (que adiante transcrevemos) de Miguel Rongel de Souza Coutinho, que escreve quasi sempre *Rongel*, e uma outra vez, por descuido, *Rangel*. Dizemos por descuido, porque, tendo elle escripto o nome de seu pae Julião *Rangel* emendou o *a* para *o*, ficando *Rongel*, e assim repetiu no item seguinte. O Dezembargador João Pereira Ramos escreve quasi sempre com *o;* não liga porém, grande importancia a este ponto de orthographia, porquanto escreve indifferentemente o nome do Conego José da Fonseca, ora *Rongel*, ora *Rangel;* e assim tambem o de D. Isabel Rangel ou Rongel de Macedo. Hoje, está em completo desuso esta ultima forma, e ninguem assigna sinão *Rangel*.

(2) *Julião Rongel de Souza Coutinho* — Era irmão de Miguel Rongel de Souza Coutinho, de quem possuimos o seguinte rascunho, precioso pelas informações que contem de *Petição de Justificação para Brazão.*

"Diz Miguel Rongel de Souza Coutinho, natural d'esta cidade, e pessôa de conhecida nobreza, e das primeiras familias d'ella, que, para bem de seus requerimentos, lhe é necessario justificar quem foram seus paes e avós, paternos e maternos, com toda a clareza e distincção, pelos itens seguintes:

1.º — Que o suppte é filho legitimo de Julião Rongel de Souza, natural d'esta cidade; e de sua mulher e parenta D. Maria Josepha Pereira de Mariz.

2.º — Que pelo dicto seu pae Julião Rongel de Souza é o suppte legitimo neto de Balthazar Rongel de Souza, natural da Capitania do Espirito Sancto; e de sua mulher D. Angela de Mendonça, natural da mesma Capitania.

3.º — Que pelo dicto seu avô paterno Balthazar Rongel de Souza é o suppte legitimo bisneto de Julião Rongel de Souza, natural da mesma Capitania, Capitão da fortaleza de S. João e Provedor da Fazenda Real, e Vedor Geral da gente de guerra da mesma Capitania; e de sua mulher D. Leonor Caldeira, filha de...

4.º — Que pelo dicto seu bisavô paterno Julião Rongel de Souza é o suppte 3.º neto legitimo de Balthazar Rongel de Macedo e de sua mulher D. Joanna de Souza, filha de Ambrosio de Souza e de sua mulher D. Justa de Azeredo; e neta pela parte paterna de D. Jor-

ge de Souza, Fidalgo da Primeira Grandeza do Reino, d'onde passou ao Brazil Commendador da Azambuja na Ordem de Christo e Capitão-mór de duas armadas da India; — bisneta por parte da sua varonia de D. Antonio de Souza, Commendador de Alcacér e Alcaide-mór de Souzel, e de sua primeira mulher D. Anna Tavares, filha de Gonçalo Figueira, Alcaide-mór de Benevente; e 3.ª neta de D. Martinho de Tavora que foi Capitão-mór de Alcacer Seguer, em Africa, e de sua mulher D. Isabel Pereira, filha de Ruy Lopes de Sampayo, Senhor de Anciães e Villarinho, e de sua mulher D. Constança Pereira, filha de Rodrigo Alvres Pereira, Senhor de Aguas Bellas, e de D. Maria Affonso do Casal: o qual D. Martinho de Tavora foi irmão legitimo de D. Pedro de Souza, 2.º Senhor de Beringel e 1.º Conde de Prado, de quem procedem hoje os Marquezes das Minas; — e 4.ª neta de Ruy de Souza, 1.º Senhor de Beringel, Sagres, Reguengo, Montemór o novo e do Castello de Pinhel, Almotacér-mór d'el Rey D. João o 2.º e do seu Conselho, e do del Rey D. Affonso 5.º, seu Embaixador a Castella e Védor da Casa da Rainha D. Isabel (o qual era irmão inteiro de Fernão de Souza, Senhor de Gouvea, de quem é 7.º neto por varonia Fernão de Souza Coutinho, 3.º Conde de Redondo; e tambem era irmão inteiro de Pedro de Souza, Senhor do Prado, de quem descendem os Senhores de Alcoentre e Condes de Vimieiro), e de sua mulher D. Isabel de Sequeira, dama da Rainha D. Isabel, filha de Pedro Annes de Torres, Védor da sua Casa, e de sua mulher Violante Alves da Sequeira; e finalmente, 5.ª neta por varonia de Martinho Affonso de Souza, Fronteiro-mór del Rey D. Affonso 5.º, e do seu Concelho, e de sua mulher Violante Lopes de Tavora, filha de Pedro Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro, e de sua mulher Brites Annes de Albergaria, ascendentes das Cazas dos Marquezes de Tavora, Condes de S. João, Condes de Alvor, de S. Vicente, Villa nova de Portimão e outras muitas Casas illustres do Reino; o qual Martinho Affonso de Souza era 3.º neto por varonia de El Rey D. *Affonso* 3.º de Portugal, de quem elle supplicante por esta parte fica sendo 13.º *neto*. — E por parte de sua mãe D. Justa de Azeredo era a dicta D. Joanna de Souza, 3.ª avó do supplicante, neta

de Ayres Dias de Magalhães.... e de sua mulher D. Maria Coutinho de Mello (ou como fôr, que aqui ha pouca certeza ( ); bisneta por parte d'esta D. Maria Coutinho de Mello, de Vasco Fernandes Coutinho, 1.º Senhor e Capitão Donatario da Capitania do Espirito Sancto, no Brazil, com toda a jurisdicção civel e crime, mero e mixto imperio, o qual Vasco Fernandes Coutinho foi irmão inteiro de D. Antonia de Vilhena, mulher de Pedro Affonso de Aguiar, dos quaes descendem os Almotacés-mores do Reino, a quem por este titulo passou o Senhorio da Capitania; bisneta ( ) pelo dicto Vasco Fernandes de Jorge de Mello, por alcunha o Lageo, Copeiro-mór del Rey e Alcaide-mór de Pavia e Redondo, e de sua mulher D. Branca Coutinho, filha de Vasco Fernandes Coutinho, Senhor de Basto o Montelanjo, e de sua mulher D. Maria de Lima, filha de D. Leonel de Lima, 1.º Visconde de Villa nova de Cerveira e ascendente d'esta Casa; e neta a mesma Branca Coutinho de Fernão Coutinho, Senhor de Basto e Montelongo, Armamar, Penaguião, etc. (irmão inteiro de D. Vasco Fernandes Coutinho, 1.º Conde de Matelonjo, e de sua mulher D. Maria de Lima, filha de Fernão Vaz da Cunha, Senhor de Basto e Montelongo *e de sua mulher D. Branca de Vilhena*, ( ) a qual era filha de D. Henrique Manoel, Conde de Cea e Cintra, e descendente por varonia do *S. Fernando, Rei de Castella;* e bisneto de Gonçalo Vasques Coutinho, Marechal do Reino e 7.º Senhor do Couto de Leomil, solar da familia dos Coutinhos; e de sua mulher D. Leonor Gonçalves de Azevedo, filha de Gonçalo Vaz de Azevedo, 1.º Marechal de Portugal, dos quaes descenderam por varonia a grande Casa dos Antigos Condes de Marialva, os Condes de Borba, de Redondo, os Senhores de Almoral Marechaes do Reino e por femea descendem hoje os Marquezes de Marialva, possuidores da sua Casa, e quasi todos os Grandes do Reino; vindo a ser elle supplicante 9.º neto do dicto Gonçalo Vasques Coutinho, 7.º Senhor do Couto de Leomil. — 3.ª Neta a mesma D. Joanna de Souza, 3.ª avó do supplicante, por parte do dicto seu bisavô Jorge de Mello de Martim Affonso de Mello, Copeiro-mór e Alcaide-mór de Pavia e Redondo; e de sua mulher D. Guiomar de Menezes, filha de Gonçalo Nunes Barreto, Alcaide-mór de Faro, e neto de

D. Pedro de Menezes, Conde de Vianna e progenitor dos Condes de Val do Reis, Duques de Gandia e Principes de Esquilache em Castella, e outras muitas Casas illustres. — 4.ª neta de João de Mello, Alcaide-mór de Serpa e Copeiro-mór do Reino, e de sua mulher D. Isabel da Silva, filha de Nuno Martins da Silveira, Escrivão da Puridade, Védor-mór das Obras do Reino, Coudélmór e Senhor de Termo, e ascendente dos Condes de Sarzedas, Oriola, Barões do Alvito e outras muitas Casas da Primeira Grandeza; do qual João de Mello descendem as Casas do Monteiro-mór e do Porteiro-mór do Reino e outros egualmente illustres. — 5.ª neta de Martinho Affonso de Mello, Alcaide-mór de Evora e Olivença, Guarda-mór del Rey D. João 1.°; e de sua mulher D. Brites de Souza, filha de Martinho Affonso de Souza, Rico-Homem, 2.° Senhor de Mortagua e bisneto por varonia del Rey D. Affonso 3.° de Portugal: o qual Martinho Affonso de Souza teve de sua primeira mulher outro Martinho Affonso de Mello, chamado o Moço, que foi progenitor das grandes Casas dos Duques do Cadaval, Duques de Aveiro, Marquezes de Valença e toda a grande família de Lencastre em Portugal e Castella. — 6.ª neta de Vasco Martins de Mello, Senhor de Castanheira, Povos e Chileiros; e de sua mulher D. Maria Affonso de Brito. E finalmente, 7.ª neta de Martim Affonso de Mello, 4.° Senhor da Villa de Mello, solar d'esta família; e de sua mulher D. Maria Vasques Soares, de quem o suplicante fica sendo 11.° neto.

5.° — Que por parte do dicto seu 3.° avô paterno Balthazar Rongel de Macedo é o supplicante 4.° neto por varonia legitima de Julião Rangel de Macedo, que foi Fidalgo da Casa del Rey D. Philippe 1.° de Portugal, d'onde passou á Conquista do Rio de Janeiro, em que serviu com patente de Capitão, em que serviu com tanto zelo que, havendo de se ausentar d'aquella cidade o Governador Salvador Corrêa de Sá, que também era Ouvidor Geral, El Rey lhe ordenou que ficasse elle servindo, por Carta que para isso lhe mandou, em virtude da qual elle tomou posse do dicto emprego no anno de 1588 ou 83, como consta dos livros da Camara d'aquella Cidade; e de sua mulher D. Beatriz Sardinha, irmã inteira de D. Pedro Fernandes Sar-

linha, 1.° Bispo do Brazil; os quaes são progenitores de toda a familia de Rongel das Capitanias do Rio de Janeiro e Espirito Sancto.

6.° — Que por parte do dicto seu 4.° avô paterno é o supplicante 5.° neto por varonia de Damião Dias Rongel *ou* de Balthazar (1) *de Macedo Rongel;* 6.° neto de Digo Dias Rongel, Commendador de Cete e Villela; 7.° neto de Pedro Alvres Rongel, Fidalgo Escudeiro da Casa del Rey D. Affonso 3.°, Juiz de Coimbra pelos annos de 1464 e Senhor da antiga quinta de Ronge, juncto a Coimbra, solar da familia de Rongel, que d'elle tomou o appellido; e de sua mulher Ignez Alvares Sanches de Macedo por quem se unirão os dois appellidos de Rongel e Macedo. Aqui se continua até D. Gonçalo Gonçalves, o que é facil por certidões de Genealogicos: o poncto está em chegar até Pedro Alvares Rongel; como tambem basta chegar ao Senhor D. Jorge de Souza e Senhor Vasco Fernandes Coutinho com a justificação continuada todas as sucessões até elles, porque d'alli por diante ficará o mais por minha conta e com vagar farei tirar com mais bulha.

1.° — Saber-se, na Capitania do Espirito Sancto, de quem é filho Balthazar Rongel de Macedo, casado com D. Joanna de Souza, filha de Ambrosio de Souza e de D. Justa de Azeredo. 2.° De quem era filha D. Justa de Azeredo. 3.° Si D. Maria Coutinho de Mello, alem de casar com Marcos de Azeredo, teve outro marido. 4.° Si ella casou com Marcos de Azeredo por consentimento de seu pae Vasco Fernandes Coutinho. 5.° Si este a reconheceu por filha".

Até aqui a *Petição;* e do seu contexto, e mais d'este final, se está vendo que o supplicante, residindo em Lisboa ou outra parte, mandava por esse rascunho pedir a algum parente ou sabedor de velharias, residente no Rio de Janeiro, noticias dos seus. No fim, annotaremos este curioso e secular documento, onde escaparam algumas inexactidões, ou antes faltaram mais seguras informações.

(3) *Diogo de Mariz Loureiro, Provedor da Fazenda Real* — Era filho de Antônio de Mariz, (1) Cou-

(1) O Dr. Antonio de Mariz teve os seguintes filhos: 1.° Bispo Antonio de Mariz Loureiro; 2.° O Dr. Diogo de Mariz Loureiro; 3.°

tinho e D. Isabel a velha, / de quem tambem nasceu D. Ignez de Almeida/, que casou com Domingos Paes Ferreira, (1) filho do Dr. Francisco Paes Ferreira, natural de Evora, e sua mulher D. Maria da Rocha, natural de Lisboa; neto paterno de Pedro Lopes de Souza Bacoso, natural de Evora, e de sua mulher Dona Philippa Ferreira Pechim (Pedro Lopes tirou brazão em 1643); neto materno de Bento da Rocha Gondim, natural de Lisbôa.

Aqui damos a descendencia de Antonio de Mariz pelos seus dois filhos (2) o Dr. Diogo de Mariz e D. Ignez de Almeida, qual a achamos nos papeis do Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coitinho, capitão-mór de Cabo-frio e descendente d'essa familia:

I. Do Dr. Diogo de Mariz Loureiro e sua mulher D. Paula Rongel de Macedo, nasceu entre outros filhos (3) D. Maria de Mariz, que casou com o Dr. João Gomes da Silva, Capitão de Infantaria e das fortalezas de S. Antonio, na Bahia, e de S. João, no Rio de Janeiro, Provedor da Fazenda Real, Juiz dos Orphãos da cidade do Rio de Janeiro, de quem teve entre outros filhos, D. Catharina da Silva Sandoval (*alibi*, D. Catharina Pereira de Mariz Sandoval), que casou com o Coronel Francisco Sodré Pereira, Moço Fidalgo da Casa Real, Coronel de um regimento pago do Rio de Janeiro, filho de Duarte Sodré Pereira, Senhor de Aguas Bellas, casado com D. Guiomar Ramires, *alibi* G. de Souza, e cuja ascendencia avóenga vamos achar na *Corographia Portugueza* do P. Antonio Carvalho lho da Costa, tom. 3.°, pág. 148 da ed. de Braga, de

D. Maria de Mariz, mulher de Thomé de Alvarenga (4. D. Ignez de Almeida, mulher de Domingos Paes Ferreira); 4.° D. Isabel Velho de Mariz; 5.° Francisco de Mariz Loureiro; 6.° (natural) Theodoro Ebons (?).

(1) Domingos Paes Ferreira era filho do Dr. Francisco Paes, casado com D. Maria da Costa, filha de D. Isabel Velho, mulher de Chrispim da Costa, e filha de Antonio de Mariz, de quem vinha ser bisneto. Não se havia de ter casado com uma tia-avó, como seria Ignez de Almeyda. Esta Senhora é dos fins do século 500, e Domingos Paes Ferreira dos fins do seculo 600. Ha quasi 100 annos de differença entre elles.

(2) Ver si tambem foi filho o prelado do Rio de Janeiro, Antonio de Mariz Loureiro, de que Pedro Taques, Rev. do Inst. 1847, pg. 449. Floresceu no tempo de Diogo de Mariz d'onde presumo a irmandade. Foi, e mais uma irmã D. Maria de Marins, como dos pp. do Cel. Theodoro de M. Sodré.

(3) 4° avós do bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos. RIH. V., 422.

1869, tractando da Villa de Aguas Bellas, onde diz: "Não se sabe do principio desta villa, porquanto foi quinta honrada e contada, e muito antiga, e já no anno de 1394 tinha jurisdicção, como consta da doação confirmada por El Rey D. Pedro o 1.°, feita a Rodrigo Alvarez Pereira, 1.° Senhor d'esta Villa, na sua descendencia, que se conservou até o presente pelo modo seguinte:

"Este Rodrigo Alvares Pereira foi filho mais velho de D. Alvaro Gonçalves Pereira, D. Prior do Crato, e de Eyria (Iria?) Vicente, e irmão do Conde D. Nuno Alvares Pereira: foi legitimado por El Rey D. Pedro em Torres Vedras a 26 de Agosto do anno de 1367. Foi Senhor de Aguas Bellas e das villas de Souzel, Villa Nova e Villa Ruiva, e das Azenhas de Anhalouro e Bemlhequero, no termo de Extremoz, por doação que lhe fez El-Rey D. Fernando em 14 de Dezembro de 1413. Foi Fidalgo dos mais respeitados d'aquelle tempo, e um dos que El Rey D. Henrique de Castella pediu a El Rey D. Fernando em refens de paz, como refere Duarte Nunes na vida do dicto Rey: acompanhou a seu irmão D. Pedro Alvares Pereira, Prior do Crato, quando foi a governar Lisboa, que estava sitiada pelos Castelhanos: seguiu a El Rey D. João o 1.° que lhe fez algumas das mercês referidas: morreu em Castella, e não se averigua a causa que houve para isso. Foi casado com D. Maria Affonso do Casal, de que teve a Alvaro Pereira e Gonçalo Pereira.

"Alvaro Pereira herdou a Casa de seu pae, foi a tomada de Ceuta em companhia de seu tio o Conde D. Nuno Alvares Pereira: casou com D. Ignez Lourenço de Abreu, de que teve a Galiote Pereira, Lizuarte Pereira, que foi Reposteiro-mór del Rey D. Affonso o 5.°, D. Henrique Pereira, Commendador-mór de Sanctiago, Veador do Infante D. Fernando e seu Escrivão da Puridade. D'elle descendem os Pereiras de Santarém e outras muitas illustres familias.....

"Galiote Pereira foi 3° Senhor de Aguas Bellas e da Casa de seu pae, do Concelho del Rey D. Affonso o 5°, e Alcaide-mór e Couteiro-mór de Lisboa, por doação feita no anno de 1451. Teve de Isabel Bernardes, que recebeu por mulher a João Pereira... ...

"João Pereira foi 4° Senhor de Aguas Bellas e do Morgado da Palmeira: casou com Isabel Ferreira, de

que teve a Ruy Pereira e Violante Pereira, que casou com Francisco Sodré.

"Ruy Pereira, herdou a Casa de seu pae, achou-se na tomada de Azamor, quando o Duque de Bragança a foi conquistar: casou com Anna da Costa, de que teve a João Pereira.

"João Pereira herdou a casa de seu pae, foi mentecapto e não teve filhos: teve tutores que administraram sua pessoa e bens. Por sua morte, tomou a Corôa posse de Aguas Bellas; a que se oppoz Violante Pereira, filha de João Pereira, acima nomeada, dizendo que Aguas Bellas e seu termo e Padroado da Egreja da dicta Villa, tirada a Jurisdicção, era Morgado patrimonial, por ser quinta honrada e contada: e passados muitos annos de contenda, alcançou sentença á Corôa Duarte Sodré Pereira, filho d'esta Violante Pereira, na qual se julgou por nullo o foral que El Rey Dom Manoel deu á dicta villa, e que Aguas Bellas, e seu termo e Padroado da Egreja, com os direitos e prerogativas que hoje se conservam n'esta Casa por Morgado patrimonial, tirada a jurisdicção. (*sic.*).

"Violante Pereira, filha de João Pereira e de Isabel Ferreira, casou com Francisco Sodré, filho de Duarte Sodré, que foi Alcaide-mór das Villas de Thomar e Cea, e Veador da Casa del Rey Dom Manoel, e no dicto seu filho instituiu o Morgado com obrigação do seu appellido, que hoje se conserva n'esta descendencia; e foi tambem Duarte Sodré, Commendador da Ordem de Christo, e foi neto de João Sodré, que teve moradia de Fidalgo na Casa del Rey D. Affonso o 5.° D'esta Violante Pereira e seu marido Francisco Sodré nasceu Duarte Sodré Pereira, que alcançou sentença contra a Corôa, como ficou dicto: casou com D. Dyonysia de Sande, de que teve a Fernão Sodré Pereira, que herdou a Casa de Aguas Bellas e acompanhou a El Rey D. Sebastião á Africa, e foi Commendador de Sanctiago de Lanhoso na Ordem de Christo, por mercê del Rey D. Philippe o Prudente: casou com D. Branca Caldeira, de que teve a Duarte Sodré Pereira. (segue)". D'estes D. S. e D. Guiomar, é filho o Coronel Francisco Sodré Pereira (1) que casou com D. Catharina da Silva Sandoval, (1) e d'ella teve entre outros filhos,

(1) Rev. 1854. 310. Ver a Corographia do Pe. Carv.° Vivia em 1656.

João Gomes da Silva Pereira, Moço Fidalgo da Casa Real, Coronel de infantaria do Rio de Janeiro, casou com D. Andreza de Souza, filha do *Coronel Ignacio de Oliveira Vargas* (*Rev.* 1841, 8) e de sua mulher D. Maria de Abreu de Soutomayor, em titulo de Abreus, *supra*, n.° 2-3, bisneta do Capitão Julião Rongel de Macedo. Do Coronel João Gomes e D. Andreza de Souza, nasceu, entre outros filhos,

Andreza de Souza Pereira, natural da freguezia Tamby, que casou com Antonio Ferrão de Castello Branco Travassos, (bisavó do Coronel Theodoro, avós do Cap. mór), filho de Callixto Ferrão de Castello Branco, natural de Almada, ao pé de Lisbôa, e de D. Antonia Josepha Travassos (nal. de Lisbôa); neto paterno de José Ferrão, filho de Antonio Esteves Ferrão e D. Ignez Antunes da Costa, e de D. Francisca Travassos, filha de Bernardo Rodrigues Martins e D. Violante Travassos, sobrinha de D. João 1.°, Patriarcha da Ethiopia: moravam na rua das Mudas, freguezia de S. Nicolau, em Lisboa, Tiveram: D. Anna Maria de Souza Pereira, nascida em 5 de maio de 1728, casou com o Mestre de Campo João Barboza de Sá Freire (era irmão de Francisco de M. Freire, o moço, bisavô do Cel. Theodoro) (Pizarro, 18,33), nascido em 1716 e fallecido no Rio de Janeiro, com testamento, em 5 de Dezembro de 1771, filho do Capitão Francisco Paes Ferreira, o moço, Senhor do engenho de Guarátiba, e de sua mulher D. Brites de Sá Soutomayor Freire; neto paterno de Francisco Paes Ferreira, o velho, nascido em 14 de Novembro de 1646, em S. João de Merety e baptizado na freguezia da Sé, e de sua mulher D. Maria de Macedo Freire de Soveral, nascida em Irajá, em 22 de julho de 1646, e baptizada na freguezia da Sé; neto materno do (p. IV, 93) Coronel Francisco de Macedo Freire (Rev. 1841, 15) e de sua mulher e prima D. Barbara Viegas de Azeredo; bisneto, por seu avô paterno, do capitão Domingos Paes Ferreira e D. Ignez de Almeida (pp. Coronel Theodoro); e por sua

(1) Catharina da Silva vêmo-la assignando a escriptura de composição dos padres da Companhia pelos indios e os moradores do rio Mariguhy (Murahy) da banda de S. Lourenço, III., 312, 20 de junho de 1656.

avô (? ?) D. Maria de Macedo Freire de Soveral, bisneto de Lucas do Couto Viegas, o velhó, filho de Manoel do Couto e D. Domingas da Costa, filha de Thomé Rodrigues e D. Paula, e de sua mulher, D. Marianna de Soveral (*alibi* D. Isabel Coitinho) filha de Antonio de Macedo Viegas, Fidalgo da Casa Real; bisneta materno, por parte do Coronel Francisco de Macedo Freire, de João Barboza de Sá Soutomayor, filho de Manoel Barboza Pinto, natural de Vianna, e de sua 2.ª mulher D. Philippa de Sá Soutomayor, e de sua mulher D. Joanna de Soveral Freire, filha de Francisco de Macedo Freire, natural de Beja, Sargento-mór de infantaria, e de sua mulher D. Joanna de Soveral e Atouguia, filha de Antonio de Macedo Viegas *supra*.

Do Coronel João Barboza de Sá Freire teve D. Anna Maria de Souza Pereira 14 filhos, a saber:

1. D. Anna de Sá Sodré Castello Branco, baptisada em 3 de Novembro de 1744, casada com o Mestre de Campo Fernando José de Mascarenhas Castello Branco, filho do tenente-Coronel João de Mascarenhas Castello Branco, Governador da fortaleza de S. José da Ilha das Cobras, e de sua mulher D. Anna Theodora Ramos de Mascarenhas; Paes do bispo D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco — Rev., 1839, 231; 1842, 268 — neto paterno de Gonçalo de Lemos Mascarenhas, natural da Bahia, Governador de Angola e de sua mulher D. Francisca Lins de Castello Branco, nascida em 30 de Janeiro de 1667;; neto materno de Gonçalo da Costa Ramos e sua mulher D. Sebastiana de Mascarenhas e Sequeira.

2. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, nascido em 1747, doutor formado em Leis pela Universidade de Coimbra, Capitão-mór de Cabofrio, Senhor dos Engenhos de Fóra e de S. Anna que foram de seus paes e do engenho da Tiririca, na freguezia de Araruama, que lhe trouxe sua 1.ª mulher, e onde falleceu a 9 de Julho de 1823, com testamento. Foi casado duas vezes: a 1.ª com D. Maria Isabel da Visitação Ferreira, filha do Mestre de Campo Miguel Antunes Ferreira e D. Thereza Francisca da Cruz Duque Estrada; neta paterna do Capitão Manoel Antunes Ferreira, cidadão do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Catharina de Lemos e Duque Estrada, filha de Pedro

Freire Ribeiro Duque Estrada e D. Helena da Cruz e Lemos: neta materna do Sargento-mór Ambrosio Dias Raposo, cidadão das villas de São José e S. João d'el Rey, Comarca do Rio das Mortes, e de sua mulher D. Anna Josepha da Cruz Duque Estrada, filha dos mesmos Pedro Freire Ribeiro Duque Estrada e D. Helena da Cruz e Lemos, dos quais era bisneta D. Maria Isabel da Visitação; trineta por seu bisavô de Pedro Freire Ribeiro e D. Anna Duque Estrada, filha de Henrique Duque Estrada, o fundador d'esta familia no Rio de Janeiro e dos engenhos dos "Duques" em Itaborahy, filho do fidalgo João Duque Estrada e D. Anna de Parady, e de sua mulher D. Theodosia da Rosa e Aguiar, filha do Capitão-mór Nuno Fernandes de Aguiar, Provedor da fazenda Real em Angola, e de sua mulher D. Magdalena da Rosa.

D'este seu primeiro matrimonio com D. Maria Isabel da Visitação Ferreira, sua prima, teve o Capitão-mór Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, filha unica:

D. Maria de Macedo Freire de Azevedo, (1) viuva de seu primo o (2) Mestre do Campo João Alvares de Azevedo, Senhor do Engenho de Tapacorá; filho do Mestre de Campo Alexandre Alvares Duarte de Azevedo, cidadão do Rio de Janeiro, familiar do S. officio e muito devoto do serviço de S. Magestade em comissões que lhe incumbiram os governadores e principalmente o Conde da Cunha; e de sua mulher D. Anna Maria Joaquina da Cruz (3) Duque Estrada. D'este casamento nasceram 19 filhos, dos quaes se crearam e estabeleceram os 9 seguintes, de que só mencionamos os nomes sem as dignidades e posições que têm occupado por estarem todos vivos:

1.º D. Maria de Macedo Alvares de Azevedo Torres, Viscondessa de Itaborahy, casada com o Visconde de Itaborahy, Joaquim José Rodrigues Torres, Senador do Imperio, Conselheiro de Estado, nascido no Porto das Caixas, filho do negociante Manoel José Rodrigues Torres e D. Emerenciana Mathilde Torres, fi-

(1) + em 23 de Agosto de 1862, na Côrte.
(2) Sargento-mór.
(3) "Lemos".

lha de Antonio José da Costa e sua mulher D. Joanna Maria Ferreira.

2º D. Marianna de Macedo Alvares Soares de Souza, casada com o Conselheiro Bernardo Belisario Soares de Souza, Dezembargador da Relação da Côrte.

3º D. Anna de Macedo Alvares Soares de Souza, Viscondessa de Uruguay, casada com o Visconde do Uruguay, Paulino José Soares de Souza, Senador do Imperio, Conselheiro de Estado, nascido em Paris, em 1808, filho do Dr. José Antonio Soares de Souza, irmão do Conselheiro Bernardo Belisario, e de sua mulher D. Antoinette Magdeleine Soares de Souza.

4º Francisco Alvares de Azevedo Macedo, Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional de Saquarema, Araruama o Cabofrio, commendador da Ordem da Rosa, casado a 1.ª vez com D. Maria Carolina Torres de Azevedo, irmã inteira do Visconde de Itaborahy; e 2.ª vez com D. Theodora da Silveira Bueno de Azevedo Macedo, filha do Coronel Francisco de Paula Bueno da Costa, Commandante Superior da Guarda Nacional da Campanha, em Minas Geraes, e de sua mulher D. Alexandrina Justiniana da Silveira Bueno.

5º D. Guilhermina Leopoldina Alvares de Azevedo Lemos, casada com o Dr. Cyrino Antonio de Lemos, nascido na Campanha em 1810, deputado geral pela sua provincia de Minas; membro do Tribunal do Commercio da Côrte, e Secretario aposentado do Supremo Tribunal de Justiça; filho do Barão do Rio Verde, João Antonio de Lemos e de sua 1.ª mulher D. Luiza Amalia de Lemos.

6º João Alvares de Azevedo Macedo, Coronel Commandante Superior da Guarda Nacional de Itaborahy e Maricá, Commendador da Ordem da Rosa, casado com D. Maria Adelaide Teixeira de Azevedo, filha de Manoel Teixeira de Carvalho e D. Maria Torres de Carvalho, irmã inteira do Visconde de Itaborahy.

7º Dr. Luiz Alvares de Azevedo Macedo, foi magistrado na Corte, presidiu a provincia de Sergipe, casado com D. Lucinda Correa de Azevedo Macedo, filha de Joaquim José Correa e D. Felicissima Clara Correa.

8º D. Francisca Paula de Azevedo Macedo Henriques, casada com Feliciano José Henriques, negociante matriculado na Côrte, filho de Apollinario José Henriques e sua mulher D. Joaquina Antonia Rosa.

9º D. Maria Isabel de Azevedo Motta, casada com o Dr. Francisco Joaquim de Souza Motta.

Em segundas nupcias casou o Capitão-mór Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho com sua prima no 4º gráo por ambos os lados D. Maria Thereza de Sá Freire, n. 25 de Março de 1790 em Bacaxá de Saquarema, fallecida, em 19 de Settembro de 1845, na sua fazenda da Tiririca, em Araruama, filha do Capitão-mór Antonio dos Santos Silva, natural de Saquarema, falecido em 27 de Outubro de 1802 com testamento e sua mulher D. Maria Antonia de Sá Freire, dona da fazenda do "Mandingueiro"; neta paterna de Sancho Manoel da Silva e D. Joanna Coutinho de Bragança; neta materna do Coronel Luiz José de Sá Freire, n. em 1732 e sua mulher D. Maria Thereza Rangel de Sá Freire; bisn. por Sancho Manoel da Silva do Capitão José da Silva Motta, natural do Rio de Janeiro, fallecido no Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1727 com testamento, e sua mulher D. Isabel Antunes, natural do Cabofrio, filha de Manoel Rodrigues Villafranca e D. Francisca de Magalhães, filho aquelle de Francisco de Araujo Soares e D. Sebastiana da Silva; bisneto por D. Joanna Coutinho de Bragança de João Coutinho de Braganda, bastardo da Casa Real de Bragança; bisneto pelo Coronel Luiz José de Sá Freire do Coronel João Barboza de Sá, fallecido, em 1734 e sua mulher D. Clara de Souza Pereira fallecida em 1747, esta filha do Coronel João Gomes da Silva Pereira e D. Andreza de Souza, já nomeados, e aquelle filho de João Barbosa de Sá Soutomayor e D. Joanna de Soveral Freire, tambem já nomeados; bisneta por D. Maria Thereza Rangel de Sá Freire, do Tenente Luiz Barboza de Sá Freire e D. Maria Rangel de Azeredo Coutinho, filho aquelle de Pedro Barbosa Maximo de Sá e Soveral e filha esta, ao que supponho, de Sebastião Martins Coutinho, o velho, e D. Brites Rangel de Macedo, em titulo de Abreus, § 2, n. 3-4, onde vem com o nome de Maria Deniz Coutinho.

D'este 2º casamento teve o Capitão-mór Macedo:

1º Francisco de Macedo Freire, que morreu infante;

2º Francisco de Macedo Freire, que morreo solteiro;

3º D. Anna Maria de Souza Pereira, que casou a 1.ª vez com o Capitão Alexandre Alvares de Azevedo Castro, filho do Major Domingos Alvares de Azevedo, Senhor de Engenho em Maricá, e sua mulher e sobrinha D. Marianna Jacintha de Castro e Azevedo Lemos; neto paterno do Mestre de Campo Alexandre Alvares Duarte de Azevedo e D. Anna Maria Joaquina da Cruz Duque Estrada; neto materno do Dr. Joaquim Mariano de Castro, Auditor do Regimento Novo do Rio de Janeiro, e Senhor de engenho na freguezia da Trindade em Maricá, de cuja ascendencia se verão alguns sujeitos na Nobiliarchia Paulistana do Dr. Pedro Taques, impressa na *Revista do Instituto Historico*, tomo 33, p. 2, pag. 136 e 139; e de sua mulher D. Catharina Francisca de Lemos e Azevedo, filha do Mestre de Campo Alexandre Alvares Duarte de Azevedo e sua 2.ª mulher D. Helena Caetana de Lemos, filha do Capitão Manoel Antunes Ferreira e D. Catharina de Lemos e Duque Estrada, já nomeados. Em 2.ª nupcias, casou D. Anna Maria de Souza Pereira com Luiz Antonio Ferreira Valente, c. g.

4º João Barboza de Azeredo Coutinho, Major Ajudante d'ordens do Commando Superior de Araruama, Saquarema e Cabofrio, solteiro. Vive em sua fazenda do "Calembe", no Municipio de Saquarema, freguezia de Araruama.

5º D. Maria de Macedo Soares, casada com o Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares, filho de Alferes Antonio Joaquim Soares e D. Maria Antonia Reginalda; neto paterno de Simeão Soares de Azevedo e D. Izabel Maria Antunes, filha do Dr. José da Sylva e D. Joanna Gomes Antunes, filha legitima de Antonio Antunes e D. Aurelia Antunes; e por sua mãe, neto de D. Joaquina Francisca de Alvarenga, filha de José da Costa Alvarenga, de nobre geração, e D. Antonia Maria Antunes, filha legitima dos mesmos Antonio Antunes e D. Aurelia Antunes.

Voltemos agora aos filhos do Coronel João de Sá Freire e D. Anna Maria de Souza Pereira, dos quaes já enumeramos.

D. Anna de Sá Sodré Castelo Branco, e o

Capitão-mór Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho. Seguem:

3.º Capitão João Barbosa de Sá Freire, casado com D. Maria Thereza de Sampaio das familias Sampaios, Proenças e Almeidas Castanhos, de que tracta o Dr. Pedro Taques, na sua *Nobiliarchia Paulistana* que se lê impressa na *Revista do Instituto Historico*, tom. 33, p.1, pag. 234 e seg. D'ella teve filha unica:

D. Anna Joaquina Barboza de Sá Freire, que casou com Francisco Moniz Tello de Sampaio, d'aquellas mesmas familias, como melhor se verá da seguinte arvore:

Antonio Rodrigues de Almeida, Cavalheiro Fidalgo da Casa del Rey D. João 3º, teve de sua mulher D. Maria Castanho, natural de Monte-mór o novo,

D. Maria Castanho, que casou com Antonio Proença e teve

D. Isabel de Proença, que casou com Francisco Vaz Coelho, e teve

Manoel Vaz Coelho, que casou com D. Andreza de Almeida; moradores na freguezia do Irajá; e teve:

D. Francisca de Almeida, que casou com Antonio de Sampaio, o *Procossoque*, natural do Rio de Janeiro, Commendador da Ordem de S. Bento de Aviz, por Alvará de 21 de Março de 1647, registrado á fls. 280 da Chancellaria da Ordem; filho de Lourenço de Sampaio, e neto de Antonio de Sampaio, Capitão de Infantaria, que, vindo da Bahia em companhia do Governador Geral Mem de Sá a conquistar e fundar a cidade do Rio de Janeiro, assistiu á victoria de 20 de Janeiro de 1567, e alli ficou servindo. Teve: Miguel de Sampaio e Almeida, que casou com D. Barbara de Mariz, teve: Ig-

nacio de Sampaio e Almeida, que casou com D. Ursula de Oliveira e teve

Manuel Pimenta de Sampaio, que casou com D. Anna Joaquina de Menezes, filha de Francisco Moniz de Albuquerque e D. Maria Pimenta de Menezes, neta por varonia de Pedro Moniz Tello, Mestre de Campo dos Auxiliares do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Ignez de Andrade; bisneta de Egas Moniz Tello, Cavalheiro Fidalgo da Casa Real, natural da Ilha da Madeira, e de sua mulher D. Maria Pimenta de Carvalho, irmã do Rev. Dr. João Pimenta de Carvalho, deão da Sé do Rio de Janeiro, Vigario Geral e Provedor do Bispado; trineta de Manoel Pimenta de Carvalho, natural de Villa Viçosa de Alemtejo, e de sua mulher D. Maria de Andrade, filha de Belchior de Andrade de Araujo, da Villa dos Arcos de Valdevez. Desse casamento nasceu:

Francisco Moniz Tello de Sampaio, que de D. Anna Joaquina Barboza de Sá Freire, teve:

1. Egas Moniz Tello de Sampaio, casado com D. Maria de Macedo, *alibi* Maria Joaquina de Menezes, filha de F..... Fonseca e sua mulher D. Antonia Sodré de Macedo, irmã do mesmo Francisco Moniz; c. g.

2. João Moniz Tello de Azeredo Coutinho, casado 1.ª vez com D. Francisca de Paula, e 2.ª com D. Antonia Joaquina Villaforte, c. g. de ambas as nupcias.

3. Ignacio Moniz Tello de Sampaio, casado com uma filha de Dr. José Balthazar da Silveira; c. g.

4. Manuel Tello, morreu solteiro; s. g.

5. Luiz Moniz Tello de Sampaio, Major da Guarda Nacional, serviu na Guerra do Paraguay, casado com D. Marianna Barbara de Almeida, viuva s. g. do Dr. Antonio Francisco Leal, irmã do Coronel João Pedro de Almeida, de Angra dos Reis, s. g.

6. D. Maria Barbara Moniz Tello, falleceu solteira;

7. D. Francisca Moniz Tello, casou com o Dr. Manoel Francisco Jorge da Silva, Ouvidor de Matto grosso. Filho unico, Francisco.

8. D. Joanna Carolina Moniz Tello, casou com Anacleto Venancio Valdetaro, irmão do Conselheiro Manoel de Jesus Valdetaro, Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, c. g.

9. Joaquina Moniz Tello, casou com Jorge Naylor, inglez, negociante na Corte.

10. D. Dorothéa de Sampaio, casou com seu primo o Tenente Coronel Antonio Tello Barreto, *alibi* de Sampaio, filho do Capitão João de Araujo Vargas e de sua mulher D. Barbara de Almeida e Vargas; *alibi* D. Maria Pimenta, irmã do mesmo Francisco Moniz.

Continuam os filhos do Coronel João Barbosa de Sá Freire e D. Anna Maria de Souza Pereira, dos quaes ficam tres enumerados:

4. Antonio Barbosa de Sá, nascido em 1750.

5. D. Maria Ignacia de Souza Pereira, n. 1751, solteira.

6. D. Brites de Sá Soutomayor, n. 1752.

7. D. Francisca de Sá Freire, n.º 1754.

8. Monsenhor Joaquim José de Sá Freire, n. 1758, da Capella Real, + 16 de Novembro de 1821, na casa onde morou, chamada *Palacio de Chrystal*, pertencente ao Cabido, na rua do "Rosario", esquina da dos "Latoeiros" (hoje, de "Gonçalves Dias"). Sobre o fallecimento do Monsenhor Sá Freire correu a seguinte anecdota, que vem referida no *Brazil Historico*, tom. I, pag. 160:

9. Manoel Paes Ferreira, n. 1.761.

10. D. Barbara Viegas de Azeredo Coutinho n. 1.762.

11. José Ferrão de Castello Branco, n. 1.763.

12. Bento Barboza de Sá Freire, n. 1.764.

13. D. Escholastica de Sá Freire, n. 1.765.

14 D. Marianna, n. 1.769.

II — De Domingos Paes Ferreira e D. Ignez de Almeira, *filha* (1) de Diogo de Mariz Loureiro e D. Paula Rongel de Macedo (2), nasceu em 1646.

Francisco Paes Ferreira, que casou com D. Maria de Macedo Freire de Soveral, filha de Lucas do Couto, o velho, e sua mulher D. Marianna de Soveral, neta paterna de Antonio de Macedo Viegas, digo, de Manoel do Couto e D. Domingas do Couto; neta materna de Antonio de Macedo Viegas, Fidalgo da Casa Real; e por parte de sua avó paterna era bisneta de Thomé Rodrigues, e sua mulher D. Paula da Costa, os quaes, pelos appelidos dos seus descendentes, suppomos, serem dos Costas Homens, Macedos e Albernazes, da ilha de S. Miguel, cuja geração traz o Dr. Gaspar Fructuoso, na sua *historia Genealogica* de S. Miguel, caps. 5, 6, 26 e 36.

Tiveram, entre outros filhos:

O Capitão Francisco Paes Ferreira, Senhor do engenho de Guáratiba, casado com D. Brites de Sá Soutomayor Freire, filha do Coronel Francisco de Macedo Freire, e de sua mulher D. Barbara Viegas de Azeredo (*alibi, de Macedo Viegas*); neta paterna de João Barbosa de Sá Soutomayor e D. Joanna de Soveral Freire; neta materna de Alferes Lucas do Couto, o moço, e de sua mulher D. Isabel Coutinho; bisneta paterna, por seu avô João Barbosa, de Manoel Barbosa Pinto, em segundas nupcias com D. Philippa de Sá Soutomayor (foi sua primeira mulher D. Brites Rangel, filha do Commendador Diogo de Sá da Rocha, natural de Vianna, e de sua mulher D. Brites Rangel, filha de Antonio de Macedo Rangel; bisneta paterna por sua avó D. Joanna de Soveral Freire, de Francisco de Macedo Freire, Sargento-mór de infantaria, natural de Béja, e de sua mulher D. Joanna de Soveral e Atouguia, filha do referido Antonio de Macedo Viegas; bisneta materna, por parte do Lucas do Couto, o moço, de Lucas do Couto, o velho, e sua mulher D. Mariana de Soveral, filha do dicto Antonio de Macedo Viegas.

(1) A fls. 18 está como irmã e não filha de Diogo de Mariz.
(2) O Dr. Macedo Soares riscou a lapis desde Diogo até Macedo e por cima escreveu tambem a lapis "do Dr. Antonio de Mariz e D. Isabel Velho".

Do Capitão Francisco Paes Ferreira e D. Brites de Sá Soutomayor Freire provem, entre outros filhos,

O Coronel João Barbosa de Sá Freire, que, como se viu, casou com D. Anna Maria de Souza Pereira, de quem, entre 14 filhos, teve:

O Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coitinho, Capitão-mór de Cabofrio.

Já que demos os netos d'este, descendentes do seu primeiro matrimonio com D. Maria Isabel de Visitação Ferreira, bem é que demos tambem os descendentes netos do seu segundo casamento com D. Maria Thereza de Sá Freire.

Sua filha D. Anna Maria de Souza Pereira, em las. nupcias com o Capitão Alexandre Alvares de Azevedo Castro, teve os seguintes filhos:

1.º D. Anna de Macedo Alvares dos Sanctos, casada com seu primo Honorio Antonio dos Sanctos, filho de José Alves dos Sanctos e D. Luiza, irmã inteira da dicta D. Maria Thereza de Sá Freire.

2.º D. Maria de Macedo Alvares Mergulhão, casada com João Bernardo Alvares Mergulhão Bandeira, (1) natural de Coimbra, em cuja Universidade dizia este que seu pae fôra lente; falecido — 1877. Tem 3 filhas: 1.ª D. Jesuita; 2.ª D. Florinda; 3.ª D. Olga.

3.º. Francisco Alvares de Azevedo Castro, fallecido, solteiro.

4.º Alexandre Alvares de Azevedo Castro, casado com D. ... Deixa 1 filha: D...

5.º D. Marianna Luiza de Macedo Coitinho, casada com seu primo Marcellino dos Santos de Azeredo Coutinho Junior, filho do Capitão Marcellino dos Sanctos de Azeredo Coutinho (que vive, em 1877, com mais de 90 anos, na sua fazenda do Mandingueiro, herdada

(1) João Bernardo Alvares Mergulhão Bandeira (tirou o Alvares de sua mulher) era filho de José Freire Mergulhão Bandeira, e D. Florinda Rosa Freire da Fonseca. Tem um irmão Ismael Freire Mergulhão Bandeira, casado com D. Olmira. São da freguezia da Moimenta da Beira Alta.

de seus paes, em Saquarema), irmão inteiro da dicta D. Maria Thereza de Sá Freire, de sua mulher D. Luiza Duque dos Sanctos, da familia dos Quintanilhas.

Das 2.as nupcias com Luiz Antonio Ferreira Valente, teve D. Anna Maria de Souza Pereira um casal de filhos:

1. Luiz Antonio Ferreira de Macedo, que está solteiro.

2. D. Guilhermina Luiza de Macedo Gomes, casada com Luiz Pereira Gomes, filho de Antonio Pereira dos Sanctos e D. .. da familia dos ... de Araruama.

A 2.ª filha do Capitão-mór Francisco de Macedo com D. Maria Thereza. D. Maria de Macedo Soares teve de seu matrimonio com o Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares, 15 filhos, a saber:

1. O Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares, casado com D. Maria Paula de Azevedo de Macedo Soares, filha do Major Luiz Manoel de Azevedo Soares, Senhor do engenho do Bananal, em Maricá, irmão inteiro do dicto Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares, e de sua mulher D. Carolina Luiza de Azevedo, descendente de Sebastião Martins Coutinho, o velho, e sua mulher D. Brites Rongel de Macedo, referidos no texto do M. S., § 2.

2. O Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, casado com D. Theodora Alvares de Azevedo de Macedo Soares, filha do Coronel Francisco Alvares de Azevedo Macedo e sua 2.ª mulher D. Theodora da Silveira Bueno de Azevedo Macedo, tambem já mencionados.

3. Francisco Americo de Macedo Soares, casado com D. Feliciana Duarte de Macedo Soares (1), filha do Tenente João Duarte dos Sanctos e D. Anna Angelica Victorina de Souza; neta paterna do Alferes Francisco Duarte e Silva, e D. Maria Francisca dos Sanctos; neta materna do Major Adeodato José Victorino de Souza e D. Francisca Rosa do Sancto Antonio; bisneta, por seu avô Francisco Duarte, de Francisco Duarte e Silva, natural da Villa do Rio Bonito, e D. Maria Francisca dos Sanctos; bisneta, por sua avó D. Maria Francisca, de João Francisco dos Sanctos e D. Anna dos Sanctos, fazendeiros em Itaborahy, d'onde se mudaram para Mato-grosso, em Saquarema; bisneta, pelo Major Adeodato, do brigadeiro Felicissimo José Victorino de Souza, vivo ainda em 1819. *ut fls.* 109 L.° notas Cabofrio, e D. Anna Angelica Victorina de Souza, (1) ambos naturaes de Maricá; bisneta, por D. Francisca Rosa, do Capitão Antônio Gonçalves Rico e D. Anna Vicencia; trineta, por seu avô e bisavô paternos, de Manoel Duarte e Silva e D. Aurelia Maria de Paiva; e trineta, pelo Capitão Antônio Rico, de Manoel Gonçalves Rico, mais conhecido pela autonomasia de *Capa de rato* e Branca Rosa de Nazareth + em sua fazenda do Boqm. de S. José, Saquarema, aos 7 de Dezembro de 1774; 4.ª neta Manoel Gonçalves Rico e Francisco de S. Antonio.

4. O Alferes João Augusto de Macedo Soares, casado com sua parenta D. Maria Gertrudes Ribeiro de Macedo Soares, filha de José Pinto Ribeiro e D. Maria Custodia Vieira Ribeiro; neta paterna de Vasco Gomes Pinto, vivia ainda em 1822, que a 13 de Abril de 22 assignou como testemunha a escriptura de que dá noticia o livro dos Marinhos, *in fini*: e D. Bernardina Rosa da Conceição; neta materna de Francisco Pereira da Costa Vieira, natural da ilha do Pico, e D. Gertrudes Maria Custodia; bisneta, por seu avô materno Francisco Pereira, de Antonio Pereira da Costa Dias e D. Agueda Thereza Vieira (como vimos do seu testamento, no 2.° cartorio, em Araruama); bisneta, por sua avó materna D. Gertrudes, de Manoel Custodio Pacheco de Rezende e D. Anna Josepha Antunes, e por esta, trineta do Dr. José da Silva e D. Joanna Gomes Antunes, filha legitima de Antonio Antunes, e D. Aurelia Antunes.

(1) 1.ª mulher, fallecida em 28 de Out.° de 1881, de parto; 2.ª mulher é D. Maria Eulalia de Lima, filha ..... com quem casou Francisco Americo em 1 de jan. de 1883, na Côrte, freguezia de . . ..

(1) Em 8 de Janeiro de 1821, nas notas do tabellião da cidade de Cabofrio, D. Anna A. V. de Souza, viuva do Brigadeiro Felicissimo Victorino de Souza, fez procuração geral, que assignou de seu punho com lettra corrente e firme. Na escriptura fls. 110 das notas de C. Frio, (1820) apparece D. Anna como viuva do brigadeiro Felicissimo José Victorino de Souza.

5. D. Maximiana de Macedo Soares Alves, casada com seu primo-irmão José Mariano Alves, filho de Joaquim Mariano Alves, Senhor do engenho de Cordeiros, e D. Maria Carolina de Azevedo Alves, irmã inteira do Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares; neto paterno de José Alves Pacheco e D. Marianna Bernarda de Jesus; bisneto paterno de Antônio Pacheco de Figueredo e D. Perpetua Alves de Rezende; bisneto, por sua avó D. Mariana, de Simeão Soares de Azevedo e D. Isabel Maria Antunes, filha do dicto Dr. José da Silva e D. Joanna Gomes Antunes, que era filha dos referidos Antonio Antunes e D. Aurelia Antunes. Esses Pachecos e Rezendes, vêm dos de que tracta o Dr. Gaspar Fructuoso, na sua *História Genealogica da ilha de S. Miguel*, Caps. 3, 4, 10 e 27.

6. Maria, † ao nascer.

7. D. Maria da Gloria Ribeiro de Almeida, casada com o Major Joaquim Ribeiro de Almeida (viuvo de D. Delphina da Veiga, filha do Commendador João Pedro da Veiga, Thezoureiro das Loterias da Côrte), filho do Coronel Manoel Ribeiro de Almeida, Senhor do engenho do Lagarto, em Maricá e D. Anna Alexandrina de Jesus Ribeiro; neto paterno do Tenente Coronel Joaquim Ribeiro de Almeida, Senhor do dicto engenho do Lagarto, Provedor da S. Casa de Misericordia da Côrte, Thezoureiro das Loterias, e D. Maria Thereza da Silva Ribeiro, filha do Capitão José da Silva Alves, Senhor do engenho do Lamarão, na freguezia de Campo Grande, e D. Maria Thereza de Jesus; neto materno de .....

8. D. Joaquim Emilia de Macedo Soares, solteira.

9. D. Anna de Macedo Soares Dias Menezes, casada com Antonio de Souza Dias Menezes, pharmaceutico formado pela Faculdade de Medicina da Corte; filho do pharmaceutico portugues Antonio de Souza Dias e sua mulher D. Rosa Alexandrina de Menezes, filha do pharmaceutico Antonio José Ferreira de Menezes e D. Cherubina, filha do Alferes José Gomes da Cunha Vieira, Commendador da Ordem da Rosa, senhor do engenho da *Posse*, em Maricá, onde era o chefe do partido liberal.

10. D. Mariana Mathilde de Macedo Soares, solteira.

11. José, †, ao nascer.

12. José Eduardo de Macedo Soares, pharmaceutico pela Faculdade de Medicina da Corte, casado com D. Candida de Azevedo de Macedo Soares, filha do Capitão José Paulo de Azevedo Sodré e D. Candida Ribeiro de Azevedo Sodré; neta paterna do Capitão Domingos Alvares de Azevedo e D. Paula dos Sanctos Sodré; neta materna dos já referidos Coronel Manoel Ribeiro de Almeida e D. Anna Alexandrina de Jesus Ribeiro; bisneta paterna do Major Domingos Alvares de Azevedo e D. Mariana Jacintha de Castro e Azevedo Lemos, filha do Dr. Joaquim Mariano de Castro e sua mulher D. Catharina Francisca de Lemos e Azevedo, n'outro logar mencionados; bisneta paterna, por sua avó D. Paula, do Capitão-mór José Pereira Sodré e D. Paula Isabel dos Sanctos (aquele descendente dos Sodrés de que fallam o texto no § 1-4, esta nota, tractando dos Sodrés Pereiras, Senhores da Villa das Aguas Bellas, em Portugal).

13. Brotero Frederico de Macedo Soares, estudante da Eschola Polytechnica.

14. Adolpho Aprigio de Macedo Soares.

15. Manoel Theodoro de Macedo Soares, estudante do Curso de Pharmacia da Faculdade de Medicina da Côrte. Formou-se em 82.

O Sr. Diogo de Mariz Loureiro foi Procedor da Alfandega do Rio de Janeiro, cargo em que succedeu a seu pae, e exercia pelos annos de 1607, como se vê nos *Annaes do Rio de Janeiro* de Balthazar da Silva Lisbôa. Foi sua mãe D. Isabel, a velha. Não duvidamos que Antonio de Mariz houvesse casado com Lauriana Simôa, natural de S. Paulo, como refere o mesmo chronista; seria, porem, segundo casamento, de que não falla o Dezembargador João Pereira Ramos, no texto

supra, nem os papeis do Capitão-mór Francisco de Macedo, nem os do coronel Theodoro de Macedo Sodré, nem nenhum outro de tantos documentos e arvores genealogicas que temos á vista. O solar dos Marizes é S. Emilião de Mariz, vigaria annexa ao convento de Villar de Frades, freguezia do termo e Comarca de Barcellos, em Portugal. "Familia nobre (diz o padre Antonio de Carvalho, tom. 1.°, pág. 268), que em todos os tempos de grandes subjeitos, cujas Armas são um campo azul cinco vieiras de ouro em cruz entre quatro rosas de prata, riscadas de preto; timbre, um leão nascente de azul com uma vieira na cabeça. O licenciado Manoel de Araujo de Castro, no seu Livro de Armas manuscripto não lhe dá por timbre o leão, mas uma espada com uma cabeça de um principe mouro na ponta, assim como um cavalleiro a apresentou na batalha de Ourique a El Rey D. Affonso Henriques, depois de haver morto aquelle barbaro, de que a tirara. A casa do Paço do Mariz ou Arzemil, querem alguns seja o mesmo de que se originou este appellido, chamando-se Marizes os Senhores d'elle, é hoje Morgado dos Ferreiras, e o primeiro que esta familia o habitou foi Alvaro Ferreira, filho segundo de Ayres Ferreira, Senhor da Casa e Quinta de Casal dos Cavalleiros, e de sua primeira mulher Genebra Pereira".

Nos citados *Annaes do Rio de Janeiro*, tom. 1.°, pág. 328, lemos a seguinte noticia biographica de Antonio de Mariz: "Antonio Mariz, da familia e ramo dos Marizes, Fidalgo do Reino, servio como era digno do seu nascimento, assim nas guerras, como nos negocios politicos e civis; e serviu de Mamposteiro-Mór dos Captivos e Provedor da Fazenda Real, e morreu nas acções contra os indios. Elle em 1561 pediu terras a Pedro Collaço, Capitão-mór de S. Vicente, por Martin Affonso de Souza dizendo ser morador naquella Capitania, casado, e que na borda do Campo, onde se chama Ipiranga, termo da Villa de Piratininga, pediu huma mata virgem hum pedaço de dez tiros de besta comprido e de largura outro tanto; que lhe fôra concedido por Carta dada em S. Vicente aos 18 de Junho de 1561: passou-se para o Rio de Janeiro em 1567, e levou sua mulher D. Laureana Simôa, foi na guerra armado Cavalheiro em 1578, cujo Alvará foi confirmado pelo

Cardeal Rei. Mem de Sá lhe deu huma sesmaria de huma legoa de terra ao longo do mar, e duas ao sertão, começando das barreiras vermelhas. Elle se achou com Antonio Salema em Cabo Frio contra os Francezes que com os Indigenas vivião e commerciavão, que foram desbaratados e as aldêas assoladas em 18 de Fevereiro de 1578: servio de Provedor da Real Fazenda em 3 de Dezembro de 1578, declarando-se na nomeação que apresentava instrumento da qualidade de sua pessoa; servio igualmente de Provedor da Alfandega; pelejou sempre mui valorosamente em todas as guerras, com referia a Provisão de Provedor da Alfandega, passada a seu filho Diogo de Mariz a 31 de Dezembro de 1606. Teve carta de Brazão de Armas, que se acha no T. 1.° do *Arsenal Heraldico*, fl. 616 a 617, dada em Evora a 14 de Settembro de 1534, em que se declara descender da linhagem dos Marizes, Fidalgos de Cota d'Armas por seu avô Lopo de Mariz, cujas Armas são em campo, cinco vieiras de ouro riscadas, e de preto em cruz, entre quatro rosas de prata, entre pallas e faixas, e por differença huma brica de prata com um anel de vermelho, elmo de prata, guarnecido de ouro, paquife de ouro e azul, e por timbre hum meio leão de azul com huma vieira de ouro sobre a cabeça". Antonio de Mariz deve ter fallecido pelos fins de 1584, começos de 1585, porque por Provisão de 19 de Janeiro d'este anno, o Governador Geral Manoel Telles Barreto, nomeou a Ayres Fernandes, Mamposteiro-mór do Rio de Janeiro, *por fallecimento de Antonio de Mariz*, segundo refere Balth. da Silva Lisboa, nos *Annaes do Rio de Janeiro*, tom. 1, cap. 6 § 8.

IV — *Belchior Rongel de Macedo.*

Dr. Euzebio Alvares Ribeiro — José de Azevedo Coitinho de Macedo — Estes dois e mais Jeronymo Coitinho da Silva, aos 15 de Janeiro de 1747, nas notas do tabelliam da Cidade de Cabofrio, Francisco Gomes da Fonseca, por escriptura publica a fls. 43 do L.° XVI, lavrada na fazenda de N. S. do Cabo do Paraty, termo da cidade da Assumpção de Cabofrio, pertencente a Antonio Rodrigues de Mello e sua Consorte Luiza de Moura, compraram a estes uma sorte de terras, que ti-

nham havido de D. Barbara de Madureira, viuva do Cap.-mór José de Moura Corte Real, sitos na restinga da praia de Maçambaba, que principia no logar chamado Maçambaba, até a lagôa chamada do Ipitanga, que poderá ter 4 leguas ou o que se achar, reservando para ir a lagôa Pernambuco por 800$000. No fim da restinga, o juncto da lagôa de Ipitanga tinham elles vendido 30 braças a Pedro Alvares Lugo, da costa do mar grosso até a Lagôa de Iraruama. A rogo de D. Luiza de Moura assignou um filho João Jacques de Mello.

Cosme Rangel, Varnhagem, I, 339, era irmão de Julião Rangel.

Vicente Rangel, idem, *Ibid*, 354, parece tambem era, attentos os annos em que ambos viverão e a edade que deviam ter, um feito ouvidor geral em 1581; o outro, concessionario de uma sesmaria (1584) concedida pelo governo; e Julião Rangel, ouvidor do Rio de Janeiro em 1583 e depois Escrivão de Orphãos.

Responde-se a diffamação da memoria de Vasco Fernandes Coitinho por Varnhagem com a leitura de João de Barros e Gabriel Soares, contemporaneos Vasco foi apenas infeliz, como forão a maior parte dos donatarios, dos quaes entretanto, Varnhagen desculpa e lamenta os revezes. Em alguma parte do tomo 1.º da 2.ª edic. elle diz não carregar a mão sobre Chistovam de Barros si bem me lembro, filho de Antonio Cardoso de Barros, para não infamar a memoria do descendente de um dos 12 primeiros donatários. Não duvida confessar-se parcial aqui, para só se mostrar *imparcial*, mas lá a seu modo, com o donatario do Espirito Sancto, tambem um dos doze, que, alem das mais desditas, teve a do leão da fabula, aquelle alquebrado, etc., etc.

Um filho de Cosme Rongel, em 1640, destinguiu-se nos actos d'acclamação de D. João 4.º Era moço, devia de ter os seus 40 a 50 annos, e parece era mais velho. E então Vicente Rangel de Macedo não podia deixar de ter sido irmão ou primo de Cosme e de Julião Rangel. (1).

Mestre de Campo João de Abreu Pereira.

No livro XVI deu notas de Cabofrio, fls 6 v, lê-se:

(1) Notas escritas na capa do ms., pelo Dr. Macedo Soares.

"Transcripto de uma carta do Exmo. Sr. General que mandou lançar n'esta nota o Capitão Mór Aniceto da Cunha Castello Branco.

"Justamente entra Vm. na duvida de poder abitar o Mestre de Campo João de Abreu Pereira, soldados para auxiliares do seu terço no districto de Vm.: Eu lhe ordeno se abstenha deste procedimento the segunda ordem minha, que sem ella Vm. lhe embaraçara a referida diligencia. — Deus que actue muitos annos. Rio de Janeiro, a 24 de Novembro de 1745. — Gomes Freire de Andrade. — Sr. Capitão Mór Aniceto da Cunha de Castello Branco".

"E não se continha mais na dicta carta, que aqui lancei em dezasete de Janeiro de 1746 annos. — Francisco Gomes da Fonseca". (2)

JOÃO DUARTE, † 12 de Janeiro de 1881.

Filhos:

1. D. Francisca Candida Duarte de Souza, s.
2. Felissimo
3. D. Januaria Candida D. dos S. Lemos, c.
4. Claudio D. dos S. e Souza, s.
5. D. Joaquina Sergia D. dos Sanctos, s.
6. D. Aurelia D. dos Sanctos Souza, c. com J. Felizardo de Oliveira.
7. D. Ryp. Clara Duarte de Figueiredo, viuva de ... Figueiredo.
8. D. Feliciana, c.
9. Julião Duarte dos Sanctos.
10. João Baptista D. dos Sanctos.
11. Euzebio D. da S. Paiva.
12. Pedro D. dos Sanctos Souza
13. Lucio D. dos Sanctos Souza.

(2) Folha avulsa encontrada entre as páginas de ms., copiada por J. R. M. S.

14. Herdeiros de Epiphaneo D. dos Sanctos Souza, casado com D. Maria Soares de Azevedo Duarte, a saber

1. D. Anna Paula Duarte de Azeredo, c. depois com seu tio Pedro Duarte, 18 annos.

2. Alberto Duarte de Azevedo, 17 annos.

3. D. Joaquina Sergia Duarte de Azevedo, 14 annos. (1).

Familia Rangel da Guaratyba, sua origem e data do seu estabellicimento n'esta Freguezia. (2)

Julião Rangel de Macedo, natural de Portugal, veiu ao Rio de Janeiro na qualidade de Capitão, nas guerras contra o gentio.

Casou com D. Brites Sardinha, irmã do primeiro Prelado do Brasil, filha legitima de João Gomes Sardinha e de sua mulher D. Philippa Gomes da Ilha da Madeira, oriundos de Setubal; n'esse matrimonio teve:

D. Paula Rangel de Macedo.

Belchior Rangel de Macedo.

Gaspar Rangel de Macedo.

Balthazar Rongel de Macedo.

D. Maria Rangel de Macedo.

D. Beatriz Rangel de Macedo.

D. Irania Rangel de Macedo.

D. Isabel Rangel de Macedo.

— Balthazar Rongel de Macedo, quarto filho de Julião Rangel Macedo e sua mulher D. Brites Sardinha, casou na Capitania do Espirito Santo com D.

(1) Estes nomes constam de uma folha avulsa escrita pelo Dr. Macedo Soares, encontrada tambem entre as folhas do Manuscripto, cuja copia vae transcripta (J. R. M. S.).

(2) Este manuscripto creio ser da lavra do solicitador Elias Duque Estrada; os signaes a lapis azul que se vêm no original são do Dr. Macedo Soares. (J. R. M. S.).

Joanna de Souza, filha de Ambrozio de Souza e de sua mulher D. Justa de Azeredo e teve d'este matrimonio o unico filho que segue:

Julião Rongel de Souza, neto igualmente de Vasco Fernandes Coutinho, Donatario da Capitania do Espirito Santo, que acompanhou a Mem de Sá na Verificação do Rio de Janeiro, e expulsão dos Francezes e serviu nas Guerras com Estacio de Sá. Serviu de Escrivão da Camara do Rio de Janeiro, e Ouvidor na Cidade, e seus descendentes tiverão Brazão de armas em 12 de Julho de 1746 esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Souzas do Prado, que são escudo esquartelado no primeiro asquinas de Portugal, no segundo em campo de prata um Leão rompente vermelho e assim os contrarios; no segundo quartel armas dos Coutinhos: que são: um campo de Ouro cinco estrellas vermelhas, postas em cantos de cinco pontos cada uma; no terceiro quartel as armas dos Pereiras, que são em campo vermelho uma cruz de prata florente e vasia do Campo; no quarto quartel as armas dos Rongeis que são um campo azul uma flôr de Liz de Prata, orla de ouro com sete ramos verdes abertos com bagos sangueiros elmo de prata aberto, guarnecido de ouro paquife dos metaes e cores das armas, timbre o dos Coutinhos, que é um Leão andante vermelho com uma Capella de flôres na mão direita, e uma estrella de ouro na espada, e por differença brica de prata com um trifolio de Ouro.

Foi casado com D. Leonor Caldeira, filha de Mathias Pinto Caldeira e teve:

Balthazar Rangel de Souza

Matheus Pinto Caldeira

Belchior Rangel de Souza.

Salvador Rangel de Souza.

— Baltazar Rangel de Souza (n.º 4), filho de Julião Rangel de Souza e D. Leonor Caldeira; casou com sua prima D. Angela de Mendonça, teve:

Julião Rangel de Souza.

D. Joanna de Souza.

D. Ascença de Mendonça.

— Julião Rangel de Souza (n.º5), filho de Balthazar Rangel de Souza, foi casado duas vezes, a 1.ª com D. Maria Mendonça Borges, filha de Manoel Cardozo Leitão e de sua mulher D. Maria de Mendonça e d'este Matrimonio teve D. Angela de Mendonça, casou 2.ª vez com D. Maria Josepha Pereira de Mariz e teve:

Julião Rangel de Souza Coutinho

D. Josepha da Silva Pereira

D. Antonia de Souza

D. Catharina da Silva Sandoval.

D. Luiza de Souza

D. Thereza Joaquina.

Dr. Miguel Rangel de Souza Coutinho.

Julião Rangel de Souza Coutinho, proprietario dos Officios de seus avós; tendo-se passado á Lisbôa casou alli com D. Maria Antonia de Alencastro e tendo fallecido sem sucessão, competia á propriedade dos officios a seu irmão Dr. Miguel Rangel, o qual requerendo para si a dita propriedade, o Governo Portuguez já havia encartado outro individuo de nome André Martins de Britto, por somma maior de 40 mil cruzados.

Dr. Miguel Rangel de Souza Coutinho, filho legitimo de Julião Rangel de Souza e de sua mulher D. Maria Josepha Pereira da Mariz, foi moço fidalgo da casa real, fez seu assento na freguezia de Guaratyba, onde tinha propriedade, e casou com D. Helena Freire, filha legitima de Bento Figueira Bravo e de sua mulher D. Josepha Freire, esta filha do Capitão Pedro Pereira Ribeiro e D. Josepha Pereira Ribeiro, e que ficara viuva do Capitão Mór Francisco Antunes Leão, e teve d'este segundo matrimonio os filhos seguintes:

1. D. Maria Joanna
2. D. Catharina

3. D. Josepha
4. D. Barbara
5. D. Antonia
6. Balthazar

D. Maria Joanna, filha mais velha do Dr. Miguel Rangel, casou n'esta freguezia de Guaratyba com Sebastião Rodrigues, natural e baptisado na freguezia de Montojo no reino de Portugal, filho legitimo de Cypriano Rodrigues de Almeida e de sua mulher D. Catharina Vaz de Albuquerque. Sebastião Rodriguez com testamento aos 18 de Março de 1815, sem deixar sucessão.

D. Catharina Rangel de Souza, filha segunda do Dr. Miguel Rangel e de sua mulher D. Helena Freire, solteira ainda em vida de seus pais.

D. Josepha, terceira filha do Dr. Miguel Rangel e de D. Helena Freire depois de seus pais, no estado de solteira, 30 de Março de 1789.

D. Barbara Luiza Perpetua Rangel, quarta filha do Dr. Miguel Rangel e D. Helena Freire, casou nesta freguezia em 10 de Julho de 1797, com o Alferes José Antonio de Azeredo Coutinho, seu parente, filho legitimo de Francisco Martins Tenreiro e de sua mulher D. Anna Maria D'Ascenção, batisado na freguezia da Candelaria da Côrte e do matrimonio houverão:

D. Helena, baptisada em 23 de Abril do anno de 1800, nascida em 21 de Março do mesmo anno. Seu pae já vivo fez testamento em 5 de Abril de 1810, + em 18 de Abril do mesmo ano.

D. Helena Rangel de Azeredo (§ 4.º n.º 8), casou nesta freguezia com um seu parente, chamado Julião Rangel de Azeredo Coutinho, filho legitimo do Sargento-mór Antonio Nunes Villa-forte e de sua mulher D. Antonia Joaquina Rangel. Este casamento foi celebrado em 23 de Julho de 1810 e teve:

9. Julião Rangel de Azeredo Coutinho.
9. D. Maria Paula Rangel.

Julião Rangel de Azeredo Coutinho casou nesta freguezia em 8 de Dezembro de 1848, com D. Amalia

Duque de Castro, filha legitima do Capitão Florentino Duque de Castro e de sua mulher D. Josepha Thomazia, que ficou viuva de Francisco de Macedo Sodré.

Teve:

10. Antonio.

10. D. Amalia, casada em Itaguahy com Honorato Cesar da Silva, com 4 filhos.

10. D. Clarinda, casada com Francisco da S. Campos Bayer, filho de J. Luiz Bayer e D. Rosa Maria de Oliveira Campos.

10. Amelia.

10. D. Thereza

10. D. Adelina.

D. Maria Paula (§ 4.º n.º 9), casou na villa de Itaguahy com Francisco de Oliveira Coutinho, o qual fallecendo sem successão, passou a viuva a casar-se com Antonio de Oliveira Sampaio, que fallecendo sem successão os seus bens ficarão no casal e reverterão a Julião Rangel de Azevedo seu irmão por deixa. (1)

---

§ 5.º

D. Antonia Joaquina Perpetua Rangel (Tit. 2.º n. 70), filha legitima do Dr. Miguel Rangel de Souza Coutinho e de sua mulher D. Helena Freire, casou n'esta freguezia com o Tenente Coronel Antonio Nunes Villa-forte (?) em 26 de 1788. Antonio Nunes Villaforte era natural e baptisado em Angra dos Reis (Villa), filho legitimo do Capitão-mór Felix Gonçalves dos Santos e de sua mulher D. Rosa Pimenta de Oliveira e do matrimonio teve:

8. Julião n.º 31 de Julho de 1791, bap. a 9 de Agosto do mesmo anno;

(1) Julião Rangel (§ 4 n. 9), fallecera na Villa de Itaguahy, onde era morador; seus filhos estão actualmente na Côrte (1883) e á excepção de D. Amelia, todos os outros estão solteiros.

8. D. Luiza n.º 12 de Janeiro de 1793, bap. 6 de Fevereiro do mesmo anno;

8. D. Antonia n.º 18 de Julho de 1794, bap. a 28 do mesmo anno;

8. Antonio, n.º 5 de Setembro de 1795, bap. a 22 do mesmo mez, + 9 de Março de 1813;

8. D. Rosa, n.º 13, de Outubro de 1797, bap. a 18 do mesmo mez;

8. José n.º 8 de Março de 1800, bap. a 1 de Abril do mesmo anno;

8. D. Antonia, n.º 15 de Maio de 1801, bap. a 1 de Junho do mesmo anno;

8. Francisco, n.º 27 de Janeiro de 1804, bap. a 20 de Fevereiro do mesmo mez;

8. D. Anna, n.º 5 de Junho de 1805, bap. a 14 de Junho de 1805, bap. a 14 de Junho do mesmo anno (1).

D. Antonia Nunes Villa-forte (§ 5 n.º 8) casou nesta freguezia com o Capitão João Muniz Tello; filho legitimo de Francisco Muniz Tello de São Paio e de sua mulher D. Anna Joaquina Barbosa de Sá Freire, naturaes de Jacarépaguá. João Muniz Tello já era viuvo de D. Francisca Paula de Almeida Barbosa, de quem teve tres filhos, a saber: Francisco, Joanna e Jacintha. D'este segundo matrimonio teve:

9. D. Luiza

9. Carlos, n. a 26 de Nov. de 1840 e bap. a 27 de Setembro de 1841.

9. D. Maria José

9. D. Maria Eulalia.

9. D. Maria Eugenia

(1) O filho mais velho de nome Vicente e que esqueceu na Ordem Chronologica, nasceu em 5 de Abril de 1790 e baptisou-se em 12 de Maio do mesmo anno. D. Antonia, sua mãe, ⊥ em 7 de Julho de 1808, e seu pae, o Tenente Coronel Villa-forte + em 26 de Janeiro de 1818.

9. Bento

9. D. Antonia

9. Bernardo

9. Joaquim, n.º 10 de Fevereiro de 1838, bap. de Fev. de 1840.

9. Egas.

Francisco Luiz Villaforte (§ 5.º n.º 8) casou n'esta freguezia com D. Adelaide Francisca Rozaura, filha legitima do Tenente João Alvaro Rosauro de Almeida e de sua mulher D. Francisca Fausta Rosauro de Almeida. Teve logar o casamento aos 17 de Novembro de 1855, e d'elle procedem: ignoramos.

O Capitão Antonio Nunes Villaforte (§ 5.º número 8) casou n'esta freguezia a 18 de Março de 1834 com D. Maria Clementina de Vasconcelos Drummond, filha legitima do Sargento-mór Alexandre Ferreira de Vasconcelos Drumond e de sua mulher D. Claudia Ignacia de Oliveira Fagundes e d'elles procedem:

9. Francisco, n.º a 15 de Nov.º de 1834, bap. a 16 de Julho de 1840.

9. Luiz, n.º a 12 de Dezembro de 1836 (?) bap. a 16 de Julho de 1840.

9. Antonio, n.º a 1 de Setembro de 1838, bap. a 16 de Julho de 1840.

9. Claudia, n.º a 28 de Junho de 1841, (?) bap. a de Janeiro de 1840 (?).

D. Luiza Rosa Villa-forté, casou n'esta freguezia em 22 de fevereiro de 1814, com Francisco de Oliveira Coutinho, filho legitimo de Manoel de Oliveira Coutinho, e depois, casou com sua cunhada D. Rosa Joaquina Villaforte Rangel em 12 de Outubro de 1818. Ignoramos sua descendencia.

Nota: — D'este ramo do Sargento-mór Antonio Nunes Villa-forte ninguem mais se encontra nesta freguezia; todos fizerão mudança para a Corte do Rio de Janeiro.

§ 6.º

O Capitão Balthazar Rangel de Souza Coutinho (Tit. 2.º n.º 7) casou na freguezia de S. José da Corte a 8 de Maio de 1794, com D. Antonia Joaquina Duque Estrada Furtado de Mendonça, sua parenta, filha legitima do Capitão Joaquim Luiz Furtado de Mendonça, e de sua mulher D. Maria Paula de Torres Duque Estrada, natural de S. João de Itaborahy; neta paterna de José Furtado de Mendonça e D. Rosa Maria de Araujo Coutinho; neta Materna de Paulo da Matta Duque Estrada e de sua mulher D. Jeronima de Torres, e d'este matrimonio teve:

8. Miguel, n.º a 24 de Fevereiro de 1795, bap. a 27 de Maio + a 27 de Fevereiro de 1834.

8. D. Maria Benedicta, n.º a 3 de Março de 1796, bap. em Abril + a 26 de Outubro de 1888.

8. D. Maria Paula, n.º a 10 de Maio de 1797, bap. a 10 de Julho + a 27 de Junho de 1893.

8. D. Antonia, n.º a 25 de Junho de 1798, bap. a 9 de Agosto.

8. Joaquim, nasc. a 12 de Maio de 1800, bap. em 3 de Junho + em 29 de Outubro de 1860.

Miguel Rangel de Azeredo Coutinho (§ 6.º número 8) fez testamento em 11 de Dezembro de 1833 e + a 27 de Fevereiro de 1834, deixando um filho natural reconhecido do mesmo nome.

D. Maria Benedicta Furtado de Mendonça, (§ 6.º n.º 8) casou n'esta freguezia com Joaquim Antonio Lopes de Souza, natural de Portugal, filho legitimo do Tenente Coronel Joaquim Theodoro Lopes e sua mulher D. Genoveva Rosa Delphina e bap. na Sé do Porto, D Maria Benedicta + em 26 de Outubro de 1888, com 92 annos, 10 meses e 27 dias.

9. Balthazar, + solteiro, n. a 11 de Out.º de 1828, bap. em Abril 1829 em S. José.

9. Joaquim, casado com D. Maria Pinto Faria, n. a 1 de Abril de 1830, bap. a 17 do mesmo mez.

9. D. Maria Benedicta, casada na Ilha Grande com o Com. João José de Carvalho.

9. D. Antonia casada com o Tenente José Justino da Silveira Machado.

9. Elias, n. a 24 de Outubro de 1833, com 45 annos de idade casado com D. Maria Joanna de Souza, e a 2.ª com D. Anna Leopoldina de Miranda, cas. a 18/9/1875.

9. D. Maria Celeste, + solteira em 2 de Junho de 1863, n. a 5 de Agosto de 1835.

9. Antonio, n.º a 18 de Agosto de 1834, recebeu Santos Oleos no 1.º de Outubro de 1855, casado com D. Felisberta Adelaide Pinto, 18 de Novembro de 1875, sg.

Joaquim Elias Antonio Lopes de Souza (§ 6 número 9) casou nesta freguezia em 26 de Agosto de 1863, com D. Maria Rosa de Faria, filha legitima do Major Manoel Pinto de Faria e de sua mulher D. Maria Cardoso Pinto, e procedem d'estes:

10. Joaquim, bap. 31 de Dezembro de 1808.

10. Maria, n. a 6 de Setembro 1866, bap. a 21 de Jan.º de 1868.

10. Antonio, n. a 26 de Agosto de 1870, bap. a 14 de Setembro de 1872.

10. Balthazar, n. a 15 de Março de 1872, bap. a 14 de Set.º de 1872.

10. Elias, n. a 7 de Maio de 1874, bap. a 24 de Fevereiro 1875.

10. Maria

10. Manoel

D. Antonia Joaquina Lopes casou n'esta freguezia com o Tenente José Justino da Silveira Machado, filho legitimo do Cirurgião-Mór José Justino da Silveiro Machado e de sua mulher; José Justino + 6 de Novembro 86; D. Antonia + a 14/8/1890 (*sic.*).

9. José, n. a 16 de Nov.º de 1856, bap. a 6 de Janeiro de 1857.

9. Francisco, n. a 8 de Agosto de 1864, bap. a 12 de Dez.º de 1865.

9. D. Antonia, n. a 26 de Fev.º de 1869, bap. a 28 de Fev.º de 1870 (a)

D. Maria Paula Rangel de Azeredo Coutinho Barroso (§ 6 n.º 8) casou n'esta freguezia em 21 de Setembro 1831, com o Cons.º Joaquim Pereira Barroso bap. no arraial do Tujuca da Prov. de Minas, filho legitimo do Dezembargador Antonio Barroso Pereira, natural de Portugal, e de sua mulher D. Maria Ignacia da Costa Sam Paio. Joaquim Barroso estava em Portugal na ocasião da Independencia do Brasil; empregado na Diplomacia, foi nomeado Ministro de Portugal nos Estados Unidos. Ali recusou-se a reconhecer o Governo de D. Miguel, esperando que o Governo de Washington o sustasse; mas o Governo Americano inclinado á parcialidade de D. Miguel de Bragança, viu-se elle forçado a retirar-se para o Rio de Janeiro, onde casou e teve:

9. Bento, n. em 28 de Agosto de 1832, bap. 2 de Agosto de 1833.

9. Antonio, n. a 7 de Março de 1836, bap. em 14 do mesmo mez.

9. Maria da Gloria, + de menor idade.

9. Paulina + de menor idade.

D. Antonia Joaquina Rangel (§ 6 n.º 8) casou nesta freguezia aos 16 de Fevereiro de 1836 com o Tenente José Gervasio de Queiroz Carreira e teve um filho José.

O Dr. José Aldrete de Mendonça Rangel de Queiroz Carreira, casou no Rio de Janeiro, com D. Leonor Corrêa de Sá Benevides de Queiroz Carreira, irmã inteira do actual Bispo de Marianna D. Antonio de Sá e Benevides, filha legitima de José Maria Corrêa de Sá e de sua mulher D. Leonor Maria de Saldanha Corrêa de Sá, que era filha do Conde da Ponte, antigo Governador da Bahia e sobrinha do Duque de Saldanha José Maria, filho do Conde de Asseca, descendente de Salvador Corrêa de Sá Benevides e Estacio.

O Commendador Joaquim Luiz Rangel de Azevedo (§ 6 n.º 9) casou n'esta freguezia com D. Ludivina Theodora Rangel, filha natural de D. Maria Theodora da Ilha Grande de Angra dos Reis. Joaquim Luiz representou sempre como chefe, nesta freguezia, o partido Conservador e era geralmente estimado pelo povo, pelas suas qualidades benevolas, e por isso nunca os seus adversarios politicos poderão derrubál-o do poder. Serviu de sub-delegado da Parochia e não exerceu vigancas (*sic*), teve:

9. Miguel Joaquim Rangel, bastardo

9. Joaquim Benedicto Rangel, bastardo.

9. Balthazar Rangel de Azeredo + solteiro no Rio de Janeiro.

9. D. Luiz + menor

9. João + menor

9. José + menor

9. Balbino, + menor

9. Joaquim, + menor.

Nota: — D. Maria Benedicta Lopes casou com o Commendador João José de Carvalho, na Ilha Grande e teve filhos; + 5-3-94. Elias casou no Rio de Janeiro: a 1.ª vez com D. Maria Joanna de Souza e a 2.ª com D. Anna Lepoldina de Miranda; Antonio casou igualmente na Côrte 18 de Agosto de 1834, sua mulher chama-se D. Felisberta Adelaide Pinto de Vellasco. Baltazar vive solteiro.

FAMILIA SODRÉ DA GUARATYBA (1)

Sua origem e estabellecimento n'ella.

Tit. 1.º

Francisco Sodré Pereira, filho 2.º de Duarte Sodré Pereira e sua mulher Guiomar Ramiriz filha de Luiz

(1) Tambem manuscripto do solicitador Elias A. L. Duque Estrada. — J. R. M. S.

Alves Ramirez casou com D. *Catharina* da Silva Sandoval, quarta filha de João Gomes da Silva e D. Maria de Mariz.

FAMILIA PAES FERREIRA

Francis (sic) Paes Ferreira, natural de Evora de onde veiu para o Brasil em 1643, como Coronel, tinha o brazão dos Souzas Carvalhos, filho legitimo de Domingos Paes Sardinha e sua mulher Ignez de Almeida foi casado com D. Maria Macedo Viegas filha de Lucas de Couto e sua mulher Joanna Sobral teve um filho Francisco Paes Ferreira n. a 16 de Fev.º de 1681: foi casado com D. Brites de Sá, tiverão 9 filhos:

1. José, 2. Francisco, 3. Ignacio, 4. Barbara, 5. Ignez, 6. Gonçalo,

7. Manoel, 8. Maria Joanna de Sá Freire, 9. Antonio de Sá Freire.

José Paes Ferreira Tit. 1 n.º 3, casou com Maria Barbosa de Oliveira e teve os filhos de que temos noticia:

Sebastião Macedo, José Paes Ferreira, Antonio Luiz de Sá, D. Barbara, D. Josepha Pim. de Mello, Anna Maria de Mello, D. Maria Thereza Dantas, D. Margarida, c. com Antonio Nunes Coutinho.

Ascendencia do *Capitão Mór Doutor Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho*:

Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, doutor formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Capitão-Mór de Cabo Frio, senhor da fazenda da Tiririca, na freguezia de Araruama, municipio de Saquarema, descendia em linha recta dos Paes Ferreira, que ajudaram a Salvador Correa de Sá e Benevides na fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, como se lê na "Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico", vol. anno de —. Era filho do

1. Mestre de Campo João Barbosa de Sá Freire, nascido em 1716, + na Côrte em 5 de Dezembro de

1771, casado com D. Anna Maria de Souza Pereira, nascida aos 5 de Maio de 1728.

O mestre de campo João Barbosa de Sá Freire, filho do

2. Capitão Francisco Paes Ferreira, senhor do engenho de Guaratiba, casado com D. Brites de Sa Souto-Maior Freire.

D. Anna Maria de Souza Pereira, filha de

2. Antonio Ferrão de Castello-Branco Travassos, casado com D. Andreza de Souza Pereira.

O Capitão Francisco Paes Ferreira, filho

3. Francisco Paes Ferreira, nascido em 1646, casado com D. Maria de Macedo Freire de Soveral.

D. Brites de Sá Souto-Maior Freire, filha do

3. Coronel Francisco de Macedo Freire, (1) casado com D. Barbara Viegas de Azeredo, alibi de Macedo Viegas. Seus filhos D. Anna e Antonio de Sá Freire casaram na familia de Francisco Antunes Leão de Sá e sua mulher D. Helena da Cruz Freire de Lemos, quartos netos de Henrique Duque Estrada e D. Theodosia da Rosa e Aguiar.

Antonio Ferrão de Castello Branco Travassos, filho de

3. Calixto Ferrão *de Castello Branco, natural da Almada, em Portugal*, casado com D. Antonia Travassos.

D. Andreza de Souza Pereira, filha do

3. Coronel João Gomes da Silva Pereira, Moço-Fidalgo da Casa Real, Coronel da Infantaria do Rio de Janeiro, casado com D. Andreza de Souza.

Francisco Paes Ferreira, filho de

(1) Nota á margem: "Br. Hist., pg. 155: 1794: será este mesmo Coronel? O Capitão-mór n. antes de 1750; seu pae n. em 1716 e + em 71: logo o Capitão Francisco de Macedo Freire do Br. H. é talvez neto do Coronel.

4. Domingos Paes Ferreira, casado com D. Ignez de Almeida.

D. Maria de Macedo Freire de Soveral, filha de

4. Lucas do Couto, o velho, casado com D. Mariana do Soveral.

O Coronel Francisco de Macedo Freire, filho de

4. João Barbosa de Sá Souto-Maior, casado com D. Joanna de Soveral Freire.

D. Barbara Viegas de Azeredo, filha do

4 Alferes Lucas do Couto, o moço, casado com D. Isabel Coutinho.

Calixto Ferrão de Castello Branco, filho de

4. José Ferrão de Castello Branco, casado com D. Francisca Travassos.

4. D. Antonia Travassos ?

O Coronel João Gomes da Silva Pereira, filho do

4. Coronel Francisco Sudré Pereira, Moço-Fidálgo da Real Casa, Coronel de um Regimento pago do Rio de Janeiro, casado com D. Catharina da Silva Sandoval, alibi Pereira de Marins Sandoval.

D. Andreza de Souza, filha do

4. Coronel Ignacio de Oliveira Vargas, casado com D. Maria de Abreu de Souto-Maior, alibi de Abreu Rangel. Tiveram outro filho de nome José da Fonseca Rangel, que casou na familia Sandoval, onde tem uma filha de nome D. Maria Antonia de Abreu Rangel e Sandoval, casada com Paulo da Matta Duque Estrada, setimo filho do Sargento-Mór Ambrosio Dias Raposo e sua mulher D. Anna Josepha da Cruz Duque-Estrada.

Domingos Paes Ferreira, filho do

5. Doutor Francisco Paes Ferreira, casado com D. Maria da *Rocha*. (1)

(1) —: da Cunha nos pp. do Coronel Theodoro.

D. Ignez de Almeida, filha de

5. Manoel Botelho, casado com D. Isabel, a velha.

Lucas do Couto, o velho, filho de

5. Manoel do Couto, casado com D. Domingas da Costa.

D. Mariana de Soveral, filha de

5. Antonio de Macedo Viegas, casado com uma Soveral.

João Barbosa de Sá Souto-Maior, filho de

5. Manoel Barbosa Pinto, natural de Vianna, em Portugal, casado em segundas nupcias, com D. Philippa de Sá Souto Maior. Sua primeira mulher foi D. Brites Rangel, filha do Commendador Diogo de Sá da Rocha, (2) natural de Vianna, casado com D. Brites Rongel, filha de Antonio de Macedo Rongel.

D. Joanna de Soveral Freire, filha do

5. Sargento-mór Francisco de Macedo Freire, natural de Beja, Sargento-mór de Infantaria, casado com D. Joanna de Soveral e Atouguia.

O Alferes Lucas do Couto, filho de

5. Lucas do Couto, o velho, casado com D. Mariana de Soveral.

José Ferrão de Castello Branco, filho de

5. Antonio Esteves Ferrão, casado com D. Ignez Antunes da Costa.

D. Francisca Travassos, filha de

5. Bernardo Rodrigues Martins, casado com D. Violante Travassos, sobrinha do D. João 1.º, Patriarcha da Ethiopia.

O Coronel Francisco Sudré Pereira, filho de

(1) V. de Brasil Historico, Vl. 2.º, pag. 167.

5. Duarte Sudré Pereira, Senhor do Morgado de Aguas-bellas, em Portugal, casado com D. Guiomar Ramires. Tornou a casar com D. Dionisia Lopes de Sande, filha de Fernão Lopes de Sande.

D. Catharina da Silva Sandoval, alibi Pereira de Marins (ou Mariz) Sandoval, filha do

5. Doutor João Gomes da Silva, Capitão de Infantaria e das Fortalezas de S. Antonio na Bahia e de S. João do Rio de Janeiro, onde foi Provedor da Real Fazenda e Juiz de Orphãos, casado com D. Maria de Mariz.

O Coronel Ignacio de Oliveira Vargas, filho de

5. Francisco de Oliveira Vargas, casado com D. Andreza de Souza.

D. Maria de Abreu de Souto-Maior, filha do

5. Doutor Francisco da Fonseca Diniz, casado com D. Isabel Rongel de Macedo, de quem teve mais dois filhos:

1.ºBalthazar de Abreu Cardozo, que casou com D. Isabel Pereira Sudré, filha de Francisco Sudré Pereira e D. Catharina da Silva Sandoval; 2.º D. Brites Rongel de Macedo, casada com Sebastão Martins Coutinho, o velho, senhor do Engenho de Guaxindiba, na hoje freguezia de Cordeiros, municipio de Nictheroy e descendente de Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo portuguez de boa casa, 1.º donatario da Capitania do Espirito Sancto (1525). Um filho de Balthazar de Abreu Cardozo, de nome João de Abreu Pereira Sudré, casou-se, em segundas nupcias, com D. Escholastica Pacheco, de quem teve D. Paula Rangel de Abreu, que veiu a casar com João Freire de Azeredo Coutinho, filho de Pedro Freire Ribeiro Duque Estrada e sua mulher e prima D. Maria de Azeredo Coutinho, descendente de Vasco Fernandes Coutinho.

O Doutor Francisco Paes Ferreira, filho de

6. Pedro Lopes de Souza Bacoso (Barroso?) natural de Evora, casado com D. Philippa Ferreira Pechim. Tirou brazão em 1643.

D. Maria da Rocha, filha de

6. Bento da Rocha Gondim, natural de Lisboa.

D. Domingas da Costa, filha de

6. Thomé Rodrigues da Costa, casado com D. Paula da Costa.

D. Joanna de Soveral Atouguia, filha de

6. Antonio de Macedo Viegas, casado com uma Senhora da famila Soveral, *alibi* Sobral.

D. Maria de Mariz, filha do

6. Doutor Diogo de Mariz Loureiro, Provedor da Fazenda Real no Rio de Janeiro, casado com D. Paula Rongel de Macedo.

O Doutor Francisco da Fonseca Diniz, filho do

6. Doutor Jorge Fernandes da Fonseca, casado com D. Brites da Costa Homem.

D. Isabel Rongel de Macedo, filha de

6. Balthazar de Abreu de Souto-Maior, (1) casado com D. Isabel Rongel de Macedo, irmã de Paula Rongel de Macedo, mulher do Doutor Provedor Diogo de Mariz Loureiro.

D. Andreza de Souza, filha de

6. Jeronymo de Souza Brito, casado com D. Barbara Coutinho.

O Doutor Diogo de Mariz Loureiro, filho de

7. Antonio de Mariz Coutinho, alibi de Marins, casado com D. Isabel, a velha, a fls. n.º 5.

D. Paula Rongel de Macedo, filha do

7. Capitão Julião Rongel de Macedo (1583), casado com D. Beatriz Sardinha, alibi D. Brites Sardinha.

(1) Filho (?) de Pedro Alvares de Souto-Mayor e D. Francisca de Estrada, referidos no L. 1.º Cap. — Veja antes o Pp. dos Abreus, § 1.º. (Nota á margem). — J. R. M. S.

D. Brites da Costa Homem, filha de

7. Aleixo Manoel, o velho, casado com D. Francisca Homem.

D. Isabel Rongel de Macedo, filha de

7. Capitão Julião Rongel de Macedo, casado com D. Beatriz Sardinha.

D. Beatriz Sardinha, filha de

8. João Gomes Sardinha, dos Sardinhas de Setubal, Portugal.

João Gomes Sardinha, filho de

9. Damião Dias Rongel.

Damião Dias Rongel, filho de

10. D. Diogo Dias Rongel, Commendatario de Cete e Villella.

D. Diogo Dias Rongel, filho de

11. D. Pedro Alvares Rongel, senhor da Casa e Quinta do Rongel, junto a cidade de Coimbra, onde está o solar dos Rongeis; — casado com D. Ignez Alvares Sanches de Macedo, em cujos descendentes se uniram os appellidos de Rongel (por corrupção, Rangel) e Macedo. Entre eles conta-se Calixto Rongel Pereira de Sá, que foi morador em Coimbra, e cuja ascendencia vem na "Corographia Portugueza", tom. 3 pag. 653 e 654.

Ascendencia de D. *Maria Isabel da Visitação Ferreira*, primeira mulher do *Capitão-Mór Dr. Francisco de Macedo Freire d'Azeredo Coutinho*:

D. Maria Isabel da Visitação Ferreira, viuva do Capitão João Freire de Sá, que morreu sem geração,

Nota a margem: — O Cap. Julião Rongel de Macedo era filho de Damião Dias Rangel ou de B. de Macedo Rongel, filho de Diogo Dias Rongel, etc. Deve ser filho de B. de M. Rongel, porque, pelo pp. dos Abreus, a mulher de Julião é que era filha de Damião. — J. R. M. S.

passou a segundas nupcias com o Capitão-Mór Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho.

Era filha do

1 — Mestre de Campo Miguel Antunes Ferreira, casado com D. Thereza Francisca da Cruz Duque Estrada.

O Mestre de Campo Miguel Antunes Ferreira, filho do

2 — Capitão Manuel Antunes Ferreira, casado com D. Catharina de Lemos Duque Estrada.

D. Thereza Francisca da Cruz Duque Estrada, filha de

2 — Sargento-mór Ambrosio Dias Raposo, casado com D. Anna Josepha da Cruz Duque Estrada.

D. Catharina de Lemos Duque Estrada, filha de

3 — Pedro Freire Ribeiro Duque Estrada, casado com D. Helena da Cruz e Lemos.

D. Anna Josepha da Cruz Duque Estrada, filha de

3 — Pedro Freire Ribeiro Duque Estrada, casado com D. Helena da Cruz e Lemos, ha pouco nomeados.

Pedro Freire Ribeiro Duque Estrada, filho de

4 — Pedro Freire Ribeiro, casado com D. Anna Duque Estrada.

D. Helena da Cruz e Lemos, filha de

4 — Paulo da Matta, casado com D. Jeronyma de Lemos.

Pedro Freire Ribeiro, filho de

5 — Francisco Freire Ribeiro, casado com D. Catharina de Freitas.

D. Anna Duque Estrada, filha de

5 — Henrique Duque Estrada, casado com D. Theodosia da Rosa e Aguiar.

Paulo da Matta, filho de

5 — Antono Fernandes da Matta, casado com D. Isabel da Costa.

D. Catharina de Freitas, filha de

6 — João Gomes Sardinha, dos Sardinhas de Setubal, casado com D. Luiza Gomes de Barros.

Henrique Duque Estrada, filho de

6 — João Duque Estrada, casado com D, Anna de Parady.

D. Theodosia da Rosa e Aguiar, filha do

6 — Capitão-Mór Nuno Fernandes de Aguiar, casado com D. Magdalena da Rosa.

D. Anna de Parady, filha do

7 — Dezembargador Henrique Pires de Souza, casado com D. Maria Rosa de Souza.

Ascendencia de *D. Maria Thereza de Sá Freire* segunda mulher do *Cap-Mór Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho*:

D. Maria Thereza de Sá Freire, segunda mulher do Capitão-Mór Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, nasceu no logar de Bacaxá, municipio de Saquarema, aos 25 de Março de 1790, e morreu na sua fazenda da Tiririca, em Araruama, aos 19 de Setembro de 1845.

Era filha de

1. Antonio dos Sanctos Silva, casado com D. Maria Antonia de Sá Freire.

Antonio dos Sanctos Silva, filho de

2. Sancho Manuel da Silva, casado com D. Joanna Coutinho de Bragança.

D. Maria Antonia de Sá Freire, filha do

2. Coronel Luiz José de Sá Freire, casado com D. Maria Thereza Rangel de Sá Freire e Azeredo Coutinho.

Sancho Manuel da Silva, filho do

3. Capitão José da Silva Motta, casado com D. Isabel Antunes.

D. Joanna Coutinho de Bragança, filha de

3. João Coutinho de Bragança, bastardo da Real Casa de Bragança.

O Coronel Luiz José de Sá Freire, filho do

3. Coronel João Barbosa de Sá, casado com D. Clara de Souza Pereira.

D. Maria Thereza Rangel de Sá Freire e Azeredo Coutinho, filha do

3. Tenente Luiz Barbosa de Sá Freire, casado com D. Maria Rangel de Azeredo Coutinho.

O Capitão José da Silva Motta, filho de

4 Francisco de Araujo Soares, casado com Sebastiana da Silva

O Coronel João Barbosa de Sá, filho de

4 João Barbosa de Sá Souto-Mayor, casado com D. Joanna de Soveral Freire, a fls. n.º

D. Clara de Souza Pereira, filha do

4. Coronel João Gomes da Silva Pereira, Moço Fidalgo da Casa Real, casado com D. Andreza de Souza, a fls. n.º

O Tenente Luiz Barbosa de Sá Freire, filho de

4. Pedro Barbosa Maximo de Sá e Soveral, alibi Soberal ou Sobral.

Descendencia do Capitão-Mór Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, em primeiras nupcias com D. Maria Isabel da Visitação Ferreira

1. D. Maria de Macedo Freire de Azeredo Coutinho (1) (depois de Azevedo), nascida aos

(1) Depois de casada, passou a assignar-se Maria de Macedo Freire de Azevedo.

de 17.., casada com o Mestre de Campo João Alvares de Azevedo, e fallecida aos 23 de Agosto de 1862, na Côrte.

O Mestre de Campo João Alvares de Azevedo era filho do Mestre de Campo Alexandre Alvares Duarte de Azevedo e D. Anna Maria Joaquina da Cruz Duque Estrada; neto materno do Sargento-mór Ambrosio Dias Raposo e D. Anna Josepha da Cruz Duque Estrada, a fls. n.º

Os filhos de D. Maria de Macedo Freire de Azevedo e João Alvares de Azevedo são:

1. D. Maria de Macedo Torres, Viscondessa de Itaborahy, casada com o Visconde de Itaborahy Joaquim José Rodrigues Torres, a fls. de quem teve os seguintes filhos:

1. D. Maria Carlota, casada com o Major José Dias Delgado de Carvalho, filho de D. Maria Columna de Menezes, casada com o Coronel Francisco Dias Delgado.

2. D. Carlota, casada com o Dr. Custodio Cotrim da Silva, filho do Capitão José Custodio Cotrim. Tem filhos.

3. D. Joaquina, casada com o Capitão José Custodio Cotrim da Silva, filho do Capitão José Custodio Cotrim. Tem filhos.

4. D. Emmerenciana Mathilde, solteira.

5. D. Francisca Paula, idem.

6. João Torres, negociante.

7. Manoel, estudante.

2. O Coronel Francisco Alvares de Azevedo Macedo, Cavalheiro de Christo e Comendador da Rosa, casado em primeiras nupcias com D. Maria Carolina Torres, fls. .., de quem teve:

1. O Dr. Francisco Alvares de Azevedo Macedo Junior.

2. João Alvares de Azevedo Macedo Sobrinho, casado, em 22 de Novembro de 1862, com D. Maria José de Almeida, viuva com filhos do Doutor Domingos de Oliveira Maia, Juiz Municipal de Cabo Frio, e filha do Doutor José Vieira de Almeida e D. Francisca.

3. Maria Carolina Alvares de Azevedo Macedo. (1)

4. D. Mariana Mathilde de Azevedo Marinho, casada com o Doutor Francisco Antunes Marinho, filho do Commendador Francisco Antunes Marinho e D. Iria, e della tem: 1. D. Maria Carolina, de edade quatro annos.

5. O Alferes Manoel Alvares de Azevedo Macedo; e em segunda nupcias com D. Theodora da Silveira Bueno, filha do Commendador Francisco de Paula Bueno, de Minas Gerais; e d'ella tem:

6. D. Alexandrina Alvares de Azevedo Macedo.

7. D. Theodora Alvares de Azevedo Macedo Soares, casada com o Doutor Antonio Joaquim de Macedo Soares, Juiz Municipal de Saquarema e Araruama, a fls.

8. O Dr. Francisco de Paula Bueno de Azevedo, formou-se em medicna.

9. José Bueno Alvares de Azevedo Macedo.

10. Luiz Bueno Alvares de Azevedo Macedo.

11. Leopoldo Alvares de Azevedo Macedo.

12. D. Maria da Conceição de Azevedo Macedo.

13. Alvaro Alvares de Azevedo Macedo.

14. D. Clothilde, edade, um anno, n. em 1862 (2)

(1) Casada com Leger Palmer, engenheiro.
(2) Nasceram mais o n.º 15: Carlos e 16: Gastão, em 15-10-1868, que se casou com sua sobrinha D. Esther de Macedo Soares, filha do Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares.

3. D. Anna de Macedo Soares de Sousa, Viscondessa do Uruguay, casada com o Visconde do Uruguay, Dr. Paulino José Soares de Souza, Senador do Imperio, Ex-Ministro, Gran-Cruz de varias ordens nacionais e extrangeiras, autor de uma importante obra de Direito Administrativo, etc. Seus filhos são:

1. Doutor Paulino José Soares de Souza, Deputado Geral pela Provincia do Rio de Janeiro (2.º Districto), casado com D. Maria Amelia da Silva, filha do Commendador Joaquim José da Silva, fazendeiro em Cantagallo. Tem filhos;

2. Doutor João Alvares Soares de Souza, medico formado em Paris.

3. José Antonio Soares de Souza.

4. Antonio Paulino Soares de Souza, estudante do 3.º anno da Faculdade de Direito de S. Paulo.

5. Francisco Paulino.

6. Luiz Paulino.

7. D. Paulina.

4. D. Guilhermina de Macedo Lemos, casada com o Dr. Cyrino Antonio de Lemos, ex-Deputado Geral por Minas Geraes, filho legitimo do Barão do Rio Verde. Filhos são:

1. João Alvares de Azevedo Lemos, casado com D. Maria Benedicta.

2. Francisco Alvares de Azevedo Lemos.

5. D. Mariana de Macedo Alvares Soares de Souza, casada com o Desembargador Conselheiro Bernardo Belisario Soares de Souza, fallecido em 28 de Maio de 1861; e d'elle teve:

1. Doutor João Belisario Soares de Souza, casado com D. Anna Rachel de Castro Soares de Souza, filha do Commendador João Ribeiro de Castro e D.

2. Bernardo Belisario Soares de Souza, casado com D. Rachel Januaria de Castro Soares de Souza,

fallecida em 30 de Maio de 1861 e irmã legitima e inteira da precedente D. Anna Rachel.

3. Doutor Francisco Belisario Soares de Sousa, Deputado á Assembléia Provincial do Rio de Janeiro.

6. O Coronel João Alvares de Azevedo Macedo, Commendador da Rosa, casado com D. Maria Adelaide Teixeira, filha de

Filhos:

1. João Alvares, estudante.

2. D. Maria Adelaide.

3. D. Adelina.

7. Doutor Luiz Alvares de Azevedo Macedo, primeiro substituto de uma vara municipal na Côrte, Deputado Provincial, casado com D. Lucinda Corrêa viuva, com uma filha de nome D. Lucinda.

Filhos:

1. Alfredo.

2. D. Alice.

8. D. Francisca Paula de Azevedo Macedo Henriques, casada com Feliciano José Henriques, negociante da praça do Rio, natural de Minas Geraes.

9. D. Maria Isabel de Macedo Motta, casada com o Dr. Francisco Joaquim de Souza, Motta, Medico na Freguezia de S. Vicente de Paula, municipio de Araruama. Filhos:

1. João Alvares de Souza Motta.

2. Francisco Alvares de Souza Motta.

Descendencia do *Cap.-mór Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho* em segundas nupcias com *D. Maria Thereza de Sá Freire*.

1. Francisco de Macedo Freire, morreu solteiro, em 1855, no seu sitio de Tomacabo, em Araruama, hoje pertencente ao Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares, por cabeça de sua mulher D. Maria de Macedo Soares.

2. D. Anna Maria de Souza Pereira, casada em primeiras nupcias, com Alexandre Alvares de Azevedo Castro, de quem teve:

1. D. Anna Alvares dos Santos, casada com o seu primo Honorio Antonio dos Santos, de quem tem filhos.

2. D. Maria. Casou-se com João Bernardo Mergulhão Bandeira.

3. Luiz Alvares de Azevedo Castro, morreu com dezenove annos de edade.

4. Alexandre Alvares de Azevedo Castro.

5. D. Mariana Luiza de Macedo Coutinho, casada com Marcellino dos Sanctos de Azevedo Coutinho Jr., filho do Capitão Marcellino dos Sanctos de Azeredo Coutinho e D. Luiza Duque de Azeredo Coutinho e neto paterno de Antonio dos Sanctos Silva e D. Maria Antonia de Sá Freire, a fls. .., e em segundas nupcias com Luiz Antonio Ferreira Valente, de quem é viuva e tem os seguintes filhos:

6. D. Guilhermina Luiza de Macedo. Casou-se em 30 de Novembro de 1865, com Luiz Pereira Gomes, filho de Antonio Pereira dos Sanctos, casado com uma cunhada do finado Antonio Rodrigues do Couto.

3. O Major João Barbosa de Azeredo Coutinho, lavrador e capitalista, solteiro.

4. D. Maria de Macedo Freire, hoje de Macedo Soares, casada com o Dr. Joaquim Mariano de Azecedo Soares, natural de Maricá, a fls. .., de quem tem os seguintes filhos:

1. O Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares. Casou com D. Maria Paula de Azevedo Soores, em 21 de Janeiro de 1865.

2. O Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, Juiz Municipal e dos Orphãos de Saquarema e Araru-

nia, casado, aos 22 de Novembro de 1862, com D. Theodora Alvares de Azevedo Macedo Soares, a fls. ..., e della tem:

1. Oscar de Macedo Soares, n. 15 de Setembro de 1863 e baptizado em 15 de Janeiro de 1864.

2. D. Noemia de Macedo Soares, n. 22 de Novembro de 1864.

3. Francisco Americo de Macedo Soares, casado com D. Feliciana Duarte de Macedo Soares, filha de João Duarte dos Santos e D. Anna Angelica Victorina de Souza. Filhos: D. Paula, n. em 28 de Janeiro de 1864 e D. Abigail, n. em 16 de Abril de 1865.

4. João Augusto de Macedo Soares.

5. D. Maximiana Maria de Macedo Soares Casou em 21 de Outubro de 1865, com José Mariano Alves, filho do finado Jm. Mariano Alves e D. Maria Carolina de Azevedo Alves.

6. D. Maria da Gloria de Macedo Soares.

7. D. Joaquina Emilia de Macedo Soares.

8. D. Anna Augusta de Macedo Soares.

9. D. Mariana Luiza de Macedo Soares.

10. José Eduardo de Macedo Soares.

11. Brotero Frederico de Macedo Soares.

12. Adolpho Aprigio de Macedo Soares.

13. Manuel Theodoro de Macedo Soares.

ADITAMENTOS

Ascendencia do *Dr. Custodio Cotrim da Silva* e de *José Custodio Cotrim*, nomeados a fls

O Doutor Custodio Cotrim da Silva e José Custodio Cotrim, filhos do

1. Capitão José Custodio Cotrim da Silva, casado com D. ..... e filho do .....

2. Sargento-mór, depois, Major, José Cotrim da Silva, (1) natural da Freguezia de Nossa Senhora das Arêas, termo da villa dos Pias, comarca de Thomar, Reino de Portugal, casado com D. Maria Angelica Cotrim e filho de

3. Antonio Cotrim da Silva, casado com D. Izabel Ignacia de Jesus.

Filhos do *Sargento-Mór José Cotrim da Silva*:

1. O Capm. José Custodio, já mencionado.

2. Custodio José Cotrim da Silva, viuvo.

3. Antonio Cotrim da Silva.

4. D. Anna Angelica Cotrim, casada em primeiras nupcias com Melchior de Lemos Prado, de quem teve:

1. D. Maria Angelica Cotrim, casada com Miguel João Ferraz de Magalhães.

2. Belchior Prado da Silva Lemos. — ..... e em segundas nupcias, com Manuel José da Costa, de quem teve entre outros filhos:

1. José da Costa Cotrim, casado com D. Luciana Duque de Azeredo Coutinho, filha do Capitão Marcellino dos Santos de Azeredo Coutinho e de D. Luiza Duque dos Sanctos.

Filhos do *Capitão José Custodio Cotrim da Silva*.

1. Vicente Cardozo Cotrim.

2. José Custodio Cotrim da Silva, casado com D. Joaquina de Macedo Torres, filha do Visconde de Itaborahy.

(1) Este foi o 1.º plantador de café em ponto grande em Saquarema. Os outros que o imitaram foram João de Oliveira Castro Vianna, o Major Adeodato José Victorino da Silva e Manoel Gonçalves Rico Sobrinho — Vj. Carv.º, 31, pg. 153.

3. Dr. Custodio Cotrim da Silva, casado com D. Carlota de Macedo Torres, filha do Visconde de Itaborahy.

4. D. Catharina Luiza Cotrim, solteira.

5. D. Feliciana Luiza Cotrim, c. com Jorge Castrioto, s. g.

6. D. Delphina Luiza Cotrim, c. com Felicissimo Duarte dos Sanctos Silva, cav. da I. O. da Rosa, filho de José Duarte dos Santos e D. Anna, adiante. Têm uma filha, n. em 1876. (1).

7. Dr. Antonio Cardozo Cotrim da Silva, engenheiro, casou com D. Maria Rita Pereira, filha de Manoel Pinto Pereira e D. Maria, lavradores em Saquarema. Morreu deixando um filho de nome Antonio, e sua viuva passou a 2.as nupcias com o Dr. João Coelho Bastos, Juiz de Direito de Araruama, ex-chefe da Policia do Rio Grande do Sul e de Minas Geraes, etc., filho do Coronel João Coelho Bastos, que foi Deputado Geral pela Parahyba do Norte. Tem filhos.

Ascendencia de *D. Feliciana Duarte de Macedo Soares*, nomeada a fls.....

D. Feliciana Duarte de Macedo Soares, casada com Francisco Americo de Macedo Soares, filha do

1. Tenente João Duarte dos Santos, casado com D. Anna Angelica Victorina de Souza.

Avós paternos:

2. Alferes Francisco Duarte e Silva, casado com D. Maria Francisco dos Santos, (1) filha de João Francisco dos Santos e D. Anna dos Santos, fazendeiros de Itaborahy d'onde se mudarão para Matto Grosso (Saquarema).

(1) Delphina, irmã de Caridade; diretora do Colégio Sion, na Capital de S. Paulo.

(1) D. Maria Francisca dos Santos era da familia dos Castros de Itaborahy e Capivary, a saber: André de Castro, de Itab.; Felicissimo de Castro, de Capivary (Matto Grosso) e Bernardo de Castro, de Mattó alto (Araruama).

Avós maternos:

2. Major Adeodato José Victorino de Sousa, (2) grande cavalheiro, casado com D. Francisca Rosa de S. Antonio, (3), filha do Cap. Antonio Gonçalves Rico (4) e sua mulher D. Anna Vicencia.

Bisavós paternos:

Francisco Duarte e Silva, natural da Freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Rio Bonito, casado em primeiras nupcias com D. Maria Francisca dos Sanctos, e, em segundas (sem geração), com D. Maria Francisca D'Assumpção, era filha de

3. Manoel Duarte e Silva, casado com D Aurelia Maria de Paiva.

Descendencia do *Alferes Francisco Duarte e Silva:*

O Alferes Francisco Duarte e Silva, teve de D. Maria Francisca dos Sanctos, os filhos seguintes:

1. D. Maria Duarte, casada com Liberato José Ferreira, de quem tem uma filha casada com um F. Stock.

2. D. Joaquina Duarte, casada com Miguel Gonçalves da Costa Lima.

3. O Tenente João Duarte dos Sanctos, casado com D. Anna Angelica Victorino de Souza.

4. O Capm. Francisco Duarte dos Sanctos, casado com filha de João Nunes da Cruz Pombo, donde teve uma filha, que casou com o Dr. Thibau; em segundas nupcias com D. Maria, filha de D. Joaquina que segue, e duas sobrinhas.

---

(2) Filho do Coronel Felicissimo José Victorino de Sousa e D. Anna Angelica Victorino de Souza, elle é ella descendentes de uns padres de Maricá.

(3) D. Elizaria era mulher de Felicissimo José Victorino de Souza, filho do Major Adeodato.

(4) O Capitão Antonio Gonçalves Rico era irmão do Tenente Coronel Manuel Gonçalves Rico, ambos filhos de Francisco Gonçalves Rico, conhecido por Capa de rato.

Descendencia do *Tenente João Duarte dos Sanctos:*

O Tenente João Duarte dos Sanctos teve de D. Anna A. Victorina de Souza os filhos seguintes:

1. D. Francisca, n. 26 Janeiro 33.

2. Felicissimo Duarte dos Sanctos Silva, (1) c. com D. Delphina Cotrim.

3. Claudio Duarte dos Sanctos Silva, solteiro.

4. Epiphaneo Duarte dos Sanctos Silva, casado com D. Maria Soares de Azevedo, filha de Simeão Soares de Azevedo, declarado a fls. . . ; e d'ela tem: Filhos.

5. D. Januária, (2) c. com João Pedro de Lemos, negociante na Côrte.

6. D. Aurelia.

7. D. Joaquina Sergia.

8. D. Hypolita.

9. João Baptista, casado com D.

10. Julio Duarte dos Sanctos Silva, casou com D. Mariana, filha do Capm. Marcellino dos Santos de Azeredo Coutinho e D. Luiza Duque dos Santos.

11. D. Feliciana Duarte de Macedo Soares.

12. Euzebio Duarte de Paiva e Silva.

13. Luiz Duarte.

14. Pedro Duarte.

Descendencia de *Antonio dos Sanctos Silva* e *D. Maria Antonia de Sá Freire*, a fls

Antonio dos Sanctos Silva, casado com Maria Antonia de Sá Freire, teve os seguintes filhos:

(1) Nascido 8 Julho 1834, padrinhos de baptismo do Dr. Julião Rangel de Macedo Soares.
(2) n. 25 Dezembro 1835.

1. O Capitão Marcellino dos Sanctos de Azeredo Coutinho, (1) casado com D. Luiza Duque dos Sanctos, de quem tem:

1. Adeodato de Souza de Azeredo, casado.

2. D. Maria, casada com Manuel Alvares Pereira, filho do Capitão Philippe Alvares Pereira e D. Izabel, senhores que forão da fazenda de Paracatú, em Araruama.

Filho único:

3. Marcellino dos Sanctos, casado com D. Mariana Alvares, filha de D. Anna Maria de Sousa Pereira e Alexandre Alvares de Azevedo Castro, a fls.

Filho:

4. D. Luciana, casada com José da Costa Cotrim, a fls. .., de quem teve:

5. D. Leonor;

6. D. Anna;

7. D. Marinha, c. com Luiz Dias;

8. Leonor dos Santos;

9. José;

10. D. Mariana;

11. D. Luiza, c. com Julio Duarte;

2. D. Izabel, casada com Thomaz Karr de Bustamante.

3. D. Luiza, casada com José Alves dos Sanctos, de quem houve o seguinte:

Unico filho: Honorio Antonio dos Sanctos, casado com D. Antonia Alvares, filha de Alexandre Alvares de Azevedo Castro e D. Anna Maria de Souza Pereira, a fls. .., e d'ella tem os seguintes Filhos: 1.°

4. D. Maria Thereza de Sá Freire, casada com o Capitão-mór Dr. Francisco de Macedo Freire de

(1) + Julho 1880.

Azeredo Coutinho, de quem teve a descendencia declarada de fls. a fls.

5. D. Clara.

Ascendencia dos *Macedos* (*Azevedo Macedo e Macedo Soares*):

1. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, doutor formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Capitão-Mór de Cabo Frio e Senhor das Fazendas (1) da Tiririca em Saquarema, foi casado duas vezes: a 1.ª com D. Maria Isabel da Visitação Ferreira da familia dos Duque Estrada; e a 2.ª com sua prima D. Maria Thereza de Sá Freire. Teve das 1.as nupcias D. Maria de Macedo Freire, filha unica, que casou com seu primo João Alvares de Azevedo: d'ahi provém o appellido de Azevedo Macedo. Do segundo casamento teve, entre outros filhos, D. Maria de Macedo, que cazou com o Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares; d'onde provém o appellido de Macedo Soares. O Capitão-Mór Francisco de Macedo Freire descendia em linha reta dos Paes Ferreiras que ajudaram a Salvador Corrêa de Sá e Benevides na fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro; o que lê-se na "Revista Trimensal do Instituto Histórico", vol. .. anno de ..... Era filho do Mestre de Campo.

2. João Barboza de Sá Freire, (2) nascido em 1716, casado com D. Anna Maria de Souza Pereira, nascida em 5 de Maio de 1728. O Mestre de Campo João Barboza era filho do Capitão

3. Francisco Paes Ferreira, Senhor do engenho de Guaratiba, casado com D. Brites, alibi, Beatriz de Sá Souto-Mayor Freire. D. Anna Maria de Souza Pereira era filha de

3. Antonio Ferrão Castello Branco Travassos, casado com D. Andreza de Souza Pereira, nal. e bapt. na freg. de Tambi.

O Capitão Francisco Paes Ferreira, era filho de

(1) de S. Anna e Engenho de Fóra em , e de
(2) Vide pag. 172.

4. Francisco Paes Ferreira, nascido em 14 de Novembro de 1646, natural de S. João de Merety e bapt. na freg. da Sé, casado com D. Maria de Macedo Freire Sobral, *alibi Soveral*, n. em Irajá, em 28 de Julho de 1646 e bapt. na freguezia da Sé (Corte).

D. Brites de Sá Souto-Mayor era filha do Coronel

4. Francisco de Macedo Freire, casado com D. Barbara Viegas de Azeredo (*alibi*, de Macedo Viegas). Seus filhos D. Anna e Antonio de Sá Freire, casaram-se na familia de D. Helena da Cruz Freire de Lemos, mulher de Francisco Antunes Leão de Sá, quartos netos de Henrique Duque Estrada, casado com D. Theodosia da Rosa e Aguiar.

Antonio Ferrão de Castello Branco Travassos era filho de

4. Calixto Ferrão de Castello Branco, natural da Villa de Almada, ao pé de Lisbôa, em Portugal, casado com D. Antonia Josepha Travassos.

D. Andreza de Sousa Pereira era filha do Coronel

4. João Gomes da Sylva Pereira, Coronel de Infantaria do Rio de Janeiro, Moço Fidalgo da Casa Real, casado com D. Andreza de Souza.

Francisco Paes Ferreira, o velho, era filho de

5. Domingos Paes Ferreira, casado com D. Ignez de Almeida, naturaes de Lisboa.

D. Maria de Macedo Freire Sobral era filha de

5. Lucas do Couto, o velho, casado com D. Mariana Soberal (ou Sobral).

O Coronel Francisco de Macedo Freire era filho de João Barbosa de Sá Souto-Mayor, casado com D. Joanna de Sobral Freire.

D. Barbara Viegas de Azeredo era filha de

5. Lucas do Couto, o moço, e de sua mulher D. Isabel Coutinho.

Calixto Ferrão de Castello Branco era filho de

5. José Ferrão, casado com D. Francisca Travassos.

D. Antonia Travassos não consta de quem era filha, sinão que o era legitima. Supponho que sua Mãe era irmã de D. Francisca Travassos, mulher de José Ferrão.

O Coronel João Gomes da Silva Pereira, era filho do Coronel

5. Francisco Sudré Pereira, Coronel de um Regimento pago do Rio de Janeiro e Moco Fidalgo da Casa Real, casado com D. Catharina da Silva Sandoval (alibi D. Catharina Pereira de Marins Sandoval).

D. Andreza de Souza era filha do Coronel

5. Ignacio de Oliveira Vargas, casado com D. Maria de Abreu de Souto-Mayor (alibi de Abreu Rangel). Tiveram mais um filho de nome José da Fonseca Rangel que casou na famila Sandoval, onde teve uma filha de nome D. Maria Antonia de Abreu Rangel Sandoval, casada com Paulo da Matta Duque Estrada, setimo filho do Sargento-Mór Ambrosio Dias Raposo, e de sua mulher D. Anna Josepha da Cruz Duque Estrada.

Domingos Paes Ferreira (1) era filho de

6. Francisco Paes Ferreira, natural de Evora, casado com D. Maria da Rocha, natural de

D. Ignez de Almeida era filha de

6. Antonio de Marins Coutinho, casado com D. Isabel, a velha.

Lucas do Couto, o velho, era filho de

6. Manuel do Couto, casado com D. Domingas da Costa.

D. Mariana de Soveral era filha de

6. Antonio de Macedo Viegas, casado com uma Senhora da familia Soveral. (2)

(1) Vide pags. 171/2.
(2) Vide pags. 171.

João Barboza de Sá Souto-Mayor era filho de

6. Manoel Barbosa Pinto, natural de Vianna, em Portugal, e de sua segunda mulher D. Philippa de Sá Souto-Mayor. Sua primeira esposa foi D. Brites Rangel, filha do Commendador Diogo de Sá da Rocha, natural de Vianna, casado com D. Brites Rangel, filha de Antonio de Macedo Rangel, alibi Rongel, de Mariz Rongel. (1)

D. Joanna de Sobral Freyre era filha de

6. Francisco de Macedo Freyre, natural de Beja, Sargento-Mór de Infantaria, casado com D. Joanna de Soveral Atouguia.

O Alferes Lucas do Couto era filho de

6. Lucas do Couto, o velho, casado com D. Mariana de Soveral.

De D. Izabel Coutinho, nada se sabe.

José Ferrão era filho de

6. Antonio Esteves Ferrão, casado com D. Ignez Antunes da Costa.

D. Francisca Travassos, era filha de

6. Bernardo Rodrigues Martins, casado com D. Violante Travassos, sobrinha de D. João 1.°, Patriarcha da Ethiopia. Moravam na rua dos Mudos, freg. de S. Nicolau, em

O Coronel Francisco Sudré Pereira, era filho de

6. Duarte Sudré Pereira, Senhor do Morgado de Aguas Bellas em Portugal, casado em 1.as nupcias com D. Guiomar Ramires, de quem houve aquelle filho; e em segundas nupcias com D. Dyonisia Lopes de Sande, filha de Fernão Lopes de Sande. (1).

D. Catharina da Silva Sandoval, era filha do

6. Doutor João Gomes da Silva, Capitão de Infantaria e das fortalezas de S. Antonio na Bahia e

(1) Vide pg. 191.

de S. João no Rio de Janeiro, Provedor da Fazenda Real e Juiz de Orphãos do Rio de Janeiro, casado com D. Maria de Mariz. (2)

O Coronel Ignacio de Oliveira Vargas era filho de (3)

6. Francisco de Oliveira Vargas e de sua mulher D. Andreza de Souza.

D. Maria de Abreu de Souto-Mayor era filha do Doutor

6. Francisco da Fonseca Diniz, casado com D. Isabel Rongel de Macedo, de quem teve mais dous filhos: 1.º Balthazar de Abreu Cardozo, casado com D. Isabel Pereira Sudré, filha de Francisco Sudré Pereira e de D. Catharina da Silva Sandoval; 2.º D. Brites Rongel de Macedo, casada com Sebastião Martins Coutinho, o velho, Senhor do Engenho de Guaxindiba e descendente de Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo portuguez de boa casa, 1.º Donatario da Capitania do Espirito Sancto (1525). Um filho de Balthazar, de nome de João de Abreu Pereira Sudré, casou-se em 2.as nupcias com D. Escholastica Pacheco, de quem houve D. Paula Rongel Abreu, que veiu a casar com João Freire de Azeredo Coutinho, filho de Pedro Freire Ribeiro Duque Estrada e de sua 2.ª mulher e prima D. Maria de Azeredo Coutinho.

O Doutor Francisco Paes Ferreira, era filho de

7. Pedro Lopes de Souza Bacoso (ou Barroso?), natural de Evora, casado com D. Philippa Ferreira Peckim. Tirou brazão em 1643.

D. Maria da Rocha era filha de

7. Bento da Rocha Gondim, natural de Lisboa

De Antonio de Marins Coutinho, D. Izabel a velha e Manuel do Couto nada consta.

D. Domingas da Costa era filha de

7. Thomé Rodrigues, casado com D. Paula Rodrigues.

(2) Vide pg. 191.
(3) Vide pg. 171.

De Antonio de Macedo Viegas, Manuel Barbosa Pinto e sua mulher, e Francisco de Macedo Freyre não consta de quem fossem filhos.

D. Joanna de Soveral Atouguia era filha de

7. Antonio de Macedo Viegas.

Lucas do Couto, o velho, era filho de

7. Manuel do Couto com D. Domingas da Costa, já nomeados.

D. Mariana de Soveral era filha de

7. Antonio de Macedo Viegas, supra.

Francisco de Oliveira Vargas nada consta dos paes. O mesmo a respeito de Bernardo Rodrigues Martins, Antonio Esteves Ferrão e suas respectivas mulheres, e quanto ao Dr. João Gomes da Sylva.

D. Maria de Mariz, mulher do Dr. João Gomes, era filha de

7. Diogo de Mariz Lamenha, digo, de Mariz Loureiro, Provedor da Fazenda Real no Rio de Janeiro, casado com D. Paula Rongel de Macedo.

De Duarte Sudré Pereira, não se sabe dos paes. O mesmo quanto aos de sua primeira mulher D. Guiomar Ramires.

O Dr. Francisco da Fonseca Diniz era filho do

7. Doutor Jorge Fernandes da Fonseca, (1) casado com D. Brites da Costa Homem.

D. Izabel Rongel de Macedo era filha de

7. Balthazar de Abreu de Souto-Mayor, casado com D. Isabel Rongel de Macedo, irmã de D. Paula, mulher de Diogo de Mariz.

D. Andreza de Sousa, mulher de Francisco de Oliveira Vargas, era filha de

7. Jeronymo de Souza de Brito, casado com D. Barbara Coutinho.

(1) Vide pg. 173.

Diogo de Marins Loureiro era filho de

8. Antonio de Mariz (*alibi* Marins) Coutinho, casado com D. Izabel, a velha, supra, pg. 3.

D. Paula e D. Izabel Rongel de Macedo, eram filhas do

8. Capitão Julião Rongel de Macedo (1583), casado com D. Beatriz (*alibi* D. Brites) Sardinha.

D. Brites da Costa Homem era filha de

8. Aleixo Manuel, o velho, casado com D. Francisca da Costa Homem.

D. Beatriz Sardinha era filha de

9. João Gomes Sardinha, da familia dos Sardinhas de Setubal.

10. João Gomes Sardinha era filho de Damião Dias Rongel.

11. Damião Dias Rongel, (2) filho de D. Diogo Dias Rongel, Commendador de Cete e Villela.

12. D. Diogo Dias Rongel, filho de D. Pedro Alvres Rongel, Senhor da Casa e Quinta do Rongel, juncto a cidade de Coimbra, onde está o solar dos Rongeis, — e de sua mulher D. Ignez Alvres Sanches de Macedo, em cujos descendentes se uniram os appellidos de Rongeis e Macedos. Entre elles conta-se Calixto Rongel Pereira de Sá, que foi morador em Coimbra e cuja ascendencia se acha na "Corographia Portugueza", tomo 3, pgs. 653 e 654. (1)

Mestre de Campo João Alvares de Azevedo
D. Maria de Macedo Freire de Azevedo

Coronel Commendador Francisco Alvares de Azevedo Macedo.

D. Theodora da Silveira Bueno Alvares de Azevedo

---

(2) Vide pg. 171.
(1) Vide pg. 171.

O Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares é filho do

1. Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares e de D. Maria de Macedo Soares.

2. O Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares, filho do Alferes Antonio Joaquim Soares e de D. Maria Antonia Reginalda. (1)

2. D. Maria de Macedo Soares, filha do Cap. Mór Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho e de D. Maria Thereza de Sá Freire.

3. O Alferes Antonio Joaquim Soares, filho de Simeão Soares de Azevedo e de D. Izabel Maria Caetana Antunes.

3. D. Maria Antonia Reginalda, filha de D. Joaquina Francisca de Alvarenga.

3. D. Maria Thereza de Sá Freire filha de Antonio dos Sanctos Silva, natural e baptisada em Saquarema, e de D. Maria Antonia de Sá Freire, idem.

4. D. Izabel Maria Caetana Antunes, filha do Dr. José da Silva e de D. Joanna Gomes Antunes.

4. D. Joaquina Francisca de Alvarenga, filha de José da Costa e de D. Antonia Maria Antunes.

4. Antonio dos Sanctos Silva, filho de Sancho Manuel da Silva e de D. Joanna Coutinho de Bragança.

4. D. Maria Antonia de Sá Freire, filha do Coronel Luiz José de Sá Freire e D. Maria Thereza Rangel de Sá Freire.

5. D. Joanna Gomes Antunes, filha de D. Aurelia Antunes, casada não se nomêa com quem.

5. D. Antonia Maria Antunes, filha da mesma D. Aurelia Antunes.

5. Sancho Manuel da Silva, filho do Cap. José da Silva Motta e de D. Izabel Antunes da Motta.

5. D. Joanna Coutinho de Bragança, filha de João Coutinho de Bragança, bastardo da Casa de Bragança.

---

(1) Vide pg. 178.

5. O Coronel Luiz José de Sá Freire, nascido em 1732, filho do Coronel João Barbosa de Sá e D. Clara de Souza Pereira. (1)

5. D. Maria Thereza Rangel de Sá Freire, filha do Tenente Luiz Barbosa de Sá Freire e de D. Maria Rangel de Azeredo Coutinho.

D'este casal ficaram os filhos seguintes:

1. João Barbosa de Sá; foi o inventariante de sua mãe: n. em 1724;

2. O Rdo. Francisco de Sá, padre da Companhia; n. em ? (°)

3. Ayres Barbosa de Macedo; n. em 1731.

4. Coronel Luiz José de Sá Freire; n. em 1732.

5. João Freire (de Sá?) n. em Janeiro de 1735 (°). Este foi o Cap. João Freire de Sá Barboza, 1° marido de D. Maria Izabel da Visitação Ferreira.

6. O Capitão José da Silva Motta, filho de Francisco de Araujo.

6. O Coronel João Barbosa de Sá, filho de João Barbosa de Sá Souto-Mayor e de D. Joanna de Soveral Freire.

6. D. Clara de Souza Pereira, filha do Coronel João Gomes da Sylva Pereira e de D. Andreza de Souza.

6. O Tenente Luiz Barbosa de Sá Freire, filho de Pedro Barbosa Maximo de Sá e Soberal.

D. Theodora Alvares de Azevedo de Macedo Soares, casada com o Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, é filha do

1. Coronel Francisco Alvares de Azevedo Macedo, Commendador da Ordem da Rosa, e de sua mulher D. Theodora da Silveira Bueno de Azevedo Macedo, (familia dos Buenos da Provincia de Minas Geraes).

(1) Vide pg. 172. Falecida em 1747.

2. O Coronel Francisco Alvares de Azevedo Macedo, filho do Mestre de Campo João Alvares de Azevedo e de D. Maria de Macedo Freire de Azevedo.

3. O Mestre de Campo João Alvares de Azevedo, filho do Mestre de Campo Alexandre Alvares Duarte de Azevedo, e de D. Anna Maria Joaquina da Cruz Duque-Estrada.

3. D. Maria de Macedo Freire de Azevedo, filha do Capitão-Mór Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, e D. Maria Izabel da Visitação Ferreira.

4. O Mestre de Campo Alexandre Alvares Duarte de Azevedo, natural de Portugal.

4. D. Anna Maria Joaquina da Cruz Duque-Estrada, filha do Sargento-Mór Ambrosio Dias Raposo e de D. Anna Josepha da Cruz Duque Estrada.

4. O Capitão-Mór Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho (Veja os appellidos de Azevedo Macedo e Macedo Soares).

4. D. Maria Izabel da Visitação Ferreira, filha do Mestre de Campo Miguel Antunes Ferreira, e de D. Thereza Francisca da Cruz Duque Estrada.

5. O Sargento-Mór Ambrosio Dias Raposo, natural de Portugal.

5. D. Anna Josepha da Cruz Duque Estrada, filha de Pedro Freire Ribeiro Duque-Estrada, e de D. Helena da Cruz e Lemos.

5. O Mestre de Campo Miguel Antunes Ferreira, filho do Capitão Manuel Antunes Ferreira e de D. Catharina de Lemos Duque Estrada.

5. D. Thereza Francisca da Cruz Duque Estrada, filha do Sargento-Mór Ambrosio Dias Raposo e de D. Anna Josepha da Cruz Duque Estrada, acima nomeada.

6. Pedro Freire Ribeiro Duque-Estrada, filho de Pedro Freire Ribeiro e de D. Anna Duque Estrada.

6. D. Helena da Cruz e Lemos, filha de Paulo da Matta e de D. Jeronyma de Lemos.

6. O Capm. Manuel Antunes Ferreira, cidadão do Rio de Janeiro.

6. D. Catharina de Lemos Duque Estrada, filha de Pedro Freire Ribeiro Duque Estrada e de D. Helena da Cruz e Lemos.

7. Pedro Freire Ribeiro, filho de Francisco Freire Ribeiro e de D. Catharina de Freitas.

7. D. Anna Duque Estrada, filha de Henrique Duque Estrada e de D. Theodosia da Rosa e Aguiar.

7. Paulo da Matta, filho de Antonio Fernandes da Matta e de D. Izabel da Costa.

8. D. Catharina de Freitas, filha de João Sardinha e de D. Luiza Gomes de Barros.

8. Henrique Duque Estrada, filho de João Duque Estrada e de D. Anna de Parady.

8. D. Theodosia da Rosa e Aguiar, filha do Capitão-Mór Nuno Fernandes de Aguiar e de D. Magdalena da Rosa.

9. D. Anna de Parady, filha do Dezembargador Henrique Pires de Souza e de D. Maria Rosa de Souza.

D. Theodora Alvares de Azevedo Macedo Soares, nasceu aos 29 de Abril de 1846, na fazenda de Itapacorá, municipio de Itaborahy. Foi baptizada pelo Padre Pedro de Mello Alcanforado, 3 de Junho de 1849, na mesma fazenda, sendo madrinha N. S. de Nazareth e padrinho o Delegado de Policia Antonio José Ferreira da Silva. Cazou-se com o Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, aos 22 de Novembro de 1862, (celebrante o Padre Alcanforado).

O Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares nasceu aos 14 de Janeiro de 1838, na fazenda do Bananal, Municipio de Maricá. Foi baptizado no mesmo lugar e anno, sendo padrinhos o Commendador Antonio Joaquim Soares Ribeiro e D. Generosa Rosa de Azevedo Soares, aquelle primo-segundo e esta tia paterna do baptizado. Formou-se em Direito pela Faculdade de S. Paulo, aos 22 de Novembro de 1861. Foi nomeado Inspector da Instrução Publica e Particular da Comarca de Rio Bonito, aos 6 de Março de 1862. Cazou-se com D. Theodora Alvares de Azevedo Macedo (hoje, de Macedo Soares), aos 22 de Novembro de 1862. Foi nomeado Juiz Municipal e de orphãos dos termos reunidos de Saquarema e Araruama, em 6 de Dezembro de 1862. Eleito eleitor nas eleições de 9 de Agosto de 1863, em Araruama.

Geração dos Paes Leme

1. O Sargento-Mór, Mestre de Campo, Fernando José de Mascarenhas Castello Branco, casado com D. Anna de Sá Sodré Castello Branco, baptizada em 3 de Novembro de 1744, irmã do Cap. Mór Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, era filho de

2. Tenente Coronel João de Mascarenhas Castello Branco, governador da Ilha das Cobras, e de D. Anna Theodora Ramos de Mascarenhas.

3. O Tenente Coronel João de Mascarenhas Castello Branco, filho de Gonçalo de Lemos Mascarenhas, natural da Bahia, Governador de Angola, casado com D. Francisca Lins de Castello Branco, nascida em 30 de Janeiro de 1667.

3. D. Anna Theodora Ramos de Mascarenhas, filha de Gonçalo da Costa Ramos e de D. Sebastiana de Mascarenhas e Siqueira.

Foi com uma filha (?) do Sargento-Mór Fernando de Mascarenhas, de nome Mariana Coutinho, digo, Carolina de Souza Coutinho, que se cazou com o Marquez de S. João Marcos, Pedro Dias Paes Leme. D'este consorcio provierão os seguintes filhos:

1. José Alves Paes Leme.

2. Fernando Dias Paes Leme. Veador da Casa Imperial, casado com D. Maria Florencia Gordilho de Barbuda e Souza, filha da (?) Marqueza de Jacarépaguá.

3. Luiz Leme Betim, casado com D. Maxima Emilia Navarro de Andrade, filha do Dr. Sebastião Navarro de Andrade com sua mulher D. Maria Adelaide Pinto Navarro. Luiz Leme cazou-se no dia 21 de Maio de 1846 2.º dos Casamentos da Parochia de Sta. Anna.

4. Ignacio Dias Paes Leme.

5. Fernão Paes Leme.

6. D. Anna Rita Ricardina Paes Leme.

7. D. Balbina Paes Leme.

8. D. Mariana Perpetua Paes Leme.

Os Marquezes de Itanhaem e Quixeramobim tambem entraram na familia do dicto Sargento-Mór Fernando José de Mascarenhas Castello Branco. O Marquez de Quixeramobim foi casado com D. Francisca de Paula Mascarenhas Paes Leme. José Egygdio Gordilho de Barlenda, 2.º Visconde de Camamui tambem é parente.

NOTAS:

(1) — Segundo os Pp. dos Sodrés, era f.º da 1.ª mulher. Br. H. pag. 167; Rev. do Inst. 29, p. 2, pg. 279, de 1866.

(2) — R. Inst. Hist., 1843, 426. Fidalgo da Casa Real (1665 ou 1585?). Lucrecia Viegas, f.ª do Licenciado Francisco Viegas e sua mulher D. Joanna de Soveral. (1) De Antonio Esteves Ferrão e sua mulher e Bernardo Rodrigues Martins e sua mulher, nada se sabe...

(3) — Carv.º, 3.ª pag. 149. (4) Carv.º, 3.º, pag. 186.

(1) De A. de M. Viegas..... Maria Viegas... m'... de Abreu. — foi o que pude apanhar de uma pg. inutilisada pelas traças.

(5) — Ve. a "Revista do Inst. Hist.º tom. 33, p. 2, pag. 66.

(6) — Damião Dias Rongel, supponho que casado na familia dos Sardinhas de Setubal, da qual seu filho João Gomes tomou o appellido Sardinha. D'esta familia de Sardinhas foi D. Pedro Fernandes Sardinha despachado para a India para Vigario Geral e depois primeiro Bispo do Brazil (15..) onde morreu ás mãos dos selvagens. (Simão de Vasc. liv. 1.º, n. 37, liv. 14 nn. 14 e seg.

(7) — Ahi na "Corographia" talvez se achem dados para supprir as muitas lacunas e alguns erros de appellidos e de datas desta genealogia. Tomo 2.º pags. 45 e segs. da 2.ª edição (1869). Bibl. II, III. *Cartas Primeiras.* Diogo V. Macedo. Antonio Ferrão de Castello Branco em Mello Moraes, Braz. Hist. III, 54.

Filhos do *Coronel João Barbosa de Sá Freyre* e *D Anna Maria de Souza Pereira* (1)

1. D. Anna de Sá Sodré Castello Branco, c. com o Mestre de Campo Fernando José de Mascarenhas Castello Branco.

2. Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, n. em 1747.

3. João Barbosa de Sá Freire, n. em 1749.

4. Antonio Barbosa de Sá, n. 1750.

5. D. Anna Maria de Souza Pereira, n. 1751.

6. D. Brites de Sá Souto Mayor, n. 175.

7. D. Francisca de Sá Freyre, 1754.

8. Joaquim José de Sá Freyre, 1758.

9. Mel. Paes Ferreira, 1761.

10. D. Barbara Viegas de Azdo. Coitinho, 1762.

11. José Ferrão de Castello Branco, 1763.

12 Bento Barbosa Freyre, 1764.

13. D. Escholastica de Sá Freyre, 1765.

14. D. Mariana, 1769.

---

(1) Nascido em 1724. (2) Extraido do formal de part. em meu poder do herd.º João Barbosa de Sá. Campo Largo (Paraná), 30 de Janeiro de 1875.

(1) Domingos Paes Ferreira fundou na serra de Piba Grande, a capella de N. S. do Desterro, dependente da matriz da freguezia de Itaipú (173..). Ha erro typographico em Milliet de S. Adolphe, vb. Piba Grande, onde se lê Domingos Paes Ferreira.

(1) D. Maria Antonia Reginalda, fundou na sua fazenda do "Bananal", em Maricá, uma capella sob a invocação de N. S. da Conceição, completa de paramentos e alfaias e com licença do Bispo D..... para nélla se celebrarem os actos religiosos, o que se tem feito com applauso dos povos vizinhos, distantes da villa e séde da freguezia duas ou tres leguas.

(1) Jorge Fernandes da Fonseca, Cap. Mór de S. Vicente em 1660, com a autorização do governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides.

(1) Extr. do formal de part. do Dr. Francisco de Mendonça, em meu poder. Campo Largo, 1875, Jan.º, 30.

NOBILIARQUIA FLUMINENSE

PARTE III

OS
SOARES E MACEDOS
DA
PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO

NOBILIARQUIA FLUMINENSE

PARTE III

DESCENDENCIA

dos

SOARES E MACEDOS

da

PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO

TRONCO DOS MACEDOS

JULIÃO RANGEL DE MACEDO

casado com D. Brites Sardinha,

que aqui veio ao Rio de Janeiro, como juiz de orfãos nos fins do seculo 16.°, e, em 1583, ficou substituindo á Salvador Corrêa de Sá, no governo geral e a quem muito ajudou na fundação da mesma cidade.

Vj. — Padre Carvalho, tomo 3, pag. 453.

TRONCO DOS SOARES

SIMEÃO SOARES DE AZEVEDO

casado com D. Isabel Maria Caetana Antunes, que, em companhia do seu primo, o sargento-mór, depois mestre de campo, Alexandre Alvares Duarte de Azevedo, viéra para o Brasil, pelos meiados do seculo XVIII, e se estabelecera em Itaborahy, com o engenho e fazenda de Tapacurá.

CAPITULO I

Descendência de Antonio Antunes e D. Aurelia Antunes

1. — D. Joanna Gomes Antunes, casada com o Doutor José da Sylva Gomes, Medico Portuguez.

2. — D. Antonia Maria Antunes, casada com José da Costa Ferreira (Alvarenga), portuguez.

CAPITULO II

Descendência do Dr. José da Sylva Gomes e D. Joanna Gomes Antunes

1. — D. Isabel Maria Caetana Antunes, casada com Simeão Soares de Azevedo, natural de Portugal, senhor de engenho em Tapacorá (Itaborahy).

2. — D. Maria Gertrudes Antunes, casada com João Pacheco de Rezende, filho de Antonio Pacheco de Rezende e D. Perpetua Alves de Rezende.

3. — D. Anna Josepha Antunes, casada com Manuel Custodio Pacheco de Rezende.

4. — D. Maria Antonia Antunes, casada com José Coelho.

5. — D. Joanna Emmerenciana, casada com ...., com filhos.

6. — D. Anna Marianna, (Priminha), solteira, faleceu com cem anos de edade, na Fazenda "Bananal", em Ponta Negra, Maricá.

NOTAS

Antonio Pacheco e D. Perpetua, mencionados no n. 2 retro, tiveram 4 filhos: João

Pacheco, *ibidem;* José Alves Pacheco, *infra* Cap. n. II; Antonio Pacheco, que casou com D. Brigida Michaela de Barros e Madureira; Pedro Pacheco de Rezende (capitão), casado com D. Ricarda, cuja geração daremos adeante.

CAPITULO III

Descendência de José da Costa Ferreira (Alvarenga) e D. Antonia Maria Antunes

1. — Antonio José da Costa, casado com D. Joanna Maria Ferreira, filha de ..... e D. Marianna Ferreira.

2. —Manuel José da Costa, casado com D. Anna Maria Corrêa, filha de Pedro José Corrêa e D. Maria Antonia do Sacramento.

3. — D. Joaquina Francisca de Alvarenga: teve uma filha — D. Maria Antonia Reginalda, casada com o Alferes Antonio Joaquim Soares.

CAPITULO IV

Descendência de Simeão Soares de Azevedo e D. Isabel Maria Caetana Antunes

1. — Padre José Soares de Azevedo, senhor do engenho do Pilar — (Maricá).

2. — Padre Joaquim Soares de Azevedo, homem de lettras e virtudes.

3. — D. Francisca Paula Antunes do Amor Divino, casada com João Damasceno Chaves.

4. — Capitão Francisco de Paula Antunes, casado com D. Maria Paula do Nascimento, filha de José Vieira Rangel e D. Maria Feliciana Ferreira.

5. — D. Antonia Maria Joaquina, casada com o tenente João Pacheco Ferreira, filho legitimo de Matheus Ferreira.

6. — D. Joanna Francisca, casada em primeiras nupcias com ..... e em segundas com Joaquim José da Silva.

7. — D. Joaquina Custodia Lopes, casada com João Lopes Ferreira.

8. — D. Rita Angelica de Jesus, solteira. Teve tres filhos que legitimou.

9. — Manoel Soares de Azevedo, casado com D. Maria Joaquina.

10. — D. Maria Catharina, casada com Fernando Henriques dos Santos, filho legitimo de Manoel Henriques dos Santos, português; e passou a assignar-se Maria Joaquina da Conceição.

11. — D. Marianna Bernarda de Jesus, casada com José Alves Pacheco, filho de Antonio Pacheco de Rezende e D. Perpetua Alves de Rezende.

12. — Alferes do Caes Antonio Joaquim Soares, senhor da fazenda do Bananal (Maricá), casou com D. Maria Antonia Reginalda, filha de Joaquina Francisca de Alvarenga. D. Maria Antonia Reginalda faleceu em 4 de Janeiro de 1873. Nascera em 1787.

NOTAS

O Padre José Soares de Azevedo teve dois filhos:

1. — O Capitão Antonio Joaquim Soares Ribeiro, Oficial e depois Comendador da Imperial Ordem da Rosa, Senhor da fazenda do Pilar (Maricá), casado com D. Feliciana de Mattos, filha do tenente José Innocencio, da qual teve tres filhos:

1 — D. Firmina, morreu solteira, 2 — José Antonio Soares Ribeiro, casado com

casado com D. Carolina Torres, sua prima-irmã, filha do Commendador Candido José Rodrigues Torres e D. Restituta Soares. D. Carolina Torres faleceu em Paris, deixando uma filha de nome Evelina, que veio a ser a esposa do distinto diplomata, orador e escritor Joaquim Nabuco, o leader dos abolicionistas no Brasil; em 2as. nupcias, com D. Amelia Drumond, afilhada da princeza D. Izabel. — 3.º — D. Guilhermina Soares Ribeiro Taques casada com o Conselheiro Benevenuto Augusto da Magalhães Taques, deputado geral pela provincia da Bahia, ministro dos negocios extrangeiros, presidente da provincia do Rio de Janeiro, advogado do Conselho d' Estado. Tem duas filhas: 1ª — D. Beatriz. — 2.ª — D. Maria Augusta, +, solteira.

II. — D. Restituta Soares Ribeiro Torres, casada com o Comendador Candido José Rodrigues Torres, de quem tem muitos filhos, entre os quaes D. Maria Candida, casada com Honorio Hermeto Carneiro Leão, filho legitimo do Marquez do Paraná. e Candido José Rodrigues Torres Filho, estudante do quinto anno da Faculdade de S. Paulo; formado em 1862, casou-se em Novembro de 1864 com D. Anna Teixeira Leite Rodrigues Torres. —

D. Rita Angelica, supra n. 8. legitimou tres filhos naturaes:

1. — O Capitão Francisco de Paula Antunes, oficial da I. O. da Rosa, casou com D. Maria, filha de Fortunato José Antunes.

Comendador Antonio Joaquim Soares Ribeiro

Foi homem importante no municipio de Itaborahy, senhor do engenho de Cassorotiba, pequena; capitão da 2.ª companhia de 2.º batalhão d' Infantaria de reserva da provincia; ocupou varios cargos de eleição popular e de nomeação do governo, e faleceu em 1870, em Niteroi, para onde se havia mudado havia a pouco.

2. — Joaquim José Antunes, casado com D. Anna.

3. - Anna de tal.

CAPITULO V

Descendência de João Pacheco de Rezende e D. Maria Gertrudes

1. — Antonio Pacheco de Rezende, casado em primeiras nupcias com D. Cecilia de Rezende, e deles provem:

1. — D. Maria Pacheco de Rezende, casada com Frutuoso Ferreira; e aquele em segundas nupcias, com D. Luiza Narciza Alves, filha legitima de José Alves, Ilhéo e deles provem:

2. — D. Genuina de Rezende, casada com Belmiro José Alves, seu tio materno, e dele tem filhos.

3. — D. Maria Custodia de Rezende, casada, em primeiras nupcias com Philippe José Alves, seu tio materno; e em segundas, com Antonio José Alves de Sá, filho de José Bento de Sá e sua mulher D. Florentina Alves, irmã da dita D. Luiza Narciza. Ha filhos de ambos os matrimonios.

NOTA

José Alves teve, alem de D. Luiza Nar-

ciza, os seguintes filhos:

1. — Belmiro José Alves casado com D. Genuina, sua sobrinha;

2. — Capitão Philippe José Alves, casado com D. Maria Custodia, sua sobrinha;
3. — D. Florentina, casada com o tenente José Bento de Sá.

CAPITULO VI

Descendência de Manoel Custodio Pacheco de Rezende e D. Anna Josepha Antunes.

1. — José Custodio de Resende, casado com D. Maria Cordeiro de Rezende, filha de Capitão Pedro Pacheco de Rezende e D. Ricarda. (Cap. II) —

2. — João Manoel Custodio de Rezende, solteiro. Deixou filhos naturaes, que não legitimou.

3. — Claudio Manoel Custodio, casado com D. Maria Joaquina de S. Anna, filha de Octavio de Marins e D. Francisca de Marins; s. g.

4. — Roberto Manoel de Rezende, casado com D. Maria Luiza do Amor Divino, filha de Antonio Cardoso da Silva (da familia Cardoso, de Bôa Esperança e Rio Bonito) e D. Joanna Maria de Jesus.

5. — D. Maria Custodia de S. José, casada com Antonio Gomes Valente.

6. — D. Gertrudes Maria Custodia, casada com Francisco Pereira da Costa Vieira, (1) natural da ilha do Pico, batisado na Freguesia de S. Antonio da dita ilha, falecido (2) em sua fasenda "Aurora", em Araruama, filho de Antonio Pereira da Costa Dias e D. Agueda Thereza Vieira.

NOTAS

1. D. Gertrudes Maria Custodia e seu marido Francisco Pereira da Costa Vieira: 1 — filha — D. Maria Custodia Vieira Ribeiro. casada com José Pinto Ribeiro, pais de D.

Dr. Joaquim José Rodrigues Torres. Visconde de Itaboraby — 1870

D. Maria de Macedo Alvares de Azevedo Torres, Viscondessa de Itaborahy. — 1862

Maria Gertrudes Ribeiro de Macedo Soares, casada com o Alferes João Augusto de Macedo Soares (Cap. XXII, n. 4).

2. Em 21 de Julho de 1864. Vide o seu testamento no cartório do Escrivão Porto, 2.º oficio do Juizo da Provedoria.

CAPITULO VII

Descendência de João Coelho e D. Maria Antonia Antunes

1.—Manoel Antonio Coelho, casado com D. Anna Catharina Chaves, filha de João de Chaves, e dela teve:

1.—D. Maria Benedita, mãe natural do Conselheiro Antonio Nicolau Tolentino, ex-Presidente da Provincia do Rio de Janeiro, ex-Inspetor da Alfandega &.

CAPITULO VIII

e D. Joana Emmerenciana

(Vj. Cap. II, n.º 5)

CAPITULO IX

Descendência de Antonio José da Costa e D. Joana Maria Ferreira

1.—D. Emerenciana Mathilde, casada com Manuel José Rodrigues Torres, português, negociante no Porto das Caixas, e dele teve:

1.—Joaquim José Rodrigues Torres, Visconde de Itaborahy, parlamentar notavel, distinto economista, Senador do Imperio, Conselheiro de

Estado &, casado com D. Maria, primeira filha de João Alvares de Azevedo e sua mulher

D. Maria de Macedo Freire de Azevedo, e dela teve, entre outros filhos:

1.—D. Maria, casada com José Dias Delgado de de Carvalho, filho legitimo do coronel Francisco Dias Delgado de Carvalho, e D. Maria Columna de Menezes. Tem filhos.

2.—D. Joaquina, casada com José Custodio Cotrim da Silva, filho legitimo do Capitão Cotrim. Tem filhos.

3.—D. Carlota, casada com o Doutor Custodio Cotrim da Silva, filho do mesmo Capitão Cotrim.

2.—Candido José Rodrigues Torres, casado com D. Restituta, filha do Padre José Soares de Azevedo, da qual tem filhos declarados a fls.

3.—Antonio José Rodrigues Torres, casado, com filhos e netos.

4.—Manuel Antonio Rodrigues Torres.

5.—O Dr. Bernardino José Rodrigues Torres.

6.—D. Maria Jesuina, casada com Manuel Teixeira de Carvalho.

7. — D. Maria Carolina, casada com o Coronel Francisco Alvares de Azevedo Macedo, filho legitimo de João Alvares de Azevedo e D. Maria de Macedo Freire de Azevedo, de quem teve os seguintes filhos:

1.—Francisco Alvares de Azevedo Macedo Junior, estudante do terceiro anno da Faculdade de Direito de S. Paulo.

2.—João Alvares de Azevedo Macedo Sobrinho, casado com D. Maria José de Almeida, filha legitima do Dr. José Vieira de Almeida e D. Francisca, donos da Fazenda S. Jacintho, em Cabo Frio. D. Maria José de Almeida foi casada em primeiras nupcias com o Dr. Domingos de Oliveira Maia, juiz municipal e dos Orphãos do termo de Cabo Frio, de quem filhos;

3.—D. Maria Carolina Alvares de Azevedo Macedo.

4.—D. Marianna Mathilde, casada com o Dr. Francisco Antunes Marinho, filho do Comendador Francisco Antunes Marinho e D. Iria.

5.—O Alferes Manuel Alvares de Azevedo Macedo.

2.—D. Anna Bernarda, casada com José Antonio da Silva Peixoto, portuguez.

3.—D. Maria Joaquina, casada em primeiras nupcias com Eleuterio José de Magalhaes; e em segundas com Manuel Pinheiro.

NOTAS

Dizia-se filha de Antonio José da Costa, D. Joanna (1) Bernarda de Alvarenga, que por ele era tratada com paternal afeição. Casou-se essa senhora com Joaquim Pereira da Costa (dos Pereiras, de Maricá, no Espraiado) e dele teve:

1.—Antonio (2) Joaquim da Costa Pereira, casado com D. Maria Pereira, filha de Antonio José Pereira e D. ....., filha de Manuel José Vieira e D. ....., filha de José Francisco Vieira, fazendeiro importante em Araruama, freguezia de S. Vicente de Paula.

2.—D. Maria Custodia (3) da Silva Tavares, casada com Luiz Tavares da Fonseca, lavrador em Ponta Negra, portuguez, de quem houve muitos filhos; em segundas nupcias, com o seu primo Antonio Luiz Pereira, infra Cap.

— D. Joanna Bernarda faleceu de edade maior de 80 annos, em 1869; e seu genro Luiz Tavares, talvez de mesma edade, em 1870.

(1) A Moça.
(2) Seu Nico.
(3) Sinha Cota.

CAPITULO X

Descendência de Manuel José da Costa e D. Anna Maria Corrêa

1.—José Mariano da Costa, casado com D. Maria José Vieira, filha de Francisco da Cunha Vieira e D. Juliana Alves Dias. Francisco da Cunha era irmão do Alferes José Gomes da Cunha Vieira, homem importante em Maricá.

2.—Antonio Candido da Costa, casado com sua cunhada Maria José, viuva de José Mariano, supra.

3.—D. Maria Antonia, casada com José Joaquim Ferreira, filho de Lourenço José Ferreira.

4.—D. Candida Maria Benedita, casada com Frutuoso de tal.

CAPITULO XI

Descendência de João Damasceno Chaves e D. Francisca de Paula Antunes

1 —Justino Venancio de Moraes, casado com D. Anna da Silva Antunes, sua prima irmã, filha de Joaquim José da Silva e D. Joanna Francisca, filha de Simeão Soares de Azevedo e D. Isabel Maria Caetana Antunes.

2.—Rogerio Bento Saldanha.

3.—Honorato Florencio de Alvarenga.

4.—Francisco de Paula Antunes.

5.—D. Genuina Theodomira Chaves.

CAPITULO XII

Descendência do Capitão Francisco de Paula Antunes e D. Maria Paula do Nascimento, filha de José Vieira Rangel e D. Maria Feliciana Ferreira

1.—Antonio Antunes de Azevedo, casado com D. Anna Luiza do Nascimento, de quem tem:

1.—José Alves Pacheco, casado em 1861 com D. Marianna Antunes Quintanilha, neta do Alferes José Gomes da Cunha Vieira, fazendeiro em Maricá.

2.—Joaquim Mariano de Azevedo Antunes, casado com D. Maria de Abreu, filha de Antonio de Abreu;

3.—D. Senhorinha, casada com José Frederico de Paula Antunes, seu primo;

4.—D. Marianna, solteira;

5.—D. Maria, solteira.

2 —Major Fortunato José Antunes, casado com D Senhorinha Angelica Alves Pacheco, sua prima-irmã, filha de José Alves Pacheco e D. Mariana Bernarda. Filhos são:

1.—D. Maria, casada com Francisco de Paula Antunes, filho de D. Rita Angelica a fls.

2.—Joaquim Mariano Antunes;

3.—D. Joaquina Rosa.

3 —Joaquim José Soares, farmaceutico, fazendeiro e proprietário em Itaborahy, onde é um dos chefes do partido conservador, cavaleiro da Ordem de Christo e Oficial da I. O. da Rosa; casado com D. Generosa Rosa Soares, filha de José Alves Pacheco e D. Marianna Bernarda, da qual tem:

1.—José Mariano Alves Soares, casado com D. Bernardina, filha de Bernardino José Antunes e D. Maria Rosa das Mercês, neta paterna de José Pacheco Ferreira e D. Antonia Maria a fls.;

2.—Joaquim Mariano Soares, casado com D. Catharina, neta de Cosme Botelho e por outra parte, de Luiz Francisco, filho de Gabriel de tal;

3.—Francisco José Soares, e três filhas solteiras.

4.—Luiz Manuel de Azevedo.

5.—D. Feliciana Rosa Antunes.

CAPITULO XIII

Descendência do tenente João Pacheco Ferreira e D. Antonia Maria Joaquina

1.—Bernardino José Antunes, casado com D. Maria Rosa das Mercês, filha de José Alves Pacheco e D. Mariana Bernarda, da qual teve:

1.—Dr. José Bernardino Ferreira Pacheco, casado com D. Maria Carolina, filha de D. Claudina da Silva e Francisco Manuel dos Reis;

2.—Joaquim Bernardino Alves Illustre, casado com D. Maria Rosa da Costa;

3.—Luiz Manuel Ferreira Pacheco, o França, casado com D. Mariana, filha de A. J. da Costa;

4—Antonio Joaquim Ferreira Pacheco, casado com D. Carlota Antunes da Costa;

5.—Galdino Ferreira Pacheco, casado com D. Apolinaria da Costa;

6.—D. Maria Bernardina, casada com Antonio Joaquim da Costa;

7.—D. Bernardina Alves Antunes, casada com José Mariano Alves Soares;

8.—Reginaldo José Alves, casado com D. Maria Francisca Ferreira Pacheco;

2.—Padre José Antonio Ferreira Pacheco, senhor d'engenho de Itaborahy.

3.—Antonio Antunes Ferreira Pacheco, casado, em primeiras nupcias com D. Genoveva, filha de Joaquim Luiz da Costa e D. Joanna Victoria; e dela teve:

1.—D. Maria Joanna, casada com Fidelis José Alves;

2.—D. Carlota, casada com Joaquim Mariano Alves da Costa;

3.—Joaquim Ferreira Pacheco, casado com D. Ludgera, filha natural de Fidelis José Alves; e em segundas nupcias com D. Maria Antonia da Costa de quem teve:

1.—D. Maria Francisca, casada com Reginaldo José Alves;

2.—José Antunes Ferreira Pacheco, casado com D. Maria Lopes Ferreira, filha de José Lopes Ferreira e D. Maria Joaquina de Vargas. — Antonio Antunes Ferreira Serra, alferes, servindo no estado maior do 4.º batalhão de infantaria em Itaborahy; vj. Alman. pg. 21;

4.—Joaquim José Antunes, casado com Carlota Lopes Ferreira;

5.—João José Antunes (o Joannico), casado com D. Antonia Rangel, filha de José Vieira Rangel e D. Maria Feliciana Ferreira.

6.—D. Floriana, casada com João Nunes da Cruz Pombo, senhor d'engenho em Maricá, e dele teve:

1.—João Elisiario da Cruz Pombo, casado com D. Maria Thereza Nunes Fagundes, irmã dos Nunes Fagundes de Maricá e de Itaborahy;

2.—D. Maria Apollinaria, casada em primeiras nupcias, com Alexandre José da Costa Thibáu, de quem teve:

1.—Alexandre José da Costa Thibáu, casado com uma filha de Francisco Duarte dos Santos, irmão de João Duarte dos Santos a fls.; e em segundas nupcias, com o Dr. Marcos Christini Fioravanti Patrulhano, e tem um filho;

3.—D. Maria Joanna. solteira.

7.—D. Francisca Paula do Amor Divino, casada com José Ferreira Torres, filho de Antonio de Oliveira Torres, e dele teve:

1.—D. Maria da Gloria, casada com Poluceno José de Moura;

2.—D. Emilia Ferreira, casado com João Vieira Rangel, filho de José Vieira Rangel;

3.—D. Restituta, casada com José Vieira Rangel, filho de José Vieira Rangel;

4.—Joaquim José Ferreira Torres, casado com uma filha de Severino Antunes de Figueiredo, seu tio;

5.—D. Maria da Gloria, casada com Antonio José Corrêa;

6.—José Ferreira Torres;

7.—Bernardino José Ferreira Torres, casado com uma filha de Antonio Joaquim da Costa.

CAPITULO XIV

Descendência de Antonio Gomes da Costa e D. Joanna Francisca, em primeiras nupcias

1.—Vitorino Antunes da Costa, casado com D. Joaquina, de quem teve, entre outros filhos:

1.—D. Thomazia, casada com Manuel Rodrigues.

CAPITULO XV

Descendência de Joaquim José da Silva e D. Joanna Francisca (1) *em segundas nupcias.*

1.—Manuel Fidelis da Silva, casado.

2.—D. Anna da Silva Antunes, casada com Justino

(1) D. Joanna faleceu em Ponta-Negra, Maricá, em 21 de Agosto de 1879, com 92 anos. Nascera em 1787.

Venancio de Moraes, seu primo-irmão, filho de João Damasceno Chaves e D. Francisca de Paula Antunes.

3.—D. Maria Eugenia, casada com o Capitão José Joaquim Henriques, seu primo-irmão, filho de Fernando Henrique dos Santos e D. Maria Catharina.

4.—D. Claudina, casada com Francisco Manuel dos Reis, de quem houve:

1.—D. Maria Carolina, casada com o Dr. José Bernardino Ferreira Pacheco.

5.—Bonifacio José da Silva, casado com uma Senhora do apelido de Mello.

CAPITULO XVI

Descendência de João Lopes Ferreira e D. Joaquina Antunes

1. — Francisco Xavier de Mattos, solteiro

2. — Marcellino José Ferreira Lopes, idem.

3. — D. Maria Lopes, idem

4. — D. Jesuina, idem

5. — D. Carlota, casada com Joaquim José Antunes, seu primo irmão, filho do tenente João Pacheco Ferreira (Cap. XIII supra) e D. Antonia Maria Joaquina.

CAPITULO XVII

Descendência de Manuel Soares de Azevedo e D. Maria Joaquina

1—1: — D. Anna Maria Joaquina casada com Luiz Barbosa, capitalista e fazendeiro em Mato Grosso (Saquarema). No testamento com que faleceu Luiz José Barbosa, chama ele a sua mulher Anna Thereza da *Rosa*. O casal teve:

2—1: — Simeão Soares de Azevedo, casado com D. Laurentina, filha de Joaquim José Henriques e D. Vicencia Maria de Amor Divino (Cap. XVII). — Simeão era bisneto e afilhado de Simeão Soares de Azevedo (Cap. II, n. 1), o pai de D. Candida de Azevedo Soares (Cap. XXIII, n. 8). Entre outros filhos teve o casal Simeão e D. Laurentina:

3—1: — D. Maria, casada com Ephiphaneo Duarte dos Santos Silva, filho de João Duarte do Santos e D. Anna Vitorino Duarte de Souza;

3—2: — D. Candida de Azevedo Soares, casada que foi com Luiz Manuel de Azevedo Soares Junior; s. g; (Cap-XXIII, n. 8) —

2—2: — Francisca Maria Pires, casada com seu primo-irmão José Francisco Pires irmão de João Francisco Pires, este pai de D. Carolina Pires de Macedo Soares (Cap. n. 11); filhos:

3—1 :— D. Geraldina, casada com Julio Cesar Correia da Silva Bourbon;

3—2: — José;

3—3: — Joaquim;

3—4: — D. Carolina e mais filhos menores. Moram em Niteroi.

2—3: — Joaquim Luiz Barbosa, tambem, Joaquim Soares Barbosa, casado, teve entre outros filhos:

3—1: — D. Maria, casada com Antonio José Ferreira de Mendonça sobrinho do finado capitalista e fazendeiro Leandro Antonio Ferreira, e um dos herdeiros uso frutuarios da fazenda de Ipitanga;

2—4: — Antonio Luiz Barbosa, ou Antonio José Barbosa;

2—5: — D. Maria Barbosa Correia de Sá, casada com Bernardino Correia de Sá.

2—6: — José Joaquim Barbosa, casado.

1—2: — D. Maria Joaquina da Rosa, casada com Bernardino Ignacio da Costa.

CAPITULO XVIII

Descendência de Fernando Henrique dos Santos e D. Maria Joaquina da Conceição

1 — Joaquim José Henriques, cognominado, o *Farias*, casado com D. Vicencia Maria do Amor Divino, irmã de João José de Carvalho, da serra da Urussanga. Faleceu em sua situação do Bambuhy, em 23 de Outubro de 1879. (Avós de D. Candida de Azevedo Soares). — O casal teve:

1. — O Padre Manuel Joaquim Henriques; 2. D. Candida Henriques, casada com José Martins da Fonseca Portella, fazendeiro em Catimbau, filho de Manuel da Fonseca Portella e D. Albina da Conceição; 3. — D. Laurentina, e outros.

2. — O Capitão José Joaquim Henriques, casado com D. Maria Eugenia, sua prima-irmã filha de Joaquim José da Silva e D. Joanna Francisca, e depois de casada mudou o nome para Maria Rosa de Jesus.

3. — D. Rosa Maria de Jesus, casada com José Antonio da Cruz Vianna (Tia Rosinha).

4 — D. Anna Joaquina, casada com Manuel da Silveira Dutra, de quem teve: 1. — José da Silveira Henriques Dutra, cavalheiro da Ordem da Rosa, casado, com filhos;

2. — João da Silveira Dutra, casado, com filhos. Avós de Anna Joaquim da Silveira Dutra — Nhanhá.

5. — D. Justiniana Maria, casada com Antonio José Diniz.

6. — D. Maria Rosa dos Prazeres, casada com Ignacio Coelho da Costa, fazendeiro no Caldeirinho, em Maricá; e dos quaes provieram os Coelhos do Calderinho.

CAPITULO XIX

Descendência de José Alves Pacheco e D. Mariana Bernarda

1. — Joaquim Mariano Alves, casado em primeiras nupcias com D. Anna Joaquina Pacheco, de quem tem: — 1. — Joaquim MarianoAlves Filho, casado com D. Joanna, filha de Alexandre Bezerra; 2 — Antonio Joaquim Soares, casado com D. Francisca Hermenegilda de Azeredo Coutinho; 3 — D. Genoveva, casada com o seu primo Ludgero Adrião Ferraz; 4. — Joaquina, casada com Francisco de Paula Pinto de Vasconcellos; 5. — D. Maria, e 6 — Francisco, surdos-mudos, solteiros; e em segundas nupcias com sua prima Maria Carolina de Azevedo Soares, filha de Alferes Antonio Joaquim Soares e D. Maria Antonia Roginalda, de quem teve: 7 — D. Maria Antonia Alves de Azevedo Soares, casada com Paulino José Rodrigues de Azevedo Soares; 8 — José Mariano Alves. Joaquim Mariano Alves faleceu aos 70 anos, em 9 de Novembro de 1863, na fazenda da freguezia de Cordeiros, onde sempre gosou de muita estima e respeito entre grandes e pequenos; o seu cadaver foi ao Cemiterio em braços de pobres e ricos, contando-se o Barão de S. Gonçalo e outros fazendeiros no numero dos que prestaram esse funebre obsequio. D. Maria Carolina de Azevedo Soares Alves, n., em abril de 1803 e faleceu á 23 de Maio de 1875, ás 10 1/2 horas da noite.

2. — Fidelis José Alves formado em fisicatura-mór do Reino, fazendeiro, casado com D. Maria Joanna Ferreira Pacheco, da qual tem dois filhos. Faleceu aos 19 de maio de 1862, na sua fazenda de Montevedio, Itaborahy.

3. — Reginaldo José Alves, casado em primeiras nupcias com D. Anna Joaquina, s. g. e em segundas com D. Maria Joaquina, filha de João Vieira Rangel e D. Maria Rangel, com filhos.

4. — José Paulo Alves de Azevedo, senhor do engenho do Meio, em Pacheco, Itaborahy. Casou, sendo maior de 60 anos, com D. Carlota, irmã de D. Maria Joanna, mulher de Fidelis José Alves, filha de Antonio Antunes Ferreira Pacheco e sua segunda mulher D. Antonia Maria da Costa, conhecida por D. Antonia Maria da Serra (Cap. XIII, n. 3) —

5. — D. Senhorinha Angelica, casada com Fortunato José Antunes, seu primo-irmão, filho do Capitão Francisco de Paula Antunes e D. Maria Paula do Nascimento.

6. — D. Francisca Paula, casada com Antonio Joaquim da Costa, filho de Joaquim da Costa e D. Joaquina. Teve filhos: 1. — Antonio Joaquim da Costa, casado com D. Maria Bernardina Antunes; 2. — Joaquim Mariano Alves da Costa, casado com D. Carlota Ferreira; 3. — D. Maria Rosa, casada com Joaquim Bernardino Alves Illustre; 4. — D. Mariana, casada com Luiz Manuel Ferreira Pacheco, o França; 5. — D. Carlota, casada com Antonio Joaquim Ferreira Pacheco; 6. — D. Apolinaria, casada com Galdino Ferreira Pacheco; 7. — D. Feliciana, solteira; 8. — D. Maria Antonia, casada em primeiras nupcias com Antonio Antunes Ferreira Pacheco, de quem teve os filhos declarados a fls; e em segundas, com o Dr. Francisco Rebello de Figueredo. Avós de D. Guilhermina da Costa de Azevedo Soares (Cap. XXII, n. 3) —

7. — D. Anna Luiza, casada com Antonio Antunes de Azevedo, seu primo-irmão, filho do Capitão Francisco de Paula Antunes, com filhos, declarados a fls.

8 — D. Maria Rosa das Mercês, casada com Bernardino José Antunes, seu primo-irmão, filho do

tenente João Pacheco Ferreira e D. Antonia Maria Antunes.

9. — D. Generosa Rosa Soares, casada com Joaquim José Soares, seu primo irmão, filho do Capitão Francisco de Paula Antunes e D. Maria Paula do Nascimento, cavalheiro da Ordem de Christo e Oficial da Rosa, com filhos declarados a fls. Esta senhora é cunhada, e não filha de Bernardino José Antunes. —

CAPITULO XX

Descendência de Alferes Antonio Joaquim Soares e D. Maria Antonia Reginalda.

1 — D. Maria Carolina de Azevedo Soares, nascida em 20 de Abril de 1803, na fazenda do Bananal em Maricá, casada á 9 de Novembro de 1863 com seu primo-irmão Joaquim Mariano Alves, senhor da fazenda de Cordeiros, municipio de S. Gonçalo, com filhos declarados no Cap., adiante. Faleceu, em sua fazenda, aos 23 de Maio de 1875.

2. — Tenente Antonio Joaquim de Azevedo Soares, nasceu na fazenda acima, em 4 de Julho de 1804 e faleceu, solteiro, em 10 de julho de 1888.

3.—D. Generosa Rosa de Azevedo Soares. Nasceu em 1806 na fazenda do Bananal, e, faleceu, solteira, no seu sitio do Angelim, na Figueira, Maricá, em 20 de fevereiro de 1889. Exemplo de virtudes.

4.—D. Reginalda de Azevedo Soares, faleceu em tenra edade.

5 —Doutor Joaquim Mariano de Azevedo Soares, nascido na fazenda do Bananal, em 19 de fevereiro de 1809; formado em medecina pela antiga Escola do Rio de Janeiro. Subdelegado de Policia, 1.º Presidente da Camara Municipal de Saquarema; Delegado de Policia, 1.º Substituto de Juiz Municipal, e dos Orfãos, presidente da Camara Municipal, Juiz de Paz e Major comandante da 1.ª secção do Ba-

D. Generosa Rosa de Azevedo Soares
1806—1889

D. Maria Antonia Reginalda, casada com o alferes Antonio Joaquim Soares. — N., 1787. — †., 4-1-1873.

Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares, médico, casado com D. Maria de Macedo Freire de Azevedo Coutinho, pais do Conselheiro

(C. 9)

talhão de Infantaria da reserva da Guarda Nacional de Maricá; cavalleiro da Ordem de Christo. Oficial da Imperial Ordem da Rosa. — Casou-se, em 15 de Setembro de 1834, com D. Maria de Macedo Soares, filha do Capitão-mór de Cabo Frio, Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, e de sua segunda mulher D. Maria Thereza de Sá Freire, senhores da fazenda da Tiririca, em Araruama, nascida em 20 de Agosto de 1818 e baptisada em 11 de fevereiro de 1819, pelo vigário da vara da egreja de S. Sebastião de Araruama; sendo padrinhos João Evangelista Americo da Gama, senhor do engenho de Uboassica, e D. Isabel Antonia de Sá Freire, sua tia materna, no oratorio da fazenda da Tiririca, sendo o dito vigario, o Reverendo Manuel da Costa e Castro (antecessor do atual Pe. José Ferreira dos Santos) segundo tudo consta de um caderno de ascentos de seu pae, o Capitão-mór Macedo, o qual me foi confiado pelo major João Barbosa de Azeredo Coutinho, filho do mesmo Capitão-mór e irmão inteiro de D. Maria de Macedo Soares. O Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares, faleceu em seu sitio "Bananal", em 8 de Agosto de 1898, e sua mulher, faleceu, no mesmo sitio, em 25 de Dezembro de 1895.

6.—Comendador, Major Luiz Manuel de Azevedo Soares, nascido na fazenda do Bananal em 21 de dezembro de 1810; major do 3.º batalhão de Infantaria do serviço ativo, Juiz de Paz e Delegado de Policia de Maricá; Oficial da Imperial Ordem da Rosa. Casou-se em 1835 com D. Carolina Luiza de Azevedo Soares, nascida em 17 de Julho de 1818, filha de José Rodrigues Ferreira, 2.º marido de D. Maria Antonia Reginalda, e de sua mulher D. Luiza Josefa Leopoldina, da familia Martins e Barros e Simões da Fonseca. — O Major Luiz Manuel de Azevedo Soares, faleceu em sua fazenda do Bananal Grande, á 30 de Abril de 1886 (1); e sua

(1) Em carta que dirigiu ao irmão, expressou Antonio Joaquim o seu pezar: "...chegou a vês do nosso bom tio Luiz!... Tão bom. tão amavel, tão atencioso com todos, respeitador até das criancas.

amantissimo da familia, cavalheiro, circumspecto, foi um belo exemplo..."

mulher, D. Maria Carolina, no Rio de Janeiro, em a residencia de seu genro, o Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares, em 23 de Abril de 1894. José Rodrigues Ferreira, 2º marido de D. Maria Antonia Reginalda, s. g., era irmão do Tenente Coronel Thomaz Rodrigues Ferreira, cavalheiro da Ordem de Christo, Oficial da da Rosa, fazendeiro em Itamby &.

7.—D. Joaquina Francisca de Azevedo Soares, nascida na fazenda do Bananal, em 1812, dois meses antes da morte de seu pae, e falecida, no estado de solteira, em junho de 1891, em Niterói.

CAPITULO XXI

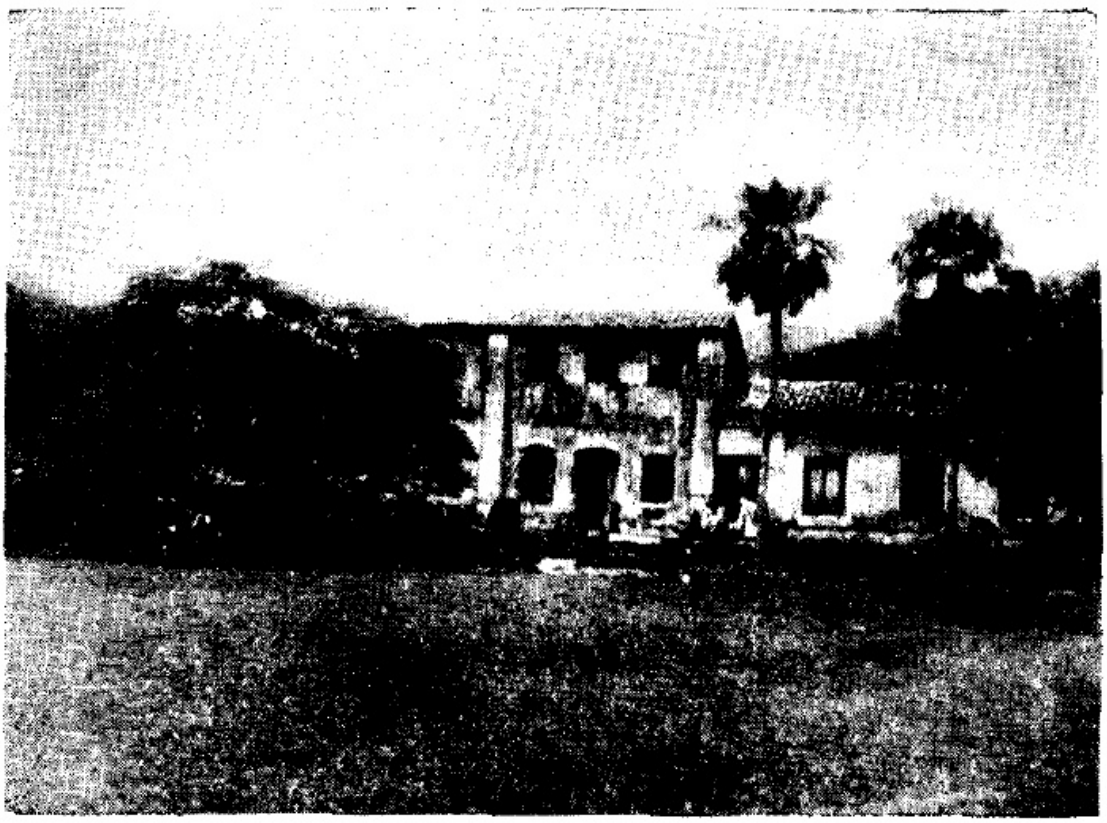
Descendência de D. Maria Carolina de Azevedo Alves e Joaquim Mariano Alves

1.—D. Maria Antonia Alves de Azevedo Soares, casada com seu primo-irmão, Paulino José Rodrigues de Azevedo Soares; nascera em 8 de julho de 1837; faleceu, em Niterói, com 82 annos, em 6 de Maio de 1919.

2.—José Mariano Alves, nascido em 29 de Março de 1839, baptisado a 20-1-1840, no oratório do sitio de D. Maria Antonia Reginalda e padrinhos, seu tio Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares, e D. Joaquina Francisca de Alvarenga, casado com sua prima-irmã. D. Maximiana de Macedo Soares Alves, em 21 de Outubro de 1865, na fazenda do Bananal. Eleitor e Substituto do Sub-Delegado de Policia da Freguezia de Cordeiros. Juiz de Paz da mesma Freguezia, no quatrienio de 1873-77. Faleceu em 16 de Abril de 1905, em casa de seu genro, José Paulo de Azevedo Sodré, no Alcantara, São Gonçalo.

Major Luiz Manoel de Azevedo Soares

1810-1886



Capella da Fazenda do Bananal Grande, Maricá

Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares,
médico, natural e residente em Maricá

D. Maria de Macedo Soares
1818-1895

CAPITULO XXII

Descendência do Dr. Joaquim de Azevedo Soares e D. Maria de Macedo Soares

1.—Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares, nascido na fazenda do Bananal, em Maricá, aos 31 de Julho de 1936, casou-se em primeiras nupcias, em 21 de janeiro de 1865, com D. Maria Paula de Azevedo de Macedo Soares; e, em segundas, com D. Maria Antonia de Azevedo Soares, em 23 de Maio de 1890, s.g.; ambas filhas do Major Luiz Manuel de Azevedo Soares e D. Carolina Luiza de Azevedo Soares. — Fez o curso de humanidades no Seminario de S. José. Formado em medecina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 26 de Novembro de 1863; preparador de anatomia patologica no Gabinete Estatistico medico-cirurgico do hospital da Misericordia da Côrte (1859); aluno pensionista do hospital militar da Côrte, por aviso de 22 de março do mesmo anno; 2.º cirurgião interino do dito hospital; 2.º cirurgião Tenente do Corpo de Saude do Exercito, por decreto de 6 de fevereiro de 1864; 2.º cirurgião efetivo do Hospital Militar. — No dia 1.º de Abril de 1865, seguiu para Matto-Grosso, como medico militar da força expedicionaria do Coronel Manuel Pedro Drago, Presidente da mesma Provincia, em operações na Campanha do Paraguay; de S. Paulo voltou, e, seguiu imediatamente para o Exercito em operações. — Apresentou-se em Corrientes com o 45.º corpo de voluntarios. Assistiu ao combate da ilha da Redenção a 10 de Abril. Serviu no hospital de sangue do Passo da Patria nos combates de 2 e 24 de Maio. Nomeado para servir no 3.º corpo do exercito. Assistiu aos combates de 16 e 18 de julho. Por ordem do dia de 13 de Outubro foi comissionado no posto de 1.º cirurgião. Nomeado coadjuvante da enfermaria central. — Assistiu ao re-

juvante da enfermaria central. — Assistiu ao reconhecimento feito as trincheiras do Passo Espinillo. — Assistiu ao combate de 30 de Julho em Tuyecuê. — Marchou para Parecuê e assistiu á vanguarda, aos bombardeios e reconhecimento da

praça Humaytá, em 16 de julho de 1867. — Dirigiu o Hospital flutuante a bordo do transporte "Annicota" (1). Foi louvado em partes oficiaes e o Governo o condecorou com os habitos das Ordens de Christo e da Rosa. — Regressou 25 de dezembr de 1868, acompanhando doentes, no posto de 1.º cirurgião. Assistente do cirurgião-mór do Exercito. Consta do oficio do Comando da 12.ª Brigada d'Infantaria, em Pari-Cuê, dirigido ao Sr. Brigadeiro Carlos Rezin, comandante da 4.ª divisão, o seguinte topico: "... Faltaria a um dever se não fizesse chegar ao conhecimento de V. S., fazendo especial menção, pelo valor e sangue frio que mostraram durante a ação... o Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares que sempre acompanhou a Brigada, prestando mesmo na frente os socorros relativos á sua arte, reunindo ao depois todos os doentes ao acompanhamento onde completou os seus trabalhos". — a) Manuel da Cunha Wanderley Lins, tenente-coronel comandante da Brigada. — Da "Revista Militar" sob o titulo — "Serviço de Saude da Vanguarda", pelo cirurgião General Alexandre Bayma, extraimos o seguinte: "...No grande hospital de sangue do Passo da Patria, depois do combate, de 24 de Maio, não se praticaram por dia mais do que duas operações de alta cirurgia e dias houve que uma só não se praticou, quando aquele hospital continha então muito mais de 1.400 feridos, brasileiros e paraguaios, e nele serviam alguns cirurgiões experimentados e não poucos moços de reconhecida aptidão e com aspirações dignas de animação. Tres dentre esses

(1) Correspondencia do "O Jornal do Commercio" — Ruinas de Humaytá, 15 de dezembro de 1868. Os dois hospitaes flutuantes, Vap. S. D. Francisca e Anicota, tem prestado ultimamente muitos bons serviços para a condução dos enterros e dos feridos do exército. Não nos trouxerão ainda os ultimos feridos. E' a razão a que dou acima. Do D. Francisca é diretor o Dr. Dantas, de quem já tratei de uma das anteriores. E' diretor do ultimo Hospital o Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares, um dos medicos mais notaveis do corpo de saude do exercito. Por uma casualidade esse facultativo tem servido em todos os 3 corpos do exercito, deixando sempre em todos um bom nome. Não é só na medecina que faz o cultivo de sua intelligencia. A litteratura é uma das suas uteis applicações, sendo muito entendido em geographia e historia. Isso não o priva de ser medico habil e feliz. Citarei para exemplo o seguinte facto chimico delle, que muito o honra, em prova do que affirmo: o Coronel Frederico Au-

Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares, medico, quando em operações na guerra do Paraguay — 1865 a 1868.

medicos não se conformando com semelhante pratica resolveram, sem ostentação, antes com as reservas de quem tem a consciencia de que vae transgredir uma ordem transmitida e essa simulada aparencia de quem a desconhece, improvisar uma turma de curativo de ferimentos graves e operações de alta cirurgia, para o que fizeram armar uma grande barraca no extremo da ala esquerda do grande hospital. Lá nesse pequeno hospital de sangue, perdido na imensidade do abarracamento, a turma dos discolos exerceu durante muitos dias, logo depois do termo das horas consagradas ao serviço regulamentar, que se prolongava quasi sempre além das 3 horas da tarde, o seu *criminoso* ofício, até que o escassear da luz do dia viesse surpreende-la. Se ao conhecimento do Chefe de Corpo de Saude chegou a noticia do que se passava então no misterioso barracão, é cousa que nunca se liquidou, mas para render uma merecida homenagem á memoria do distinto companheiro, chefe da turma dos recalcitrantes, que, com outros muitos, encontrou a morte na fadiga dessa jornada que devorou vidas e tesouros, ou bebeu-a nas aguas pestilentas dos rios daqueles desertos, em que repousam, perdidos para sempre os seus restos, eu vou completar a narração deste fato histórico. — O combate de 16 de Julho, dado por ordem do General Polidoro, havia levado ás ambulancias da vanguarda consideravel numero de fe-

---

gusto de Mesquita foi ferido no dia 16 de julho ultimo. O ferimento foi por bala de fuzil no terço superior da coixa direita. A bala entrou na face externa e sahiu na interna um poucoabaixo da virilha. Nos primeiros dias foram extrahidos pedaços de panos da ferida, e tanto por uma como por outra abertura. Vinte dias depois, isto é, a 4 de agosto, o ferido foi accomettido de tetano. Empregou-se a medicação opiacea, chegando o doente a tomar 7 grãos de sulphato de morphina durante 24 horas! Como, porem, esse medicamento não foi tolerado, o habil medico fez que esse doente tomasse tintura de opio, de que chegou a tomar cinco oitavas, tambem no espaço de 24 horas. A 25 de agosto, isto é, 21 dias depois do aparecimento do tetano extrahiu-se da ferida, pela abertura de sahida do projetil, um disco de panno de calça, de uma polegada de diametro. Desde então as melhores que já se haviam manifestado, progrediram rapidamente, e em 10 dias mais o doente estava salvo do tetano e curado do ferimento. A publicação desse caso clinico é tambem importante, como prova da efficacia do opio dada em alta dose para a cura dos tetanicos. A dose de cinco oitavos em 24 horas foi a em que chegou o facultativo, tendo começado por dose inferior. Foi um feliz tratamento." — (J. Comm. 28-11-1868) — J. R. M. S.

ridos. A's 9 horas da noite daquele dia chegava ao Passo da Patria, um despacho do Quartel General em Chefe instando pela remessa imediata de 3 ou 4 cirurgiões para auxiliarem o serviço daquelas ambulancias. A designação, que foi imediata, recaiu justa e exclusivamente sobre os tres companheiros do barracão da ala esquerda do vasto hospital e com ele se realisava a profecia de um deles: — A primeira comissão nos tocará. Uma hora depois partiram os tres cirurgiões, sem guia, a pé, com a roupa que tinham no corpo e sob a ação de um frio intenso, que uma chuva peneirada pela brisa que sóe suceder aos ultimos rojões do pampeiro, tornava mais incomodo, resolvidos a vencer rapidamente o espaço que separa o Passo da Patria dos campos de Tuyuty. Na travessia, feita na escuridão, da noite, quasi toda ela sobre um oceano de areia embebida d'agua da chuva, e retardada por algumas contra-marchas, empreendidas no proposito de retomar o rumo perdido outras tantas vezes, os tres companheiros se lembraram do seu barracão, da sua mesa de operações, improvisada com uma padiola, cujos braços fizeram repousar sobre canastras das nossas ambulancias e caminhando sempre de reflexão em reflexão, ora sobre a caprichosa coincidencia da designação e a sorte de seus doentes, ora sobre o termo dessa jornada homerica, que tanto mais parecia se afastar dos combatentes quanto mais crescia entre eles a resignação, eles avistaram enfim uma luz, que pouco depois reconheceram ser a lanterna da caridade de Christo conduzida pela mão de Frei Fidelis, comissario geral dos Capuchinhos no Brasil, capelão-mór, Coronel honorario. Achavam-se, pois, na ambulancia da 3ª divisão de infantaria, de que era chefe, o então 1.º cirurgião Dr. Antonio de Souza Dantas, que a um carater de rara moldura reunia todas as qualidades de um verdadeiro chefe de serviço. Como nada havia que fazer em hora tão adiantada da noite, o resto dela foi consagrado a um relativo repouso. — No dia seguinte das mãos do chefe da ambulancia para as do chefe da turma auxiliar, e se não chegou a vez dos ajudantes, foi

porque eles preferiram ve-la, em proveito dos feridos, sempre dirigida pelos seus chefes naturaes. O chefe da turma auxiliar era o então 1.º cirurgião Dr. Julio Cesar da Silva, que a morte arrebatou ao exercito na sua marcha triunfal para Assunção. Carater nobre e oficial de saude completo o Dr. Julio Cesar da Silva era a um só tempo, medico, cirurgião e administrador. O segundo da turma era o então 2.º cirurgião Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares, que uma reforma prematura, afastou do serviço do exercito e da corporação, da qual foi um ornamento pela sua provada competencia profissional, e exáta noção que tinha dos deveres do oficial de saude e o perfeito conhecimento da legislação do corpo e das suas relações com a legislação militar em geral. Um dos poucos do antigo corpo de saude que ainda resiste á ruina do tempo, que vae tudo devorando para só deixar de pé na historia os fátos impereciveis dessa luta heroica, invocando o seu testemunho, eu lhe peço que preencha, se preciso for, em proveito da verdade historica, as lacunas e corrija os erros desta narração. O terceiro e ultimo da turma era o ultimo dos cirurgiões do antigo quadro e o primeiro do atual. Fragil élo que prende as duas gerações, eu me desvaneço de ter vindo daquela que suportou firme, unida, disciplinada e resignada sempre a duras provações dessa demorada e rude campanha, e de poder pagarlhe em homenagem á verdade historica esta divida em nome do exercito a que ela muito serviu e que teve em cada um dos seus membros um companheiro inseparavel — um Machaão da Illiada —". Rio, Setembro de 1899, pg. 297 — Por portaria de 18 de Julho de 1885 foi designado para servir, como Delegado do Cirurgião-mór do Exercito na provincia do Ceará, cargo que não aceitou, por achar-se gravemente enferma, sua esposa. Incompabitilisando-se com o Cirurgião-mór, Chefe do Corpo de Saude, pediu reforma do serviço ativo do Exercito, o que lhe foi concedido por decreto de 12 de Setembro de 1885, contra a vontade do Imperador D. Pedro II, que

muito o admirava. Havia sido promovido, por merecimento, ao posto de cirurgião-mór de Brigada, ou Major do Corpo de Saude do Exercito, com exercicio das funções de Diretor do Hospital Militar de Andarahy. As Republicas Argentina e do Uruguay conferiram-lhe as medalhas comemorativas da campanha do Paraguay. Nomeado medico do Imperial Instituto dos cegos em 19 de Julho de 1871, á 15 de Novembro de 1889 assumiu a direção da casa, em substituição do diretor, Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, nomeado Ministro da Guerra. Por indicação do proprio General Benjamin Constant foi nomeado Diretor efetivo deste Instituto em 31 de dezembro de 1889 em cujo permaneceu até 25 de Abril de 1895, cumulativamente com as funções de medico, data em que pediu e obteve a sua aposentadoria. Pertencia a diversas ordens religiosas e associações como a Santa Cruz dos Militares, socio bemfeitor da Imperial Sociedade Auxiliadora de Artes Mecanicas e Liberaes, da Sociedade Brasileira de Beneficencia. — Por decreto de 1.º de Novembro de 1892 foi-lhe concedido o posto de Coronel Honorario do Exercito, por serviços relevantes. — Manteve, durante 40 annos, o seu consultorio medico á Travessa do Ouvidor, n. 2, esquina da Rua 7 de Setembro. Dada a sua competencia, despreendimento, precisão de diagnostico, especialista que se tornou das molestias do coração e pulmão logrou grangear vasta clientela na Côrte e Capital da Republica. Era por assim dizer, o medico da colonia francesa desta Cidade. — Faleceu ás 16 horas do dia 11 de Maio de 1925, no predio sito á Rua Martins, n. 32, Niterói, onde residiu, como inquilino, durante 35 annos.—Na "União", o Dr. Felicio dos Santos, seu redator-chefe, noticiou o doloroso acontecimento: "Faleceu em Niterói o Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares, esse bonissimo cidadão, exemplar chefe de familia, medico admiravel, não só por sua pericia e clara intuição como porque a profissão lhe era um sacerdocio, cousa que se vae tornando rara infelizmente. Era o penultimo da turma formada em 1863, porque o ultimo é o que repassado de saudades, escreve essas linhas.... Faziamos, ao receber o gráu um juramento sobre os Santos Evangelhos de exercer a nossa profissão segundo as regras da mais estrita moral. Ainda me lembro do acatamento com que o Macedo praticava esse áto. E' que era ele sincero catolico, muito mais que nós os outros 11. Viéra do Seminario para a Academia e conservou as suas crenças sempre sem respeito humano. E todos o respeitavam, e todos o amavam. Fixou residencia aqui, casou-se e teve boa prole e boa clientela, principalmente de pobres porque foi sempre desinteressado. Depois de mais de 60 annos de clinica morreu pobre e nunca foi rico. Melhor elogio não posso fazer a um medico inteligente, sensato e laborioso como foi ele. Nos ultimos anos da vida foi dolorosamente valetudinario, teve longa velhice, morrendo quasi nonagenario". — A curiosa tese de doutoramento do ilustre medico figura em exposição permanente em uma das secções da Bibliotéca Nacional. E documento rarissimo. De suas primeiras nupcias deixou filhos que trataremos adiante.

2.—Antonio Joaquim de Macedo Soares (1). Nasceu aos 14 de Janeiro de 1838, na fazenda do Bananal, distrito de Ponta Negra, municipio de Maricá, provincia do Rio de Janeiro, imperio do Brasil. Seu pae, o Sr. Dr. Joaqum Mariano de Azevedo Soares, medico, faleceu na mencionada paragem, com a idade de 89 anos, aos 8 de Agosto de 1898. Sua mãe, a Sra. D. Maria de Macedo Soares, finou-se em 1895, com 77 anos de idade. Seu bisavô paterno, Simeão Soares de Azevedo, português, estabeleceu-se pelos meiados do seculo XVIII, com engenho de assucar, na freguezia de S. João de Itaborahy, da citada provincia, denominado Engenho do Poço Fundo, e aí casou-se com D. Maria Isabel Antunes, donde descendem as casas e fazendas dos Soares, Azevedos, Antunes, Costas, Fer-

(1) Dados bio-bibliograficos, precedidos de uma noticia autobiografica que Macedo Soares começou a escrever em 1896, porem, não nos concluiu.

reiras, Pachecos, Torres, Alves, Silvas, Gomes, Serras e outras familias, mais ou menos abastadas, existentes na mesma freguezia, hoje municipio e Comarca de Itaborahy. Seu avô materno, o Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, formado em direito pela Universidade de Coimbra e penultimo capitão-mór de Cabo Frio, descendia de ilustres brasileiros desde o seculo XVI, assim como sua mulher e prima D. Maria Thereza de Sá Freire, donos ambos de grande fazenda da Tiririca, freguezia de Saquarema, municipio de Cabo Frio, hoje independente e formando o municipio e termo de Saquarema. Essa fazenda, além de engenho de assucar, servido por numerosos escravos e gados, trafegava os seus produtos para a cidade do Rio de Janeiro, hoje Capital Federal da Republica dos Estados Unidos do Brasil, por meio de lanchas, que navegavam do porto da Ponte dos Leites, pela lagôa de Araruama, e saíam para o oceano pela barra de Cabo Frio. O Capitão-mór Dr. Macedo Freire era filho do Coronel João Barbosa de Sá Freire e neto do Dr. Domingos Paes Ferreira, cuja varonia se perdeu na familia, para ficarem os nomes de outros avós, e, principalmente, o de Macedo, que vem dos Rongeis (hoje Rangel) de Macedo, da quinta de RONGE, perto de Coimbra. D. Maria Thereza era filha do coronel Luiz José de Sá Freire, de quem existe ainda memoria e ilustre descendencia nas freguezias suburbanas da Capital Federal. Todos esses ascendentes do nosso biografado ajudaram a Salvador Corrêa de Sá e o valente Capitão Estacio de Sá na fundação da cidade do Rio de Janeiro, servindo no Senado da Camara e desempenhando cargos e postos na justiça e na milicia. Foi o fundador da familia Macedo no Brasil o Dr. Julião Rongel de Macedo, que aqui veio ao Rio de Janeiro, como Juiz dos Orfãos, na segunda metade do seculo XVI; e, em 1583, ficou substituindo no governo geral a Salvador Corrêa de Sá, por ocasião de ir este a S. Paulo compôr umas duvidas entre os vereadores do Senado da Camara. Uma filha de Julião Rongel, a

D. Theodora Alvares de Azevedo de Macedo Soares, esposa do Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares N., em Itaborahy em 29 de Abril de 1846, †, Capital Federal, 11 de Fevereiro de 1915

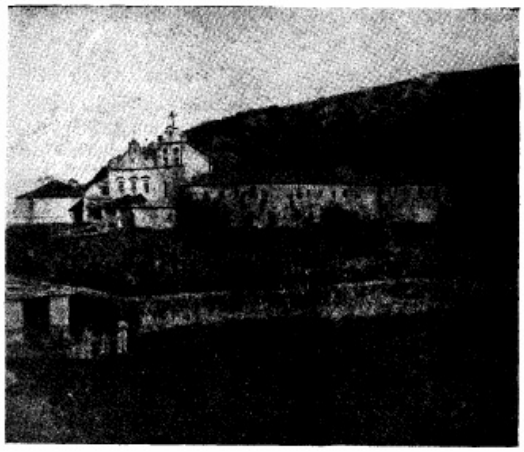
mais velha, D. Isabel Rongel **de** Macedo, casou com Diogo de Mariz Loureiro, filho de Antonio de Mariz, que era, então, no Rio de Janeiro, provedor da fazenda real. E é desse consorcio que descende o Dr. Macedo Soares, pela linha materna. Em 1853, matriculou-se no seminario episcopal do Rio de Janeiro, antiga Côrte, e, em 1855 saíu pronto do curso teológico, com aprovações plenas, distintas e *cum laude*. (2). Não se sentindo, porém, com vocação para a carreira sacerdotal, e animado por seu padrinho e parente o Sr. comendador Antonio Joaquim Soares Ribero, matriculou-se no curso juridico da Faculdade de S. Paulo, em 1857. Começa daí a fase literaria, juridica e jornalistica do nosso biografado, e dela nos ocuparemos depois. Formado em ciencias sociaes e juridicas sempre com aprovações plenas, em 1861, aos 22 de Novembro, foi fazer o seu ano de pratica em Araruama, onde casou-se, em 22 de Novembro de 1862, com sua prima D. Theodora Alvares de Azevedo Macedo, filha do comendador Francisco Alvares de Azevedo Macedo, coronel comandante superior da guarda nacional de Saquarema, Araruama e Cabo Frio, e de sua mulher D. Theo-

(2) No nosso arquivo consta o seguinte documento: "Illmo. Rmo. Snr. Conego Reitor Prefeito dos Estudos. Diz Antonio Joaquim de Macedo Soares, Collegial interno d'este Episcopal Seminario de S. José que tendo feito publicamente exame vago de Philosophia, precisa que V. S. mande passar por certidão o que a seo respeito constar no Livro. em que se lanção os termos dos exames e como não possa fazer sem o respectivo despacho de V. S. por isso Pede a V. S. Rma. se digne deferir ao Supplicante como requer. E. R. Mcê. — P. Rio, 29 de Novembro de 1853 — Bueno R. — Quintiliano José do Amaral, Presbytero Secular do Habito de S. Pedro, Vice-Reitor e Secretario dos Estudos do Seminario Episcopal de S. José do Rio de Janeiro &, &. — Certifico que revendo os Livros em que se lanção os termos dos exames neste Seminario; em um delles a folhas 121 achei o termo do theor seguinte. Aos vinte e seis dias de Novembro do anno de mil oito centos e cincoenta e trez; neste Seminario Episcopal de S. José, sob a Presidencia do Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Conego Reitor e Prefeito dos Estudos; sendo Examinadores o respectivo Lente Doutor Maximiano Marques de Carvalho e o Lente de Canones Dr. José Pedro da Silva Camacho, o collegial Antonio Joaquim de Macedo Soares, fez exame publico de Philosophia Racional e Moral; aberto o escrutino foi approvado **nemine discrepante cum laude**. Do que para constar fez este termo. Eu o Padre Quintiliano José do Amaral Secretario dos Estudos o escrevi. Nada mais se continha no dito termo, que bem

e fielmente copiei do respectivo Livro e o qual me reporto. Rio de Janeiro, 30 de Novembro de 1853. O Pe. Quintiliano José do Amaral.

dora da Silveira Bueno de Azevedo Macedo. Neta paterna do major João Alvares de Azevedo e D. Maria de Macedo Freire de Azevedo, filha do primeiro matrimonio do Dr. Francisco de Macedo Freire, já citado, com D. Maria Isabel da Visitação Ferreira. Neta materna do comendador João Antonio da Costa Bueno, coronel commandante superior da Guarda Nacional da Companha, provincia de Minas Geraes, da celebre familia dos Buenos, de S. Paulo e Minas, que teve o seu tronco no grande patriota Amador Bueno, de quem rezam as cronicas que, numa sedição popular, rejeitára o titulo de rei, para ser fiel ao seu, que era el-rei de Portugal. — E por parte do major João Alvares, era D. Theodora de Macedo Soares bisneta paterna do sargento-mór Alexandre Alvares Duarte de Azevedo, que em companhia de seu primo Simeão Soares de Azevedo, já mencionado, viera para o Brasil, pelos meiados do seculo XVIII, e se estabelecera em Itaborahy, com engenho de assucar e fazenda de Tapacorá, e aí casar com D. Maria Joaquina da Cruz Duque Estrada, descendente de Henrique Duque Estrada, ambos heróes nas campanhas de Angola, e em Itaborahy fundaram a fazenda dos Duques, ainda hoje moente e corrente. Do consorcio do Dr. Macedo Soares com D. Theodora Alvares de Azevedo, provieram quinze filhos, dos quaes faleceram duas meninas de baixa idade e uma de 25 anos, a interessante Judith, que, por sua formusura, educação, talento cultivado e as mais raras virtudes, pessoais e domesticas, era uma das personalidades mais queridas da alta sociedade do Rio de Janeiro, e cujo falecimento e enterro fizeram sensação na cidade. Por ela ainda pranteiam seus paes, e irmãos, amigos e conhecidos. Dos filhos vivos fazemos menção dos seguintes: Dr. Oscar Paes Ferreira de Macedo Soares, auditor de marinha e advogado (1), D. Noemia, casada com o desembargador Celso Guimarães (2), Henrique

(1) 2, 3, 6 a 11, atualmente falecidos; 4, hoje desembargador, ex-presidente do Tribunal de Apelação do Estado do Rio, vice-préi-



Convento de Santo Antonio — Cabo Frio

Duque Estrada de Macedo Soares (3), tenente do exercito, Dr. Julião Rangel de Macedo Soares, promotor publico de Resende (4), Alexandre Alvares de Azevedo de Macedo Soares (5) e Paulo Amador Bueno de Macedo Soares (6), academicos; D. Elisa, casada com o Dr. Edmundo Silva (7), D. Maria de Nazareth, casada com o Sr. Ernesto Machado Guimarães (8), D. Sarah, casada com o Dr. Antonio Joaquim Terra Passos (9), D. Esther (10) casada com Gastão Alvares de Azevedo Macedo (11), D. Deborah, casada com o Capitão Dr. Rosalvo Mariano da Silva (12) e D. Abigail, solteira".

Quando estudante da academia de Direito de S. Paulo, foi Macedo Soares redator do "Correio Paulistano" e escreveu nos jornaes e revistas de S. Paulo e Rio de Janeiro artigos de critica literaria, transcritos, na maior parte, por jornaes do Rio, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Rio Grande do Sul. — Salvador de Mendonça, pelo "O Imparcial" de 13 de Abril de 1913, escreveu interessantissima cronica com relação a influencia que teve Macedo Soares sobre a mocidade academica do seu tempo: "Macedo Soares — (Antonio Joaquim — Cousas do meu tempo. — Era em 1860. Por essas noites de inverno da Paulinéa, de garôa fria que convidava ao aconchego do gabinete de estudo com a classica lampada de oleo sobre a mesa, a republica de Macedo Soares costumava reunir o que chamavamos a Colonia Fluminense. A republica de Macedo Soares era situada então no alto da rua de São José, proximo á casa da esquina em que morava o padre Vicente Pires da Motta, diretor da Faculdade de Direito, e em que outr'ora residira e fôra assassinado Libero Badaró. Essa republica era constituida pelos estudantes Antonio Joaquim de Macedo Soares, Francisco Belizario Soares de Souza, Antonio Augusto Ribeiro de Almeida, Francisco Azarias de Queiroz Botelho e Aureliano Au-

dente do Tribunal Regional Eleitoral do mesmo Estado; 5 — Advogado e alto funcionario da Fazenda Federal, em S. Paulo; 12 — Engenheiro militar, general de brigada.

gusto de Andrade — o Licas, os tres primeiros fluminenses, e os dois ultimos mineiros.

Eramos visitas frequentes Luiz José de Carvalho e Mello Mattos, o das "Theses Constitucionaes", José Antonio de Azevedo Castro, que morreu delegado do Thesouro em Londres, Thomaz José Coelho de Almeida e eu, que constituiamos a maioria da Colonia. Compareciam tambem ás *prosas* nocturnas João Pinto Moreira, o Pinto Onça, o melhor estudante de direito desse tempo, mineiro, e Aureliano Candido Tavares Bastos, de que tratei no artigo anterior.

A ordem do dia, ou a ordem de uma dessas noites de *prosa*, foi a recapitulação feita pela dita colonia de todos os homens mais notaveis que havia produzido a antiga comarca de Itaborahy, quando ainda abrangia as villas de Maricá e Rio Bonito.

Contavamos os seus homens de letras, os jornalistas, os magistrados e os politicos que haviam chegado a ministros. Mas o que não sabiamos então era que ninhada delles se estava ali creando. Só da republica de Macedo Soares vieram a sahir tres: Macedo Soares e Ribeiro de Almeida, para ministros do Supremo Tribunal Federal, e Francisco Belizario, para ministro da Fazenda do Imperio. E que ministro! digno herdeiro em tudo e por tudo das glorias de seu tio, o visconde de Itaborahy.

Quarenta annos mais tarde, em julho de 1900, do alto da velha torre da matriz itaborahyense, contemplava eu a linha do horizonte que me cercava, desde os penedos da barra da nossa bahia, ás serras da Tijuca, e dos Orgãos, a sudoeste e oeste do valle que se estende no sopé da collina, até ao Sambé e as linhas da costa, demarcadas ao longe e a léste e ao sul, pelas nuvens que pairam de continuo sobre a Ponta Negra e pelas ilhas de Maricá e penedia de Itacoatiara. Contemplava essa linha do horizonte e voltava-me á memoria a conta que fizeramos em S. Paulo, na republica de Macedo Soares.

Faculdade de Direito de S. Paulo. Bacharelandos de 1861.

Em pé: da esquerda para direita: (Barão de S. Geraldo), Estevam de Resende; Antonio Joaquim de Macedo Soares e Francisco Belizario Soares de Souza; Sentados: Antonio Augusto Ribeiro de Almeida, Francisco Ignacio Carvalho de Resende, Aureliano Augusto de Andrade, o Licas e J. Rocha Leão.

Puz-me a revel-a.

Se muitos filhos dessa terra haviam desapparecido, muitos nomes haviam ficado. E novos nomes vinham surgindo, para novas glorias do presente e gratas memorias no futuro.

Puz-me a contar ministros sahidos do districto da antiga comarca, nascidos alli de filhos de paes alli nascidos. Ministros de Estado no Imperio: visconde de Itaborahy, Paulino José Soares de Souza, o segundo, filho do visconde do Uruguay; Manoel Antonio Duarte de Azevedo e Francisco Belizario Soares de Souza. Pudera accrescentar em quinto logar o nome de Joaquim Manoel de Macedo, que já disse como recusara duas pastas no gabinete do conselheiro Furtado. Ministro de Estado na Republica: Alberto Torres. Ministros do Supremo Tribunal Federal: Antonio Joaquim de Macedo Soares, Antonio Augusto Ribeiro de Almeida e Lucio Drummond Furtado de Mendonça. Ministros diplomaticos no Imperio e na Republica: Candido José Rodrigues Torres Junior, depois visconde de Torres, e o autor desta conta.

E quantos nomes illustres pudera eu aqui accrescentar! Entre os que voluntariamente se recolheram ao esquecimento, Joaquim Alberto Ribeiro de Mendonça, o notavel engenheiro civil e philosopho ainda mais notavel da doutrina Comtista. Entre os que involuntariamente surgiram para a gloria, Alberto de Oliveira, o nosso poeta maximo.

E' de ver a influencia que teve sobre a mocidade academica de S. Paulo o espirito lhano e culto de Macedo Soares. Escrevia, a esse tempo para as revistas dos Ensaios Literarios e do Atheneu Paulistano estudos de pratica literaria, o romance "Nininha", de costumes academicos, e poesias lyricas; collaborava no "*Correio Paulistano*"

com *"O folhetim do Domingo"*, no qual tratava de assumptos varios, nos quaes revelava muita erudição. Escrevia para a "Revista Popular", da casa Garnier, em que collaboraram assiduamente Ma-

chado de Assis, Joaquim Norberto de Souza e Silva, o conego Fernandes Pinheiro e outros. O "Correio Mercantil" transcrevia-lhe, no Rio de Janeiro, os seus principais artigos de critica literaria; entre estes, lembro-me de que mereceram essa honra os seguintes: "Ensaio critico sobre Luiz José Junqueira Freire. "Flôres sylvestres", de Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, e "Tres poetas contemporaneos".

Colleccionou, em S. Paulo, em 1859, sob o titulo "Harmonias Brasileiras", producções poeticas, parte ineditas, parte publicadas em varios periodicos, redigidos quasi todos por essa esperançosa mocidade que se senta nos bancos das faculdades de S. Paulo e do Recife, periodicos de ephemera duração", as quaes, enfeixando em livro, salvou do olvido em que tantas outras desappareceram ou esperam ainda outra mão benevola que se lhes estenda. Publicou mais tarde, em 1869, as "Lamartinianas", outra collecção de diversos poetas brasileiros, além do volume de poesias "Meditações".

A sua carinhosa benevolencia para com os estreantes na prosa e no verso era proverbial. Ao passo que recordava as melhores producções das passadas gerações academicas, para exemplo e estimulo da geração contemporanea, animava e guiava com mão segura a quantos davam os primeiros passos nas trilhas traiçoeiras da publicidade.

Mello Mattos (Luiz José de Carvalho), o eloquente orador do elogio funebre de Gabriel José Rodrigues dos Santos, com a sua natural mordacidade, que era a manifestação superficial e ruidosa da bondade mais profunda de coração, que todos lhe conheciamos, opinava nas palestras nocturnas, que Macedo Soares estava fazendo um deserviço ás letras nacionaes com a sua perenne animação a quanto rabiscador apparecia; que se devia deixar a gente nova provar se tinha ou não real talento; que a selecção se devia fazer pelos dotes naturaes que mostrasse cada contendor no periodo da iniciação e da lucta; que nem todos podiam ser Alfredos de Musset e de Vigny, Octavianos e Justitianos; que alguns era preciso que fossem pela agua abaixo ou que se afundassem; que para sobrenadar um Garret era necessario que se afogasse muito Francisco Palha.

Riamo-nos todos, Macedo Soares sorria tambem dos paradoxos de Mello Mattos com o seu sorriso de bondade paternal, e dada a ocasião, sahia em defesa dos "afogados do Mello Mattos".

Nem só os assumptos puramente literarios occupavam as horas de lazer do critico benevolo. Desde cedo começou a dar á publicidade obras juridicas. O seu primeiro estudo de Direito Constitucional *Da liberdade religiosa no Brasil*, cuja primeira edição se fez em S. Paulo, reappareceu em 1865, em segunda edição, no Rio de Janeiro. Advogava a liberdade de todos os cultos no Imperio. Sahiram-lhe ao encontro os beatos. *A liberdade religiosa segundo o sr. dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares*, resposta attribuida ao conselheiro Zacharias, foi o signal de alarma contra o "livre pensador". Monsenhor Felix Maria de Freitas e Albuquerque, governador do bispado, veio logo com a sua *"Circular aos parochos"*, para que prevenissem os seus freguezes contra os funestos effeitos do opusculo do dr. Antonio Jaquim de Macedo Soares". Mais tarde, quando se agitava o processo dos bispos, Macedo Soares escreveu-me uma série de cartas, que, sob o titulo de *Questão Religiosa*, publiquei na *Republica*. Ainda hoje fôra opportuno reunir esses escriptos em volume.

As suas principais obras de direito foram: *Tratado pratico dos testamentos e successões*, annotações a Antonio Joaquim Gouvêa Pinto, 1867; *Regimento dos distribuidores em geral* 1868; *"Tratado juridico pratico da medição e demarcação das terras*, 1878; *Primeiras linhas sobre o processo orphanologico*, por José Pereira de Carvalho, com as addições e notas do dr. José Maria Frederico de

Souza Pinto, revistas e augmentadas, 1880, e *A lei da reforma eleitoral*, 1881.

As suas principaes obras de linguistica e lexicographia foram: *Sobre a etymologia da palavra boava ou emboaba*, 1879-80, artigo extrahido dos seus *Estudos Lexicographicos* "do dialecto brasileiro sobre algumas palavras africanas, introduzidas no portuguez que se falla no Brasil", e *Declaracion de la doutrina christiana, manuscripto* guarany, traducção e annotação, precedido de uma carta do traductor ao senador Candido Mendes de Almeida, 1880.

Duas grandes autoridades expressaram a sua opinião ácerca de Macedo Soares: Francisco Octaviano, seu admirador, chamou-o "o nosso Sainte-Beuve", e Lucio de Mendonça, seu collega no Supremo Tribunal —, disse delle que era "um dos nossos maiores jurisconsultos e um dos nossos mais integros magistrados."

Fez parte de diversas associações literarias e scientificas. Em Araruama onde fixou residencia, depois de formado em direito, foi delegado de policia, inspetor escolar, juiz municipal e dos orfãos. — Em março de 1865 saiu publicado a 2.ª edição do seu opusculo — "Da Liberdade Religiosa no Brasil". A 1.ª edição desta obrinha, escreve Macedo Soares, foi feita em S. Paulo, pelos annos de 1858 ou 1859, em um dos jornaes academicos, a *Revista*, si bem me lembra, do Ensaio Philosophico Paulistano, em forma de parecer dado pela commissão de sciencías sociaes, da qual eu era relator, ácerca da these: — "Si a nossa Constituição Politica consagrava a liberdade religiosa em toda a sua amplitude". Este trabalho teve o previlegio de divulgação pela Sociedade Internacional de Imigração, composta do escol da nosas inteletualidade, bastando citar, entre outros, Paula Souza, ministro da agricultura em 1866, Tavares Bastos e Quintino Bocayuva; por outro lado a referida sociedade requintára no seu entusiasmo, deliberando recomendar, em geral, a sua leitura o que foi aceito, por unanimidade. E

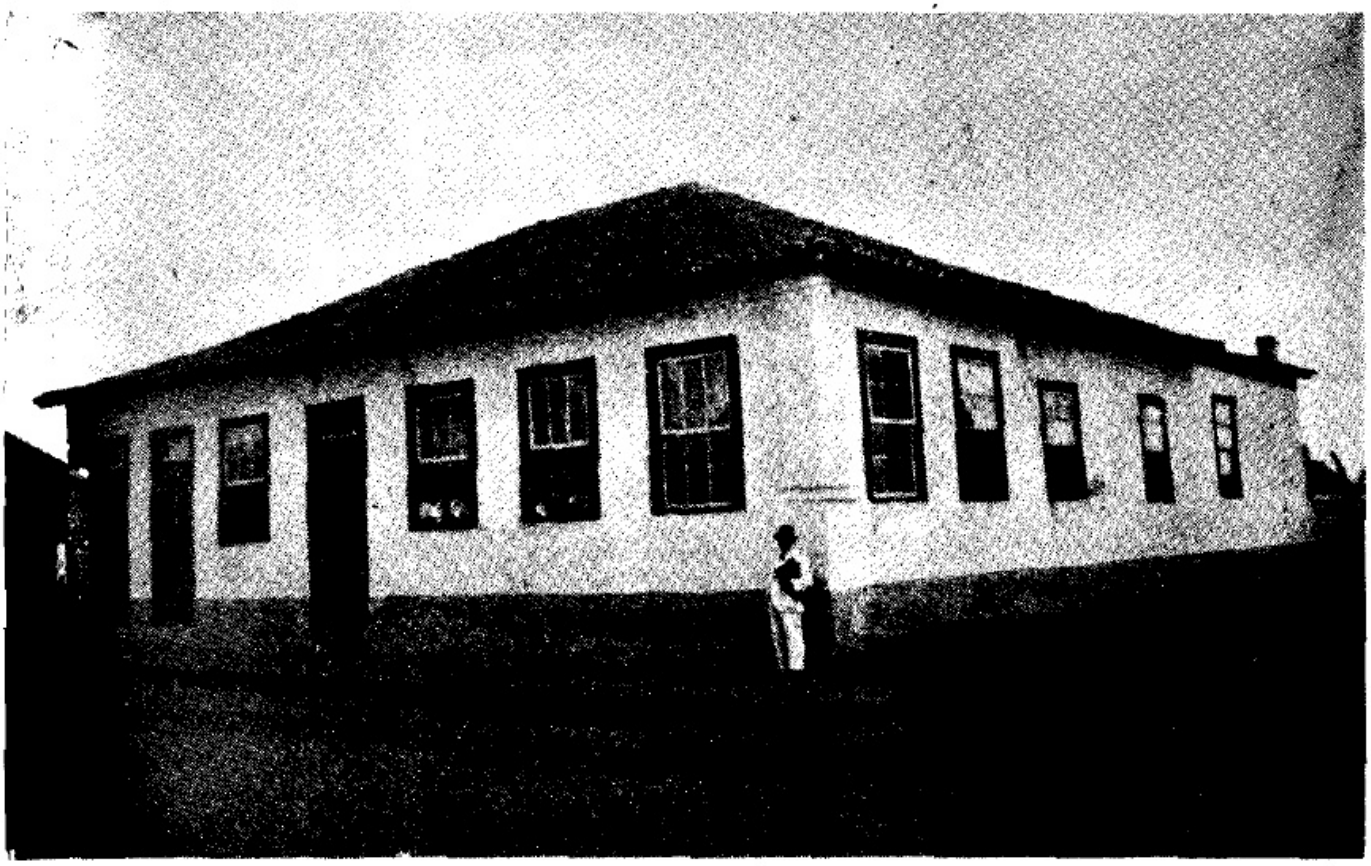
fe-lo por descobrir naquele estudo qualidades relevantes, assim a da linguagem primorosa, assim a do vigor dialético no combate ás restrições á liberdade religiosa mantida na Constituição e nas leis do Imperio. A divulgação provocou amplo debate no parlamento, com o sacrificio, porem, de Macedo Soares, que deixou de ser reconduzido por imposição de Zacarias de Góes, chefe do partido liberal e presidente do concelho de ministros, nas funções do seu cargo de Juiz municipal de Araruama. O ato do presidente do concelho dos ministros, obstando á nossa recondução, comenta Macedo Soares, na 4.ª edição, em apenso, foi combatido na camara dos deputados por Tavares Bastos, Christiano Otoni e outros; no senado, por Furtado, Pompeu e já nos não lembra quem mais. O jornalismo da oposição verberou a pequice do ministro, em termos que nos faziam muita honra. E eramos um humilimo juiz municipal de 29 anos, que Deus louvado!" — Em verdade, pauperrimo, chefe de numerosa familia, com oito filhos nascidos e criando-os ás suas expensas, mas espirito altivo, emancipado, homem de combate, não se quedou ante a perseguição de um gabinete retrogado e injusto, e, eil-o, a Macedo Soares, vitorioso na causa da liberdade de consciencia, já, agora, liberto das peias da magistratura, intemerato na sua faina de investigar, de policiar os senhores de escravos, pugnando de fáto e de direito pela liberdade da pessoa humana, traduzida na abolição da escravidão. — A sua ação abolicionista, rompendo as cadeias das conveniencias, cresce em grandeza, permita-se-me a enfase, atendendo-se ás exigencias da sua familia conservadora e catolica, genro de um dos grandes chefes do partido conservador na antiga Provincia, e tão poderoso que tinha como representantes a seus cunhados, os Viscondes de Itaborahy e do Uruguay (1), com interesses inteiramente ligados ao elemento servil e ás falhas desta instituição, senhor de propriedades agricolas,

(1) A esse tempo, os Chefes politicos não tinham representação politica: elegiam os seus representantes.

na baixada fluminense, com cerca de 3.000 escravos. Em Araruama, tendo como companheiros aos advogados Figueiredo Junior que mais tarde deixou uma das cadeiras do Supremo Tribunal para tornar á advocacia, Aleixo Marinho, Cortines Laxe, Nascimento Silva, Sá Carvalho e Bernardo de Vasconcellos, expoentes na advocacia, Macedo Soares fez-se eleger vereador municipal para prestar á sua provincia os mais relevantes serviços. Entre outros, citaremos o regimento da Camara Municipal, aprovado pela lei n.º 1.568 de 3 de janeiro de 1871, que foi mandado tornar comum pela lei n. 2.339 de 16 de Novembro de 1878, ás Camaras Municipaes que não o tiverem por proposta do Deputado Vieira Souto, que, entre outras considerações, aduziu: "Há meio de remediar a falta: é autorisa-la para servir-se provisoriamente de um regimento interno que está aprovado por lei. e é o melhor dos que existem na provincia, pois que foi cuidadosamente organizado por um dos mais distintos e ilustrados membros desta Assembléia, o Sr. Dr. Macedo Soares, para a Camara de Araruama". E' de notar-se que só tinham regimento interno as Camaras de Iguassú, Friburbo, Barra de S. João e Angra dos Reis. Todos os demais municipios adoptaram ou passaram a reger-se pelo regimento de Araruama (2). Tambem muito contribuiu para a construção da estrada de ferro de Niteroi a Campos, em artigos publicados na Imprensa e em interessantes cartas abertas a Salvador de Mendonça. — Eleito deputado provincial pelo 2.º distrito do Rio de Janeiro, em 1870, e, sucessivamente reeleito á mesma assembléia em 1872, 1874, 1876 e 1878, a sua ação no legislativo foi por igual notavel propugnando sempre pela independencia dos membros desse poder, como ja o vinha fazendo em prol dos membros do judiciario. As leis sobre o ensino primario são quasi todas de sua autoria.

(2) Vj. Campanha juridica pela libertação dos escravos, pg. 207. Foi tambem Macedo Soares quem primeiro tratou sobre secularisação dos cemiterios.

Retrato do Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, tal qual se vê em uma parede do Clube Literario — Macedo Soares — em Campo Largo, Parana. Esse mesmo retrato adornou o salão do Paço Municipal, na sessão civica comemorativa do centenario do Grande Juiz — 1938

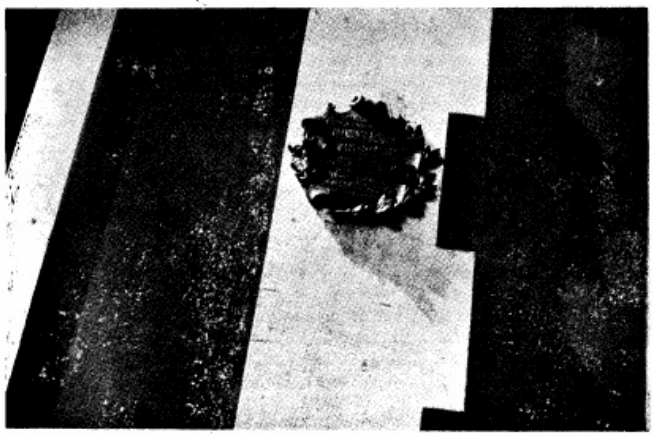


Casa, onde, om sua familia, morou, em Campo Largo, Paraná. o Juiz de Direito, Dr. Macedo Soares — 1874-1876

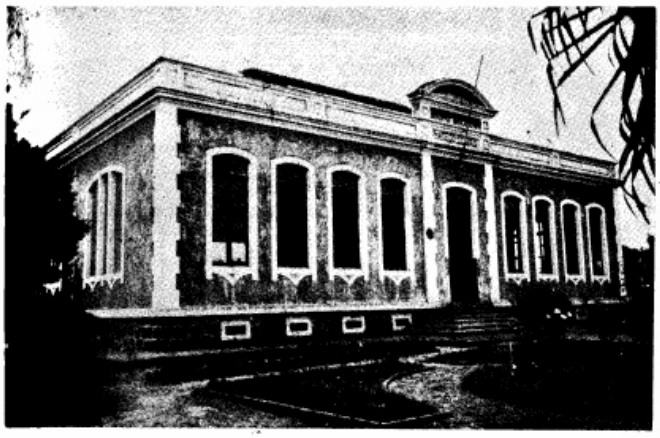
Por decreto de 30 de Novembro de 1866, por serviços prestados á integridade da Patria, foi nomeado cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa. — Nomeado promotor publico da comarca de Rio Bonito, no ano seguinte, á 6 de janeiro, foi exonerado, a pedido. Em 21 de junho de 1874, por indicação do ministro Duarte de Azevedo, foi nomeado juiz de Direito de S. José do Campo Largo, então provincia do Paraná, comarca por ele instalada. Nesta provincia creou diversas associações literarais, entre as quaes o Club Literario Campo Larguense, de que foi Presidente e socio benemerito. Campo Largo, hoje bela cidade, o seu logradouro principal, é a praça Macedo Soares, onde se acha edificado o — Grupo Escolar Macedo Soares. Ainda na provincia do Paraná exerceu o cargo de chefe de policia no governo do Dr. Frederico Abranches. — Em 4 de Dezembro de 1876, foi removido da comarca de Campo Largo, para a de Mar de Hespanha, em Minas Gerais. Aí fundou um club literario e uma bibliotéca, que atualmente é uma das mais completas do Estado. — Em 1881 foi removido para a comarca de Cabo Frio, provincia do Rio de Janeiro. Dando-se essa remoção, o Tribunal da Relação de Ouro Preto consignou em áta um voto de pesar por ter a magistratura mineira sido privada de tão ilustre magistrado e felicitando-o. Em 14 de Março de 1886 foi removido para a 2.ª vara comercial da Côrte; em 1887 cumulou o exercicio de juiz dos Feitos da Fazenda. Deu grande relevo a vara comercial. Os advogados davam-lhe preferencia, na distribuição. E por que? Di-lo Oliveira Coelho, um dos grandes advogados de então: "A lhaneza, a amenidade do trato, a natural modestia, a par de vastissima illustração desse juiz modelo, estão ainda bem gravadas na memoria dos que perante elle litigavam em umas das varas commerciais desta Capital.

Quando acaso tinha por dever oppor alguma recusa, seguindo o preceito de "As Noites Atticas", usava de um modo tão gracioso que a propria recusa equivalia quasi ao favor solicitado". —

J. C., 15-8-1905. E não deixou de lado a causa que sempre o preocupava: a da abolição dos escravos. Fôra êle o primeiro magistrado que poz em execução a lei de 1831, mandando passar, *ex-officio*, carta de liberdade aos escravos importados em fraude a lei. E tambem fôra o primeiro a aplicar a aurea lei n. 3.353 de 13 de maio de 1888. E por acaso feliz, anota "O Paiz", de 18 de Maio: "Certos individuos que não queriam abandonar a exploração do trabalho alheio, lhe haviam requerido a justificação da posse nefanda de um homem de côr que sentára praça no exercito, isto é, tinha procurado a nobilissima profissão das armas. Os autos tinham subido á sentença daquele integro magistrado, que á 14 deu este despacho: "Em face da aurea lei n. 3.353 de hontem, 13 de Maio de 1888, não ha mais escravos no Brasil. Portanto, julgo improcedente a justificação, e pague o justificante as custas da causa. Rio de Janeiro, 14 de Maio de 1888. Devolvo o preparo. Antonio Joaquim de Macedo Soares. — Bricio Filho, pelo Correio da Manhã de 29 de Julho de 1946, relata os festejos que duraram oito dias por motivo da lei abolindo a escravidão. Dançou-se nas ruas, continua o cronista. Bondes especiaes foram postos á disposição da estudantada que, ao cair da tarde, ia as moradas dos maioraes da redenção levar as provas de sua admiração. No Largo de S. Francisco de Paula, diante da rua do Ouvidor, foi armado um coreto, de onde discursadores entusiasmados traduziam a satisfação que sentiam. Em determinada ocasião vinha do n. 47 da rua da Constituição, local do funcionamento da 2.ª Vara Comercial, para lanchar na confeitaria da esquina da rua dos Andradas, como era de seu habito, o dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares. De cima do tablado o lobriguei e com força de meus pulmões de moço gritei: — "La vem o Juiz redentor". — E o brado, pegou. E rapidamente todos clamavam: — "Viva o Juiz redentor". — Ele, porém, se aproximou e protestou: — "Não, a redenção é obra vossa, e dos que concorreram para a glorio-



Placa comemorativa colocada ao lado direito da porta de entrada do Grupo Escolar — Macedo Soares: "Pelo centenario do Grande Brasileiro, Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares — primeiro Juiz de Direito da Comarca (1874-1876) — Homenagem do povo Campo Larguense, prestada em 1938



Grupo Escolar — Macedo Soares — Campo Largo — Paraná

sa conquista: o titulo cabe áquela que lançou sua assinatura no decreto libertador; Chamemo-la — Isabel, a redentora". E a denominação ficou. E assim passou na história a ser cognominada a filha de Pedro II. E o aclamado recebeu do punho de Patrocinio um bouquet de cravos brancos, flores que conservou, embora murchas, colocadas na estante de livros, junto a sua mesa de estudos, no escritorio, de sua residencia, até cerrar os olhos. — E esse magistrado foi um benemerito. Quem estudar a campanha juridica pela libertação dos escravos ha de reconhecer os seus merecimentos. — Sua ação vem de 1867. Como simples Juiz municipal de Araruama, na Provincia do Rio, tomou a defesa de uma vitima da escravatura o que valia por uma audacia naqueles tempos de tremendo escravismo. Depois, no terreno judiciario, ao exercer a magistratura, deu sentenças luminosas calcadas nos textos legaes e no direito, sendo o primeiro a dar o exemplo de independencia para distribuir justiça aos que sofriam os horrores do tronco, logrando obter imitadores, entre os quaes devem ser citados Amphilophio de Carvalho e Monteiro de Azevedo". — Por seus serviços a esta campanha, conferiu-lhe D. Isabel, a Redentora, o titulo de — Conselheiro. Pertenceu a diversas associações literarias e cientificas, entre as quaes, o Instituto Historico e Geografico Brasileiro, a secção da Sociedade de Geografia de Lisbôa, no Rio de Janeiro, socio correspondente da sociedade de Geografia de Lisboa, da sociedade de Geografia desta Capital. Em 14 de Outubro de 1888 foi nomeado para fazer parte da comissão composta dos drs. João José de Andrade Pinto, Eduardo de Andrade Pinto, Affonso Celso de Assis Figueredo e Luiz de Hollanda Cavalcanti, afim de elaborar a lei de falencias. Não conseguiu a comissão cumprir o mandato. Mas Macedo Soares apresentou um magnifico trabalho — "Reflexões sobre a lei de falencias", muito citado por Carvalho de Mendon-

ça no seu Tratado de Direito Comercial. — Em 26 de Novembro de 1890 foi nomeado Juiz da Côrte

de Apelação, nesta Capital. — Colaborou, com Ruy Barbosa e o Barão de Sobral, em diversas leis do governo provisório. De sua autoria o decreto n. 25 de 30 de novembro de 1889, sobre formulas e tratamento forense e, com a colaboração do Conselheiro Carlos de Carvalho, o dec. n. 917 de 24 de Outubro de 1890, sobre falencias (1). — Em 1891, sucedeu ao marechal Manuel Deodoro da Fonseca, no cargo de Grão Mestre, grande comendador da Ordem Maçonica no Brasil. Reeleito em 1894, recusou a terceira reeleição, sendo substituido por Quintino Bocayuva. Grandes serviços prestou á maçonaria brasileira. A reforma desta instituição sob os moldes do regime federativo, instituindo a federação maçonica, é a sua grande obra. — Em 12 de dezembro de 1898 foi-lhe conferido o titulo de grão-mestre honorario da maçonaria lusitana. — Em janeiro de 1892 foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal. Não houve campanha social, não houve prelio pelo bem e pela justiça, em cerca de 14 anos em que exerceu suas funções nessa Egregia Côrte, que ele não deixasse um traço incisivo e brilhante de sua passagem. Que tenham em vista os seus votos vencidos! O notavel advogado José Eduardo da Fonseca disse: "Juiz tão grande e tão sabio que bem merecia vestir a toga romana que se envolveram Ulpiano e Papiniano, nas luminosas éras do direito... Macedo Soares soube conservar a mais fria impassibilidade deante das grandes crises moraes que a vida moderna, com o seu sequito de competições e emulações, vae tornando frequentes na vida de cada homem publico. Amava a justiça como um ideal; venerava a justiça como um sacerdocio.. Lutou por ella e sofreu com ela... Nome nacional, a sua notoriedade não surgiu, em chamas, dos inteletuais na paz austera de um gabinete... ha de eternizar-se na história judiciaria do Brasil como um preclaro exemplo de independencia profissional". — Edmundo Lins, o notavel Presiden-

(1) Vide Candido de Oliveira — Legislação comparada — ed. 1901 — Nota á pgs.

te, quando da visita do ministro da justiça, o Sr. Dr. José Carlos de Macedo Soares, á Côrte Suprema, assim se expressou: "...Sois herdeiro colateral do nome do Grande Ministro — Macedo Soares. Este foi disse-o eu, ha pouco, desta cadeira, foi, sob o ponto de vista da cultura geral, o maior juiz que honrou e exalçou uma das curues do entao Supremo Tribunal Federal. E — atenda-se bem — quando hombreou então, com os gigantes da nossa jurisprudencia — Barradas, Barao de Sobral, Piza e Almeida, Lucio de Mendonça, José Hygino, Americo Lobo e Epitacio Pessoa. Sois, como disse e folgo em repetir, herdeiro colateral desse grande nome. E, apezar de tão moço, já sois notavel pela cultura juridica, revelada nos livros que tendes publicado e nos discursos que proferistes em a nossa ultima constituinte... Assim continuará V. Ex. a manter, galhardamente, o nome imortal do seu saudosissimo tio paterno — o grande Macedo Soares. — (Sessão de 9 de Junho de 1937). — Hermenegildo de Barros, integro magistrado, vice-presidente do Supremo Tribunal Federal e Presidente do Superior Tribunal Eleitoral (1934), incluiu Macedo Soares entre as grandes figuras da Magistratura brasileira. Boletim do Instituto Histórico — Anais (Centenario) 2.º vol. pg. 257 a 365 — 1941. — O Conselheiro Macedo Soares faleceu ás 12 1/4 de 14 de Agosto de 1905, na casa sita á rua Haddock Lobo, n. 25, para onde fora transportado, por exigir o seu estado de saude, residencia do seu genro, o clinico Dr. Edmundo Silva, e rodeado de sua familia, com assistencia de muitos amigos. — Uma verdadeira romaria acorreu a visita e o seu enterro foi de tal forma concorrido, que se esgotaram as carruagem da cidade. O saimento efetuou-se ás 16 horas, obedecendo, respeitante sua recomendação, ao ritual *maçonico*. As mais sentidas e eloquentes manifestações de pesar, se fizeram sentir por parte da Imprensa do Brasil e do extrangeiro, do Congresso Nacional, das Assembléas Estaduais, dos Tribunais de Apelação, Juizes de primeira inctancia e

de varios Institutos e associações cientificas.. No Supremo Tribunal Federal, assim se manifestou o ministro Lucio de Mendonça: "Permita o Tribunal que á homenagem coletiva se acrescente o tributo pessoal da minha mágoa, da minha saudade e da minha reverência, e que, receioso da comoção, eu não confie de improviso nem a meia duzia de frases que tenho de proferir. — Quando morre um magistrado da estatura do nosso egrégio colega, a classe inteira sente-se mutilada; mas não é só a familia togada que se cobre agora de dó é toda a nossa civilisação, toda a inteletualidade brasileira, porque emudeceu para sempre a voz de um pontifice do direito. — Macedo Soares, escritor, filosofo, jurisconsulto, era, antes e acima de tudo, Juiz, quer dizer — sacerdote da Justiça, com a mais entranhavel devoção, com a mais alta compreensão desse culto e o mais nobre orgulho de o praticar. — Saído de um tirocinio academico dos mais lembrados na legendaria Faculdade de S. Paulo, laureado dos primeiros triunfos literarios, veiu, na amada terra fluminense, que hoje o chora com lagrimas fulgurantes de dôr e de gloria, exercer a advocacia com aquela "nobre audacia" que depois recomendava aos causidicos. — Pouco tempo, entretanto, demorou-se nessa profissão nobilissima quando nobremente cultivada; atraia-o com a vocação de um destino a magistratura, onde havia de brilhar como astro de primeira grandeza. — Nesta carreira, digo neste sacerdocio, cujos fastos em nossa patria contam justos e martires imolados ao dever, nenhum se elevou mais que Macedo Soares. — De familia agricola, conservadora e catolica, com interesses intimamente vinculados á existencia do trabalho servil e das velhas instituições, fechou os ouvidos ás inspirações do egoismo, rompeu as cadeias das conveniencias, alistou-se resolutamente nas fileiras dos libertadores, dos que aboliram o cativeiro dos negros e fundaram a liberdade de consciencia. — Juiz de direito, proclamou a vigencia, insolentemente contestada, da lei de 7 de Setembro de 1831, e nas sentenças e julgamento de partilhas em que as certidões de matricula atestavam a existencia de africanos importados depois daquela data, sem dependencia de ação regular, sem mais forma nem figura de juizo, immediatamente os mandava excluir do inventario e os declarava livres. — Desde os primeiros passos na vida publica manifestou-se livre pensador, e, como Renan, como Gambetta, havendo recebido de padres o ensino de humanidades, tornou-se por isso mesmo adversario inconciliavel do clericalismo. — A publicação de um opusculo acerca — *Da liberdade religiosa no Brasil*, custou-lhe, segundo confissão oficial e publica, a não recondução no cargo de juiz municipal. Para logo, como juiz de direito e(foi chamado "o primeiro juiz de direito do Brasil"), prégou e praticou a independencia do Poder Judiciario em face do Executivo, rebelou-se contra a invasão de atribuições que se operava por meio de avisos. — Escrevia já em 1877, da sua comarca de Mar de Hespanha: "Que fôrça tem um aviso do Governo para interpretação de uma Lei? — Esqueceis acaso que o Governo é incompetente para interpretar as leis, decretos e restrições emanadas do poder legislativo? Esqueceis que a divisão dos poderes politicos é a mola cardeal do nosso sistema de governo? — Um aviso é uma opinião e opinião nem sempre autorizada. Muitas vezes não passa do parecer sem valor de obscuro empregado de secretaria, ao qual ministros indolentes vão subscrevendo sem mais detido exame." — Diante dos superiores hierarquicos, guardava, sempre em fórma respeitosa, a mais altiva independencia. — Juiz de Direito em Minas, sempre dirigia-se nestes termos ao Tribunal da Relação do Distrito: "Sei que os exemplos dos superiores são a norma de proceder dos juizes inferiores, mas sei tambem que *non exemplis sed legibus judicandum est* (1.13 *cod. de sent. et interloc.*) *et non tamen spectandum est, quid Romae factum est, quam quid fieri debeat* (1.12 D. de Off. Proesid.)". Neste Supremo Tribunal, todos vós o sabeis, a sua cadeira, tão cedo vasia dêle, era um baluarte da li-

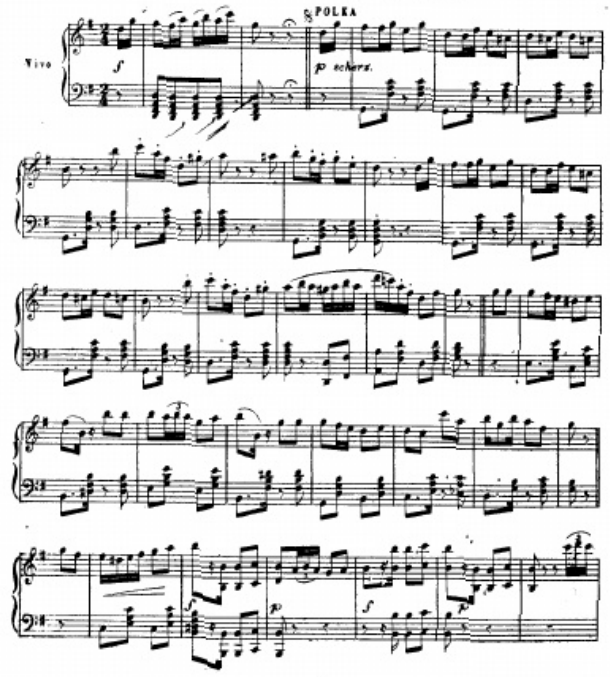
berdade individual, um dique sempre oposto ás violencias e abusos do poder. Se além do Juiz quizese falar do homem que foi Macedo Soares, escusava de dizer, pois é sabido, que o lar abençoado desse Juiz pobre era um templo de caridade, de cuja porta, franca, nenhum desgraçado se abeirava que não encontrasse agazalho e conforto. Neste momento da vida nacional em que a liberdade espiritual, *ainda* que assegurada na lei das leis, gravemente periga, ameaçada pela traiçoeira, rastejante venenosa, invasão do clericalismo, a perda de Macedo Soares é incomensuravel desgraça. Pezames aos oprimidos e aos desamparados! pezames aos sedentos e famintos de justiça! pezames ao civismo, á liberdade, ao direito! pezames ao povo brasileiro! Os Drs. Oliveira Coelho (Jornal do Commercio de 15 de Agosto de 1905) — Souza Bandeira (A Tribuna, de 17), Alcindo Guanabara, Pangloss, "O Paiz", de 18, Medeiros Albuquerque — M. A. (A Noticia, de 19) e Souza Pitanga, no Instituto Historico, escreveram sentidos artigos e noticias *sobre* a personalidade de Macedo Soares. Na intimidade deleitava a familia com a organização de concertos musicais e tertulias literarias, nos quais tomava parte, como flautista eximio, compositor, conversador admiravel. Deixa algumas composições musicais. Ao aproximar-se a data do centenario do seu nascimento, os jornais anunciaram a seguinte comunicação do Presidente do Supremo Tribunal Federal. "O ministro Bento de Faria, presidente do Supremo Tribunal Federal endereçou, hoje, a todos os presidentes dos Tribunaes de Apelação do paiz, o seguinte telegrama: "No dia 14 deste verifica-se o centenario do nascimento *do* saudoso ministro Macedo Soares, honra da magistratura nacional por ter sido um dos seus maiores juizes, notavel pelo saber, pela integridade, pelo caracter, pelo desassombro de opinião. Lembro esta data á V. Ex. por ter de ser grata ao Brasil e aos seus juizes. Atenciosas saudações. "Em todos os Estados do Brasil, os Tribunais de Apelação, em sessão solene, e juizes singulares, nos

SARAH

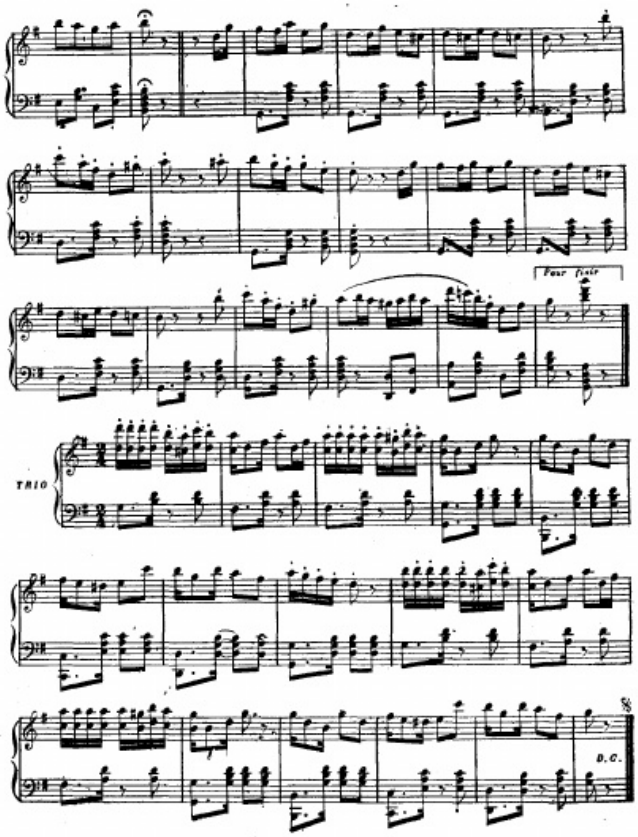
POLKA HABANERA

POR

A. J. de MACEDO SOARES



(C. 19)



Fotocopia reduzida de uma das muitas composições do Dr. Macedo Soares expostas ao publico, na casa Arthur Napoleão e outras da rua dos Ourives e da do Ouvidor, Côrte

seus protocolos, homenagearam o grande Juiz. — O Instituto Historico e Geografico Brasileiro, em sessão especial, comemorou a data centenaria do nascimento de Macedo Soares. Ao iniciar os trabalhos, falou o presidente Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva; em seguida, o ilustre socio Dr. Fe.jó Bittencourt fez brilhante conferencia sobre o homenageado. Agradeceu, em nome da familia, o desembargador Julião R. de Macedo Soares. Terminada a sessão passaram os presentes a sala publica de leitura, onde se fez a inauguração do retrato do ministro Macedo Soares, o qual se deve á gesto gentilissimo do embaixador José Carlos de Macedo Soares, que incumbiu de fazer esse trabalho ao provecto artista professor Carlos Oswaldo. Falou no áto o sr. Dr. Manuel Cicero, pelo Instituto, respondendo o desembargador Macedo Soares. (Rev. do Inst. Hist., 1940, vol. 175, pgs. 657 a 660). — A Academia Brasileira de Letras, sob a presidencia do academico Claudio de Souza, em sessão semanal realizada á 27 de Janeiro de 1938, prestou significativa homenagem a Macedo Soares. Falou o brilhante presidente; respondeu, agradecendo, o desembargador Julião Kangel de Macedo Soares. Em apendice transcrevemos o noticiario inserto no "O Jornal do Commercio", de 29 seguinte, dessa memoravel sessão. O povo de Maricá não esqueceu o seu ilustre e digno filho, fez erigir no principal logradouro a que deu o nome de — Praça Macedo Soares — o seu busto em bronze. De sua numerosa descendencia, trataremos em outro capitulo.

3.—Francisco Americo de Macedo Soares, nascido na fazenda do "Bananal", Maricá, em 29 de Agosto de 1839, casou-se em 21 de fevereiro de 1863 com D. Feliciana Duarte de Macedo Soares, filha do tenente João Duarte dos Santos, fazendeiro em Saquarema, substituto do juiz municipal do mesmo termo, eleitor, e de sua mulher D. Anna Angelica Vitorina de Souza; neta paterna do Alferes Francisco Duarte e Silva e sua mulher D. Maria Francisca dos Santos; materna de Adeodato

José Vitorino de Souza e sua mulher D. Elizarda Angelica Vitorino de Souza; bisneta paterna de Manuel Duarte Silva e sua mulher D. Aurelia Maria de Paiva, paes do Alferes Francisco Duarte Silva; e materna do Coronel Felicissimo Jose Vitorino de Souza e sua mulher D. Anna Angelica Vitorino de Souza, paes de Adeodato José Vitorino de Souza. — O Alferes Francisco Duarte e Silva, fazendeiro em Saquarema, era natural do Rio Bonito, e foi casado em segundas nupcias com D. Maria Francisca de Assumpção, de quem não houve filhos. Eleitor especial de senador, nas eleições de 1868, em Araruama. Morrendo de parto D. Feliciana em 28 de Outubro de 1881, Francisco Americo passou a segundas nupcias com D. Maria Eulalia de Lima, filha de João Francisco de Lima e D. Maria Felicidade de Lima. — Inteligente, culto, inspirado poeta, Macedo Soares trouxe as "Harmonias Brasileiras" a bela poesia de Francisco Américo. — "O canto da Indiana". — Funcionario da Biblioteca Nacional, faleceu, nesta Capital, em 5 de Junho de 1899. D. Maria Eulalia faleceu no Distrito Federal á 25-10-1919, deixando, além dos filhos da casal, um irmão, o major reformado do corpo de bombeiros, Jacob de Lima, e, entre inumeros sobrinhos, Raul Salles, jornalista.

4.—João Augusto de Macedo Soares, nascido na fazenda do "Bananal", Maricá, em 19 de Novembro de 1840; casou-se em 21 de dezembro de 1867, com D. Maria Gertrudes Ribeiro de Macedo Soares, filha de José Pinto Ribeiro e D. Maria Custodia Vieira Ribeiro. (Cap. VI, *in fine*); neta paterna de Vasco Gomes Pinto e D. Bernardina Rosa da Conceição; materna de Francisco Pereira da Costa Vieira e D. Gertrudes Maria Custodia. — Sargento-Quartel Mestre do Estado Menor do 2.° Esquadrão de cavalaria de Araruama; 2.° Substituto de Subdelegado de Policia da mesma freguezia, em 1868; Inspetor Paroquial da Instrução da mesma freguezia, áto de 23 de Agosto de 1869. — Alferes Secretario do referido Esquadrão de cavallaria. — Eleitor da citada freguezia, em 1869. —

José Mariano Alves — 1839-1905

D. Maximiana de Macedo Soares Alves
1842-1925

1.º Substituto do Delegado de Policia de Araruama, em 1871. Eleitor especial de Araruama, em 1872. Exemplar chefe de familia; carater rijo, muito respeitado por suas convicções. — Em 1895 recusou a patente de Coronel da guarda nacional, porque, disse, a de Alferes conquistára por serviços prestados á Nação, ao passo que a outra só lhe era concedida em atenção a parentes proximos altamente colocados. E continuou a assinar-se: — alferes João Augusto de Macedo Soares. — Faleceu em sua fazenda do Palmital, em Araruama, á 28 de Setembro de 1918. Deixou filhos.

5 —D. Maximiana de Macedo Soares Alves, nascida em Maricá, em 21 de fevereiro de 1842; casada com seu primo-irmão José Mariano Alves, em 21 de Outubro de 1865, na fazenda do "Bananal". Esposa amantissima; deu primorosa educação aos filhos, inteligente, possuidora de veros encantos espirituais. Faleceu em Santos (São Paulo), em 12 de Janeiro de 1925.

6 —D. Maria da Gloria de Macedo Soares Ribeiro de Almeida, nascida no Bananal, em 12 de dezembro de 1844. Casou-se em 23 de janeiro de 1874, com o Major Joaquim Ribeiro de Almeida, segundas nupcias deste, Coletor Geral e Provincial em Maricá. Extremamente amavel, bondosa, distintissima: viuva á 4-12-1844, com filhos menores, soube educá-los primorosamente. Faleceu, em casa de seu genro, Dr. Joaquim Mattos, á rua Mariz e Barros n. 370, Capital Federal, em 17 de Agosto de 1915.

7.—D. Joaquina Emilia de Macedo Soares, nascida no "Bananal", em 4 de dezembro de 1846; faleceu em 27 de Abril de 1938, no estado de solteira, em Niterói, na casa de sua sobrinha. D. Carolina de Macedo Soares Almeida Baptista Pereira, com quem residia.

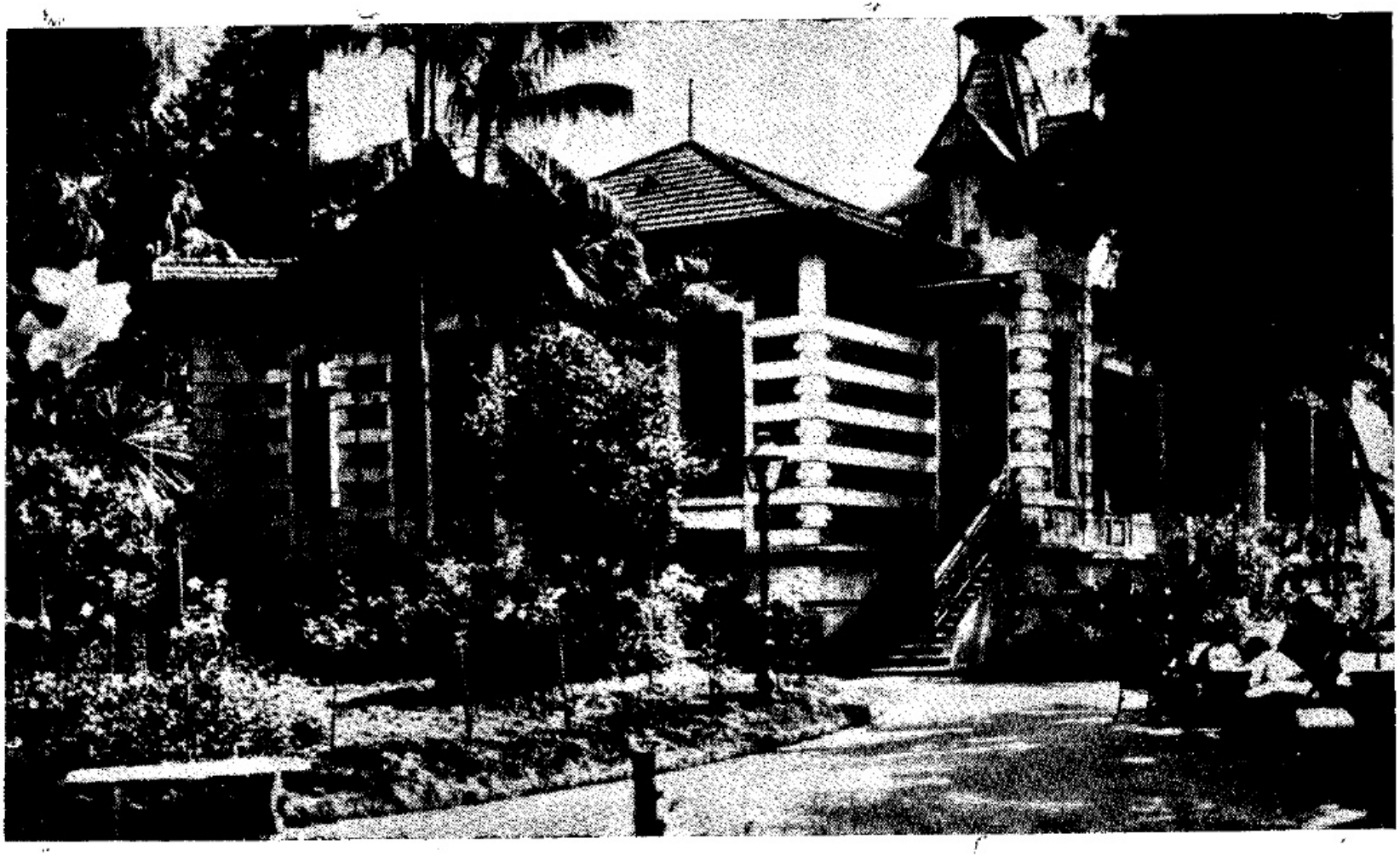
8.—D. Anna Augusta de Macedo Soares Dias Menezes, nascida na fazenda "Bananal", Maricá, em 22 de março de 1849; casada, em 6 de Novembro de 1869, com Antonio de Souza Dias Menezes far-

maceutico formado pela faculdade de Medecina do Rio de Janeiro, filho do farmaceutico Antonio de Souza Dias e D. Alexandrina de Menezes, filha do farmaceutico Antonio José Ferreira de Menezes e D. Cherubina, filha do Alferes José Gomes da Cunha Vieira, fazendeiro e chefe do partido liberal em Maricá. (Vj. Cap. X). — Antonio de Souza Dias de Menezes, faleceu em 29 de Abril de 1874, no Bananal, no quarto de minha mãe, anota Macedo Soares. — D. Anna, tambem extremosa mãe, faleceu em Santos (São Paulo), em 3-6-1938.

9.—D. Mariana Luiza de Macedo Soares, nascida na propriedade acima, em Maricá, em 25 de Outubro de 1850. Solteira. Vive, de bôa saude, em companhia de sua sobrinha, D. Carolina de Macedo Soares de Almeida Baptista Pereira, em Niterói.

10.—Dr. José Eduardo de Macedo Soares, nascido na fazenda do Bananal, Ponta Negra, Maricá, em 26 de Agosto de 1852. Farmaceutico formado pela Faculdade de Medecina da Côrte, em 1874. — Casado com D. Candida de Azevedo Sodré Macedo Soares, filha de José Paulo de Azevedo Sodré e D. Candida Ribeiro de Almeida de Azevedo Sodré, senhores da fazenda do Coqueiro, em Maricá. Estabeleceu-se, de inicio, com farmacia, em Cordeiros, municipio de São Gonçalo, entre Maricá e Niterói, onde nasceram seus filhos: Eponina, José Paulo, Eunyce e José Eduardo. Dotado de lucida inteligencia, apreciavel cultura, a conselho de seus irmãos drs. Joaquim Mariano, medico, e Antonio Joaquim, magistrado, seguiu para S. Paulo, onde melhor poderia aproveitar sua grande capacidade para o trabalho. E, em verdade venceu, e brilhantemente. — De sua vida publica e particular melhor dirá a transcrição do noticiario, por motivo do seu falecimento, ocorrido á 25 de fevereiro de 1918. — O prematuro e lutuoso acontecimento consequente a uma intervenção cirurgica, causou profundo abalo em todos os circulos culturais da capital paulista. — A imprensa da capital do paiz, e dos Estados do Rio e São Paulo, sem

Professor José Eduardo de Macedo Soares e sua esposa D. Candida de Azevedo Sodré de Macedo Soares



Ginasio — Macedo Soares — Residencia do Diretor

exeção, registra a dolorosa perda, exalçando a figura do admiravel educador. "Noticiando hontem, a ultima hora, o falecimento do distinto e estimadissimo professor José Eduardo de Macedo Soares, não nos era possivel traçar siquer rapidamente o seu perfil, que valerá sempre por um dos mais belos e edificantes exemplos de vida cheia de probidade, de modestia e de altruismo. Uma palavra póde sintetizar os sessenta e cinco anos dessa formosa e aureolada existencia: a Bondade. Macedo Soares era fundamentalmente, irradiantemente bom. — A sua fisionomia afavel, de nobres traços, abria-se a todos n'um sorriso acolhedor e paternal, tanto mais animador e carinhoso, quanto mais humildes e desprotegidos fossem as pessoas a que se dirigisse. Durante trinta anos foi professor e educador, e ninguem até hoje em São Paulo, pode dizer-se, sem receio de suscetibilizar precedencias, exerceu essa sagrada missão com maior dedicação, com mais elevado e consciencioso escrupulo. — O habito de tratar com os alunos, e mais tarde, a convivencia com as creanças do seu importante internato da rua Vergueiro, imprimiam-lhe ao caráter já acessivel e amigo uma brandura suavissima, verdadeiramente paternal. Sempre inalteravel de paciencia, com uma faculdade preciosissima de dição e exposição, realizava o ideal do professor metodico, classimo, cujas preleções eram ouvidas, com prazer, atenção e o mais perfeito aproveitamento. — Durante trinta anos, desde 1888, deu apaixonadamente a sua cadeira de fisica e quimica da Escola Normal secundaria desta Capital o melhor do seu tempo, detendo-se horas e horas com os seus alunos em trabalhos de laboratorio, revelando no ensino da ciencia um culto beneditino. — Era atualmente o decano daquela Congregação, cercado da mais alta e merecida consideração por todos os seus colégas e alvo, desde muitos anos, de uma verdadeira idolatria

por parte dos seus discipulos. — Durante seis lustros as turmas de professoras do nosso grande estabelecimento do ensino levavam para fóra da

Escola, espalhando-a por todo o Estado e por todo o país, a lenda desse mestre bondosissimo, exemplar e infatigavel no esforço de comunicar aos seus alunos os conhecimentos necessarios. O programa da sua cadeira constituia para o seu zelo nunca arrefecido uma taboa de lei, explicando-o ponto por ponto, só se satisfazendo quando reconhecia que toda a aula, aurira perfeitamente a materia preleccionada. O resultado dessa incomparavel educação salientou-se desde cedo no grande apreço de todos os seus alunos, cada um dos quais se retirava do curso propedeutico com o maior entusiasmo e afeto pelo proveto mestre. — Ao lado da sua atividade na Escola Normal, desdobrava-se o professor Macedo Soares na direção de um conceituadissimo estabelecimento de ensino, preleccionando tambem na escola de Farmacia, de que fora fundador com o saudoso Dr. Brauno Gomes, e que dirigiu no trienio de 1911 a 1913. A sua influencia sobre a juventude nas cadeiras das duas escolas — Normal e de Farmacia — equivaleu pelo cunho salutar e benefico á influencia exercida sobre a infancia no seu modelar estabelecimento de ensino, o grande e suntuoso colegio que São Paulo todo conhecia, instalado na chacara da Conceição, em Villa Mariana, teve como origem um modesto curso de preparatorios, exiguamente iniciado no porão da casa de sua residencia, á rua General Jardim, em 1901. — Modesto, lutando para a tarefa gloriosa de educar os seus numerosos filhos, de que soube fazer cidadãos notoriamente illustres e senhoras requintadamente bondosas e distintas, o professor Macedo Soares viu o seu pequeno nucleo de alunos de humanidades rapidamente acrescido, transferindo em 1905 o curso para um predio maior, á rua do Arouche e anexando-lhe um internato. Três anos depois as proporções se alargavam, impondo-lhe a aquisição da vasta chacara da Conceição, onde acabou de desabrochar a gloriosa instituição do ensino e educação que ha pouco mais de um mês ele se via obrigado a declarar fechada, por motivo de sua precaria saude. O seu

espirito voltado para as coisas pedagogicas, servido por uma cultura verdadeiramente ecletica, soubera formar em torno de si uma pleiade de professores distintos, que ele orientava com proficiencia, incutindo-lhes o seu instinto educativo e as suas belas faculdades de magisterio. A formação do caráter, da personalidade dos seus alunos, correspondia a dois objetivos capitaes: a constituição do tipo de robustez física e a cuidadosa modelagem do conjunto de qualidades civicas e patrioticas que devem distinguir o bom brasileiro. Tendo realizado longas viajens ás republicas do Prata, á França, á Suissa, á Italia e á Inglaterra, e depois aos Estados Unidos e ao Canadá, por todos eles o seu empenho era a observação dos metodos do ensino, dos sistemas de educação, dos novos processos adotados em todos aqueles paizes para a elaboração física e mental da juventude. Não havia nisso o espirito mercantil, de realizar aperfeiçoamentos para a eles corresponderem lucros como uma industria qualquer. Havia a paixão desinteressada de quem se afizera a educar as creanças com o carinho de pai. No seu ginazio eram por dezenas os meninos pobres, gratuitos. Dir-se-ia de certo modo um asilo de desherdados; jámais consentiu que um pai lhe retirasse um aluno por falta de recursos para o pensionato. Estão espalhados pelo Estado inteiro inumeros desses beneficiados que sempre proclamaram o altruismo e o admiravel espirito de beneficencia desse pranteado morto. — Nessa faina de realizar a caridade mais formosa, porque nunca deixou de ser a mais discreta, o professor Macedo Soares encontrava uma colaboradora incomparavel na excelsa senhora, sua companheira de quarenta e dois anos, no mais abençoado dos lares, agora mergulhada na inconsolavel dôr que tantos sinceramente compartilham. Seria alongar demasiado um artigo rapido de jornal pretender dar uma justa ideia do que foi o papel de Macedo Soares como chefe sempre modelar de uma das mais belas e dignas familias de que se orgulha a nossa sociedade. — A hospitalidade mais franca,

a pureza mais sagrada de costumes, foi sempre o caracteristico desse lar. Mesmo quando, no começo de sua vida laboriosa, arcando com as dificuldades que traz sempre a educação de uma dezena de filhos, tirava apenas do seu indefesso labor de mestre os recursos para a subsistencia, o seu lar era o mais acolhedor, aberto a todos os necessitados, abrigo de parentes pobres e de amigos ocasionalmente necessitados. A familia Macedo Soares grangeára, por isso, em sua sociedade uma estima merecidissima, dia a dia crescente, porquanto as virtudes excelsas do casal hoje desfeito vinham juntar-se as nobres qualidades dos filhos que, por sua vês, constituiam nucleos de preciaras familias. Do elevado grau dessa justa estima, foi demonstração eloquente a imponencia do cortejo funebre de ontem, como já o haviam sido as infinitas provas de carinho, de solicita inquietação, recebidas durante a rapida molestia que teve ante-hontem o lamentadissimo desfecho. O professor Macedo Soares em seus ultimos momentos, foi confortado por todos os sacraments da egreja, que lhe foram ministrados por D. Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo metropolitano, que tambem, as 10 horas rezou, na Capela do Sanatorio Santa Catarina, a missa de corpo presente, assistida por grande numero de parentes e de amigos do ilustre finado. A ilustre familia enlutada, o "Jornal do Comercio" apresenta as mais sentidas condolencias". — Do "O Estado de São Paulo" colhemos o seguinte: "Macedo Soares, um dos mais distintos educadores brasileiros e que por todos os titulos gosava de grande acatamento e inumeras amizades no meio social paulistano". — A "Gazeta" sob o titulo *Nomes do dia*: — José Eduardo de Macedo Soares. A's tres horas da madrugada, exalou o ultimo alento. Quem foi na existencia? S. Paulo inteiro o sabe, José Eduardo de Macedo Soares representava nesta Capital, uma tradição viva. Deante dele, passaram vinte gerações de moços que, na idade viril, lhe tributavam a mais respeitosa das homenagens. E ele bem as soube mere-

Dr. Brotero Frederico de Macedo Soares
1856-1917

D. Carolina Pires de Macedo Soares
— Rio São Francisco — Sertão da Bahia
1886

cer; era um educador inteligente e perspicaz, um caráter vigoroso e récto, que se impunha desde logo áqueles que vinham beber ao seu colégio — o Ginasio Macedo Soares — os ensinamentos que haviam de servir de base a instrução superior... No momento extremo, porem, teve, felizmente o grande consolo de ver-se cercado de numerosos amigos, de uma prole luzida, que lhe ha de tornar sempre lembrado o nome com respeito. E a sua memoria não se apagará nunca da memoria das gerações que se sucederem, porque será por todos, um exemplo veneravel". — Do "O Imparcial" da Capital Federal: —"... Portador de um nome notavel no paiz, e que ajudou a ilustrar com o esforço, o merito e a dignidade de sua existencia dedicada ao trabalho, o Doutor Macedo Soares, vivia cercado do respeito e da estima da sociedade paulista e dos seus antigos discipulos, habituados a acatar nele um caráter puro e um coração generoso. O Dr. Macedo Soares desaparece prematuramente, no vigor de uma vida nobre e ultilmente ocupada, após uma operação cirurgica, cujo resultado ainda ha dois dias nao fazia prever o lamentavel desenlace". — O enterro foi concorridissimo; o cortejo funebre conduzido a mão, até o cemiterio, acompanhado de alunos da Escola Normal secundaria, teve a assistencia do representante do Presidente do Estado, Dr. Altino Arantes, Dr. Candido Rodrigues, vice-presidente, de todos os secretarios de Estado, Dr. Washington Luiz, prefeito da Capital, professores da faculdade de Direito, da Congregação das Escolas Normal e de Farmacia e de toda a sociedade paulista. De sua descendencia trataremos em outro capitulo.

11.—Doutor Brotero Frederico de Macedo Soares. Nasceu na fazenda "Bananal", Maricá, em 19 de junho de 1856. Formado em engenharia civil pela Escola Politécnica desta Capital, desde logo desempenhou varias comissões técnicas do governo, quer no Imperio, quer na Republica. A sua primei-

no Império, quer na República. A sua primeira nomeação foi para fazer parte da comissão de desobstrução e melhoramentos do rio São Francis-

co, no Estado da Bahia, da qual se houve com inteligencia e competencia, merecendo do Chefe da comissão francos elogios. Deixando essa comissão foi nomeado para chefiar os trabalhos do prolongamento da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Sabará, Estado de Minas. Voltando a esta Capital, foi designado para servir no Observatório Astronomico, onde desempenhou com assiduidade e dedicação os cargos de Astronomo, Bibliotecario e Secretario, em cujo cargo foi aposentado, a pedido. Exerceu, durante muitos anos o magisterio particular, prelecionando matematicas. Dotado de esmerada educação, de uma modestia e bondade cativante, logrou no seio de sua classe gerais simpatias, muita estima e acatamento no circulo de suas relações sociais, principalmente entre os menos favorecidos, acessivel que sempre era para com todos. Casou-se á 10-4-1886 com D. Carolina Pires de Macedo Soares, sua prima, n., 4-XII-1861, filha de João Francisco Pires e D. Leopoldina Maria Pires. Faleceu á 19 de outubro de 1917, no "Cabuçú", Meyer, na chacara, de sua propriedade, n. 18, rua Minas, hoje rua Engenheiro Brotero, justa homenagem que lhe prestou a Prefeitura do Distrito Federal. Deixou filhos mui distintos que serão mencionados em outro capitulo.

12.—Adolpho Aprigio de Macedo Soares, nascido na fazenda acima, em 3 de Janeiro de 1859, fazendeiro em Maricá; solteiro. Politico militante de real prestigio na terra do seu nascimento. Faleceu em 2 de junho de 1896.

13.—Doutor Manuel Theodoro de Macedo Soares, nascido no "Bananal", em 2 de dezembro de 1862. Formado em medecina pela Faculdade do Rio de Janeiro em dezembro de 1887, após curso dos mais brilhantes. A sua tése de doutoramento, aprovada com distinção, foi por muitos anos citada por seus contemporaneos. Ele a dedicou: "Ao meu carissimo irmão, amigo sincero e segundo Pae, Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares. O vosso estimulo, a vossa sincera afeição, a vossa bondade, o vosso

caráter ilibado, os vossos sabios e fraternaes conselhos, a vossa pertinacia foram cooperadores poderosos para a conquista do honroso titulo que hoje possuo. A minha divida de gratidão para comvosco é imensamente grande, meu caro irmão! — Este distintissimo medico faleceu de beriberi, no estado de solteiro, dois anos após sua formatura, em Cordeiros, 1889.

CAPITULO XXIII

Descendência do Major Luiz Manuel de Azevedo Soares e D. Carolina Luiza de Azevedo Soares.

1.—Paulino José de Azevedo Soares, n., na fazenda "Bananal Grande", Maricá, em 3 de junho de 1839; casou-se em 23 de junho de 1861, com a sua prima irmã D. Maria Antonia Alves de Azevedo Soares — Cap. XX). Substituto do Juiz Municipal de Maricá, no quatrienio de 1867 a 71; Juiz de Paz, no de 1873-77. Faleceu em Niterói, á 3 de julho de 1885. D. Maria Antonia faleceu, em Niterói, em 6-5-1919. Deixou o casal 4 filhos declarados em seguida.

2.—D. Maria Paula de Azevedo de Macedo Soares, n., na fazenda do Bananal Grande, Maricá, em 20 de Setembro de 1842, e batisada no Oratorio da referida fazenda pelo Capelão Frei João Garcia, em 4 de junho de 1843, sendo seus padrinhos José Paulo Alves de Azevedo (Cap. XVIII) e D. Generosa Rosa de Azevedo Soares (Cap. XIX). Casou-se com o seu primo-irmão Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares, em 21 de janeiro de 1865. Faleceu no Bananal, em 28 de fevereiro de 1886. Foi esposa e mãe modelar. De sua descendencia trataremos em outro capitulo.

3.—Antonio José de Azevedo Soares, n., no local acima, em 31 de dezembro de 1843; casado, em 1867, com D. Guilhermina da Costa de Azevedo Soares, filha de Antonio Joaquim da Costa, fazendeiro em Itaborahy e D. Ricardina da Costa. Antonio José

de Azevedo Soares, fazendeiro, foi Juiz de Paz em Itaborahy e Delegado de Policia em Niterói. Faleceu em 4 de Março de 1886, na casa de residencia do seu cunhado, Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares de quem foi muito amigo. Deixou descendencia adeante declarada.

4.—José Rodrigues de Azevedo Soares, n., na fazenda acima, em 21 de Agosto de 1845; farmaceutico formado pela Faculdade de Medecina do Rio de Janeiro. Serviu na campanha contra o Paraguay, a bordo da esquadra brasileira. Casou-se em 2 de janeiro de 1888, em Niterói, com D. Lydia Antas de Azevedo Soares, n., em 3 de julho de 1854, filha de João Pinto de Figueiredo Mendes Antas e D. Anna Carolina Mendes Antas, de familia de Angra dos Reis. Foi auxiliar de diretor e depois vice-diretor do Hospital de Juquery, Estado de S. Paulo. Faleceu em S. Paulo, em 16 de janeiro de 1934 e sua mulher, naquele Estado, em 3 de Agosto de 1945. Deixou filhos que vão declarados.

5.—D. Maria Antonia de Azevedo Soares, n., na propriedade acima, em 28 de janeiro de 1849; casou-se em 23 de Maio de 1890 com seu primoirmão Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares, este, em segundas nupcias. Faleceu, em Niterói, em 2 de fevereiro de 1933, aos 84 anos, conservando perfeitas suas faculdades, possuidora de memoria admiravel.

6.—Luiz Manuel de Azevedo Soares Junior, n., no "Bananal", em 20 de junho de 1850, fazendeiro em Maricá e em São Paulo. — Casou-se em primeiras nupcias, em 3 de dezembro de 1870, na fazenda do Bananal, com D. Maria Luiza Alves de Azevedo Soares, filha do Capitão Felippe José Alves e D. Maria Custodia de Resende Alves (Cap. V, nota), de cujo consorcio teve 6 filhos, adeante declarados; em segundas nupcias, casou-se Luiz Manuel Junior, com D. Candida Soares de Azevedo, filha de Simeão Soares de Azevedo (Cap. XVI) e D. Laurentina Henriques de Azevedo, filha de Joaquim José Henriques e D. Vicencia (Cap. XVII). Sem geração das segundas nupcias, Luiz Manuel faleceu, em São Paulo, em 25 de dezembro de 1914, e D. Maria Luiza em 15 de Setembro de 1884, em Niterói, na residencia do seu co-cunhado, Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares, chacara, de propriedade, de Paulino José Azevedo Soares, á rua do Cubango. D. Candida, 2.ª esposa. faleceu em Niterói, á 21-4-1941.

7.—Joaquim José de Azevedo Soares, n., na fazenda acima, em 3 de julho de 1852; casou-se com D. Candida Borba de Azevedo Soares, filha de Manuel José Borba, português, proprietario de uma grande caeira, no Rio de Janeiro, e D. Maria da Gloria de Borba. Professor da Escola Normal de São Paulo, fundador e diretor de conceituado Colégio particular, na mesma Capital, faleceu na Capital Federal, em 27 de Setembro de 1938. Deixa ilustre descendencia. D. Candida faleceu, no D. F., á 8-3-1943.

8.—Doutor João Evangelista de Azevedo Soares, n., no local acima, em 27 de dezembro de 1853, medico e farmaceutico ,pela Faculdade de Medecina do Rio de Janeiro. Casou-se em 16 de fevereiro de 1893, com D. Amanda Pena de Azevedo Soares, filha de D. Erico Augusto Pena, consul Geral, no Brasil, da Republica Oriental do Uruguay, e de D. Luiza Ramos Pena. O Dr. Azevedo Soares faleceu, em sua fazenda "Bananal Grande", á 2 de dezembro de 1935; e, antes, á 13 de outubro de 1932, ali faleceu sua esposa. D. Armanda Pena. Deixa filhos que serão mencionados em outro capitulo.

9.—D. Maria Luiza de Azevedo Soares, n., na fazenda acima, em 6 de julho de 1855. Solteira. Vive. com 92 anos, em plena atividade, na companhia de suas extremosas sobrinhas Celina e Beatriz, filhas do Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares, á rua Santa Rosa n. 24, Niterói.

10.—D. Maria Ricardina de Azevedo Soares, n., no "Bananal", em 14 de Janeiro de 1857. Solteira. Residia com suas sobrinhas Celina e Beatriz. Faleceu

á 1 de dezembro de 1933. — Teve o casal mais 4 filhos que faleceram impuberes.

CAPITULO XXIV

Descendência do Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares e D. Maria Paula de Azevedo de Macedo Soares

1 — 1:—Samuel de Macedo Soares, n., em Niterói, em 17 de dezembro de 1865: farmaceutico formado pela Faculdade de Medecina do Rio de Janeiro. Estabelecendo-se em São Paulo, casou-se com D. Francisca Martins de Siqueira, filha de Candido Martins de Siqueira e D. Deolinda Alves Porto Martins de Siqueira, fazendeiros em Jacarehy. — Filhos:

2 — 1:—Manoel Theodoro de Macedo Soares, n., em 23 de julho de 1901, formado em Odontologia; funcionario publico; solteiro.

2 — 2:—Doutor Milton de Macedo Soares, n., em 10 de Setembro de 1902, formado em medecina pela Faculdade de Medecina do Rio de Janeiro, casado com Maria de Lourdes Vargas, filha de Serafim da Silva Vargas, natural de Angra dos Reis, e D. Maria de Oliveira Vargas, fazendeiros em Limeira, S. Paulo; filhos:

3 — 1:—Eduardo, n., em 17-12-1931.

3 — 2:—Maria Cecilia, n., em 22 de novembro de 1933.

2 — 3:—D. Elza de Macedo Soares, n., em 8 de junho de 1904, professora publica, formada pela Escola Normal de Niterói, com exercicio no Colegio Salesiano, em Corumbá, Estado de Matto-Grosso.

2 — 4:—Maria Paula, n., em 13 de setembro de 1906, professora pela Escola Normal de Niterói, irmã Salesiana do Colegio, em Guaratinguetá, São Paulo.

Dr. Oscar de Macedo Soares, advogado, deputado estadual, lider na Assembléia, 1892 a 1897, chefe de policia no governo Mauricio de Abreu, auditor de Marinha, N. em Saquarema, 15 de Setembro de 1863; † Capital Federal, 3 de Agosto de 1911.

2 — 5:—Samuel Mariano de Macedo Soares, n., em 21 de junho de 1910, funcionario publico no Estado do Rio, solteiro. Nasceram mais, Maria Alice e Ismael Mariano que faleceram em tenra edade.

1 — 2:—Alice de Macedo Soares, n., em 16 de março de 1870, e faleceu aos 25 anos, em 5 de setembro de 1895, no estado de solteira. Distintissima, e inteligente, o seu falecimento causou grande tristeza no seio de sua familia.

1 — 3:—Celina de Macedo Soares, n., em 23 de setembro de 1877; solteira.

1 — 4:—Beatriz de Macedo Soares, n., em 4 de julho de 1882, solteira; residem em Niterói.

CAPITULO XXV

Descendência do Conselheiro Antonio Joaquim de Macedo Soares e *D. Theodora Alvares de Azevedo de Macedo Soares*

1 — 1;—Dr. Oscar de Macedo Soares, n., na fazenda Bom-Sucesso, municipio de Saquarema, Estado do Rio de Janeiro, em 15-9-1863. Fez o curso de humanidades no Colegio Aquino, e o de ciências juridicas e sociais na Faculdade de Direito de São Paulo. Durante o curso foi redactor do "O Correio Paulistano" juntamente com os Conselheiros Antonio Prado, Rodrigo Silva, Rodrigues Alves, Almeida Nogueira e outros notaveis politicos da facção conservadora. Além dos artigos politicos, pertencialhe a secção de critica literaria, musica e teatro. — Bacharel da turma de 1886 com Hermenegildo de Barros, Rodrigo Octavio, Pedro Mibielli, Julio Raja Gabaglia, Carlos Borges Monteiro, Alvaro de Carvalho e outros que tantos serviços prestaram ao pais, foi o

Dr. Oscar de Macedo Soares nomeado promotor publico e curador geral dos orfãos da Co-

marca de Itú, então provincia de São Paulo. — O Dr. Caio Prado, presidente da provincia das Alagôas, levando em conta a competencia e a compustura do Promotor da Comarca, resolveu nomea-lo secretario do governo, cargo que exerceu até ser removido para igual posto na provincia do Ceará. — Vem a pêlo a transcrição das instruções que recebeu de seu pae, então juiz de direito da 2.ª Vara Comercial da Côrte: "Instruções a meu filho, nomeado Secretario do Governo da provincia das Alagôas. — I — A mais perfeita solidariedade com o Presidente da Provincia, que te nomeou, confiando na tua lealdade. — II — Toda a cortezia e circumspecção com o Chefe de Policia e os empregados superiores da administração, sem os quais o Presidente não pode governar. — III — Lhaneza e gravidade para com os empregados da Secretaria. Ser superior, dando ordens porque são legais, sem deixar perceber que as dás só por seres superior. Affabilidade, sem familiaridades indiscretas. — IV. — Continuar as tradições da Secretaria. Pouco espirito reformista. Reformas, só as imprescindiveis, e que estejão nas forças do orçamento da provincia. O prurido de reformar sem attender aos recursos orçamentarios só produz construções na areia. — V. — Summo respeito para com a magistratura. E' ella grande elemento de força e de ordem para o governo. Nunca te esqueças que o Poder Judiciario é tão independente como o Poder Executivo. D'este o Presidente é agente e orgão; d'aquelle é auxiliar e protetor. — VI — Toda a paciencia e acessibilidade com as partes. Lembra-te sempre do aphorismo de Bacon: *"Patientia et gravitas in causis audiendis justitiae est pars essentialis; et judex nimium interloquens minime est cymbalum bene sonans"*. — VII — Assiduidade no serviço. O ponto é para os empregados.

O chefe da Secretaria deve ser o primeiro a dar o exemplo de ser o primeiro a chegar á repartição. Para isso, deita-te cedo e levanta-te cedo, procurando manter inalteravel a saude, mesmo para não precisares de licenças, que são prejudiciais ao serviço e á bolsa. — VIII. — No conflito de tuas opiniões com as de Presidente, cede ás d'elles, que áfinal é o responsavel pelo bom governo da provinvia. Em egual conflito com os outros empregados da administração, leva-o ao conhecimento do Presidente, e submete-te á sua decisão, como sendo o superior de todas as autoridades da provincia, e assim está declarado no seu regimento. — IX — Methodo no trabalho. Cada coisa em seu logar e a seu tempo. Salvo motivo legal de preferencia, despacharás os negocios por ordem de antiguidade. — X. — Paga, dentro tres dias, as visitas que te fizerem; mas, não as amiudes sem causa. Poucas relações, mas bem escolhidas. Nas provincias e mais ainda nas pequenas capitaes, este *modus vivendi* é essencial. — XI — Nas relações com os chefes dos partidos, toda a prudencia: com os teus, cordialidade; com os contrarios, deferencia; com todos, espirito de justiça e verdade. — XII — Segredo absoluto. Nunca converses sobre negocios da provincia sinão e só com o Presidente, e mais ninguem. Si alguem procurar saber a tua opinião sobre elles, responde que vais examinar e submetter á decisão do Presidente. — Observados estes preceitos, não ha Secretario de Governo que não seja optimo; e o teu escopo é este: seres optimo. Rio, 30 de Agosto de 1887. Antonio Joaquim de Macedo Soares". — Regressando, tempos depois, ao Rio de Janeiro, o Dr. Oscar abriu escritorio de advocacia com os Doutores Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Manuel Henriques da Fonseca Portella e Paulino José Soares de Souza Junior, fi-

liando-se ao partido conservador do Imperio sob a direcção do Conselheiro Paulino José Soares de Souza. Proclamada a Republica em 1889, seguiu o seu partido, aderindo com sinceridade ao novo regime; resolveu entrar na politica do Estado do Rio, seu Estado natal. Tendo o seu partido, então sob a chefia do Conselheiro Paulino, e do Dr. José Thomaz da Porciuncula, rompido em oposição ao governador Portella, o Dr. Oscar de Macedo Soares, fundou em Niteroi, o jornal de combate — "O Rio de Janeiro", e durante mais de um ano manteve com ardor uma luta em defesa do Estado e dos principios do seu partido. Desaparecendo o partido moderado e reorganisando-se o partido, em memoravel convenção em Petrópolis, presidida pelo General Quintino Bocayuva e eleito presidente o Dr. Porciuncula, foi deputado estadual em varias legislaturas e líder da Assembléia. Tomou parte saliente em todas as discussões, sendo suas quase todas as leis do Estado. A lei n. 43-A de 1893, uma das melhores no que concerne á organisação judiciaria, é, na maior parte, de sua lavra. No governo do Dr. Mauricio de Abreu, nomeiado o Dr. Oscar de Macedo Soares, chefe de policia fez completa remodelação deste departamento, destacando-se a reforma da Penitenciaria e a creação do gabinete antropométrico. Na cisão do partido, no governo Alberto Torres, ficou em oposição, obediente ao partido chefiado pelo Dr. Miguel de Carvalho. Chefe politico de Saquarema, prestou a sua terra natal relevantes serviços. De interessante crônica sob a epigrafe — "A divina cidade de Saquarema — O berço de Oscar de Macedo Soares, Oliveira Vianna e Alberto de Oliveira — extraimos os seguintes trechos: — "O Dr. Oscar de Macedo Soares, o talentoso e culto jurista brasileiro, filho de Saquarema, teve um dia as

redeas do poder local em suas mãos. Amando a linda e suggestiva terra de seu nascimento, abrio-lhe o cerebro e o coração, transformando-o em cornucopias milagrosas e derramando beneficios sem conta. Em artisticos postes de ferro mandou colocar artisticos lampiões, dando á sua cidade uma farta iluminação publica. Macedo Soares — e daí chamarmos o ilustre saquaremense de estadista precoce — com uma visão segura de construtor de civilisações estudou o seu povo, a sua gente. Vio que as populações praieiras são atacadas de molestias varias que as atrofiam, especialmente numa baixada como a fluminense; viu que o fenomeno de maternidade á abundantissimo nessas populações e que as mulheres da praia são aptas para a procreção como nenhumas outras; pois bem, o jovem estadista tão cedo roubado pela morte, fundou em Saquarema, em edificios amplos, confortaveis, com todas as regras de higiene ao alcance do meio e do momento, um hospital publico e uma maternidade. A fundação de uma maternidade, em um ambiente fisico e social como Saquarema, por si só, o sagrava um estadista, pois somente agora é que o Estado do Rio, no interior, em cidades como Campos, rica, com cem mil habitantes, começa a fundar um estabelecimento dessa espécie. Quantas dezenas de saquaremenses se vivem, devem a sua vida ao seu glorioso e imortal conterraneo? Não só ao traçarmos estas linhas sentimos uns estremecimentos de orgulho e de entusiasmo pelo nome do grande fluminense, ao mesmo tempo que amaldiçoamos a visão estreita da politicalha que lhe arrancou um dia o poder das mãos, condenando-o a um ostracismo que muito, ou principalmente, contribuiu para que a vida se lhe extinguisse tão prematuramente. Mas não ficou somente nestes traços a admiravel obra adminisrativa de Macedo Soares. O "Dr. Os-

car", como entre suspiros de saudade o povo saquaremense o chama, deu a Saquarema água encanada vinda de bem distante. E tudo desapareceu!... Nas grandes paginas da historia fluminense está o seu nome gravado, e enraizado eternamente está toda a sua individualidade na memoria do povo de Saquarema. De nossa parte — e ignoravamos toda essa grande obra do notavel fluminense — não deixaremos de divulgar o seu nome e a sua obra como modêlos de civismo e de estadismo de *films* muito nossos conhecidos e que felizmente já agora não se idealisam nem se exibem em télas governamentais no Estado do Rio, porque o periodo da cinematografia politica e civica da terra fluminense, graças aos céus, já se extinguiu. Mas Macedo Soares, que morreu pobre, ia alem ainda, se mais além se pode ir, em átos dessa natureza: dava o que era seu, seus bens, ao Estado para que se convertessem em obras publicas. O Edificio do Telegrafo Nacional de Saquarema foi donativo que ele fez a União, para que Saquarema fosse dotado de telegrafo. E não se diga foi um casebre que ele doou; não, foi um dos melhores o mais bonitos predios da cidade, colocado num dos mais aprazíveis e pitorescos pontos da localidade. Depois de sua morte Saquarema morreu tambem. Tudo ali paralisou. Nada mais, quase, se fez pela terra, que ficou ardendo sob as chamas da politicalha. A colonia "Z 48" mantem uma escola, denominada escola Oscar de Macedo Soares, justa lembrança do pescador João Ramos". — Ficando em oposição até a cisão do partido chefiado pelo Dr. Nilo Peçanha, quando no governo, o Dr. Alfredo Backer, aproveitou esse longo tempo para aprofundar seus estudos juridicos, comentando os codigos penal comum e o da armada, a lei do casamento civil, o manual do curador de orfãos, o consultor criminal, civil, comercial e organologico, de Cordeiro,

Sociedade Brasileira de Criminologia — Sessão extraordinaria e solene sob a presidencia do Ministro da Justiça, Embaixador Dr. José Carlos de Macedo Soares — Conferencia do Desembargador Adelmar Tavares sobre o criminalista Dr. Oscar de Macedo Soares. Da esquerda para direita: Major Fernandes da Mangueira, Soares e Silva, em pé, Dr. Adelmar Tavares, Dr. Oscar de Macedo Soares, Dr. Heitor Carrilho, Dr. Roberto Lyra, Dr. Nelson Hungria, Dr. Evaristo de Moraes, Dr. Costa Manso, Dr. Aloysio de Carvalho, Dr. Leonidio Ribeiro, Dr. Afranio Peixoto, Dr. Alcantara Machado, Dr. Vicente Piragibe, Dr. Candido Mendes de Almeida, Dr. Lemos Britto, Dr. Viveiros de Castro, Dr. Galdino Siqueira, Dr. Roberto Lyra, Dr. Heitor Carrilho, Dr. Nelson Hungria, Dr. Evaristo de Moraes, Dr. Costa Manso, Dr. Aloysio de Carvalho, Dr. Leonidio Ribeiro, Dr. Afranio Peixoto, Dr. Alcantara Machado, Dr. Vicente Piragibe, Dr. Candido Mendes de Almeida, Dr. Lemos Britto, Dr. Viveiros de Castro, Dr. Galdino Siqueira.

(C. 14)

completamente refundido, atualizado, publicando mais o consultor eleitoral, relatorios e memoriais (1). Coube-lhe, após, pacientes pesquizas, determinar a nascente do rio Parahyba, com aplausos do Conselheiro Dr. Homem de Mello, notavel geografo. Devido a seus estudos sobre direito militar foi nomeado auditor da marinha, tendo no exercicio deste cargo, dado importantes pareceres. Na Santa Casa de Misericordia prestou relevantes serviços; eleito mordomo de Hospicio de N. S. da Saude, na Gambôa, remodelou este hospital, creando enfermarias sob a direção dos drs. Nabuco de Gouvêa, Fernando de Magalhães, Joaquim Mattos e outros provectos clinicos de então. Na Academia de Comercio e Museu Comercial, sob a direção do Dr. Candido Mendes de Almeida, programou e levou a effeito uma serie de conferencias sobre as riquezas naturais do Estado do Rio. Em 1937, 19 de junho, o illustrado desembargador Dr. Adelmar Tavares, na Sociedade Brasileira de Criminologia, em sessão extraordinaria e solene, sob a presidencia do Ministro de Justiça, o Sr. Embaixador José Carlos de Macedo Soares, leu brilhante conferencia sobre o patrono de sua cadeira: — Oscar de Macedo Soares, — um grande criminalista — Uma das cadeiras da Academia Niteroiense de Lettras tem por patrono — Dr. Oscar de Macedo Soares. — O Dr. Oscar de Macedo Soares casou-se em 2 de Maio de 1891 com sua prima D. Ambrozina de Azevedo de Macedo Soares, filha do comerciante matriculado na praça do Rio de Janeiro, o Sr. Joaquim Carlos de Azevedo Silva, de tradicional familia da Campanha, provincia de Minas Gerais, e de D. Maria da Gloria Ramos da Silva, irmã do

Maria da Gloria Ramos da Silva, filha do

(1) Vj. Sacramento Brake — Dicc. Bibliog., Bras., VI, pgs. 340 e 394.

notavel engenheiro civil, Dr. Marcelino Ramos da Silva. Filhos:

2 — 1:—Ercyla de Macedo Soares, n., D.F., 28-2-1893; solteira.

2 — 2:—Edgard de Macedo Soares, academico de direito, falecido em Paris.

2 — 3:—Maria do Carmo de Macedo Soares, n., D.F., 17-5-1900, casada com o Sr. Rafael de Barros Vidigal, funcionario do ministerio da agricultura, filho do Dr. Ernesto Rodrigues da Costa Vidigal, medico clinico, e de D. Isabel de Barros Vidigal; neto paterno de Antonio Ignacio Rodrigues, e de D. Anna da Conceição da Costa Vidigal Rodrigues e pelo lado materno do Dr. Rafael de Aguiar Paes de Barros, e de D. Francisca Aguiar Paes de Barros; familias radicadas em S. Paulo. Filhos, todos nascidos na Capital Federal:

3 — 1:—Maria Thereza de Barros Vidigal, n., 13-6-1928, professora inscrita do Ministerio de Educação e Saude, solteira.

3 — 2:—Maria da Gloria, n., 7-8-1930;

3 — 3:—Luzia Maria, n., 20-9-1931;

3 — 4:—Antonio Jorge, n., 6-1-1939.

Faleceu o Dr. Oscar de Macedo Soares, em sua residencia, á rua Senador Vergueiro, n. 128, Capital Federal, á 3 de Agosto de 1911, sendo sepultado no cemiterio S. João Baptista. A imprensa lançou sentido necrologio. Do "O Jornal do Commercio" este periodo: "O nome do Dr. Oscar de Macedo Soares, espirito inteligente e operoso, fica ligado as letras juridicas, por varias obras, comentarios e anotações. Foi jornalista nos Estados de S. Paulo e Rio de Janeiro". Na assembléia legislativa, o Sr. Deputado Everardo Backeuser disse: "Sr. Presidente: Venho pedir a inserção na áta das nossas sessões de

um voto de pezar, como homenagem á memoria de um fluminense ilustre, de um brasileiro distinto, que perlustrou estas bancadas. deixando até hoje seu nome indelevelmente gravado nos anais desta Casa. Quero referir-me ao Sr. Dr. Oscar de Macedo Soares (muito bem!), um republicano distintissimo (apoiados), um batalhador emerito, um incançavel propugnador das riquezas e belezas naturais do Estado. Quer na fase aguda, em que ele esteve envolvido na politica, quer, mais tarde, quando dela se retirou, esse eminente fluminense, procurou, por todos os meios ao alcance de sua grande capacidade inteletual, servir á causa publica neste Estado, e, quando a servia, não olhava os interesses mesquinhos do campanario (apoiados), colocava-se num plano mais alto e distinto. Eis porque seu nome é respeitado por todos, sem distinção de partidos politicos." O requerimento apresentado á mesa é unanimemente aprovado. — 8-8-1911..

1 — 2:—Noemia de Macedo Soares Guimarães, n., na fazenda do Bom-Sucesso, municipio de Saquarema, em 22 de novembro de 1864. Casou-se em 25 de janeiro de 1885, na capela da fazenda do "Bananal Grande", de propriedade do seu tio avô, major Luiz Manuel de Azevedo Soares, em Ponta Negra, Maricá, com o Dr. Celso Aprigio Guimarães, bacharel em direito pela Faculdade do Recife, e, então promotor publico da comarca de Araruama, provincia do Rio de Janeiro, filho do Dr. Aprigio Justineano da Silva Guimarães, natural de Pernambuco, lente catedratico de Economia Politica daquela Faculdade, advogado nos auditorios na mesma cidade, politico militante, filiado no partido liberal, notavel orador e autor de varios trabalhos juridicos compendiados em volume. — Discursos e diversos escritos — dedicado a seu pae, o General José da Silva Guimarães, com

a seguinte nota: "Como tenente-coronel comandante do 9.º batalhão d'infantaria, embarcado na corveta "Parnahyba", esteve a frente do contingente do mesmo batalhão, no memoravel combate do Riachuelo, aos 11 de junho de 1865", casado o Dr. Aprigio com D. Joaquina Hermenegilda Santiago Guimarães; neto paterno do general acima e de D. Francisca Bellarmina de Abreu da Silva Guimarães, de familia sul-rio-grandense; e pelo lado materno, do desembargador Custodio da Silva Guimarães, ministro do Superior Tribunal de Justiça, e de D. Anna Santiago Guimarães, familia de origem cearense. — Iniciando o Dr. Celso a sua carreira na provincia do Rio de Janeiro, ocupou depois o cargo do Juiz municipal de Maricá. Em principios de 1890 foi promovido a juiz de Direito da Comarca de Santo Ignacio do Pinheiro, Estado de Maranhão: mêses após removido para a Comarca da Encruzilhada, no Estado do Rio Grande do Sul, não chegou a assumir o cargo. Organisada pelo Dec. n. 1.030, de 14 de novembro de 1890 a justiça do Distrito Federal, foi nomeado Pretor, em cujas funções permaneceu até que, em 1896, foi nomeado juiz do Tribunal Civil e Criminal. Em 1905 foi nomeado desembarbador da Côrte de Apelação, cuja presidencia ocupou por duas veses. Em sua longa carreira de magistrado, o Dr. Celso Guimarães, não só se impoz á consideração dos cargos superiores da magistratura e das administrações sob as quaes servira, como de seus colégas de judicatura e dos advogados, pela correcção de sua atitude e integridade com que se mostrou nas suas funções. Impoz-se, por isso mesmo, como representante de maior relevo da magistratura brasileira. — Faleceu, no exercicio da presidencia da Côrte de Apelacão, embora afastado por molestia, em 15 de outubro de 1928. O enterro do venerando magistrado realisou-se no Cemiterio de S. João Baptista com numeroso acompanhamento. O Tribunal Pleno e todas as Camaras manifestaram o seu pesar pelo lutuoso acontecimento, com a solidariedade do Instituto dos Advogados pela palavra do Dr. Edgar Ribas Carneiro e do Club dos Advogados pela do Dr. João da Silveira Serpa. O Supremo Tribunal Federal, em sessão, o ministro Edmundo Muniz Barreto proferiu as seguintes palavras: "Permiti que eu peça sejam transcritas na áta as seguintes expressões referentes ao ilustre magistrado, hoje falecido, desembargador Celso Guimarães que exerceu, com dignidade e brilho, diversos cargos de judicatura, no Distrito Federal, tendo atingido ao mais elevado de Presidente da Côrte de Apelação. — "Dores profundas não se manifestam com abundancia de palavras. O coração conturbado não sabe falar nesses transes de sofrimento: sabe, porem, sentir e chorar n'uma consternação sufocante. — Os homens de honra e de inteligencia não desaparecem com a morte; continuam a viver nos grandes exemplos que deixam. O corpo, os vermes o devoram, mas o espirito perdura no legado moral, que enriquece a sociedade e conforta a familia. Felizes os que, como Celso Guimarães, podem se finar assim, com o nome aureolado pelo respeito publico e pela estima sincera dos homens de bem". — Filhos: —

2 — 1:—Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares Guimarães, n., em Maricá. 22-6-1888; bacharel em letras pelo colégio Pedro II, então Ginazio Nacional; engenheiro civil pela Universidade de Ada, Ohio, Estados Unidos da America. Tem desempenhado comissões técnicas em escritórios de construções e na Secretaria de Viação e Obras Publicas do Estado do Rio de Janeiro; autor de projetos de viadutos e pontes e fiscal de construção de estradas de rodagem e da grande ponte so-

bre o Rio Parahyba, em Vargem Alegre, municipio da Barra do Pirahy. — Fundou o partido republicano nacional, tendo conseguido a realisação dos principais pontos do programa, tais, a nacionalisação dos letreiros das industrias e casas comerciais, a lei dos 2/3 de empregados brasileiros nessas atividades; nacionalisação da pesca, tendo em vista a defesa nacional; levantou o mapa do municipio de Maricá, classificado o melhor trabalho. Casado com D. Zenith Quintanilha; filha de Joaquim dos Santos Quintanilha, fazendeiro e D. Laurentina Viana Quintanilha; neta paterna de Rafael Antunes Quintanilha e D. Anna Joaquina dos Santos Quintanilha; e pelo lado materno de Francisco de Araujo Leão, e D. Maria Luiza Vianna de Araujo Leão, todos naturais de Maricá.

2 — 2:—Dora de Macedo Soares Guimarães, nascida em Santo Ignacio do Pinheiro, Estado do Maranhão, em 22-8-1890, professora de canto laureada, pelo Instituto Nacional de Musica, solteira.

2 — 3:—Comandante Celso Aprigio de Macedo Soares Guimarães, n., em Icarahy, Niteroi, 26-2-1899; oficial superior da Marinha de Guerra. Tem o curso de artilharia, e vem de desempenhar as funções de adido naval junto á missão americana. Professor de artilharia em viajens de instrução dos guarda-marinhas. Antigo deputado á Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Recebeu as seguintes condecorações: Nacionais: — Medalha da Vitória — Guerra de 1918; Medalha de Vinte (20) anos de serviços; — Medalha Comemorativa do Cincoentenário da Republica; — Medalha de serviços de Guerra com 3 estrellas — 1945. — Extranjeiras: — De Guerra, dos Estados Unidos — 1918; — Cavaleiro da Ordem da Corôa da

Italia; — Oficial da Ordem do Mérito da Republica do Chile; — Condecoração "Abdon Calderon" de segunda classe da Republica do Equador; — Medalha Americana da Legião do Mérito, serviços de guerra. — "The Secretary of the Navy Washington. — Legião de Mérito, gráu de Oficial, concedida ao Capitão de Fragata Celso Aprigio de Macedo Soares Guimarães. Marinha do Brasil. "Por conduta excepcionalmente meritória no desempenho de serviços relevantes ao Governo dos Estados Unidos como comandante de um navio de guerra do Brasil e posteriormente como Assistente do Chefe da Missão Naval Americana. Trabalhando incansavelmente e com excepcional habilidade profissional, o Comandante Celso Guimarães prestou inestimavel auxílio ao Governo dos Estados Unidos e por sua constante cooperação com as autoridades navais Americanas contribuiu materialmente para o bom sucesso no prosseguimento da guerra no Atlântico Sul, daí grangeando grande crédito para si e para a Marinha do Brasil, bem como fortalecendo os laços de amizade entre os Estados Unidos e o Brasil." — Designado para o Estado Maior Geral da Armada. Atualmente Prefeito de Niterói (1947). Casou-se com D. Maria Thereza de La Roque Guimarães, filha de João Luiz de La Rocque, francês, comerciante no Estado do Pará e de D. Eugenia Belfort Roxo de La Rocque; neta paterna de João Luiz de La Rocque, residente em França, e D. Maria Isabel Cecilia de La Rocque, e materna do Dr. Augusto Teixeira Belfort Roxo, e D. Maria Amelia Torreão Roxo, nonagenaria, de bôa saude, irmã do Dr. Enéas Torreão, ministro do Tribunal de Contas do Estado do Rio (1893-1904). Filhos:

3 — 1:—José Celso de La Rocque Guimarães, n., 21-4-1923, oficial de marinha.

3 — 2:—João Luiz de La Rocque Guimarães, n., 11-8-1924, estudante de engenharia.

3 — 3:—Celso Aprigio Guimarães Neto, n., 15-8-1925, estudante de preparatorios.

2 — 4:—Celia de Macedo Soares Guimarães, n., C.F., 12-6-1901, casada com o Dr. Fernando Guimarães, engenheiro civil e professor municipal, filho do Dr. Adriano Guimarães, bacharel em direito pela Faculdade da Bahia e de D. Maria Anna Aschlimann, de origem suissa, neto paterno do desembargador Pedro Francellino Guimarães, do Tribunal de Apelação da Bahia, e D. Maria Magdalena Gordilho Guimarães; irmã do Conselheiro Dr. Adriano Alves de Lima Gordilho, professor de anatomia da Faculdade de Medicina da Bahia, agraciado pelo Imperador D. Pedro II com o titulo de Barão de Itapoan (vj. Dicc. Intern. IX, pg. 5.214), casado com Marie Gordilho, de origem francêsa Bisneto paterno de Antonio Augusto Guimarães, tabelião na Comarca de Feira de Sant'Anna, Estado da Bahia, e D. Maria Rosa Barcellar Guimarães; e do Coronel João Pedro Alves de Lima Gordilho, grande fazendeiro e D. Rosa Gordilho; pelo lado materno de Augusto Henrique Aschlimann, suisso e D. Margarida Barbett, de origem ingleza, e vive com as faculdades integras, aos 93 anos; filhos:

3 — 1:—Fernando Celso, n., 19-2-1925, bacharel em direito; advogado.

3 — 2:—Celia Maria, n., 26-2-1928.

2 — 5:—Dr. José de Macedo Soares Guimarães, n., em Icarahy, Niterói, 29-3-1903. Medico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1925); atualmente assistente do Serviço de Profilaxia Geral do Departamento de Saude Publica do Estado de São Paulo; casou-se com D. Marilia de Almeida Pizarro, filha do engenheiro civil Dr. João de Almeida Pizarro, e D. Ida Kastrup Pizarro; neta paterna do Dr. João Joaquim Pizarro, lente catedratico de historia natural da Faculdade de Medecina e Diretor do Jardim Botanico, e de D. Josefina de Almeida Pizarro, irmã dos Drs. Daniel de Almeida, medico, e Rufino de Almeida, engenheiro; neta materna de Arthur Francisco Kastrup, comerciante, e D. Guilhermina Rangel de Abreu Kastrup, esta filha do Coronel Faustino de Abreu. — D. Marilia, moça distintissima, faleceu dois dias após o nascimento do filho:

3 — 1:—Sergio, n., D.F., 8-4-1943.

2 — 6:—Dr. Fabio de Macedo Soares Guimarães, n., C.F., 26-4-1906; engenheiro civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro; engenheiro da Prefeitura de Vitoria, Estado do Espirito Santo; professor de Geografia e Historia, diplomado pela Faculdade Nacional de Filosofia do Distrito Federal; assistente coodenador das secções de Estudo do Conselho Nacional de Geografia, com o curso de aperfeiçoamento nos Estados Unidos da America; autor de trabalhos de geografia, notadamente ao que se refere a "Nova Divisão Regional do Brasil". — Casou-se com D. Marina Ribeiro Corimbaba, filha de Luiz Maggessi Corimbaba, agente da Prefeitura e do Lloyd Brasileiro e D. Antonieta de Saldanha da Gama Ribeiro Maggessi Corimbaba; neta paterna de Bento Thomaz Gonçalves Corimbaba, mordomo da Casa Imperial, e D. Constança Guedes Pinto Maggessi Corimbaba; neta materna do Conselheiro Claudio Manuel Ribeiro, Diretor do Banco do Brasl e D. Januaria de Saldanha da Gama Ribeiro, prima-irmã do Almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama: Filhos:

3 — 1:—Fabiola Noemia, n., nesta Capital, á 12 de janeiro de 1938;

3 — 2:—Fabio Celso, n., 17 de maio de 1939;

3 — 3:—Luiz Felippe, n., 15 de Agosto de 1941;

D. Noemia de Macedo Soares Guimarães faleceu em sua residencia á rua Eduardo Guinle no dia 1 de março de 1947. Do noticiario do "O Jornal do Comercio" de 4 seguinte: — "A veneranda senhora, viuva do desembargador Celso Aprigio Guimarães nasceu na fazenda do Bom sucesso, municipio de Saquarema, então provincia do Rio de Janeiro que pertencia a seu avô materno Coronel Francisco Alvares de Azevedo Macedo. Era a filha mais velha do Conselheiro Antonio Joaquim de Macedo Soares, posteriormente Ministro do Supremo Tribunal Federal, e de D. Theodora Alvares de Azevedo de Macedo Soares.

Casou-se a 25 de Janeiro de 1885, na Fazenda do Bananal, em Ponta Negra (municipio de Maricá), com o dr. Celso Aprigio Guimarães, então juiz municipal. A Fazenda do Bananal, fundada por seus bisavós paternos em fins do século XVIII, foi o berço da familia Macedo Soares, e é ainda hoje propriedade de descendentes diretos dos seus fundadores.

Do seu consórcio houve oito filhos: Aprigio e Cecilia, falecidos em tenra idade; Antonio Joaquim, engenheiro civil, casado com D. Zenith Vianna Quintanilha; Dora, solteira, professora de canto, laureada pelo Instituto Nacional da Música; Celso Aprigio, Capitão de Fragata do Corpo da Armada, recem-nomeado Prefeito de Niterói, casado com D. Maria Thereza Belfort Roxo de La Roque; Celia, casada com o engenheiro civil Sr. Fernando Guimarães; José, médico do Departamento de Saude do Estado de São Paulo, viuvo de D. Marilia Kastrup de Almeida Pizarro; Fabio, engenheiro civil, professor de Geografia e chefe de serviço no

Conselho Nacional de Geografia, casado com D. Marina Ribeiro Corimbada, tecnica de educação.

Na sua descendência contam-se nove netos: José Celso, 1.º Tenente do Corpo da Armada; João Luiz, geógrafo-auxiliar do Conselho Nacional de Geografia; Celso Aprigio, estudante do curso pre-engenharia; Fernando Celso, bacharelando de Direito; Celia Maria funcionaria das Empresas Elétricas Brasileiras; e os menores Sergio, Fabiola, Fabio Celso e Luiz Filipe.

Herdeira de muitas qualidades de seu pai, o Conselheiro Macedo Soares, sempre se distinguiu pelo espirito empreendedor, energia, bom senso e amor ao trabalho, acompanhando como colaboradora dedicada toda a vida de seu marido, em sua carreira de magistrado, desde quando este foi juiz na então provincia do Rio de Janeiro e no Estado do Maranhão, até 1928, quando o mesmo faleceu no exercicio do cargo de desembargador Presidente da Côrte de Apelação do Distrito Federal.

Cultora entusiasta da memória dos seus antepassados e das tradições de sua familia, salientou-se pelo espirito de solidariedade aos parentes e amigos, partilhando com interesse e orgulho de seus trabalhos e sucessos, ao mesmo tempo sempre disposta a assisti-los com dedicação afetuosa em suas dificuldades e tristezas.

Acompanhou sempre com especial carinho tudo que se referia á região fluminense de Maricá a Cabo Frio, onde viveu a sua familia desde os fins do século XVII e onde ela própria residiu durante sua juventude. Aí estabeleceu sólidas amizades, que sempre cultivou e que relembrava constantemente com saudade.

Dotada de sólida e variada cultura, haurida em grande parte dos ensinamentos de seu pai, suas preferências eram voltadas pa-

ra a botanica, história, literatura e arte, destacando-se a música, que cultivava como brilhante pianista. Uma das maneiras prediletas de aproveitar os breves lazeres, que se apresentavam em sua vida plenamente devotada aos seus, era a organização e a consulta de seu arquivo particular, com interessantes recordações de familia.

Deixou a seus filhos, e a todos que com ela conviveram, um grande exemplo de nobreza de caráter, pureza de sentimentos, correção de atitudes, distinção de maneiras, fidelidade aos compromissos, dedicação á familia e crença religiosa, recebendo deles e de seu esposo — que tinham por ela verdadeira veneração — carinho e devotamento sempre crescentes.

O seu passamento, após pertinaz moléstia, causou a todos grande consternação, tendo recebido as homenagens de que era merecedora.

1 — 3:—Judith, 1.ª nascida na Fazendola "A China". Araruama á 31 de março de 1866 e falecida mêses após.

1 — 4:—Judith, 2.ª — n., no mesmo sitio, 6 de abril de 1868; faleceu aos 24 anos, no estado de solteira ,na residencia de seus pais, á rua de Santa Alexandrina, n. 24. "No vigor da existencia, expressa-se um dos orgãos da imprensa desta Capital, quando naturalmente lhe sorriam os mais belos sonhos, ao mesmo tempo que era legitima esperança de seus amorosos paes, molestia traçoeira arrebatou deste mundo a exma. sra. d. Judith de Macedo Soares, o encanto do lar feliz de que era um dos mais distintos ornamentos pela sua fina educação e qualidades moraes. São muitas as saudades que deixa a simpatica moça, que tinha em cada uma das pessoas que a conheciam uma amizade pelas delicadezas fidalgas que a distinguiam, o que a

tornava extremamente querída pelo grande numero das mais notaveis familias da nossa Capital. D. Judith, discipula do professor Jeronymo de Queiroz, era nomeiada pianista eximia.

1 — 5:—D. Esther, n., no local acima, 5 de junho de 1869. Casou-se com seu tio Gastão Alvares de Azevedo Macedo, funcionario da E. F. Central. Faleceu D. Esther á 22-2-1924; Gastão Macedo á 25-12-1925; s. g.;

1 — 6:—Henrique Duque Estrada de Macedo Soares, n., na Fazenda do Bananal, residencia do seu avô paterno, o Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares, em 20 de outubro de 1870. Abraçando, por inclinação, a carreira das armas, apos o curso secundario no colégio Abilio (Abilio Cesar Borges, Barão de Macahubas), matriculou-se na Escola Militar da Praia Vermelha, ainda no Imperio. — Dado ao esportismo, era considerado o aluno mais forte da Escola. — Promovido a alferes-aluno, depois efetivado, servio no 31º batalhão de infantaria, estacionado em Bagé, Rio Grande do Sul, sob o comando do Coronel Carlos Telles. — Seguindo com o seu batalhão para a campanha de Canudos, tornou-se um bravo, como artilheiro, ao lado dos colégas Manoel Felix e Frutuoso Mendes. — Jornalista e historiador, de seu apreciado livro — "A Guerra de Canudos" narrativa veraz, de ciencia propria, transcrevemos a seguinte pagina do ilustre oficial-escritor: "Num dos primeiros dias de Setembro, foi morto um individuo regularmente trajado e de bôa aparencia, que imprudentemente aventurou-se em andar a peito descoberto, proximo ao flanco direito da igreja nova, quando sucedeu o fáto. Ao tombar o dito individuo, que depois se soube ser o de alcunha *Senhorinho*, um dos chefes dos fanaticos, houve entre estes grande movimento de pavôr e de lastima. — Muitos de-

les, inclusive mulheres, tentavam arrastar o corpo daquelas imediações; mas não o conseguiram, porque era preciso descobrirem-se e, assim, diversos cairam mortos sobre o companheiro. Isso determinou-se enraivecerem os fanaticos, que romperam forte fuzilaria; só á noite puderam transportar o cadaver, que foi levado em rêde, em ruidosa procissão, entre cantos e archotes para a sepultura. — Chegou um comboio, trazendo sómente munições d'artilharia, uns 400 tiros. Com esses e os já existentes foram reencetados os bombardeios interrompidos. — A igreja velha estava de todo esburacada, mantendo-se de pé as paredes principaes e parte do corpo lateral, constituindo a sacristia. Era o de massa informe a aspéto oferecido pelo vetusto e forte templo, quando visto pelos fundos, onde o bombardeio causára maiores estragos. A parte anterior, estava relativamente conservada, porque, dos pontos onde estavam os canhões, era impossivel atirar-se para lá. — A igreja do *Bom Jesus* perdera o magestoso frontespicio, ficando em lugar dele um largo rombo, ou falha de 20 metros. Os andaimes estavam quebrados, as taboas oscilantes, tudo produzindo um amalgama fantastico. A' noite sobresaia o vulto enorme do templo, donde partiam os clarões fugaces dos bacamartes do inimigo, sempre fazendo das torres, inda de pé na sua solidez de granito, constituindo poderosos baluartes. — As terriveis torres haviam resistido á dois mêses e dias de bombardeios; mas agóra cairiam, pois que, os comandantes dos canhões postados na Cidadela, tinham deliberado a sua quéda. — A' eles, de ordem do comandante em chefe, fora fornecida grande cópia de granadas para o dito fim; entre elas, umas setentas fabricadas na Casa de Moeda, inteiriças, com ponta de aço e destinadas a perfurar os cascos dos barcos da esquadra revoltada em 6 de

Tenente Henrique Duque Estrada de Macedo Soares. — "O Heroe de Canudos"

setembro. Essas granadas, de consideravel pezo, vieram transformar nossa artilharia em a de sitio, dando surpreendentes resultados. — Estavamos em 6 de setembro, data assinalada nos anais da vida republicana, e, por uma notavel coincidencia, nesse dia os fanaticos amargaram tremenda contrariedade. — Desde cêdo, após as ordens emanadas do general Silva Barbosa, o canhão da esquerda, sob a direção do habil 2.º tenente Manoel Felix, encetou o bombardeio na torre da direita da legendaria igreja. O do centro, ao mando do alferes Macedo Soares, em seguida dirigiu seus fogos sobre o mesmo alvo, no que foi secundado pelo seguinte, comandado pelo 2.º tenente Frutuoso Mendes, só deixando de atirar o da extrema direita, visto estar mal colocado para aquele fim. — O fogo prolongou-se, sustentado com vigor até 11 ½. Na baze da torre, já muito abalada e com enorme rombo, sumiam-se os projetis. Mais uns 20 tiros e lá bateu uma granada em cheio, apontada pelo 2.º tenente Manoel Felix. — Um estrondo atroador seguiu-se á quéda das torres, que espedaçou-se na praça, espalhando formidaveis blocos de granito á 15 metros, envolvendo o templo em espessa nuvem de pó. — Depois de pequeno descanço, foi renovada a tarefa sobre a torre esquerda. Os tres canhões despejavam sem interrupção seus projetis no mesmo alvo. Toda a atenção do exercito estava concentrada no bombardeio. Nem um tiro de fuzil. Os fanaticos evacuaram a igreja. — O fogo continuava, pouco faltando para a quéda da famigerada torre, colimada por mais 100 tiros. — Apenas uma haste d'um metro de altura, mantinha suspensa a grande massa, por um milagre d'equilibrio e ainda o éco das descargas reboava pelas serras e grótas, ao longe. Tres tiros partiram segui-

damente: o primeiro, apontado por Manoel Felix e a bala sumiu-se, roçando de leve na

parte incolume da torre; depois atirou Frutuoso Mendes, sobre o lado oposto, com o mesmo resultado; afinal, despediu o ultimo tiro o alferes Macedo Soares e a bala chocou em cheio a haste equilibrante. — O gigantesco monolito inclinou-se lentamente e ruiu com espantoso fragôr para frente, e, caindo no solo, estrondou formidavelmente, escurecendo os ares espessa camada de poeira. Por alguns segundos desapareceu o templo, para depois resurgir mutilado, em fórma extranha, tendo perdido seu poder e sua invulnerabilidade. — Então, centenas de bustos sobrelevaram, dominando as trincheiras, inclusive as do 5.º de policia e 26.º. Houve uma geral movimentação. Vivas entusiasticos, aclamações prolongadas por longo tempo atroaram. Descargas sobre descargas de fuzilaria enviaram milhares de projetis aos jagunços atonitos e espavoridos, perturbados com aqueles fátos, para eles extranhos e cuja inexequibilidade o *Conselheiro* sempre proclamára nas suas prédicas. — Andavam de um lado á outro; as mulheres sobraçando trouxas e os guerreiros se expondo imprudentemente — talvez esperando um ataque geral das nossas fôrças, que si na ocasião o tentassem, provavelmente obteriam grandes vantagens: tal o assombro e panico a que se entregaram os jagunços. — Os canhões da Favela se aproveitaram do ensejo para enviar certeiras balas sobre o arraial. Grupos inteiros de jagunços seguiam na direção das estradas de *Uáuá* e *Varzea da Emma*, talvez prevendo o fim de tantas desgraças, sobre eles desencadeadas. Só á noite cessou a grande animação, que parecia ter infiltrado novo vigor nas fileiras legais. — No bombardeio foram gastos 700 tiros em 6 horas de fogo. Os comandantes dos canhões foram felicitados e elogiados pelos generaes Oscar e Barbosa, em eloquentes ordens do dia da mesma data, ns. 120

Igreja Nova "Canudos" Sertão da Bahia, destruida pelos oficiais Frutuoso Mendes, Manoel Felix e Duque Estrada.

Igreja Velha — "Canudos" — Sertão da Bahia.

do comando em chefe e 13 do da la coluna. Enfim, estava o Exercito livre das terriveis e inexpugnaveis torres, d'onde partiu a morte para centenas de soldados." pg. 265 á 270. — Da ordem do dia n. 120 do comando em chefe, general Arthur Oscar, destacamos o seguinte: "Aos segundos tenentes Manuel Felix do Nascimento Menezes e Frutuosos Mendes e Alferes Henrique Duque Estrada de Macedo Soares, coube a gloriosua missão desse acontecimento de nota (o da destruição das torres da igreja nova) operado n'um dia em que, n'uma cidade descoberta e tranquila, sem outras preocupações que não fossem as do trabalho, tremulou no mastro de um navio, a bandeira de uma revolução sem ardor justificavel, e me parece que esta fatalidade tem sua razão de ser e os belos dias nacionaes, indiretamente mesmo, inoculam no espirito brasileiro, a energia das boas causas, a vitoria das grandes ideias". (Do *"O Paiz"*, de 23 de setembro de 1897). — Divulgada a noticia do termino da nefanda luta, o povo estuante de alegria, encheu as ruas, com radiante passeiata pela rua do Ouvidor, aclamava os oficiais que mais se salientaram, com vivas entusiasticos aos artilheiros, destacadamente o alferes Macedo Soares, desde logo proclamado: "o herói de Canudos". A residencia do Conselheiro Macedo Soares, á rua de Santa Alexandrina, encheu-se de amigos que ali foram felicita-lo pela brilhante atuação do valoroso filho. — O alferes Macedo Soares, mais conhecido por — o Duque Estrada — foi promovido, por átos de bravura, a tenente. — Voltando ao Rio, casado com D. Anna da Conceição Soares, de familia de Bagé, e classificado no 24.º de infantaria, á 21 de fevereiro de 1906, veiu a falecer, aos 35 anos, esvaindo-se em sangue, pela rutura da aorta abdominal, consequente a aneurisma adquirido por excesso de fôrça ao remover o canhão n'aquela cam-

de força no remover o canhão n'aquela cam

panha. — Euclydes da Cunha no "Os Sertões", ed. 1945, cita os feitos do oficial Duque Estrada de Macedo Soares, á pgs. 454 e 532. — Serviu, pois, ao exercito, como vero soldado, exemplo dignificante de patriotismo, de honra e amor profissional. Filhos:

2 — 1:—Alice, n., a 26 de julho de 1901;

2 — 2:—Joaquim Mariano, n., 23 de abril de 1903, ambos falecidos em tenra edade.

1 — 7:—Elisal de Macedo Soares e Silva, nascida em Araruama, na chacara "A China", á 12 de junho de 1872. Casou-se em 12 de junho de 1894 com o Dr. Sebastião Edmundo Mariano e Silva, uma das mais robustas inteligencias do seu tempo, grande orador e professor de Botanica e ciencias naturaes no Pedagogium, Distrito Federal e na Escola Normal de Niterói. Quando estudante fez parte do batalhão academico, tendo tomado parte no combate da Armação. Recebeu a patente de tenente honorario do exercito por serviços de guerra prestados na defesa da legalidade. — 1893-94: — Filho de Joaquim José Mariano da Silva, n., em 25 de julho de 1832, municipio de Rio Claro, e de D. Maria Candida da Silva, natural do municipio de Angra dos Reis, em 23 de fevereiro de 1846; fazendeiros em Barra Mansa, onde nasceram seus filhos, seguiram 1892 para o Oeste de São Paulo, onde, a exemplo de Pereira Barreto, foram desbravadores da terra roxa, abrindo e construindo moderna fazenda de café. Faleceram Joaquim Mariano, na sua fazenda, no Sertãozinho, Ribeirão Preto, 13-6-1906; e D. Maria Candida, em São Paulo, á 20-9-1941, com 95 anos. O Dr. Edmundo Silva nasceu em 3 de outubro de 1869 e faleceu, em sua residencia, á rua Haddock Lobo, n. 25, á 14 de janeiro de 1909, aos 39 anos. — Foi sentidamente o desenlace. O "O Paiz" do dia seguinte noticia o acontecimento: "O Dr. Edmundo Silva, que ontem faleceu, depois de tres mêses de molestia e sofrimento, era um dos mais distintos representantes da classe medica desta Capital. Mas não era só a medecina e mais acentuadamente a ginecologia, especialidade em que muito se distinguira, o campo de sua inteligencia robusta e lucida. — Era um talento tanto mais apreciavel quanto mais variadas eram as suas manifestações. — E entre as modalidades as mais brilhantes de sua inteligencia aprimorada por uma solida cultura cientifica e literaria, é especialmente digna de destaque a de orador que ele era, cintilante e corréto, conhecedor escrupuloso do vernaculo a que imprimia o cunho original e forte de sua individualidade. — Um dos documentos que ficam para atestar o valor de sua eloquencia é o discurso que, como orador da Maçonaria Brasileira, proferiu na solenidade da posse de Quintino Bocayuva, no elevado posto de grão-mestre desta instituição. — Outra face não menos brilhante, do talento do Dr. Edmundo Silva, revelou-a ele no magisterio, em que na qualidade de professor de historia natural, deixa não só na saudosa lembrança dos discipulos, como ainda na profunda estima e consideração dos colégas um traço luminoso e duradouro. Pena é que tão moço ainda tenha sido implacavelmente arrancado pela morte ao seio da familia e a sua atividade cientifica e clinica... — Vindo para o Rio de Janeiro, aqui estudou humanidades no Mosteiro de S. Bento e no Externato Hewett. Concluidos os preparatiros, matriculou-se em 1892 na Faculdade de Medecina, onde concluiu, com raro brilhantismo o curso médico-cirurgico em 1895, apresentando magnifica tése de doutoramento sobre — "Quarentenas e higiene no Rio de Janeiro". — A sua vida academica se realça por varios fátos, entre os quaes cumpre não olvidar a

parte decisiva que tomou na revolta de 6 de setembro, colocando-se *ao lado da legalidade ameaçada* e praticando átos de denodo e bravura que muito relevo deram ao seu nome, os dos muitos bravos do batalhão academico. — Estava no seu segundo ano-médico, quando se apresentou candidato a uma vaga, a de historia natural, na Congregação da Escola Normal de Niterói. *E tão brilhantes foram* as suas provas nesse concurso que os demais candidatos desistiram de lhe disputar a cadeira que tão justamente conquistára. — Adquiriu com perseverante estudo e auxiliado pelo seu talento de escól, conhecimentos cada vês mais profundos na disciplina que professorava, a ponto de ter sido convídado para substituir na Faculdade de Medecina ,o ilustre naturalista Doutor Joaquim Pizarro. — Casou-se com D. Elisah de Macedo Soares e Silva, filha do integro magistrado e saudoso homem de letras, conselheiro Antonio Joaquim de Macedo Soares. ministro do Supremo Tribunal Federal. — Era tambem o Dr. Edmundo Silva, um decidido esportista, tendo-se distinguido como atirador emerito. Poucos dias antes de adoecer tinha sido vencedor em um campeonato de tiro. A proposito de episodios de caça, publicou no *Brasil-Sport* encantadores trechos literarios. — *O* Conselho Diretor do Tiro do Leme, logo que chegou na séde a dolorosa noticia do passamento do presidente efetivo dessa sociedade, Dr. Edmundo Silva, oficiou ao diretor-militar, para que fossem, em sinal de pesar, suspensas os exercicios do tiro no *Stand* do forte Guanabara, e á noite *no Quartel* da Avenida Mem de Sá, n. 23, e conservar o pavilhão em funeral até a missa do 7.° dia. O Tiro de Leme será representando no enterramento do saudoso Dr. Edmundo Silva, pelo membro do Conselho Diretor Dr. Victor de Mattos Rudge". — Com a criação do Tiro do *Leme*, o

Dr. Edmundo Silva logrou a divulgação e consequente ampliação de sua patriotica concepção, — as linhas de tiro —, ponto de partida para o sorteio militar, a reserva do exercito, o centro de preparação de oficiaes do exercito (C.P.O.R.), que tão brilhante atuação acaba de demonstrar em campanha enfrentando o mais poderoso dos exercitos no territorio italiano! Foi um precursor! Não se lhe arrebate o merito! Deixou o saudoso clinico, dois filhos e três filhas:

2 — 1:—Dr. Edmundo de Macedo *Soares* e Silva, n. *na* Capital Federal, 9-6-1901; curso de humanidades no Colégio Militar, notas distintas; curso superior na Escola Militar, 1.° da turma de engenharia, galgou desde logo o posto de 2.° tenente e instrutor da arma de engenharia; com o fracasso da revolta de 1922 seguiu para a *Europa*, onde, em Paris, matriculou-se na *"Ecole de Chauffage Industriel"*, tendo alcançado o 1.° lugar na sua turma; adido militar da Delegação do Brasil nas homenagens ao General Giuseppe Garibaldi, por ocasião do quinquagesimo aniversario de sua morte, bem como na inauguração do monumento á Anita Garibaldi, em Roma, em 1932; adjunto a representação do Brasil á Conferencia do desarmamento e ao Conselho de Administração do *Bureau Internacional do Trabalho*, em Genebra, sob a chefia do Sr. Embaixador José Carlos de Macedo Soares (1932); membro da *missão* general Leite *de Castro*, na França, Belgica e Alemanha (1930-1931); chefe do serviço técnico do arsenal de guerra, na Ponta do Cajú; construiu a fabrica de projetis de artilharia, em Grajaú; sub-chefe do gabinete do ministro da justiça, o Sr. embaixador J. C. de Macedo Soares (1937). — *Especialisado* em *metalurgia* e industrias correlatas, professa essa cadeira na Escola Técnica do Exercito. — Ideou, planejou e construiu a

grande Usina Siderurgica em Volta Redonda — (1941-1946). — O ilustre jornalista J. E. de Macedo Soares, redator do "O Diário Carioca", em artigo de fundo, de 21 de agosto de 1946, sob a epigrafe — Visita a Volta Redonda", comenta: "Mas a *conclusão* de tudo é quanto á alta capacidade organisadora *do* engenheiro brasileiro que ideou, planejou e construiu Volta Redonda. O sr. Coronel Edmundo de Macedo Soares consagrou-se um dos mais altos valores técnicos do nosso pais. Todavia a revelação desse homem moço é o descortinio de sua inteligencia, a fôrça e a têmpera do seu caráter. Os seus atributos são de um homem de Estado e sobretudo de um chefe na mais alta acepção do valor moral, da capacidade de autoridade e da coragem da responsabilidade. Essa é afinal a grande e confortadora impressão que o visitante brasileiro traz de Volta Redonda". — 12 de outubro de 1946, dia em que foi inaugurada oficialmente a Grande Usina Siderurgica de Volta Redonda, sinála historica data do maior empreendimento levado a efeito no Brasil. O Sr. Coronel Silvio Raulino de Oliveira, presidente da Companhia Siderurgica, em magnifica oração, disse: "... Na imagem feliz do Exmo. Sr. Ministro da Viação, Coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva, quando no exercicio do cargo de diretor técnico desta companhia, onde desempenhou com a animação e o brilho que lhe são peculiares a árdua tarefa de superintendente geral do projéto e da construção da usina, foi dito que "é com o ferro de Volta Redonda que se foljará a grandeza do Brasil" — e é com o pensamento fixado no patriotico sentido dessa frase, que todos os que aqui labutam prosseguem na realização da grande obra. — Entre insofismaveis sucessos contam-se... o desenfornamento do cogue, realizado pela primeira vês em 25 de abril

de 1946, quando as condições excepcionaes do comportamento de nosso carvão mineral, relativamente a suas propriedades coqueificantes foram praticamente confirmadas; a primeira entrega dos produtos de Volta Redonda ao mercado... um dêles — o sulfato de amônio — o nosso entrosamento inicial com a agricultura brasileira;... e outros derivados do carvão que muito interessam as industrias quimicas ligadas a defesa militar do pais. — Essa etapa marcou, portanto, dois fatos notaveis — a 1ª contribuição direta de Volta Redonda para o aumento da eficiencia de nossa agricultura e o inicio de sua cooperação para a garantia da integridade nacional. — O sucesso obtido na coqueria foi confirmada, em seguida, quando foi posto em funcionamento o majestoso Alto Forno, em 9 de junho de 1946, data escolhida em homenagem ao Coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva, pela marcante atividade técnica que desenvolveu na construção da usina. — Aqui, além da confirmação do sucesso obtido no emprego do coque brasileiro, mostrou a aparelhagem perfeita flexibilidade de funcionamento, obedecendo rigorosamente as exigencias ditadas pelo emprego das materias primas nacionais. A terceira e quarta etapa... verificaram-se em 22 de junho quando entraram a funcionar um primeiro forno de aço, e o laminador de desbaste. A excelencia do equipamento e a capacidade dos nossos homens, permitiram que se obtivessem resultados perfeitos.. como a excelencia do aço fundido em nossa aciaria. — Em 22 de julho inaugurou-se um segundo forno de aço... o que caracteriza o inicio da produção propriamente vendavel dos produtos de aço de Volta Redonda... — E não é somente em Volta Redonda que se ouve o ritmo construtor da nossa independência economica. No sul do pais, em Santa Catarina, nas majestosas serras de Minas Geraes e

sobre nossos mares, outros brasileiros cheios de fé patriotica trabalham com ardor na construção da grande obra... Dentro de poucas semanas, entrará em funcionamento o primeiro laminador instalado no Brasil para a fabricação de chapas grossas de aço. Isso significa que, até dezembro, do corrente ano, Volta Redonda estará em condições de produzir uma gama de utilidades ainda não fabricadas no Brasil, não somente quanto a dimensões, mas tambem quanto a forma e a finalidade do seu emprego". — O "O Jornal do Commercio" nas Várias Noticias, anota: "Com a inauguração oficial da Usina de Volta Redonda, ontem realizada, na presença do Chefe da Nação, instala-se oficialmente no Brasil a grande indústria siderúrgica. — Nenhum acontecimento é mais significativo do que esse para a economia nacional, na vigencia do regime republicano. O Brasil inicia auspiciosamente a decisiva etapa da industrialização, imprescindivel para que se torne uma potência no sentido politico; uma genuina expressão de grandeza, no dominio economico; um pais de significação militar apreciavel. — Podemos dizer que nessas tres zonas de influência se acham situadas as possibilidades de um povo, para preencher na face da terra destino relevante... — Temos o dever de proclamar que a grande siderurgia representa, inquestionavelmente, um grande serviço prestado ao pais pelo Sr. Getulio Vargas, não só pelo apoio que assegurou ao exito da unica solução ajustada á defesa dos interesses nacionais, conforme varias veses aqui assinalamos, antes mesmo de constituida a comissão executiva encarregada de planejar o empreendimento, mas, caracteristicamente, pela felicidade com que buscou, no campo financeiro e no campo técnico, duas personalidades que ficam tambem vinculadas á obra singular, de modo indelevel. Referimo-nos aos Srs. Guilherme Guinle

e Edmundo de Macedo Soares e Silva. O primeiro valiosamente contribuiu para o exito da iniciativa com a respeitabilidade do seu nome, e singular prestigio de sua reputação financeira e o seu patriotico desinteresse. Deu o segundo ao pais, em dedicação, em discortinio, em competencia especifica, todos os conhecimentos acumulados durante uma vida de estudos, obscura, exemplar e perseverante. — Se a nação deve ao Sr. Getulio Vargas o apoio de sua autoridade ao empreendimento e ao atual Chefe da Nação, General Eurico Gaspar Dutra, a compeensão da necessidade de levá-lo a termo com rapidêz e decisão, incontestavel é que a marcha da idéia, para a realidade, se apoiou, precipuamente, na ação daqueles dois ilustres brasileiros, secundados nesta fase final pela colaboração competente do Sr. Coronel Silvio Raulino de Oliveira, todos com retidão, segurança e discernimento, indefessamente postos ao serviço da Pátria, para que Volta Redonda não fosse um sonho de visionário, afirmando-se hoje, de maneira pujante, na realidade que dentro de pouco tempo incorporará o Brasil ao conjunto das grandes nações industriais do mundo (1). E' possivel

(1) De alto valor histórico, o discurso seguinte, em resposta á saudação do Coronel Silvio Paulino de Oliveira, in :O Estado", de 17-5-47: "Respondendo a saudação, disse o coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva que, numa tarde de junho, em Paris no ano de 1925 encontraram-se dois brasileiros, por acaso. Um, cumprindo o seu dever numa comissão do Exército; outro, exilado em virtude de cincunstancias politicas. Conversaram muito sôbre os principais problemas do Brasil, concordando que o mais urgente era o de aproveitamento das grandes reservas siderúrgicas do território pátria, lembrando-se do que escrevera Elisio de Carvalho em seu livro intitulado: — "Brasil, Potência Mundial". Dos dois patricios, o então capitão de engenharia, era atual presidente da Companhia Siderúrgica Nacional; e o outro tenente de engenharia, exilado, era o atual governador do Estado do Rio. Como é caprichoso o destino dos homens — acrescentou. Dai em diante foram colocando pedra sobre pedra, a principio para somar vontades e aptidões, e, por fim, para obter recursos necessarios para realisar um grande sonho: a grande siderurgia no Brasil. A principio foi conseguida a fabricação dos primeiros projetis de artilharia, de aço do Brasil, fundido com os minérios extraidos das entranhas do solo brasileiro. Foi estabelecido um escritório nos Estados Unidos e o meu problema seguinte foi trazer para a Companhia que se fundava, o já então coronel Raulino de Oliveira. Trouxe-o para

dissentir dos métodos adotados para a solução de problemas de interesse coletivo. ...A implantação da grande siderurgia jámais recebeu criticas de semelhante natureza. Nunca ensanchou restrições *substanciais* por *parte* da opinião nacional; menos ainda, da parte dos espiritos aptos ao exame da materia, em virtude da sua aptidão especializada. Fez-se geral o testemunho de que a iniciativa marchou sempre modelarmente. Isso mostra quanto *é decisivo* escolher homens ajustados ás incumbencias que se lhes confiam, em vês de improvisar tarefas para comodidade de criaturas que, por si mesmas, não poderiam jámais ser bem sucedidas... Selámos ontem, em Volta Fedonda, *o compromisso de* tornar cada vês mais flagrante a grandeza econômica da Pátria. Ali tudo foi feito, desde o inicio, para que a nação não tardasse a testemunhar o labor frenético em que se caldeia definitivamente, num futuro bem próximo, *o apogeu* econômico do *Brasil*". O ilustre Senador Pinto Aleixo incluiu este noticiario no discurso que proferiu no Senado a proposito da inauguração da Usina de Volta Redonda. Em conclusão veio á mesa, foi lido e aprovado, unanimemente, o *seguinte* requerimento: — "Requeremos que, ouvida a Casa, seja consignado na

estudar comigo os ultimos detalhes da grande obra. E, sem vaidade, posso dizer aqui que os engenheiros do Brasil são capazes de concretizar uma idéia tanto quanto o sejam os mais capazes de outros paises. Eu, que tive oportunidade de ver realizada esta obra, pude melhor conhecer os engenheiros da minha pátria. E, trazendo para *Volta Redonda* a experiência e os homens dos Estados Unidos, pudemos todos attingir, finalmente, o nosso objetivo.

Prosseguindo, declarou — Este exemplo poderia ser agora meditado por todos os brasileiros. Não deve haver pessimismos na realização de outras obras de vulto. Agora mesmo, diante da situação financeira do Estado do Rio, não teremos esmorecimentos. Os fluminenses são realizadores. Sempre ocupam destacada posição no cenário nacional. No Instituto Biológico de São Paulo e em lugares muito importantes no *Distrito Federal*, vejo fluminenses realizando missões de grandes responsabilidades. O que nos falta é planejamento e somação de valores para realizar os nossos empreendimentos. E' preciso somar energias, vontades e espirito de continuidade. E concluiu o seu discurso dizendo de sua satisfação revendo antigos companheiros e reafirmando a sua confiança nos gloriosos destinos de nossa **Pátria.**"

Ata de nossos trabalhos um voto de entusiásticas congratulações *com* o Governo pela *inauguração* oficial da Usina de Volta Redonda, etapa decisiva realizada no sentido de alcançarmos a nossa emancipação econômica. — Sala das Sessões, 14 de Outubro de 1946. — Renato Aleixo — Alfredo *Neves* — Dario *Cardoso* — Alvaro Georgino Avelino — Ernesto Dornelles — Etelvino Lins." — Ainda o brilhante jornalista J. E. de Macedo Soares em artigo de fundo — Os Atributos de Autoridade Moral — no "O Diário Carioca", de 13 de *outubro* de 1946, *escreve:* "Ontem, no ato inaugural das Usinas da Companhia Siderúrgica Nacional não foi dito o essencial no fecho da campanha pela produção do aço no pais, isto é, não se falou devidamente das fôrças morais, *que* estiveram em jôgo *e* afinal obtiveram a grande vitória. Entretanto parece-nos impossivel esquecer os elementos do espirito e da inteligência, não somente para apreciarmos verdadeiramente o fenômeno, mas também para fazermos justiça, tirando *em* proveito da *formação* da consciência nacional os ensinamentos, que tal fenômeno comporta.

O sr. coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva ideou a complexa instalação da Usina no local técnico e economicamente mais favorável. Organizou *o sistema* de fornecimento e transporte das matérias primas necessárias á fabricação do aço. Criou os planos da cidade industrial nos flancos da grande fábrica. Escolheu as minas de carvão mineral, estabeleceu o processo de *seu* beneficio, regularizando a produção do coque metalúrgico. Presidiu a montagem da formidavel maquinaria depois de ter tratado penosamente com os financiadores, os fabricantes-fornecedores, os transportadores e até com a displicência e incompetência das diversas camadas burocráticas que nos desservem nos Estados Unidos. Por último foi

incansavelmente na imprensa e na tribuna o evangelizador da nossa redenção econômica, formando com sua robusta convicção a mística do aço, que deu um nobre sentido á vida de suas equipes de colaboradores, criando a nova religiao da grandeza do Brasil pelo poder da indústria.

Tudo isso e mais o resto de dificuldades vencidas, que não vale a pena esmiuçar, tudo isso foi na realidade a obra da bravia dedicação de um homem, o qual *moveu-se tocado* por um conjugado de fôrças morais na verdade invenciveis: — a fé no Brasil, a confiança em si-mesmo, o gôsto da responsabilidade.

Efetivamente, o Sr. Edmundo de Macedo Soares *nada teria* realizado na sua gigantesca tarefa, se não principiasse acreditando no Brasil. Trabalhasse-o na menor escala que fôsse, o germen do pessimismo, o veneno da descrença, a peste do septicismo e o mais certo é que êsse *homem tivesse* recuado diante da montanha, que sua fé deveria remover. Mas para ter fé, no Brasil, foi necessário que o sr. Edmundo de Macedo Soares começasse por ter confiança em si-mesmo. Ai está a saude do espirito, a *consciência do* valor próprio, o animo de luta. Para completar tal conjunto de fôrças morais ainda era necessário que não faltasse ao pioneiro a mais bela de todas as coragens que é a coragem da responsabilidade.

Sem dúvida a *mais bela* de todas as coragens e tambem a mais rara; a mais disfarçada pelo convencionalismo da hierarquia, a mais escondida pela hipocrisia dos que a não tem, a mais esquecida de siprópria pela sua generosidade congênita.

Não há grandes empreendimentos humanos sem o mais alto sentido da responsabilidade. Também não há marca mais evidente da inferioridade dos que devem assumir responsabilidades do que na hora refu-

garem, esquivando-se nos passes de *habilidade*. Essa *habilidade* de prestidigitadores é a lepra dos governos, que ao invés de servirem as nações, delas se servem interesseiramente.

Fazer extensamente justiça ao servidor do pais, é, pois, *situar os* seus atributos de modo que sirvam de espelho ás gerações, todos podendo ver-lhe claramente a imagem, todos o sentindo e compreendendo; porque se raramente apresenta-se num destino humano, a possibilidade de edificar *Volta Redonda, nunca* lhe falta a oportunidade de afirmar a real autoridade moral que se completa nas três modalidades: fé no seu pais, confiança em si-mesmo, coragem da responsabilidade."

O Coronel *de engenharía* Edmundo de Macedo Soares e Silva formou o governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra, tendo assumido o cargo de ministro de Viação e Obras Publicas. Com a promulgação da Constituição de 18 de setembro de 1946 tornou-se demissionario o ministerio. Os grandes serviços prestados á causa publica pelo Coronel Macedo Soares, sua competencia técnica, seus atributos como homem de Estado fizeram-no naturalmente o indicado *para a* solução de *grave crise* politica no Estado do Rio. O proprio Presidente Dutra vem de lembrar seu nome, ao eleitorado fluminense, como candidato de conciliação, ao elevado cargo de Governador nas proximas eleições de Janeiro, o que foi *aceito por todos* os partidos. Nesse presuposto o Presidente enviou ao seu digno auxiliar o seguinte oficio: "Palacio do Catete — Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1946. Exmo. Sr. Ministro Coronel Edmundo de Macedo Soares *e Silva*. — Aceitando *o pedido* de exoneração de V. Ex. das funções de Ministro da Viação e Obras Publicas, cumpre-me agradecer os relevantes serviços prestados ao Govêrno, com lealda-

de, competência e dedicação á frente dos negocios desse Ministério. E valendo-me do ensejo, congratulo-me com V. Ex. e com o Estado do Rio de Janeiro pela escolha de seu ilustre nome para candidato do P.S.D. ao govêrno constitucional do mesmo Estado, posto em que terá ocasião, uma vês eleito, de continuar a bem servir á causa publica, como o vem fazendo de longa data, no Exercito e em funções outras, ligadas á Administração do Pais. Formulando sinceros votos pela sua felicidade pessoal, tenho a satisfação de subscrever-me com o mais elevado aprêço de V. Excia. — a) Eurico Gaspar Dutra. — Na mesma data, transmitindo o cargo ao Sr. engenheiro Luiz Augusto da Silva Vieira, chefe do gabinete que responderá pelo expediente do mesmo ministério até a nomeação do novo titular, o Coronel Macedo Soares pronunciou o seguinte discurso:

"Engenheiro Luiz Vieira. Minhas Senhoras. Meus Senhores:

Ao assumir meu posto neste Ministério há oito meses e meio tive oportunidade de enunciar um programa geral de trabalho que, a meu ver, deveria ser realizado para permitir á Nação produzir e movimentar riquezas.

Embora não pretenda neste momento fazer uma exposição completa da minha gestão, desejo afirmar que minha preocupação constante, durante o lapso de tempo em que aqui permaneci, foi lançar as bases da execução desse programa. Em todos os departamentos técnicos do Ministério faz-se uma revisão de planos anteriores, a fim de serem continuados ou atacados os trabalhos mais urgentes, visando atingir objetivo referido: mobilidade da produção.

A Comissão nomeada para rever o "Plano Geral de Viação" continuou seus estudos que, já agora, se aproximam do fim.

O "Conselho Rodoviário" vem realizando, no breve periodo de sua existência, um trabalho notavel que muito concorre para facilitar a obra do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem e a coordenção dos planos rodoviários dos Estados.

A ligação entre si das diferentes rêdes ferroviárias do Norte do pais foi continuada, sob a direção do Departamento Nacional de Estradas de Ferro apezar de todas as dificuldades do momento. Do mesmo modo, a Estrada de Ferro Central do Brasil não cessou os trabalhos de construção de variantes nas linhas do Centro e no ramal de S. Paulo, devendo, tambem, inaugurar em Dezembro o prolongamento do trecho Montes Claros-Monte Azul, na fronteira bahiana. Em menos de dois anos, se não faltarem os recursos indispensaveis, teremos assegurada a continuidade da bitola estreita entre Belo Horizonte e Salvador.

Os serviços a cargo dos Departamentos de Obras e Saneamento e de Obras Contra as Secas prosseguiram devendo ser realçado o Convênio assinado com o Rio Grande do Sul para a execução, por intermédio do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, de importantes obras hidráulicas, que figuram no plano de eletrificação do Estado.

De uma maneira geral, meu pensamento sempre foi: a) Assegurar a continuidade dos planos existentes; b) programar com maior rigor, no tempo, os trabalhos e realizar, a fim de permitir a organização de planos financeiros; c) assegurar a aquisição de material, tanto quanto possivel com a obtenção de créditos no estrangeiro.

O programa geral a realizar foi reunido num relatório que servia de base ás negociações de um empréstimo nos Estados Unidos, operação que já está autorizada nesse pais e cuja realização depende, agora, de en-

tendimento final com o Banco de Exportação e Importação, de Washington.

Essa primeira parte de minha atuação no Ministério teve a duração de quatro meses, pois, a 1 de Junho, na capital americana, pude entregar ás autoridades competentes o relatório e um plano de trabalhos para cinco anos, justificando a solicitação do empréstimo. Dois meses mais duraram, nos Estados Unidos, as discussões de ordem técnica.

Imediatamente após meu regresso cuidei com afinco do preparo do orçamento para o próximo ano, a fim de que ele pudesse, em tempo oportuno, ser apresentado ao Congresso. Na elaboração desse documento houve sempre a preocupação de atender ás urgentes necessidades do paiz no que se refere a transportes, saneamento e defesa contra as secas. Foram pedidos, tambem, os elementos essenciais para melhorar os serviços de Correios e Telegrafos, cujas necessidades prementes precisam ser satisfeitas, a fim de que o país possa ter os beneficios de um sistema de comunicação á altura de suas necessidades.

Muitos outros trabalhos foram realizados, salientando-se: a colaboração com o Ministério do Trabalho no sentido de reajustar os vencimentos dos portuários e ferroviários ao nivel atual do custo da vida, a reestruturação do funcionalismo do Ministério, os estudos para a adaptação da Fábrica Nacional de Motores a uma tarefa normal de tempo de paz. Os reajustamentos de tarifas foram feitos de acôrdo com as propostas dos órgãos técnicos competentes e tiveram, exclusivamente ,o objetivo de fornecer recursos para o inadiavel aumento de salários de funcionários e trabalhadores colocados em situação angustiosa pelo encarecimento das utilidades mais essenciais á vida. A êsse respeito convem sublinhar, ainda uma vez, que só há um meio para conseguir o barateamento das tarifas de transportes: melhorar as condições técnicas das estradas, dotá-las de bom material fixo e rodante e cuidar do pessoal, elevando o seu preparo técnico e nivel de vida.

A reestruturação do funcionalismo do Ministério se fez sem a supressão de cargos técnicos e a adaptação da Fábrica Nacional de Motores foi objeto de longo estudo apresentado ao Sr. Presidente da Republica.

Aproveitando situação excepcional, puderam ser adquiridos para o porto do Rio uma cabrea flutuante de 60 toneladas e quinze guindastes de 5 toneladas. Muitos outros materiais, todos excedentes de guerra, já foram ou estão sendo igualmente adquiridos por uma Comissão na Europa para os DNER, DNOS, DNEF e DNOCS.

Os recursos do próximo orçamento e os que foram oriundos de créditos estrangeiros permitirão, mesmo na conjuntura dificil que estamos atravessando, realizar, neste Ministério obra util. Os homens para dirigi-la existem e será sempre um grande prazer, para mim relembrar a competência com que vi discutidos pelos técnicos desta Casa os mais dificeis problemas e a dedicação, que êles põem, na realização dos trabalhos que lhes incumbem.

Durante os últimos meses, houve a enfrentar um importante problema de administração que foi o da encampação da antiga "São Paulo Railway", hoje "Estrada de Ferro Santos a Jundiaí". Assunto discutido há muitos anos, suscitou interessante controvérsia, não quanto á necessidade da encampação, mas quanto á maneira de fazê-la. A publicação do contrato de 1856 e da novação de 1895, bem como as explicações que foram fornecidas ao público através da imprensa, esclareceram, segundo penso, sufici-

entemente, o assunto. A operação está sendo realizada normalmente e trará como é sabido, enormes vantagens a economia brasileira no Estado de São Paulo.

Desejo despedir-me dos funcionários do Ministério. Sou grato a todos pelo muito que fazem em pról do serviço público. Daqui saio mais confiante nos grandes destinos do Brasil. E', efetivamente, com dedicação, lealdade e competência que se constroem as grandes nações e essas qualidades não faltam nos que servem nesta Secretaria de Estado.

Quero, ainda, dirigir mais um agradecimento aos que participaram do meu gabinete. Nas longas horas de trabalho em que, diariamente, juntos, nos empenhamos, nunca lhes notei hesitação no conhecimento dos assuntos a seus cargos e nunca lhes senti fatiga.

Engenheiro Luiz Vieira:

Tenho a honra de passar-vos, neste momento, a direção do Ministério da Viação e Obras Públicas".

E a proposito das ótimas soluções conseguidas, dado o apoio inicial de compreensiva bôa vontade por parte do preclaro Chefe da Nação, no campo partidario dos Estados do Rio, Minas Gerais e Bahia, o "O Jornal do Commercio", com aquela autoridade que lhe dá a liderança da nossa imprensa, comenta em "Noticias Varias", de 27 de outubro de 1945: "Vimos, com surpreza, surgir nesses cenários regionais de marcada relevância as perspectivas tranquilizadoras trazidas por três nomes realmente notaveis, escolhidos, com a mais alta isenção patriótica, para o governo constitucional que ali se organizará, no pleito estadual de 19 de janeiro proximo. O Coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva, o Dr.

Wenceslâu Braz (1) e o Deputado Octavio Mangabeira são figuras que já transpuzeram as fronteiras dos seus Estados, para afirmar-se no panorama nacional como valores altamente representativos de inteligência, capacidade e realização. São todos três expoentes de confiança, pelo merecimento próprio, dignos dos mais altos postos públicos na vida brasileira... Possa o Brasil encontrar, para os demais Estados da federação, nomes desse conteúdo público e estará assegurada a tranquilidade dos que anseiam por ver preservadas as nobres tradições de liberdade, de honradez e de cultura do nosso passado politico".

E esses anceios foram satisfeitos. Reunidos, em memoraveis convenções, o partido Social Democratico (P.S.D.) á 19 de novembro de 1946, sob a presidencia do Sr. Comandente Ernani do Amaral Peixoto, e á 22 seguinte, a União Democratica Nacional (U.D.N.) sob a presidencia do Sr. Embaixador Dr. Raul Fernandes, proclamaram o Sr. Coronel Dr. Edmundo de Macedo Soares e Silva, candidato, nas proximas eleições que terão lugar á 19 de janeiro de 1946, ao cargo de Governador do Estado do Rio de Janeiro.

O engenheiro Edmundo de Macedo Soares e Silva mereceu o apoio de todos os partidos que lograram representação á Assembléia Constituinte fluminense. Nas eleições de 19 de janeiro recebeu 250.350 votos, enquanto seus competidores obtiveram apenas, 9.163 e 1.548, respectivamente. Proclamado Governador, em sessão do Tribunal Regional Eleitoral realisada á 14 de fevereiro, o Dr. Macedo Soares e Silva tomou posse,

(1 O Dr. Wenceslâu Braz não mereceu o esperado apoio dos seus conterraneos; saiu vitorioso o Dr Milton Campos, deputado federal e candidato da oposição.

como Governador eleito, perante á Assembléia, na sessão de instalação, em seguida a eleição da mesa, realisada á 24 do mesmo mês. Recebendo o governo do senhor interventor Dr. Alvaro Rocha Pereira da Silva, provecto advogado, S. Excia., por ocasião da transmissão do cargo, pronunciou o seguinte discurso, ora constante dos anais da Assembléia, por proposta do deputado Hipolito Porto:

"Há cinco meses apenas a Assembléia, eleita pelo povo brasileiro, concluiu seus trabalhos como Constituinte, e teve, pela sua Mesa, promulgada a Constituição que hoje rege os destinos do nosso país. Vimos todos acompanhando, com interêsse patriótico, a integração do Brasil num regime adequado ás aspirações nacionais e á cultura que já atingimos. A solenidade, que agora realizamos, é uma das etapas de nossa constitucionalização; é, desde já, mais uma etapa vencida. Não é por acaso que o Estado do Rio é a primeira unidade da Federação a ver instalada a sua Assembléia e empossado o seu governador. Assim o quiseram os fluminenses. Tivemos um pleito notavelmente dirigido pela Justiça Eleitoral, a que desejo, neste momento, prestar homenagem, fazendo uma referência particular aos eminentes membros do Tribunal Regional, e, especialmente, ao seu ilustre presidente, desembargador Ferreira Pinto, que não poupou esforços no sentido de concluir os trabalhos o mais depressa possivel. A lisura do pleito, o elevado espirito dos candidatos e o admiravel "fair play" por êles demonstrado, facilitaram a apuração que poude ser terminada rapidamente. A população fluminense deu mais uma demonstração cabal de sua notavel tradição politica e da sua vocação para se governar dentro de um regime de liberdades democraticas e de responsabilidades estritamente reguladas em lei. Na data de hoje, em que se comemora o quinquagésimo sexto aniversário da adoção no Brasil do regime republicano presidencialista, expresso na Constituição de 24 de Fevereiro de 1891, desejo manifestar o entusiasmo que sempre experimentei por essa forma de Govêrno. Quanto mais tenha tido oportunidade de viver no estrangeiro e de observar o funcionamento das instituições de outros países, mais me convenço de que a Federação, sob a forma republicana presidencialista, é a que mais se adapta ás nossas condições. A fixação do periodo de govêrno do chefe do Executivo e a existência dos três poderes, harmônicos e independentes, garantem a estabilidade do regime em épocas politicamente dificeis, assegurando, ao mesmo tempo, uma administração fiscalizada, mas que pode ser exercida com relativa autonomia. A independência que tem o chefe do Executivo em relação aos partidos, não impede uma atuação importante e decisiva desses na administração, não só por intermédio dos membros do Legislativo, que sairam dos seus quadros, como dos seus afiliados que possam exercer postos executivos. E' verdade que as virtudes dos principios podem não se revelar acentuadamente na prática corrente, porque homens são os que os interpretam e põem em execução. Do valor intelectual dos que ocupam patriotismo e interêsse pelo bem público, postos eletivos ou administrativos e do seu depende, em grande parte, a excelência do regime.

Não há dúvida que, no sentido da seleção de valores, para os cargos públicos, progredimos muito. Tenho ouvido de homens experimentados a observação de que o presente Congresso Nacional representa um grande avanço sobre o de 1934. Na representação estadual encontram-se, neste momento, reais

valores das novas gerações fluminense, ao lado de alguns já afeitos as lides politicas, o que assegura ao nosso Estado uma brilhante Assembléia, com entusiasmo, patriotismo e saber para cumprir a grande tarefa que lhe incumbe. O privilégio que tive, de ser candidato de todos os partidos que estão representados na Câmara, fizeram-me privar pessoalmente com muitos dos seus atuais membros, ainda durante a campanha eleitoral. Esse conhecimento me dá a certeza da atuação a que acabo de me referir.

Ao subir as escadas desse Palácio — a Casa do Povo — penso no que disse aos fluminenses há poucas semanas atrás. Meço a enorme responsabilidade a que aludi então e que já agora pesa efetivamente sobre meus ombros. Não me afastarei uma linha sequer da conduta que me tracei, de lutar, com intransigência, pelo bem público, e guardo intacta a minha confiança nos destinos de nossa grande Pátria.

Tem sido costume recentemente mostrar-se o nosso país como um monopolizador de problemas quase insoluveis, que vos levarão fatalmente a dias sombrios. Podem-se ler, diariamente, as mais pessimistas afirmações sobre o nosso futuro, vindas do estrangeiro ou, ainda pior, escritas por brasileiros. Com toda a responsabilidade do cargo em que me vejo empossado pelo voto dos fluminenses, desejo dizer aos meus concidadãos que não compartilho desse ponto de vista e que, ao contrario, condeno os que assim procedem. Não sou pessimista, nem otimista: sou realista, tendo o hábito de encarar os problemas como êles se apresentam. Temos dificuldades sérias a enfrentar no momento e elas poderão ser ainda maiores no futuro. Mas todos os paises do mundo as têm. A solução para nós não poderá consistir em destruir nossas reservas morais e a crença que temos em nós mesmos, mas em enfrentar os problemas com decisão e espirito de sacrificio.

Sei que poderei contar com a inteligência e o devotamento do funcionalismo do Estado. Tenho recebido manifestações inequívocas nesse sentido. Não vejo porque não lograremos realizar obra util. A época é de trabalho persistente e honesto. Teremos que encaminhar a ação de cada setor da administração no sentido de facilitar e ordenar as tarefas da iniciativa particular, ao invés de dificulta-las. Todos, no govêrno e fora dele, deveremos ter a mesma mentalidade que deve ser a de produzir metodicamente, com o melhor rendimento, para que possamos evitar crises e retrocessos. Na chefia do Govêrno, procurarei imprimir a todas as iniciativas públicas um sentido econômico, para que não vivamos apenas no presente, mas se prepare o desenvolvimento constante e gradativo do Estado. Vamos realizar obras públicas dentro de programas — novos ou já existentes — procurando completar cada trabalho o mais rapidamente possivel, a fim de que êle se torne logo reprodutivo. Essa orientação é, a meu vêr, de capital importancia; tenho a certeza de que, para segui-la, não me faltará o apoio da opinião pública, que desejo ver sempre esclarecida sobre as atividades do Govêrno.

Sr. Dr. Alvaro Rocha.

Há cerca de trinta anos, quando terminava o meu curso de Humanidades no Colégio Militar do Rio de Janeiro, conheci Vossa Excelência em Barra do Pirai. Já grangeara Vossa Excelência nessa época a admiração de todos, pelas virtudes do seu caráter, lidimamente fluminense; modéstia, dedicação no exercicio da profissão de advogado ou no serviço público, saber e prudencia. Mal poderia o adolescente de então supor que um dia viria a receber das mãos honradas de

Vossa Excelência o govêrno do Estado. Isso constitue para mim uma grande alegria e um estimulo. Alegria por ter visto Vossa Excelência ascender ao mais alto posto da terra fluminense, e estimulo, porque Vossa Excelência é a demonstração de que uma grande e nobre vida alcança sempre a mais alta recompensa que poderemos esperar: o respeito e a consideração dos nossos concidadãos.

Meus senhores:

Assumo, neste momento, recebendo do inclito fluminense Alvaro Rocha, o Govêrno do Estado do Rio de Janeiro."

O Dr. Edmundo de Macedo Soares e Silva casou-se, em primeiras nupcias, com D. Maria José Muniz de Macedo Soares e Silva, filha do Dr. Pedro Duarte Muniz, antigo diretor do tesouro nacional, e de D. Maria Guedes Muniz; neta paterna de Melquiades Silvino Muniz, industrial, e de D. Alipia Duarte Muniz, e pelo lado materno de José Guedes Muniz, fazendeiro, e de D. Anna da Cunha Guedes Nogueira, familias radicadas no Estado das Alagôas. Deste consorcio nasceu:

3 — 1:—Yedda, n., em S. Paulo, 27-11-1930, estudante.

Faleceu D. Maria José, por ocasião do nascimento do 2.º filho que não lhe sobreviveu, á 15 de abril de 1937. — Convolou o Coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva, a segundas nupcias, em 26 de junho de 1939, com D. Alcina Fonseca de Macedo Soares e Silva, filha do coronel Hermes Severiano d'Alincourt Fonseca, da arma de artilharia, com o curso do Estado Maior, falecido no Estado de Santa Catharina, á 16 de janeiro de 1938, e de D. Alcina Silva d'Alincourt Fonseca; neta paterna do General Dr. João Severiano da Fonseca, patrono dos serviços

médicos do exercito, irmão do grande Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, o fundador e 1.º presidente da Republica, e de D. Analia d'Alincourt Fonseca, e pelo lado materno de Francisco Pereira da Silva, e de D. Leopoldina da Rocha e Silva. Filhos:

3 — 2:—Helio, n., 19-4-1940;

3 — 3:—Alcina, n., 1-4-1944;

3 — 4:—Edmundo, n., ás 3 1/2 da manhã, de 3-7-947.

2 — 2:—Helio de Macedo Soares e Silva, n., no Distrito Federal, á 10-6-1906. — Curso de humanidades, no Colégio Santo Ignacio, em S. Clemente, Rio, e o superior na Escola Militar, 1.º da turma de engenharia, titular do prêmio Conde de Linhares, promovido diretamente á 2.º tenente; engenheiro militar; engenheiro civil pela Escola Politécnica, prêmio engenheiro Morsing, orador da turma; engenheiro eletricista (1933), tambem 1.º prêmio. Fez parte da missão Leite de Castro, na Alemanha, onde visitou importantes usinas hidro-elétricas, em busca de conhecimentos outros, no tocante a eletricidade e ao seu emprêgo industrial. (1935-1938). — De regresso, foi nomeado professor de Mecanica Analitica da Escola Técnica do Exercito. Em 1939, á 26 de junho, o Interventor Ernani do Amaral Peixoto convida-o a assumir a Secretaria da Viação e Obras Públicas. O Estado do Rio achava-se insolvente. A lavoura abandonada, as matas devastadas, a industria sem combustivel, impostos sobre impostos escorraçando o capital. Os municipios, em desordem, reclamam em vão. Campos, o centro industrial que restava, carente de fôrça e luz; seu serviço de viação irregular, velho, imprestavel. O planejamento da energia elétrica seria a solução. O governo procura o professor Franca do Amaral que, desde 1929, atirava-se aos estudos sobre o aproveitamento dos rios

Macabú e Glicério em potencial hidraulico. Apresenta, então, o ilustre professor substancioso relatorio sobre a exequibilidade do plano da construção da Central de Macabú. O diligente Interventor, Sr. Comandante Ernani do Amaral Peixoto, manda abrir concurrencia, e, em março de 1939, a "Bratac" empreza japoneza, obtem a preferencia mediante o orçamento de Cr$ 38.000.000,00. Mas a Bratac não suportou os encargos; quedou-se ineficiente. O Major Helio que vinha acompanhando, de perto, os trabalhos dos engenheiros japonezes, determinou-se a avocar a direção da empreza. Sobrevem a guerra, dificuldades de toda a ordem e o jovem engenheiro brasileiro, de 32 anos, assume a responsabilidade de obra de maior vulto jámais empreendida por qualquer Estado. E ei-lo residindo com sua familia em local sem o menor conforto, com as vestes de operario, lavrando e dirigindo para mais de 3.000 trabalhadores. Com larga visão de quem conhece profundamente a organização de tais emprezas, tratou de ampliar o programa, em execução, para atender as necessidades, não já de Campos e municipios circunvizinhos, mas de todo o norte fluminense, de Araruama ao ponto final de Itaperuna, de Macaé ao Carmo, passando por Friburgo, e ultrapassando nossos limites para servir a larga zona dos Estados de Minas Gerais e Espirito Santo. Estudioso, inteligente, profundo observador, soube o engenheiro Helio aproveitar os ensinamentos que adquirira nos centros industriais da Alemanha, Italia, França, Suissa e Norte America para antever as dificuldades de transporte e consequente alta dos materiais de construção. Dirige-se ao mercado e pessoalmente, sem intermediarios, logra adquirir grande copia de material e sobressalentes para a Usina, a baixo preço. Terminada a construção da Central de Macabú o Estado ficará com vultoso material, que, a ser então revendido, importará na recuperação de um minimo de Cr$ 25.000.000,00. Este empreendimento verdadeiramente ciclopico contribuirá por decuplicar a renda publica e dentro, em breve, ver-se-a resgatado o capital nele invertido. Por certo esses ligeiros traços não comporta uma descrição minuciosa do grande parque industrial que nos oferece a Usina de Macabú, auspicioso centro com cerca de 12.000 habitantes. Em linhas gerais transcrevemos o que a respeito publica a "Revista do Comercio", janeiro de 1946: "O plano Macabú-Glicério, coordenado e executado pela Comissão da Central de Macabú, baseou-se na ideia da transposição das aguas do rio Macabú para o vale do Rio S. Pedro, por meio de um tunel cavado em rocha viva, tunel este que, quando concluido, terá uma extensão de 5.464 ms. 80 x, — perto de 6 quilometros! A êste plano, um outro se seguirá, qual seja o do aproveitamento hidroelétrico do rio Itabapoana, estimado em cerca de 70.000kw. Este total de 76.000kw somados aos 33.000 kw. de Macabú-Glicério, quando estas ultimas usinas atingirem o seu máximo, formarão um total de 109.000kw a serem distribuidos pelo Norte do Estado do Rio... A primeira fase do plano, ou seja o aproveitamento hidro-elétrico dos rios Macabú-Glicério, dando origem ás usinas de Macabú e nova usina de Glicério, já se encontra em grande adiantamento, prevendo-se para o primeiro semestre do corrente ano a sua conclusão. Entre os dois vales, o do rio Macabú e o do rio São Pedro, o primeiro a 600 e o segundo a 300 metros acima do nivel do mar, passa a linha divisoria de um contraforte da Serra do Mar, obstaculo orografico este vencido pelo tunel em vesperas de total perfuração. As aguas conduzidas através o tunel encontrarão na represa do Macabú uma queda de 330 metros. Depois

de movimentarem a usina aí instalada, tomarão as aguas o curso do rio São Pedro, em direção á usina de Glicério, onde serão aproveitadas num desnivel de 145 metros. O total das duas quedas, ou sejam 475 metros de altitude, gerarão uma força de 45.000 cavalos-vapor distribuidas pelas duas usinas, que estarão distanciadas 4 quilometros e meio uma da outra... O trabalho intensivo transformára inteiramente a fisionomia de uma região, e o que era, ha poucos anos atrás campo e deserto, é hoje um nucleo vivo, uma pequena cidade de 10.000 habitantes que se aglutina, com sua vida propria, em torno das obras monumentais. As casas operarias, ás centenas, se enfileiram em ruas previamente traçadas, a maioria trazendo, é logico, êsse ar de abrigo provisorio, mas muitas outras já construidas solidamente, como lares definitivos... Macabú possue hoje o que muita cidade do interior ainda não tem: bom cinema, campos de esportes, fartas casas abastecedoras, médicos especializados, higiene, eletricidade, escolas, hospital, hotéis e restaurante. Obra de iniciativa do Governo do Estado, amparada do governo da União, Macabú (e nisso muita ela se aproxima do espirito que norteia Volta Redonda) não será somente um nucleo de trabalho fadado a desaparecer após o término das obras. Os seus técnicos — todos eles nacionais — sabem perfeitamente que o que se constrói naquela garganta de serra servirá como modelo á realisações congêneres que terão, fatalmente, que ser dispersadas pelas diversas regiões do país. Mais de tudo Macabú é uma escola, onde o nosso rustico homem rural, recrutado á sua vida camponeza, ali aprende os segredos de uma nova era — a era industrial, a era da eletricidade. Quantos operarios especializados, terminadas as obras, dali não sairão, aptos a empregar seus conhecimentos onde se faça mister?

Tambem os jovens engenheiros de Macabú encontraram nas obras daquele vale fluminense o seu primeiro campo de experiencia, pois a maioria deles é recem-saida das aulas da Escola Politécnica e Instituto de Itajubá. E' um dos aspétos mais simpaticos de Macabú: a ausencia da técnica estrangeira, atuante e orientadora. Brasileiros são os seus engenheiros, nacionais são os seus operarios. Não erramos, portanto, quando estabelecemos para Macabú o primado simbolico de ser, nesta metade do Seculo XX, o marco zero da verdadeira vontade nacional de transformar uma Nação injustamente pobre e insuficiente num poderoso conjunto industrial, fruto dos seus proprios e ilimitados recursos. Os homens de Macabú, técnicos e operários brasileiros, realizam um pouco daquela vontade — como se construissem a a "maquete" que, de futuro, servirá do modêlo ás multiplas realisações congeneres que se sucederão no pais. Estendendo seu raio de influencia sobre todo o Norte do Estado do Rio, alem de certas pequenas regiões de sul de Espirito Santo e de Leste de Minas Gerais, um do objetivos da Central de Macabú, bem como das usinas outras que, conforme o programa já estabelecido, surgirão mais tarde, é o de dotar toda a região de energia elétrica barata e farta. As usinas construidas no Brasil, no momento atual, estão orçadas em torno de Cr$ 5 a 6.000,00 por kw, na partida da usina. A centralisação de usinas de Macabú-Glicério deve custar Cr$ 100.000,00 nos bornes dos transformadores elevadores, para a potência final de 33.000 kw ou Cr$ 3.300,00 por kw. Isso se deve á felicidade do projéto (alta queda, favoravel bacia de acumulação, situação no *centro* do mercado de consumo) ás circunstâncias especiais de execução (fretes reduzidos de 20%, material excepcionalmente a baixo preço, adquirido antes da guerra ou

com prioridades especiais nos EE. UU.) e á redução das despezas de administração. O preço médio da energia nos bornes dos consumidores a baixa tensão, isto é, o preço médio dos sistemas até a rêde de baixa tensão é de cerca de Cr$ 10.000,00 por quilowatt. Prevê-se em Macabú a despeza final de Cr- 160.000.000,00 para a ultima etapa, que corresponde á distribuição de 33.000 kw com perdas de 13% ou 28.700 kw. Daí o preco médio de cerca de Cr$ 5.600,00 por kw. E' quase a metade do preço comum nos aproveitamentos atuais. Explica-se, portanto, porque Macabú-Glicério, realizada dentro das anormalidades econômicas oriundas da guerra, pode, graças a prioridades e as medidas tomadas antes do conflito. enfrentar e vencer a super-valorização, e, consequentemente, impedir a alta do preço por kw. conseguido".

O engenheiro Helio integrado na administração, no gôso, felizmente, de ótima saude, moço, multiplica-se em empreendimentos outros necessários á conjuração da crise. O desanimo dos lavradores, a estagnação da lavoura, resaltavam da falta de estradas proprias ao transporte. Formulando o dificil problema, o engenheiro Helio, com a colaboração competente do Dr. Saturnino Braga, programou magnifica rêde rodoviaria em ordem a atender as ligações do Estado aos de São Paulo, Minas e Espirito Santo e dos municipios entre si. Melhora consideralmente a Rio-São Paulo e a Rio-Petropolis. Constroi estradas tronco como a Niterói-Campos; a litoranea, Niterói-Macahé; a de Barra Mansa a Angra dos Reis, a de Itaboraí-Rio, contornando a bahia, passando por Magé. Acessos que levavam todo o dia como o de Campos, fazem-se em poucas horas. A terra fluminense desprezada de todos, desvalorizada, sobe a preços tentadores. Como resultado, o Dr. Helio, dotado de alto

tino administrativo, faz nascer o turismo, fonte apreciavel de renda, tão cuidadosamente explorada pelos mais adiantados paises da Europa. Aproveita as nossas belezas naturais, mais empolgantes que as do sul da França, e contrói as cidades de Araruama e de S. João da Barra, com modernos e atraentes hotéis com aquelas linhas turisticas dos das praias do mediterraneo e mar do norte, desenvolve a encantadora Cabo Frio, dando enfim, aos fluminenses e cariocas aquele desejado e confortavel descanço do fim de semana... Outro problema que enfrentou foi o da saude publica e o da educação. Saneou grande parte da baixada, abriu rios e canais, construiu centros de saude, inumeros predios escolares, parques e colonias de férias para a nossa infancia desnutrida. A rêde de predios escolares é das modernas do pais. Até 1937 os prédios escolares atingiam apenas a 86. Sob a gestão Helio subiram a 200. Construiu 45 escolas tipicas rurais e cerca de 60 grupos escolares, correspondendo aproximadamente a 600 classes e abrigando em dois turnos 48.000 escolares. Sem preferencias regionais ou qualquer interesse de ordem politica ,mas a difusão da instrução, diminuir ao minimo o analfabetismo, atendeu o governo os municipios grandes e pequenos, cidades próximas ou distantes dos grandes centros. Paratí, Itacurussá, Itabapoana, Itaperuna e mais 15 municipios do interior, foram contemplados com amplos e modernos grupos escolares. Um dos ultimos, situado em Jurujuba, tendo por patrono o inolvidavel e talentoso educador Fernando Magalhães, foi belo presente aos pescadores e lavradores, pequeninos e humildes, mas sempre dignos da atenção do governo. Com 5 classes, poderá ter mais 5 no futuro e para isso foram previstas as fundações. O seu custo á razão de Cr$ 565,00 por metro quadrado é mais

uma prova da capacidade da engenharia fluminense, que abriga a Divisão de Obras Publicas, sob a direção do engenheiro Arêa Leão e do arquitéto Orlando Campofiorito, cujos trabalhos foram citados no "Arquictural Forum", com palavras de aplausos. Todas as comodidades dos grandes grupos foram previstas, quer para o ensino, quer para a administração, quer para os serviços médicos e dentários. Amplo refeitorio, amplo recreio coberto, com 300ms2, area para educação fisica e jogos a razão de 10ms2 por aluno, inclusive praia privativa, completam o prédio. O major Helio, infatigavel, jámais recusou seus serviços quer ao Estado, quer a União. Além dos seus afazeres, como Secretario de Estado, aceitou varias outras comissões, como a de presidente da de Urbanização de Araruama, da Central de Macabú, organização de Empreza Fluminense de Energia Elnétrica; e no federal, membro da comissão de regulamentação do Código de Aguas do Conselho Nacional de Aguas e energia elétrica, da grande comissão de planificação, do comercio exterior, além da dos estudos do aproveitamento do Rio de S. Francisco, tendo apresentado minucioso, erudito relatorio com soluções praticas desse empreendimento basico para o desenvolvimento do nordeste. (1)

Tenente Coronel de engenharia, o Dr. Helio de Macedo Soares e Silva casou-se com D. Marianita Caspary, filha do Capitão de fragata farmaceutico Dr. Henrique Meirelles Caspary, tambem formado em medecina e em direito, e de D. Josefa Terra Lima Caspary; neta paterna de João Henrique Caspary, e de D. Marianna Meirelles Caspary, fazendeiros em Lage do Muriahé; e materna de José Carlos de Azevedo Lima, e de D.

(1) Eleito deputado estadual, o mais votado, exerce, na Assembléia, as funções de lider da maioria.

Antonia Terra de Azevedo Lima, fazendeiros em Itabapoana; Filhos:

3 — 1:—Edmundo Henrique, n., (C.F.), 6-12-1934;

3 — 2:—Luiz Carlos, n., (C.F.), 2-2-1942.

3 — 3:—Helio Marcio, n. (C.F.) 5-11-947.

2 — 3:—Maria Elisah (Maisa), nascida na Capital Federal, casada com o oficial de marinha e industrial Carlos de Carvalho Rego, antigo oficial de gabinete do ministro das relações exteriores e da justiça, o Sr. Embaixador Macedo Soares, filho de João Francisco de Carvalho Rego, alto funcionario do Tribunal de Contas, e de D. Ottilia Ferreira Rego; filho:

3 — 1:—Carlos Eduardo, n., 7-9-1929, estudante do curso de humanidades.

2 — 4:—Hygia de Macedo Soares e Silva Rocha, nascida nesta Capital, casou-se com Waldemar Rocha, industrial e funcionário do Banco do Brasil, filho de Clovis da Silva Rocha, industrial, e de D. Brasilia Franco de Lima Rocha, naturais do Estado de Minas Gerais.

2 — 5:—Icléa, nascida no Distrito Federal, casada com Frederico Bittencourt Roxo, alto funcionario do Banco do Brasil, secretario da carteira de importação e exportação, filho do Dr. Augusto Torreão Roxo, medico de grande nomeada e de D. Consuelo de Bittencourt Roxo; neto paterno do Dr. Augusto Teixeira Belfort Roxo, medico, e de D. Maria Amelia Torreão Roxo, vive, de boa saude aos 92 anos; e materno do desembargador Gentil Augusto Morais Bittencourt e de D. Francisca Ribeiro Bittencourt. Filhos:

3 — 1:—Consuelo, n., (D.F.), 30-3-1944;

3 — 2:—Icléa, n., (D.F.), 1-1-1946.

1 — 8:—Maria de Nazareth de Macedo Soares Machado Guimarães, n., 22-1-1874, na fazenda

do Bananal, Maricá. Casou-se á 6-4-1891 com Ernesto Machado Guimarães, comerciante de fazendas, por atacado, socio da firma Machado Guimarães, Fernandes & Cia., estabelecida á rua do Hospicio, hoje Buenos Aires, n. 100, fundada pelos irmãos Machado Guimarães, e Comendador Narciso Luiz Machado Guimarães, casado com D. Olimpia de Souza Ribeiro Machado Guimarães, pais de Ernesto, e o Barão de Joannes, pae do Dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, brasileiro nato, que adotou a nacionalidade do seu pai, e foi professor da Universidade de Coimbra, mais tarde, presidente da Republica Portuguesa e grão mestre da maçonaria Portuguesa. Ernesto Machado Guimarães, inteligente, culto, de esmerada educação, ocupou posições no alto comercio, entre as quais a de membro do Concelho Fiscal do Banco do Brasil. Faleceu á 5 de junho de 1929. Filhos:

2 — 1:—Gilda Machado Guimarães Graenhalgh, n., D.F., 24-5-1893, casada com o oficial de marinha Juvenal Greenhalgh Ferreira Lima, engenheiro naval, contra- almirante, membro do conselho do comercio exterior, filho do Dr. Gabriel Philadelpho Ferreira Lima e de D. Mathilde Greenhalgh Ferreira Lima; Filhos:

3 — 1:—Jorge Greenhalgh, chimico-industrial e engenheiro civil, em missão do Lloyd Brasileiro, nos EE. UU., n. 10-9-1920; casou-se, no Canadá, com Louise Parenthau; Filho:

4 — 1:—Jorge Daniel, n., U.S.A., 12-2-48.

3 — 2:—Priscilla, n., 6-1-1924; casouse a 22-12-1945 com Fernando Guimarães de Cerqueira Lima, oficial de artilharia do exercito, filho do Dr. Carlos Ayres de Cerqueira Lima, advogado, e de D. Clelia Alves Guimarães de Cerqueira Lima; neto paterno de Bonifacio Calmon de Cerqueira Lima, deputado pela Bahia e de D. Maria da Pureza Ayres de Cerqueira Lima; e materno do Dr. Augusto

Alvares Guimarães, jornalista, diretor do "O Diário da Bahia", deputado e de D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, poetisa, autora do "O Imortal", irmã do poeta Castro Alves. Filha:

4 — 1:—Gilda, n., C.F., 25-1-1948.

2 — 2:—Iva Elsa Machado Guimarães Hime, n., 30-9-1894, casada com Gilbert Leon Hime, antigo diretor gerente do Banco Comercial de São Paulo, e atualmente diretor superintendente do Banco do Estado de São Paulo, filho de Edwin Hime e de D. Ernestina Harper Hime, importante familia de industriais e de alta representação social. Filhos:

3 — 1:—Gilbert Leon Ernest Hime, n., D.F. 25-7-1924;

3 — 2:—David Humphreys, n., (D.F.), 18-8-1926;

3 — 3:—Geraldo Eduardo Gilbert, n., (D.F.), 6-4-1929;

3 — 4:Iva Thereza, n., (D.F.), 26-11-1932;

3 — 5:—Elisabeth Mary, n., São Paulo, 1-8-1935;

2 — 3:—Dr. Luiz de Macedo Soares Machado Guimarães, n., D.F., 5-11-1895, curso de humanidades no externado Aquino, superior na Faculdade de ciências juridicas e sociais do Rio de Janeiro, bacharel em direito, laureado, turma de 1916, notavel advogado, professor de direito na Universidade do Brasil, autor de trabalhos juridicos de real valor, socio e orador eleito do Instituto da Ordem dos advogados brasileiros, membro da mesma ordem, membro do Tribunal de Etica profissional com os jurisconsultos Mendes Pimentel, Affonso Penna Junior, Moutinho Doria, Odilon de Andrade, Targino Ribeiro e Justo de Moraes, colaborador de revistas juridicas nacionais e extrangeiras, reputado um dos mais acatados jurisconsultos contemporaneos. Casou-se com D. Laura Brandão Machado Guimarães, filha do Dr. Julio

Brandão e de D. Maria do Carmo de Campos Brandão; neta paterna do Dr. Julio Cesar Ferreira Brandão, vulgarizador incançavel dos estabelecimentos hidroterapicos e especialista em hidroterapia, e de D. Maria Augusta Viveiros Brandão, esta filha do Senador Viveiros de Castro, pela provincia do Maranhão, e de D. Belmira Ferreira Viveiros de Castro, irmã de D. Emilia, casada com o comerciante João Baptista da Silva Teixeira, sogros do Senador Gil Diniz Goulart, e de Henriqueta casada com Pedro Pinheiro Guimarães; neta pelo lado materno de Eduardo Maria Campos e de D. Maria do Carmo Palha Campos, portuguêses, esta sobrinha do Conde de Palha, da nobresa portuguêsa. Filha:

3 — 1:—Sonia, n., (D.F.), 18-9-1926.

1 — 9:—Sarah de Macedo Soares Terra Passos, n., na cidade do Campo Largo, provincia do Paraná, á 25-5-1875. Escritora, poetisa, foi durante anos a secretaria de seu pae. Casou-se á 6-4-1893 com Antonio Joaquim Terra Passos, filho do Dr. Joaquim Antonio Rodrigues de Passos, engenheiro de Pontes e Calçadas pela Universidade de Gand, Belgica, e de D. Anna Terra Rodrigues de Passos, de tradicional familia campista. Comerciante em Campos, Estado do Rio, mudou-se para a Capital Federal, onde cursou a Faculdade de Medecina e diplomou-se em Odontologia. Estabeléceu-se em Barra do Pirahy, onde conseguiu larga clientela; muito estimado, trabalhou por melhoramentos daquêla cidade, exercendo varias comissões, entre as quais a de suplente do juiz de Direito. Faleceu no D. F., á 11-4-1931.
Filhos:

2 — 1:Armando José de Macedo Soares Terra Passos, n., C. F. 22-12-1893; diplomado em Odontologia, estabeleceu-se no distrito — Mendes

— do municipio da Barra do Pirahy. Casou-se com sua prima D. Odette Coutinho Terra Passos, professora e diretora do Grupo Escolar daquele local, filha do professor Alfredo Alvares de Macedo Coutinho, autor de livros didáticos e da professora D. Virginia Vasconcellos Macedo Coutinho; neta paterna de Marcelino dos Santos de Azeredo Coutinho Junior e de D. Mariana Francisca de Azeredo Coutinho; pelo lado materno de José de Almeida Vasconcellos, negociante, português, e de D. Maria Rosa de Vasconcellos, de pais argentinos; bisneta do Capitão Marcelino dos Santos de Azeredo Coutinho e de D. Luiza Duque de Azeredo Coutinho. O capitão Marcelino é um dos filhos do Capitão-Mór. Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho;

Filhos:

3 — 1:—Miriam, n., 3-9-1917, casada com o industrial Frederico Engelhard, de paes alemãs;

Filho:

4 — 1:—Frederico Guilherme, n., 23-6-1944;

3 — 2:—Armando Joaquim, n., 24-4-1922; da aero-'náutica.

3 — 3:—Paulo Antonio, n., 8-8-1923; cirurgião dentista.

2 — 2:—Lourdes, n., D. F., 2-8-1900, funcionária da Prefeitura da Barra do Pirahy, casada com Carlos Slobada, originario da Austria:

Filhos:

3— 1:—Anna Maria, n., 7-11-1932;

3 — 2:—Antonio Sergio, n., 27-6-1936;

3 — 3:—Maria Apparecida, n., 27-6-1939.

1 — 10:—Deborah de Macedo Soares e Silva, nascida no Mar d'Hespanha, provincia de Minas Gerais, á 16-10-1877; fez o curso de humanidades no Colegio Rouanet e de professora de piano com o professor Jeronymo de Queiroz. Ca-

sou-se á 8-9-1903 com o oficial do exercito, Dr. Rosalvo Mariano da Silva, engenheiro militar, com brilhante fé de oficio, construtor de importantes estabelecimentos militares, entre outros, quartéis em Juiz de Fóra, Escola de Grumetes, em Angra dos Reis, fábrica de pólvora "Trotyl", em Piquete, diretor de engenharia. Promovido á general de brigada, reformou-se. Nasceu em Barra Mansa á 13-7-1873, filho de Joaquim José Mariano da Silva e de D. Maria Candida da Silva, mencionados acima.

Filhos:

2 — 1:—Maria Deborah de Macedo Soares Silva, n., D.F., 11-7-1904, professora diplomada pela Escola Normal do D. F., chefe de escritorio da firma Daudt Oliveira & Cia., solteira.

2 — 2:—Déa de Macedo Soares Silva, n., D.F., 2-9-1905, professora diplomada de canto pela Escola' Brasileira de musica e particular inscrita no Instituto de Educação, solteira.

2 — 3:—Dr. Ito Mariano da Silva, n., D.F., 18-3-1909. Médico diplomado pela Universidade do Brasil. Capitão medico do exercito. Casou-se á 22-2-1936 com D. Nadir Gomes, de familia domiliciada em Campo Grande, Estado de Matto Grosso. — Filhos:

3 — 1:—Iná, n., 9-12-1936;

3 — 2:—Rosalvo, n., 7-10-1938;

3 — 3:—Ivany, n., 28-6-1942.

2 — 4:—Dr. Mauro Mariano da Silva, n., D.F., 29-9-1910. Engenheiro Civil pela Escola Politécnica; premio: estudo gratuito no curso eletrotécnico que concluiu; engenheiro por concurso aberto pela Prefeitura do D.F., requisitado pela Companhia Siderurgica Nacional, exerce, em Volta Redonda, o cargo de engenheiro chefe do Departamento de Eletricidade (D.E.L.). Casou-se em 17-6-1939

com D. Arilina de Almeida Rego, contadora, filha do Major Ariovisto de Almeida Rego, alto funcionario da Caixa Econômica e de D. Eulina de Almeida Rego; Filhos:

3 — 1:—Itaci, n., 28-3-1941;

3 — 2:—Iaci, n., 3-7-1943;

3 — 3:—Iberê, n., 13-2-1945.

3 — 4:—Itacê,, n., 11-2-1948.

2 — 5:—Dr. Rosauro Mariano da Silva, n., 28-9-1912 (D.F.). Engenheiro Civil pela Escola Politécnica; premio: o de fisica; medalha de ouro. Engenheiro chefe do Departamento de Construções (D.C.T.) da Companhia Siderurgica de Volta Redonda, requisitado da Diretoria de Aguas e Esgotos. Casou-se com D. Ilda Ribeiro dos Santos, bacharel em direito, filha de Alarico Ribeiro dos Santos, comerciante em Sapê de Ubá, Minas Gerais e de D. Etelvina Ribeiro dos Santos; Filhos:

3 — 1:—Irani, n,. 15-10-1941;

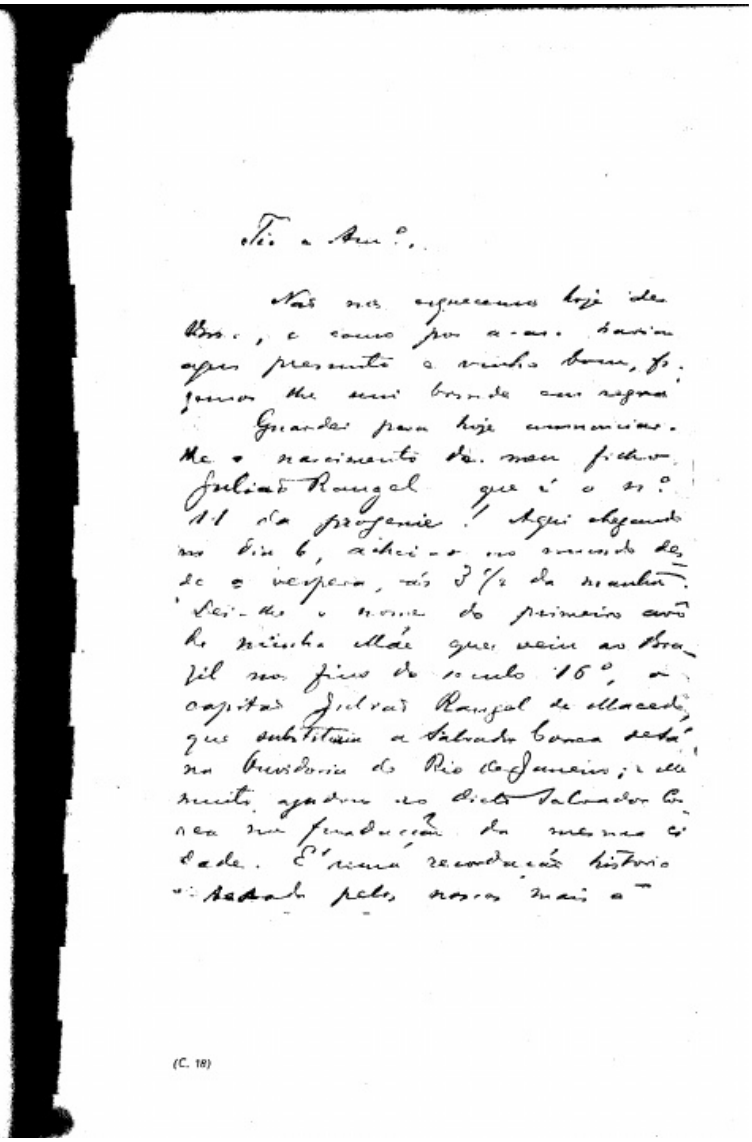
3 — 2:—Roberto, n., 27-3-1944;

3 — 3:—Sergio, n., 16-6-1945;

2 — 6:—Judith de Macedo Soares Scofano, n., D.F., 7-8-1914. Professora de piano diplomada pelo Instituto Nacional de Musica. Casou-se com o contador-industrial Julio Scofano filho de Francisco Scofano e de D. Angelina Raimunda Scofano, de origem italiana; filha:

3 — 1:—Helena Maria, n., D.F., 12-3-1946.

2 — 6:—Dr. Paulo Mariano da Silva, n., na cidade de Juiz de Fóra, Minas Gerais, 27-7-1919. Como estudante trabalhou na secção de quimica do Arsenal de Marinha. Engenheiro-quimico industrial com função na Companhia Belgo-Mieira. Casado com D. Maria Campos Delgado, filha de Leão Campos Delgado e D. Alice Campos, fazendeiros em Lima Duarte, Estado de Minas Gerais.



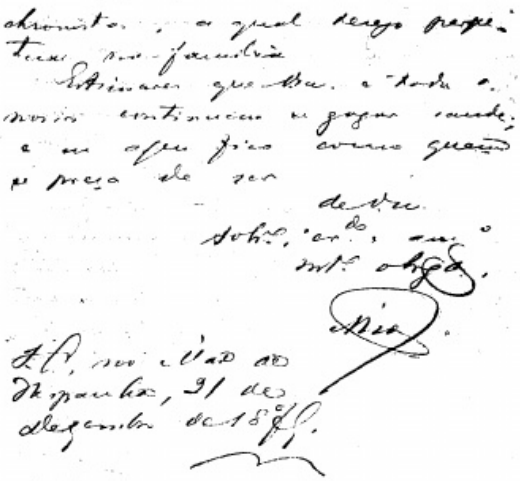
1 — 11:—Julião Rangel de Macedo Soares, n., na cidade de Mar d'Hespanha, provincia de Minas Gerais, á 5-12-1879. Em carta dirigida a seu tio, o Sr. Major Luiz Manuel de Azevedo Soares felicitando-o pelo seu aniversario, faz Antonio Jaquim a participação do nascimento do filho: "... Guardei para hoje anunciar-lhe o nascimento de meu filho Ju Rangel, que é o n.º 11 da progenie! Aqui chegando no dia 6, achei-o no mundo desde a vespera, ás 3 ½ da manhã. Dei-lhe o nome do primeiro avô de minha mãe que veiu ao Brasil nos fins do seculo 16.º, o capitão Julião Rangel de Macedo, que substituiu a Salvador Corrêa de Sá na Ouvidoria do Rio de Janeiro; elle muito ajudou ao dito Salvador Corrêa na fundação da mesma cidade. E' uma recordação histórica atestada pelos nossos mais autorizados cronistas, a qual desejo perpetuar na familia"... S/C, no Mar de Hespanha, 21 de Dezembro de 1879". O Dr. Julião Rangel de Macedo Soares fez o curso primário no acreditado Colégio Rouanet e o de preparatorios nos colegios Alfredo Gomes, Paula Freitas e externato Aquino. Bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro; turma de 1902. Promotor Publico e Curador Geral nas Comarcas de Cabo Frio, Resende, Paraiba do Sul e Iguassú (1903 á 1918); Juiz de Direito das Comarcas de São Francisco de Paula (1918 á 1920), da 3ª vara criminal de Niterói (1921), da 2.ª vara civel e dos orfãos de Niterói (1922 á 1927), dos Feitos da Fazenda Estadual (1928); desembargador substituto, em exercicio, no Tribunal da Relação do Estado do Rio de Janeiro (1929 a 1931), efetivado em 25 de Novembro de 1931 no governo do preclaro Interventor, o Sr. Coronel Pantaleão Pessoa. — Eleito, por unanimidade, membro efetivo do Tribunal Eleitoral (1932 á 1937). — Presidente eleito, unanimimente, do Tribunal de Apelação (1936 - 1937).

Tio e Am.º,

Não nos esquecemos hoje de Vm., e como por a-as havia aqui presunto e vinho bom, fizemos-lhe um brinde em regra.

Guardei para hoje annunciar-lhe o nascimento de meu filho Julião Rangel que é o n.º 11 da progenie! Aqui chegando no dia 6, achei-o no mundo desde a vespera, ás 3 ½ da manhã. Dei-lhe o nome do primeiro avô de minha Mãe que veiu ao Brazil nos fins do seculo 16.º, o capitão Julião Rangel de Macedo, que substituiu a Salvador Corrêa de Sá na Ouvidoria do Rio de Janeiro; e elle muito ajudou ao dito Salvador Corrêa na fundação da mesma cidade. E' uma recordação historica atestada pelos nossos mais a-

(C. 18)



— Classificado, em concurso, pelo Supremo Tribunal Federal para a vaga de juiz federal do Estado do Espirito Santo, em 2.º lugar, unanimimente. — (1910) — Classificado em concurso, em primeiro lugar da lista triplice, por unanimidade de votos dos ministros do Supremo Tribunal Federal para a vaga de juiz federal do Pará. (1911). — Classificado, em concurso, em 1.º lugar, unanimimente, pelos desembargadores da Côrte de Apelação do Distrito Federal para a vaga de Pretor. (1915) — Ainda classificado, em concurso, em 1.º lugar, unanimimente pelos desembargadores da Côrte de Apelação do Distrito Federal para a vaga de Pretor. (1916) — Não logrou a nomeação por lhe faltar apoio politico. Autor do ante-projeto da lei que criou e organizou a vara criminal de Niterói e dos serviços de execuções criminais. (1920) — Autor de ante-projetos (parte juridica) das leis sobre impostos de industria e profissões *inter-vivus e causa mortis*, veículos e diversões no Estado do Rio de Janeiro (1930). — Autor do ante-projeto da lei de organização judiciaria elogiado pela comissão presidida pelo ministro Bento de Faria e constituida pelos provetos juristas professor Candido de Oliveira Filho e drs. Carlos Maximiliano, Miranda Valverde, Octavio Kelly e Pereira Braga para elaborar o ante-projeto da reorganização da Justiça Nacional "Diário Oficial", de 13 setembro 1932), ante-projeto aquele convertido no Decreto n. 2.684, de 24 de Novembro de 1931. — Governo Pantaleão Pessoa. — Designado pelo conselho técnico-administrativo da Faculdade de Direito de Niterói para fazer parte da comissão examinadora do concurso de livre docente da cadeira-judiciário-civil. — Designado pelo Tribunal de Apelação do Estado do Rio de Janeiro, como seu representante nos: a) Congresso dos juristas (1934); b) no 1.º Congresso Nacional

de Direito Judiciario (1936); c) no de criminologia, (1936); d) no Juridico Nacional (1943). — Membro da Academia Fluminense de Letras. (1939). Socio honorario, eleito, do Instituto Historico e Geografico Brasileiro (1944). Designado pelo Governo Fluminense para estagio e estudos de organizações judiciarias da França, Portugal, Suissa, Italia e outros paizes, o que levou a efeito, sem a menor remuneração pelos cofres publicos. Autor de varios trabalhos juridicos nas Revistas Criminal de Evaristo de Moraes, de Direito e outras. Juiz, vice-presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Rio de Janeiro, nomeado pelo Presidente Linhares. (1945 a 1946). — Reconduzido nas mesmas funções, por força da Constituição de 1946, pelo Tribunal de Justiça. — Publica atualmente as "Obras Completas" do Conselheiro Macedo Soares. — Em 25 de Novembro de 1905 contraiu matrimonio com D. Albertina Goulart, filha do Dr. Gil Diniz Goulart, senador, na Constituinte de 1891, pelo Estado do Espirito Santo, 1.º secretario do Senado, e notavel advogado, e de D. Emilia Teixeira Goulart, neta paterna de Manuel Joaquim Goulart, natural de Angra dos Reis e D. Amalia de Albuquerque Diniz, da familia fluminense dos Albuquerques Diniz, da qual trataremos adiante; e neta, pelo lado materno, de João Baptista da Silva Teixeira, português, comerciante matriculado na praça do Rio de Janeiro, e D. Emilia Ferreira da Silva Teixeira, esta filha de D. Natalia Gonzales Ferreira, natural da Republica do Uruguay e do Capitão de Mar e Guerra, brasileiro Rodrigo José Ferreira: Filhos:

2 — 1:—Antonio Joaquim de Macedo Soares, n., na cidade de Parahiba do Sul, Estado do Rio de Janeiro, em 2 de Setembro de 1906, bacharel em letras pelo Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, e em direito pela Faculdade

de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, turma de 1928. Faleceu a 31 de Dezembro de 1939. "De uma familia de juristas notaveis, consigna a redação do "O Jornal do Commercio", o Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares desde muito moço se impoz, como advogado, de alto conceito no fôro da Capital da Republica e no do Estado do Rio e revelou-se um especialista em ciencias economicas e em legislação industrial. Advogado militante foi convidado e nomeado pelo governo fluminense Diretor Comercial da Companhia Salicola Fluminense S. A., apresentando fartissimo relatorio sobre o sal. Em 1936 teve o Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares outra e merecida acolhida no seio da justiça fluminense. Viu-se vencedor no Tribunal de Apelação do Estado do Rio de Janeiro ,e por unanimidade de votos, no concurso para o lugar de Juiz de Direito: foi provido na Comarca de Parati e pouco depois, por promoção, na comarca de Nova Friburgo, cargo em que a morte o veiu surpreender em 31 de dezembro de 1939, aos 33 anos. Fez parte da junta eleitoral de Petropolis. Suas decisões mais que muitas vezes, mereceram confirmação por seus superiores, ainda as relativas a materia eleitoral, como foi o caso, por exemplo, do celebre pleito de Teresópolis, que veiu ter ao Supremo Tribunal Federal. Embora não divulgada a noticia do falecimento do juiz Macedo Soares, pela não publicação dos jornais, as ultimas homenagens foram prestadas por numerosas pessoas entre as quais, o Embaixador Macedo Soares, ministro José Roberto de Macedo Soares comandante Americo de Araujo Pimentel, juiz do Tribunal Maritimo, desembargador Vieira Ferreira, membros dos Tribunais de Apelação do Distrito Federal e do Estado do Rio, juizes de direito, capitão Helio de Macedo Soares, secretario da Viação e Obras Publicas do Estado do Rio, professor Major

Edmundo de Macedo Soares, Almirante Oliveira Sampaio e muitas outras pessoas de alta representação social. Deixa viuva, D. Elza Moraes de Macedo Soares, filha do Dr. Vicente Ferreira de Moraes, antigo secretario das Finanças do Estado do Rio de Janeiro e politico militante neste Estado, e de D. Adelaide Marques Braga Ferreira de Moraes, neta paterna de Vicente Ferreira de Moraes, fazendeiro nos municipios de Cantagalo e São Francisco de Paula, casado com a sua prima D. Amelia Ferreira de Moraes, irmã do Dr. Elias de Moraes, Barão das Duas Barras, e materna de Augusto ques Braga e de D. Adelaide Marques Braga, irmã do Dr. Getulio das Neves, vice-presidente do Estado do Rio: Filho:

3 — 1:—Carlos Eduardo, n., em Petropolis, em 9 de Fevereiro de 1936.

O Dr. Vicente F. de Moraes faleceu, em Friburgo, 22-12-1946.

2 — 2:—Emilia, n., nesta Capital Federal, 2 Maio 1908. — Professora de piano diplomada pelo Instituto Nacional de Musica. Casou-se com o Dr. Letelba Rodrigues de Britto, bacharel em direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, turma de 1931, professor do Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro, advogado e banqueiro, filho do antigo deputado fluminense e industrial Joaquim Saturnino Rodrigues de Britto, irmão do grande engenheiro Dr. Saturnino de Brito, e de D. Zelia de Vasconcellos Rodrigues de Britto, neto paterno de Francisco Pinto Rodrigues de Britto e D. Mariana Saturnino Rodrigues de Brito, e materno de Sebastião Ribeiro de Vasconcellos, e D. Ignacia Ribeiro de Vasconcellos, antigas familias radicadas no municipio de Campos, provincia e Estado do Rio de Janeiro; filhos:

3 — 1:—Leonardo, n., nesta Capital, 8 abril 1938;

3 — 2:—Evandro, n., 17 setembro 1939;

3 — 3:—Eliana, n., 13 de Junho de 1942 (1).

2 — 3:—Dr. Henrique de Macedo Soares, n., nesta Capital, 18 de junho 1909 — Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Turma de 1931. Auditor de Fazenda junto á Caixa de Amortização e advogado. Casado com D. Maria Rosa Pimentel de Macedo Soares, filha do comandante Americo de Araujo Pimentel, escritor, autor do — meu primeiro comando — (1925-1927), capitão de mar e guerra, juiz do Tribunal Maritimo, antigo sub-chefe da casa militar no governo Getulio Vargas e de D. Ezilda Correia de Mattos Pimentel; neta paterna do general Joaquim Silverio de Azevedo Pimentel, natural do municipio — Rio Formoso, provincia de Pernambuco, e D. Amalia de Castro Lopes, irmã do ilustre filologo, Dr. Domingos de Araujo Castro Lopes, e pelo lado materno do Capitão de corveta Alberto Jacinto Correia de Mattos, e D. Rosa Moreira Correia de Mattos, natural da Republica do Uruguay. Filho:

3 — 1:—Antonio Joaquim de Macedo Soares, n., 5-6-1948.

2 — 4:—Dr. Alberto Goulart de Macedo Soares, n., D.F., 21-8-1910. Engenheiro agronomo pela Escola de Agronomia do Distrito Federal. Chefe do posto da defesa sanitária vegetal do Ministério da Agricultura, no Estado do Rio de Janeiro. Tem o curso de especialização de fitopatologia e entomologia, em 1.º lugar — Promovido a fitosanitarista. Atualmente Prefeito do Municipio de São Gonçalo, por indicação de todos os partidos politicos. Casado com D. Inéa da Fonseca de Macedo Soares, filha do Tabelião Lino Alves da Fonseca Junior e de D. Joliva De Nunce da Fonseca; neta paterna de Lino Alves da

(1) Vj. apendice — Estudo do Dr. Lamego sobre os Rodrigues de Britto.

Fonseca, tambem notario, e de D. Francisca Thereza da Fonseca e materna de Donato Cesar De Nuncce, e de D. Luiza De Nuncce, naturais da Italia; Filho:

3 — 1:—Marcius, n., D. F., 13-6-1936;

2 — 5:—Dr. Oscar de Macedo Soares, (1) n., D.F., 14-9-1913. Formado em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Tem o curso de organização e administração hospitalares perante o Ministério de Educação e Saude. Organizou os serviços medicos na Colonia Agricola Nacional de Goiás (1942 a 1944); nomeado assistente técnico da divisão social e hospitalar do Departamento da Saude Publica do Estado do Rio de Janeiro. Representou este Estado no 1.º Congresso Interamericano de Medicina, e como relator oficial da Sociedade de medicina e cirurgia de Niterói no 2.º Congresso medico realizado em Campos (1946), tendo em ambos apresentado trabalhos sobre o planejamento do serviço hospitalar no Estado do Rio. O Dr. Cesar Leal Ferreira, illustrado Chefe do serviço de propaganda e educação sanitaria, em recente e substanciosos trabalhos sobre "Higiene", 1946, a pg. 321 a 324, transcreve um resumo do trabalho do Dr. Oscar de Macedo Soares sobre — "Hospital de Isolamento". — Casado (24-11-1945) com D. Lucy Emilia, n., no municipio de Magé, Estado do Rio, 10-1-1922, filha de Luiz da Costa Araujo, natural do mesmo municipio, e de D. Antonietta Alves de Araujo, n., em Minas Gerais. Filho:

3 — 1:—Paulo Araujo de Macedo Soares, n., D. F., 7-12-1946.

2 — 6:—Maria de Macedo Soares Fonseca, n., C. F., 28-1-1915, diplomada contadora pela Bristh American Scool, casada co mo Dr. Urandolo Fonseca, medico pela Faculdade de Medici-

(1) Sub-chefe do Departamento Médico da Liga de Remo do Rio de Janeiro.

na da Universidade do Brasil (1934); interno de cirurgia do Dr. Raul Baptista no Hospital de S. Francisco de Assis; aprovado em concurso para interno do Manicomio Judiciario; concluiu o curso de antropometria do Museu Nacional (de expansão universitária), Delegado de higiene do municipio do Rio do Sul, Estado de Santa Catarina, diretor medico do hospital de Misericordia de Massaramduba, municipio de Blumenau, Santa Catarina; assistente dos hospitais de Beneficencia Hespanhola, da Gamboa, atualmente chefe de clinica; ex-professor de geografia humana no Instituto de Educação de Niterói; medico do departamento de Saude do Estado do Rio, organizador do serviço em Teresopolis, com promoção por merecimento no serviço do Dispensario de doenças venéreas do Centro de Saude de Niterói. Demissionario foi designado para servir no hospital da Companhia Siderurgica de Volta Redonda, onde organizou a secção de cirurgia. Atualmente diretor da Casa de Saude "Santa Maria", que creou, em Laranjeiras. Filho do Tabelião Lino Alves da Fonseca Junior e de D. Joliva De Nuncce da Fonseca, mencionados acima; Filhos:

3 — 1:—Leyla, n., D. F., 7-1-1940;

3 — 2:—Vania, n., D. F., 13-8-1945.

2 — 7:—Dr. Geraldo Goulart de Macedo Sares, n., rua Professor Gabiso, D. F., 30-5-1918, bacharel em direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil; 2.º tenente de cavalaria, reserva da 2ª linha; Prefeito do Municipio de Araruama, governo do desembargar Abel de Magalhães, tendo presidido as eleições com gerais aplausos; nomeado auxiliar do Consulado em New-York, U.S.A., onde se encontra em função desde 4 de março de 1946. Oficial de Gabinete do Governador Edmundo de Macedo Soares e Silva, por ato de 24 de fevereiro de 1947. Casou-se com

Maria Campos Gloria, de familias do Serro e Guanhães, M. G. Filha:

3 — 1:—Zuleica, n., 18-4-1948.

1 — 12:—Abigail, n., no Mar d'Hespanha, a 22-2-1882; +, a 6 de Março seguinte.

1 — 13:—Dr. Alexandre Alvares de Azevedo de Macedo Soares, n., em Cabo Frio, provincia do Rio de Janeiro, 13-8-1883. Fez o curso de humanidades no Colegio Militar, sob a direção do coronel Dr. José Alipio de Macedo da Fontoura Costallat. Matriculando-se na Escola Militar do Realengo, completou o curso, com brilhantismo, ao lado de melhores estudantes como Eurico Gaspar Dutra, Pedro Cavalcanti, Christovam Barcellos, Mario Pinto Guedes, Castro Guimarães e outros. Foi redator da revista da Escola. Dando baixa do exercito, seguiu para São Paulo, onde assumiu as funções de professor e vice-diretor do Externato Macedo Soares, sob a direção do grande Mestre Dr. José Eduardo de Macedo Soares. Matriculando-se na Faculdade de Direito de São Paulo, recebeu gráu de bacharel em direito em 1911, após curso dos mais brilhantes. Abriu escritorio de advocacia com os Drs. Roberto Moreira, Joaquim Marra e outros colegas. Foi o idealisador e um dos fundadores do Instituto dos advogados daquela Capital, e membro do Conselho Supremo por largos anos. Entrando em concurso para fiscal do imposto de consumo foi dos primeiros classificados; nomeado para Campos, transferiu-se para Petropolis e mais tarde para as Alagôas. Promovido para São Paulo, ainda encontra-se em exercicio na Capital. Casou-se a 2-5-1908 na capital do Estado de São Paulo, com sua prima-irmã D. Eudoxia de Macedo Soares, n., n'aquela cidade de São Paulo, 26-1-1887, filha do Dr. José Eduardo de Macedo Soares e de D. Candida de Azevedo Sodré de Macedo Soares, esposa amantissima, mãe modelar,

falecida aos 20-10-1942, com 85 anos que completaria a 27 do mesmo mês; neta paterna do Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares, medico, senhor da fazenda "Bananal", em Maricá, provincia do Rio de Janeiro, e de D. Maria de Macedo Soares, e pelo lado materno do Capitão José Paulo de Azevedo Sodré, senhor da fazenda do "Coqueiro", do mesmo municipio e de D. Candida Ribeiro de Azevedo Sodré; bisneta paterna do Alferes Antonio Joaquim Soares e de D. Maria Antonia Reginalda; do Capitão-mór. Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coitinho e de D. Maria Thereza de Sá Freire; bisneta pelo lado materno do Capitão Domingos Alvares de Azevedo e de D. Paula dos Santos Sodré; do Coronel Manuel Ribeiro de Almeida e de D. Anna Alexandrina de Jesus Ribeiro. Filhos; todos nascidos em São Paulo:

2 — 1:—José Alexandre, 20-7-1910; falecido em 23-11-1911;

2 — 2:—José Luiz, 23-3-1912; falecido 21-12-1913;

2 — 3:—Lucia de Macedo Soares Moura Brasil do Amaral, em 19-2-1914, casou-se em 12-5-1937 com o Dr. Osvaldo Moura Brasil do Amaral, medico oculista de grande clinica, por sua reconhecida competencia; pertence ao quadro do exercito, com o posto de Major; dotado de alta cultura geral, politico militante no Distrito Federal de largo prestigio, exerce as funções de Presidente do Instituto de Previdencia e Assistencia dos Servidores do Estado (Ipase). (1) Filho do Dr. Tobias Correia do Amaral, engenheiro civil, subdiretor de Obras e Diretor em comissão da Prefeitura do Distrito Federal, e de D. Maria Thereza Moura Brasil do Amaral; neto paterno de João Antonio do Amaral e de D. Maria Correia do Amaral, portuguêses, fazendeiros es-

(1) Atualmente Vereador á Camara do Distrito Federal.

tabelecidos no Estado do Ceará; pelo lado materno do Dr. José Cardoso Moura Brasil, natural do Ceará, o maior dos nossos oculistas, muito versado em assuntos de agronomia, colaborador de varias revistas, politico respeitado por sua reconhecida honradêz, e de D. Maria Emilia Machado de Moura Brasil, natural da provincia da Bahia. Filhos:

3 — 1:—Lucia Maria, n., D.F., 21-5-1938;

3 — 2:—Maria Celina, n., D.F., 8-5-1943;

2 — 4:—Theodora, 21-2-1915; faleceu, 5-1-1916;

2 — 5:—Dr. José Manuel de Macedo Soares, n., 22-4-1916. Bacharel em direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, com brilhante curso. Funcionario do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica. Membro titular da Sociedade Brasileira de Geografia e da Sociedade Brasileira de Estatistica; Casou-se em 2-5-1947, com D. Lehena Pinheiro Bauerfeldt, n., na cidade de Fortaleza, Ceará, á 16-10-1918, funcionaria do Instituto dos Industriários, auxiliar de gabinete do Presidente, filha de Lucio Ribeiro Bauerfeldt, educado na Inglaterra, professor da cadeira — Inglês —, do Colégio Pedro II, demissionario, funcionario do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica, e de D. Cléabolena Pinheiro Baeufeldt; neta paterna de Alberto Bauerfeldt, de origem alemã, gerente da Western Telegrafic Company e de D. Lehena Ribeiro Bauerfieldt e materna de João Pinheiro, antigo delegado de policia em Pirajú, S. Paulo, e de D. Amelia de Barros Pinheiro, naturais do Estado do Ceará.

2 — 6:—José de Macedo Soares, n., 11-1-1922; funcionario do Instituto de Previdencia e Assistencia dos Servidores do Estado, solteiro.

2 — 7:—Regina, 20-12-1922; faleceu, 4-1-1923.

Dr. Paulo Bueno de Macedo Soares, médico, n., em Cabo Frio, 15 de Abril de 1885, +, em São Bento de Sapucahy, S. P., 6 de Outubro de 1917

1 — 14:—Dr. Paulo Amador Bueno de Macedo Soares, n., no Cabo Frio, 15-4-1885. Fez o curso de humanidades no Colegio Paula Freitas, tendo como condiscipulos a Alvaro Belford, Silvio Martins Teixeira, Mauricio de Lacerda, Belisario de Souza, Porfirio Netto e outros distintos moços que vieram a ser grandes do Pais. Medico pela Faculdade de Medicina da Capital da Republica, quando estudante fez largo estagio no Hospital da Gambôa, como auxiliar do professor Nabuco de Gouvêa. Esclarecida inteligencia, vasta cultura literaria, sobretudo a francêsa, atirou-se ao jornalismo, como redator de "O Paiz", creou a secção — suelto — divulgada com sucesso. Faleceu, no estado de solteiro, em São Bento de Sapucahy, em 6-10-1916. Do "O Jornal do Commercio", a noticia do triste acontecimento: "Acaba de falecer, em S. Bento, proximo dos Campos do Jordão, onde se achava em busca de alivio aos seus padecimentos, o Dr. Paulo de Macedo Soares, que há três anos concluira em nossa Faculdade de Medicina um brilhante curso — verdadeira revelação de talento e de amor ao estudo — com que se dispunha á conquista de uma justa nomeada. Não o quiz a enfermidade que lhe minou o organismo em plena mocidade, pois o distinto medico desaparece aos 31 anos de edade. O extinto, que era filho do eminente jurisconsulto Macedo Soares, falecido no cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal, não pôde deixar de sua formosa inteligencia, senão um trabalho — a sua tése de doutoramento, sobre — "Tumores placentarios", mas este basta para lhe recomendar o nome dos estudiosos. De um belo caráter, em que predominava uma empolgante afetividade, ele será recordado com carinho por quantos o conheceram.

1 — 15:—Abigail de Macedo Soares, n., no Cabo Frio, 30-11-1886, reside, no estado de solteira, em companhia de sua irmã Deborah.

CAPITULO XXVI

Descendência de Francisco Americo de Macedo Soares e D. Feliciana Duarte de Macedo Soares

1 — 1:—Paulita de Macedo Soares Duarte, n., em 28-1-1864. Casou-se á 9-9-1882 com seu tio Euzebio Duarte, funcionário publico, filho de João Duarte dos Santos, fazendeiro em Saquarema e de D. Anna Angelica Victorina de Souza, já mencionados; filhos:

2 — 1:—Paulo Victorino Duarte de Macedo, n., 19-11-1884, comerciario, estabelecido em São Paulo, casado com D. Alice Mentzinger Duarte de Macedo, n., 13-1-1887; filha de Guilherme Mentzinger Junior e D. Maria Jose Pereira Mentzinger; Filhos:

3 — 1:—Paulo Mentzinger Duarte de Macedo, n., 8-8-1916, comerciario, casado com D. Moema da Rocha Macedo, n., 6-6-1919, filha de Brigido da Rocha e de D. Maria Nery da Rocha. Filho:

4 — 1:—Paulo Brigido, n., 5-9-1946;

3 — 2:—Alice Mentzinger Duarte de Macedo, n., 19-4-1918; professora, solteira.

3 — 3:—Joel Mentzinger Duarte de Macedo, n., 8-1-1920, professor em S. Paulo, casado com D. Lina Isaura Cremaschi Macedo, n., 27-5-1919, filha de Santo Cremaschi e de D. Ema Cremaschi; Filhos:

4 — 1:—Joel Cremaschi Macedo;

4 — 2:—Anna Maria Cremaschi Macedo;

4 — 3:—Joel Macedo Junior, n., 7-3-1946;

3 — 4:—Jael Mentzinger Duarte de Macedo, n., 20-6-1821; professora, solteira;

3 — 5:—Martinho Luthero Mentzinger Duarte de Macedo, n., 20-7-1923, comerciario, casado com D. Eunice Vaqueiro Macias Macedo, n., 28-8-1923, filha de Clemente Macias e de D. Adelaide Rodrigues Vaqueiro Macias; Filho:

4 — 1:—Marco Aurelio Macias Macedo, n., 23-6-1946;

3 — 6:—Débora Mentzinger Duarte de Macedo, n., 7-11-1924;

3 — 7:—Christina Mentzinger Duarte de Macedo, n., 17-10-1926;

3 — 8:—Ruth Mentzinger Duarte de Macedo, n., 20-1-1928.

2 — 2:—Vicente de Paula Duarte de Macedo, n., 22-1-1890, divorciado há muitos anos, comerciario no Distrito Federal;

2 — 3:—Dulce Duarte de Macedo, n., 19-3-1894, solteira, enfermeira diplomada pela Escola Anna Nery, com função no Centro de Saude de Madureira, D. Federal.

2 — 4:—Gilda de Macedo Soares Alves, n., 5-4-1896, casada com Djalma Xavier Alves, antigo e prestimoso funcionário da Santa Casa de Misericordia, Capital Federal, falecido á 12-12-1943; s.g.

2 — 5:—Estella Duarte de Macedo, n., 1-6-1898 e falecida a 21-2-1944.

O casal Euzebio Duarte — Paulita Duarte teve mais 6 filhos que faleceram impuberes. Euzebio Duarte, funcionario das Obras do Porto, C. F., faleceu á 1-1-1917; sua esposa, Paulita, á 19-1-1935.

1 — 2:—Abigail de Macedo Soares, n., 16-4-1865; faleceu, solteira, aos 25 anos.

1 — 3:—Theodomiro de Macedo Soares, n., 21-6-1866. — Agronomo. Estabelecendo-se em S. P., casou-se á 27-1-1894 com D. Graciliana Alves de Freitas de Macedo Soares; filhos:

2 — 1:—Mario de Macedo Soares, n., em 1894, cirurgião dentista em S. P., casado com D. Benvinda Duarte; filhos:

3 — 1:—Thamar, casada com Antonio José Drago; filho:

4 — 1:—Antonio.

3 — 2:—Thalita, solteira.

3 — 3:—Thales, casado com D. Alzira Lucato.

2 — 2:—Edmundo de Macedo Soares, n., em 1896, comissario de policia em S. P., casado com D. Isabel Bueno de Oliveira; filhos:

3 — 1:—Haydée, casada com Cyro Passionato, comerciante em S. P.; filhos:

4 — 1:—Carlos Eduardo,

4 — 2:—José Paulo,

4 — 3:—Edna.

3 — 2:—Edméa, solteira,

3 — 3:—Aida, solteira,

3 — 4:—Edmundo, menor,

3 — 5:—Edna, menor.

2 — 3:—Judith de Macedo Soares Quinteiro, n., 1898, casada com o Dr. José Quinteiro, cirurgião dentista e técnico em mineralogia, residente em S. P.; filhos:

3 — 1:—Elza, casada com Osvaldo Mora de Freitas, comerciante em S. P.

3 — 2:—Haydée, casada com o Dr. Lelio Moraes Alves, engenheiro civil em S. P.,

3 — 3:—José Carlos de Macedo Soares Quinteiro, estudante de química-industrial, casado com D. Celia de Lacerda Schroeder; filho:

4 — 1:—Eduardo José.

3 — 4:—José Roberto de Macedo Soares Quinteiro, jornalista, solteiro.

3 — 5:—Clizes, casada com José Belfiore, comerciante em S. P.; filhos:

4 — 1:—Lenita.

4 — 2:—Lilia.

3 — 6:—José Rubens de Macedo Sares Quinteiro, estudante, menor.

3 — 7:—Thaysa, estudante, menor.

2 — 4:—Octavio Macedo Soares, n., em 1899, comerciario em Paracamby, Estado do Rio de Janeiro, casado com D. Emilia Carlos Macedo Soares, filha de Antonio Carvalho Moura e de D. Emilia Carvalho Moura, esta falecida á 12-12-1922, aquele em 1923; filha:

3 — 1:—Emilia, solteira.

2 — 5:—Pedro Macedo Soares, n., em 1901, fazendeiro e comerciante em S. P., casado com D. Julia Cassarote, residentes na capital daquele Estado; filhos:

3 — 1:—Djalma, solteiro.

3 — 2:—Dalton, menor.

2 — 6:—Floriano de Macedo Soares, n., em 1903, falecido em 1907, solteiro.

2 — 7:—Mercedes, n., em 1905, casada com João Kuntz Busch, industrial em S. P., residentes em Limeira, daquele Estado; filhos:

3 — 1:—Natercia, solteira.

3 — 2:—João Baptista, menor.

3 — 3:—José Gustavo, menor.

3 — 4:—Pedro Americo, menor.

3 — 5:—Neusa, menor.

3 — 6:—Beatriz Aparecida, menor.

2 — 8:—Alzira, n., 1907, falecida solteira.

2 — 9:—Irineu Macedo Soares, n., 1910, casado com D. Clair Macedo Soares, natural dos Estados Unidos da America. Irineu de Macedo Soares é o conhecido speaker da Columbia Broadcasting Sistem of New-York, U.S.A.; filha:

3 — 1:—Priscila, menor.

1 — 4:—Sergio de Macedo Soares, n., 2-5-1868; oficial demissionario do Corpo de Bombeiros do D. F.; mudou-se para S. P. Faleceu em Nova Iguassú, Estado do Rio, em 1918, solteiro.

1 — 5:—Palmira Duarte de Macedo Soares e Silva, n., 14-1-1877; casou-se á 14-3-1895 com Antonio Cecilio da Silva, filho do Capitão de Fragata Pedro Antonio da Silva e de D. Eugenia Maria das Dores Mattos e Silva, falecida á 22-6-1918; funcionário da secretaria das finanças do Estado do Rio de Janeiro, nomeado pelo Dr. Joaquim Antunes de Figueiredo, quando secretario das finanças, no governo do Dr. Mauricio de Abreu. Considerado funcionario modelar, por sua competencia, honestidade e assiduidade no trabalho, foi Antonio Cecilio, no fim da vida, vitima da deslealdade de um companheiro que logrou envoivê-lo num desvio de coupons de apólices. Saiu, em defesa do desditoso servidor, o seu colega Abelardo Antunes de Figueiredo, com representações ao governo, publicadas nos "A pedidos" de "O Jornal do Commercio". — A inocencia de Antonio Cecilio no ato criminado ficou cabalmente provada. O governo, a principio indiferente, curvou-se afinal ante o clamor dos funcionarios; mas, tardiamente, pois, Antonio Cecilio, acabrunhado, enfermo, falece, precisamente no dia da publicação do decreto que o readimitiu no emprego, com direito á aposentadoria integral. E' ele bem merecedor dessa homenagem postuma. E emquanto a adversidade do casal e depois de viuva, Palmira tomou a direção da casa, incansavel, resignação incomparavel, enfim uma estoicidade tal que impressionava a todos. Filhos:

2 — 1:—Waldemar Guaracy de Macedo Silva, n., D.F., 21-9-1896, 1.º tenente do corpo de comissarios da armada, casado com D. Leonor Bellart de Azevedo Macedo Silva, filha de Antonio de Azevedo, funcionario do Lloyd Brasileiro, e de D. Guilhermina Bellart de Azevedo, sobrevivente; faleceu Waldemar Silva em 1943, deixando os seguintes filhos:

3 — 1:—Osmar de Azevedo Macedo Silva, n., D. F., 16-2-1927; dactilógrafo.

3 — 2:Norma de Azevedo Macedo Silva, n., D. F., 23-3-1929, funcionaria da Companhia de Seguros — "São Paulo";

3 — 3:—Silvio de Azevedo Macedo Silva, n., D. F., 18-12-1934, estudante.

3 — 4:—Dario de Azevedo Macedo Silva, n., D. F., 28-10-1937;

3 — 5:—Celso de Azevedo Macedo Silva, n., D. F., 28-12-1939;

3 — 6:—Ivo de Azevedo Macedo Silva, n., D. F., 26-4-1940.

2 — 2:—Oswaldo Jurandyr de Macedo Silva, n., D.F., 20-8-1897, funcionario do Banco do Brasil, casado com D. Margarida de Carvalho Macedo Silva, filha de Presciliano de Carvalho, funcionario dos Correios e Telégrafos, e de D. Joanna de Carvalho; Oswaldo Silva é falecido; Filhos, nascidos no Distrito Federal:

3 — 1:Murillo, n., 28-2-1923; falecido;

3 — 2:—Maisa de Macedo Silva Pereira Gomes, n., 18-8-1924, casada com Oswaldo Pereira Gomes, n., 28-2-1919; funcionario publico;

3 — 3:—Mariaido de Macedo Silva, n., 3-4-1926, bancario, casado com D. Dorothy Rocha dos Santos Macedo Silva;

3 — 4:—Miracy de Macedo Silva, n., 29-9-1927, solteira.

2 — 3:—Humberto Juracy de Macedo Silva, n., 8-7-1900, funcionario da 4.ª secção dos Correios e Telégrafos; solteiro.

2 — 4:—Flavio Uirassú de Macedo Silva, n., D.F., 3-7-1911, funcionario da Prefeitura do Distrito Federal, casado com D. Rigoleta Almeida de Macedo Silva, filha de Octavio de Almeida e D. Angelina de Almeida; filhos nascidos no Distrito Federal:

3 — 1:—Edith de Macedo Silva, n., 14-4-1932;

3 — 2:—Celia, n., 24-5-1933;

3 — 3:—Helio de Macedo Silva, n., 1-8.

3 — 4:—Mauro de Macedo Silva, n., 18-7.

3 — 5:—Ubirajara, n.,

2 — 5:—Horacio Iberê de Macedo Silva, n., 27-5-1912 (D. F.), funcionario do Instituto Reseguros, casado com D. Esmeralda de Almeida Macedo Silva, filha de Octavio de Almeida e d. Angelina de Almeida;

2 — 6:—Eugenia Yára de Macedo Silva, n., D.F., 14-12-1915, funcionaria da Companhia de Seguros "São Paulo";

2 — 7:—Helena Aracy de Macedo Silva, n., D. F., 16-5-1920, funcionaria de uma Companhia de Seguros.

1 — 6:—Feliciana Duarte de Macedo Soares Silva, n., 22-5-1882; casou-se á 12-3-1900, com Octavio Moraes de Souza Vianna, n., 17-6-1876; filhos:

2 — 1:—Anedino Macedo Soares de Souza Vianna, n., 27-4-1912, funcionario da Prefeitura do D. F., casado cm D. Idalina da Silva Vianna, n. 9-4-1917; filhos:

3 — 1:—Maria Thereza;

3 — 2:—Virgilio.

3 — 3:—Edena.

O casal Feliciana e Octavio teve mais 3 filhos: Octacilio, Maria Isabel e Antonio que faleceram em estado de menoridade.
Enviuvando Feliciana contraiu segundas nupcias com Joaquim Monteiro da Silva, n., 5-2-1891, funcionario da Prefeitura, secção do asfalto, filho de Antonio Monteiro da Silva e D. Maria de Jesus da Conceição, naturais de Portugal.

CAPITULO XXVII

Descendência de Francisco Americo de Macedo Soares *e D. Maria Eulalia de Lima*

1 — 7:—Antonio Americo, n., 23-2-1884;

1 — 8:—Augusta Mercedes Soares, n., 27-12-1886; casou-se á 11-11-1908 com Leandro da Silva Rocha, funcionario da Imprensa Nacional, filho de Horacio Gumercindo da Cruz e D. Maria Francisca da Cruz; filhos:

2 — 1:—Iva, n., 20-6-1912;

2 — 2:—Rodolfo, n., 22-7-1915;

2 — 3:—Lygia, n., 8-11-1918;

2 — 4:—Nara, n., 24-9-1923;

2 — 5:—Juarez Tavora, n., 30-11-1930.
Com o falecimento de seu marido passou D. Augusta a residir, com seus filhos, em São João de Merity, Estado do Rio.

1 — 9:—Messias Adelaide Soares Pinto, n., 16-10-1887, casada á 11-11-1920 com Waldemiro Nogueira Pinto, farmacêutico, filho de Balbino Nogueira Pinto e D. Rita de Cassia Nogueira Pinto, então viuvo de D. Maria das Dôres Silva Pinto, trazendo uma filha: D. Abigail Nogueira Pinto, n., 9-10-1909; do casal de Messias e Waldemiro, nasceram:

2 — 1:—Maria Eulalia Soares Pinto, n., 25-8-1921, funcionária da Companhia de Seguros "São Paulo", noiva de Jorge Ayres Bonecker, n., 12-8-1921, filho de Cyro Galvão Bonecker, falecido, e D. Albina Barçante Ayres Benecker;

2 — 2:—Milton Soares Pinto, n., 28-12-1923, caixa da Companhia Seguros "São Paulo";

2 — 3:—Mauricio Soares Pinto, n., 28-1-1926, estudante.
Waldemiro faleceu nesta Capital (C.F.) á 10-6-1930.

1 — 10:—José Belisario de Lima Soares, n., 28-5-1893, comerciario, artifice; casou-se á 18-9-1920 com D. Belmira do Rego Soares, filha de Antonio Rego e D. Maria Rego, n., 11-3-1891; filhos:

2 — 1:—Jair de Lima Soares, n., 3-7-1921, comerciario, casado com D. Carolina Rainha Soares, n., 20-3-1924, filha de Jacintho Rainha e D. Maria da Gloria Rainha, portuguêses; filha:

3 — 1:—Marlene Rainha Soares, n., 1946.

2 — 2:—Osiris Lima Soares, n., 24-9-1923, comerciario, solteiro.

2 — 3:—Lucy de Lima Soares, n., 13-10-1925, casada com Augusto Ferreira Sampaio, n., 29-1-1922, filho de Malaquias Augusto Sampaio, natural de Portugal e de D. Zulmira Ferreira Santos; natural de D. F.; filho:

3 — 1:—Ronaldo Cesar, n., julho de 1946.

1 — 11:—Victor de Lima Soares, n., 15-6-1895, professor, casado com D. Amelia da Conceição Fernandes, filha de Bento Joaquim Fernandes e D. Maria da Conceição Fernandes, brasileiros: filha:

3 — 1:—Ariete, n., 2-12-1925, casada, 26-1-1946 com Hilario de Araujo, comerciario, filho de Armando de Araujo e de D. Zelia de Araujo.

CAPITULO XXVIII

Descendencia do Alferes João Augusto de Macedo Soares e D. Maria Gertrudes Ribeiro de Macedo Soares

1 — 1:—Octavio Ribeiro de Macedo Soares, n., em Araruama, 12-8-1871, bacharel em direito, (turma de 1916), advogado, chefe de secção da Caixa Econômica do Distrito Federal, aposentado; casou-se com a sua prima D. Lidia Pires de Macedo Soares, filha de João Francisco Pires e D. Leopoldina Maria Pires, ambos falecidos; filhos:

2 — 1:—Maria Leopoldina, n., 18-12-1899, falecida;

2 — 2:—Leopoldina, n., 13-3-1901, solteira.

1 — 2:—Braulio de Macedo Soares, n., 19-5-1873; fiel de tesoureiro da Caixa Econômica. Aposentou-se para colaborar com sua irmã D. Virginia e a seus sobrinhos na direção dos colegios reunidos "Vera-Cruz", nesta Capital. — Faleceu, conservando-se solteiro, em 30-7-1943.

1 — 3:—Jorge Ribeiro de Macedo Soares, n., 13-3-1875; lavrador em Araruama; casou-se com sua prima D. Maria Novaes, filha de Alexandrino Gomes dos Santos e D. Anna Maria Novaes, neta de D. Cipriana Novaes, irmã de D. Maria Gertrudes cap n. supra; filhos:

2 — 1:—Dr. Argemiro Ribeiro de Macedo Soares n., 12-11-1898, bacharel em direito, advogando nos auditórios de Araruama, inscrito na Ordem dos Advogados, casou-se em primeiras nupcias com D. Maria Olimpia Bragança, filha de Olimpio Augusto de Bragança e D. Idalina Santos de Bragança, neta paterna de Augusto Marinho de Bragança, e D. Genoveva Elisa Meirelles de Bragança, e materna de Joaquim Manuel dos Santos, e D. Joaquina Maria da Trindade; filhos:

3 — 1:—Jorge de Macedo Soares, n., 14-5-1922, militar, solteiro.

3 — 2:—Argemiro de Macedo Soares, n., 16-7-1923, funcionário publico, solteiro;

3 — 3:—Maria Magdalena, n., 3-1-1925, freira de N. S. das Mercedes.

3 — 4:—Maria Rosalva, n., 15-5-1926, casada com José de Oliveira, industrial.
Falecendo D. Maria Olimpia á 12-11-1927, casou-se o Dr. Argemiro, em segundas nupcias, com D. Virginia Marques de Bragança, filha de Manuel Augusto de Bragança e D. Branca Amelia Marques de Bragança; neta paterna de Augusto Marinho de Bragança e D. Genoveva Elisa Meirelles de Bragança e materna de Oscar Luiz Marques e D. Thereza de Andrade Almada; filhos:

3 — 5:—Jehovah, n., 17-5-1929;

3 — 6:—Josaphat, n., 25-11-1930;
Com o falecimento de D. Virginia á 8-12-1930, casou-se, em terceiras nupcias, com D. Leonor Marques de Bragança, irmã da precedente D. Virginia; filhos:

3 — 7:—Allah, n., 23-12-1931;

3 — 8:—Judá, n., 22-4-1933; falecido.

3 — 9:—Joshuah, n., 9-10-1934;

3 — 10:—Maria Virginia, n., 19-4-1936;

3 — 11:—Hosannah, n., 15-11-1937;

3 — 12:—Maria Marilena, n., 17-7-1939;

3 — 13:—Judá Jessé, n., 12-2-1941;

3 — 14:—Maria Inah, n., 9-5-1943;

3 — 15:—Emmanuel, n., 3-9-1945, data em que faleceu sua mãe D. Leonor.
O Dr. Argemiro R. de Macedo Soares casase, pela 4.ª vês, á 12-12-1946, com D. Alzira Paradivino, professora publica, em Araruama.

2 — 2:—Elviro de Macedo Soares, n., 22-1-1900, comerciario estabelecido em Rio d'Areia, Saquarema, casado com Augusta Gomes dos Santos; s.g.;

2 — 3:—Edina, n., 8-6-1901, casada com Eduardo de Oliveira, n., 31-1-1890, filho de Antonio José de Oliveira e D. Laurentina Maria dos Anjos, mecanico; filhos:

3 — 1:—Luiz, n., 1-9-1926;

3 — 2:—Léa, n., 17-11-1827;

3 — 3:—Luiza, n., 2-9-1929;

3 — 4:—Lauro, n., 30-11-1930;

3 — 5:—Mauro, n., 30-3-1932;

3 — 6:—Maria Lygia, n., 5-8-1934;

3 — 7:—Mario, n., 24-1-1938.

2 — 4:—Maria, n., 20-11-1902, casada com Joaquim Maria da Silva, filho de Joaquim da Silva e D. Rosa Maria da Conceição; filhos:

3 — 1:—Maria Olimpia, n., 4-5-1927;

3 — 2:—Maria José, n., 27-4-1928;

3 — 3:Nair, n., 9-7-1929;

3 — 4:—Jorge, n., 10-6-1932;

2 — 5:—Augusto de Macedo Soares, n., 3-10-1906, lavrador, casado com America Gomes dos Santos, filha de Augusto Gomes dos Santos, e D. Genny Maria da Conceição; filhos:

3 — 1:—Maria de Lourdes,

3 — 2:—Jorge Augusto,

3 — 3:—José Mario,

3 — 4:—Therezinha,

3 — 5:—Ignês,

3 — 6:—Luiz Roberto.

2 — 6:—Maria de Lourdes, n., 1-2-1908, funcionaria do Instituto Andrade Ramos, Distrito Federal, solteira.

2 — 7:—José de Macedo Soares, n., 20-9-1909; faleceu em 1910.

2 — 8:—Elysio de Macedo Soares, n., 3-2-1904, prático de farmácia, casado com D. Orminda Haec; filhos:

3 — 1:—Ilka, n., C. F., 21-6-1933.

3 — 2:—Alba, n., C. FF., 2-5-1934.
Jorge de Macedo Soares faleceu, em Araruama, á 6-6-1921, e sua esposa D. Maria Novaes á 17-11-1909.

1 — 4:—D. Virginia de Macedo Soares Magalhães Castro, n., 21-8-1877; casou-se á 16-10-1898 com o professor João Auto de Magalhães Castro Junior, antigo seminarista, educado em Roma, pintor retratista, fundador e diretor do Colegio "Vera Cruz", filho de João Auto de Magalhães Castro e D. Francisca de Paula Ribeiro de Castro, esta filha de Maximiano de Paula Ribeiro e D. Luiza Cecilia de Mattos Ribeiro; filhos:

2 — 1:—João Paulo de Magalhães Castro, n., 18-8-1899, industrial, casou-se com D. Consuelo Fernandes, filha de Victor Fernandes Alonso, industrial, banqueiro, e de D. Innocencia Tinoco Fernandes, falecida; filhos:

3 — 1:—Adauto, estudante, n., 30-3-1926;

3 — 2:—Miriam Fernandes de Magalhães Castro, n., 5-12-1928; casou-se 21-12-1944, com o Dr. Fernando Vieira da Silva advogado, filho de Luiz Antonio Vieira da Silva, e D. Zilda Passos Vieira da Silva; filha:

4 — 1:—Sonia, n., 4-11-1947.

3 — 3:—Helvecio, n., 30-4-1935,

3 — 4:—Virginia, n., 12-2-1937.

2 — 2:—Maria Augusta de Magalhães Castro, n., 14-7-1901, bacharel em direito, casou-se com o Dr. Moacyr Orsini de Castro, advogado, filho de Antonio Orsini de Castro, funcionario publico aposentado, e D. Candida Orsini de Castro; filhos:

3 — 1:Cecy, n., 23-8-1936;

3 — 2:—Moacyr, n., 1-1-1938;

3 — 3:—Yara, n., 17-12-1938;

3 — 4:—Rudá, n., 6-7-1940;

2 — 3:—Francisco de Magalhães Castro, n., 13-5-1903, bacharel em direito, advogado, professor, casou-se com D. Maria Cesilina, filha do Coronel Francisco de Paula Faria e D. Jenny Pinto de Faria; filhos:

3 — 1:—Gustavo, n., 21-1-1937;

3 — 2:—Paulo Sergio, n., 21-1-1938;

3 — 3:—Humberto, n., 9-2-1939;

3 — 4:—João Autto, n., 28-8-1940;

2 — 4:—Julio Cesar de Magalhães Castro, n., 8-7-1904, médico pela Faculdade de Medicina e curso especialisado pelo Instituto "Osvaldo Cruz"; solteiro;

2 — 5:—Eugenio de Magalhães Castro, n., 8-11-1905, bacharel em direito, advogado, professor, casado com D. Annita Luz, filha do Dr. Alvaro Luz, engenheiro, falecido, e D. Andrelina Luz; filhos:

3 — 1:—Everardo, n., 12-4-1933;

3 — 2:—Braulio, n., 19-3-1935;

3 — 3:—Gerson, n., 23-10-1937;

3 — 4:—Anita, n., 3-8-1939.

2 — 6:—Maria José de Magalhães Castro, n., 8-11-1907, casada com o Dr. Joaquim de Almeida Cardoso, médico, filho de Francisco de Almeida Cardoso, proprietário em Jacarepaguá, e D. Cecilia de Almeida Cardoso; filhos:

3 — 1:—Roberto, n., 24-2-1937;

3 — 2:—Edgardo, n., 3-9-1939;

2 — 7:—Maria Nazarena de Magalhães Castro, n., 8-9-1908, casada com Pedro Carlos de Andrade, funcionario da Caixa Econômica, filho de Pedro Carlos de Andrade, e D. Maria Edmée Perriraz de Andrade; filhos:

3 — 1:—Evandro, n., 17-10-1931;

3 — 2:—Sergio, n., 24-9-1933,

3 — 3:—Maruza, n., 20-11-1934,

3 — 4:—Fernando, n., 1-8-1936,

3 — 5:—Liana, n., 21-9-1942,

3 — 6:—José Carlos, n., 29-4-1944;

2 — 8:—Maria Gertrudes de Magalhães Castro, n., 15-6-1911, tem o curso de arquitetura pela Escola de Bellas Artes, casada com o Dr.

Maximiliano André Remy, arquitéto, filho de Lucien André Adolphe Remy, tambem arquitéto e D. Celeste Mayo Remy, naturaes de Nice, e residentes em París; filhos:

3 — 1:—Mauro André, n., 6-1-1944;

3 — 2:—Sonia Maria, n., 14-11-1945.

2 — 9:—José Vicente de Magalhães Castro, n., 21-9-1914, falecido á 23-10-1931;

2 — 10:—Luiz Gonzaga de Magalhães Castro, n., 3-4-1916, bacharel em direito, advogado; casou-se á 15-1-1944 no altar-mór da Igreja do Mosteiro de São Bento, com D. Bertholina Leite de Castro, filha do General de Divisão José Fernandes Leite de Castro, chefe da missão em paizes da Europa, ministro da guerra (1931 a 1932); possue 15 condecorações, entre as quais: grã-cruz da Polonia, da Belgica, da Italia, do Chile, comendador da Legion d'Honneur, France, comandou como tenente-coronel, uma legião, na guerra de 1914, e, representou o Brasil na coroação do Rei Jorge, recebendo uma condecoração especial, e de D. Marie Coulin de Castro, de origem francesa; neta paterna do Marechal João Vicente Leite de Castro, e D. Bertholina Braga Leite de Castro; filho:

3 — 1:—José Luiz, n., 3-7-1945;

3 — 2:—Lina Maria, n., 5-2-1948.

2 — 11:—Claudio Emmanuel, n., 29-5-1917, cirurgião dentista; casou-se á 27-1-1948 com Yvonne A. Oliveira, filha de Rodolpho Alves de Oliveira e D. Nair da Cunha Oliveira.

1 — 5:—Eugenia de Macedo Soares Ferreira, n., 9-11-1879, casada com Quirino José Ferreira, falecido em 7-10-1930, na sua fazenda no Pamital, em Saquarema; s. g.

1 — 6:—Emilia de Macedo Soares de Azeredo Coutinho, n., 29-9-1882, casada com Honorino Car-

los de Azeredo Coutinho, fazendeiro em Araruama e influente politico, filho de Carlos de Azeredo Coutinho, e D. Maria Rosa de Mendonça Coutinho; filhos:

2 — 1:—José Soares Coutinho, n., 28-12-1915, comandante na marinha mercante, Lloyd Brasileiro, casado com D. Magdalena do Couto Mello, filha de Ulysses Alves de Mello, e D. Zenith do Couto Mello; filho:

3 — 1:—Fernando Octavio, n., 21-10-1945;

2 — 2:—Braulio Soares Coutinho, n., 4-9-1918, comerciário, casado com D. Aurora Novaes filha de Aristides Novaes, e D. Frutuosa Polycarpina de Mello Novaes; filhos:

3 — 1:—José Adauto, n., 6-5-1943;

3 — 2:—Maria Emilia, n., 1-8-1944;

2 — 3:—Antenor Soares Coutinho, n., 19-12-1923, militar, solteiro;

2 — 4:—Cyro Soares Coutinho, n., 17-2-1924, lavrador, solteiro.

2 — 5:—Abel Soares Coutinho, n., 18-10-1925, aluno da Escola Militar de Resende.

1 — 7:—Lavinia de Macedo Soares, n., 2-5-1886; faleceu aos 20 anos;

1 — 8:—Ottilia de Macedo Soares Mendonça, n., 22-11-1888, casada com Alberto Feliciano de Mendonça, fazendeiro em Araruama, falecido em 8-11-1913, filho de Francisco Feliciano de Mendonça, e D. Joaquina Motta de Mendonça; filhos:

2 — 1:—Sebastião Soares de Mendonça, n., 20-1-1907, engenheiro agrimensor e construtor, casado com D. Nyolanda Gama de Mendonça, filha de Fausto Correia da Gama, português, engenheiro mecanico, e D. Evangelina Pelloti da Gama, de origem italiana; filho:

3 — 1:—Luiz Alberto Gama de Mendonça, n., 17-3-1938, estudante.

2 — 2:—Lavinia Soares de Mendonça, n., 27-8-1908, professora no Colegio da Imaculada Conceição, em Botafogo; Rio; solteira;

2 — 3:—Laura de Mendonça Moulin, n., 9-11-1910, casada com Rodolpho de Lima Moulin, engenheiro técnico da Comp. Light and Power; filha:

3 — 1:—Nelly de Mendonça Moulin, n., 29-11-1934;

2 — 4:—Maria Soares de Mendonça, n., 27-12-1912, solteira.

2 — 5:—Feliciano Soares de Mendonça, n., 16-7-1913, tenente instrutor da escola de Aeronáutica, solteiro.

1 — 10:—Cecilia de Macedo Soares, n., 3-2-1891; faleceu em 1901;

1 — 11:—Maria Augusta de Macedo Soares, n., 11-12-1896, faleceu em 1901.

CAPITULO XXIX

Descendencia de D. Maximiana de Macedo Soares Alves e José Mariano Alves

1 — 1:—D. Isabel de Macedo Soares Alves de Azevedo Sodré, n., em Cordeiros, 4-6-1866, casou-se em 4-6-1888, com José Paulo de Azevedo Sodré, funcionário da Companhia de Seguros "A Equitativa", depois alto funcionário do Ministério da Agricultura, filho de José Paulo de Azevedo Sodré e D. Candida Ribeiro de Almeida de Azevedo Sodré, senhores da fazenda do Coqueiro, Maricá (Cap. n. 10); Filhos:

2 — 1:—Dr. Eurico de Azevedo Sodré, n., 24-4-1890, bacharel em direito, advogado na Capital do Estado de S. Paulo, de importantes empresas, como a Light and Power; literato, apreciado orador, vem de representar o Instituto dos Advogados daquele Estado no Congresso Nacional de Direito Judiciário (1936),

tendo apresentado importante tése, que defendeu brilhantemente, sobre "desapropriações", — e no Congresso de Juristas (1941). Casou-se com D. Isabel Rodrigues, filha de Augusto Rodrigues, e D. Nicolina de Lima Rodrigues, natural de Mogy-mirim. Filhos:

3 — 1:—Marina Sodré Meirelles, casada com Victor Fonseca de Souza Meirelles, fazendeiro e comerciante, filho de Joaquim Victor de Souza Meirelles, e D. Maria do Carmo da Fonseca Meirelles; filhos:

4 — 1:—Victor,

4 — 2:—Isabel,

4 — 3:—Antonio.

3 — 2:—Roberto de Azevedo Sodré, bacharel em direito e advogado em S. Paulo, que acaba de pedir em casamento á D. Maria Helena Pinheiro Borba, filha do Dr. Alipio Graef Borba, advogado e capitalista, falecido, e D. Alayde Pinheiro Borba, ambos de distintas familias paulistana.

2 — 2:—Guiomar Sodré Doria, casada com o Dr. Pedro de Sampaio Doria, bacharel em Direito e advogado em Jaboticabal, S. Paulo, de familia do Estado de Sergipe, irmão do professor Sampaio Doria, Juiz do Tribunal Superior Eleitoral (1945-1946) e ministro da Justiça no governo do ministro José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal. Filhos:

3 — 1:—Celia, n., 7-10-1916, freira, professora diplomada, com função na Escola de Filosofia;

3 — 2:—Noemia, n., 17-11-1917, casada com o Dr. Eduardo Chaves, advogado; filhos:

4 — 1:—Carlos Eduardo, n., 8-10-1941;

4 — 2:—Pedro Sergio, n., 20-9-1943.

3 — 3:—Silvia, casada com o Dr. Ary Fernandes da Costa, medico veterinário, em Jabboticabal; filhos:

4 — 1:—Luiz Alberto, n., 25-7-1939;

4 — 2:—José Roberto, n., 1-4-1943;

4 — 3:—Maria Carmem, n., 3-7-1945;

4 — 4:—José Paulo, n. 9-7-946.

3 — 4:—Lucia, casada com Gentil Sanflorian, fazendeiro e comerciante em Jaboticabal; filho:

4 — 1:—José Luiz, n., 15-2-1943;

3 — 5:—Heloisa, n., — estudante na Escola de Filosofia.

2 — 3:—Dr. Alvaro de Azevedo Sodré, n., 3-10-1896, jornalista, engenheiro civil, chefe da importante firma construtora — Freire & Soare, de belos edificios na Capital da Republica e na do Estado de S. Paulo. Casou-se com D. Juracy Laport Leitão, filha de Fidelcino Leitão, socio da casa Leitão & Irmãos, do Largo de Santa Rita, a mais importante desde o Imperio no ramo — fazendas a varejo —, e de D. Debora Laport Leitão; filho:

3 — 1:—Jordano, n., 19-10-1921, solteiro, academico da Escola de Belas Artes.

2 — 4:—Dr. José Paulo de Azevedo Sodré, n., 25-7-1901, formado em medecina pela Faculdade do Rio de Janeiro; cirurgião-urologista, chefe de serviço no Hospital Pronto Socorro, da Assistência Municipal do Distrito Federal; docente daquela Faculdade; membro da Academia Nacional de Medecina; autor de numerosos trabalhos cientificos, entre outros, o de um tratado sobre urologia. Casou-se com D. Maria Clara Miguel Pereira, filha do notavel professor Dr. Miguel Pereira, (1) clinico de grande nomeada e de D. Maria Clara Tolentino da Silva Pereira; filho:

(1) Vide apendice: Estudo sobre o Dr. Miguel Pereira.

3 — 1:—José Paulo, n., 27-2-1930; o 4.º, na linha ascendente.

1 — 2:—D. Clotilde de Macedo Soares Alves de Moura Ribeiro, n., em Cordeiros, mun. S. Gonçalo, Rio, em 21-1-1868; casou-se á 4-7-1890 com o Dr. Benedito de Moura Ribeiro, n., em Parnahyba, prov. do Piauhy, em 14-2-1866, medico-clinico muito estimado na cidade de Santos, filho de João Adelino Gomes Ribeiro e D. Maria Josepha de Moura Ribeiro, falecido á 13-1-1932. D. Clotilde faleceu á 15-10-1941; filhos:

2 — 1:—Osvaldo, n., 24-3-1891; faleceu no mês seguinte;

2 — 2:—Dr. Alberto de Moura Ribeiro, n., em Cachoeiras de Macacú, Rio de Janeiro, em 9-4-1892, medico-operador parteiro; chefe da maternidade da Santa Casa de Santos; casou-se em 10-7-1918 com D. Risoleta Porchat de Assiz, n., em Santos, S. Paulo, em 7-6-1896, filha de Antonio Justino Porchat de Assiz Junior e D. Francisca Augusta Pinto de Assiz; filhos; todos de Santos, São Paulo:

3 — 1:—Aloisio, n., 18-4-1919;

3 — 2:—Ilza, n., 30-6-1920;

3 — 3:—Arnaldo, n., 22-12-1923;

3 — 4:—Afranio, n., 23-8-1926;

3 — 5:—Leila, n., 24-9-1929.

2 — 3:—Dr. Dalberto de Moura Ribeiro, n., 9-4-1932, gemeo, engenheiro civil, solteiro.

2 — 4:—João Adelino de Moura Ribeiro, n., em Santos, S. Paulo, em 12-3-1894, comerciario; casou-se em 15-5-1927 com D. Ambrosina de Moraes Barros; n., Piracicaba, S. Paulo, em 13-4-1902, filha de João de Moraes Barros e D. Albertina Pinto Novaes de Moraes Barros; filhos:

3 — 1:—Rubens, n., 12-12-1928;

3 — 2:—Léa, n., 22-8-1931;

3 — 3:—Eduardo, n., 23-1-1935; todos em Santos, S. Paulo.

2 — 5:—Sylvio de Moura Ribeiro, n., 30-9-1895; faleceu 1-4-1920;

2 — 6:—Flavio de Moura Ribeiro, n., em Santos, S. Paulo, 3-11-1897, cirurgião-dentista; casou-se 16-12-1930, com D. Alda Maria Ribeiro Gomes, n., em Santos, S. Paulo, 1-4-1911, filha de Antonio Carlos Ribeiro Gomes e D. Enedina Mattos Trindade Ribeiro Gomes; filhos; todos de Santos:

3 — 1:Silva Maria, n., 22-10-1931;

3 — 2:—Luiz Carlos, n., 6-3-1934;

2 — 7:—Laura Beatriz, n., em Santos, S. Paulo, 17-8-1899, casada, 16-7-1921, com o Dr. Adolpho Schmidt Sarmento, n., Pouso Alegre, Minas Gerais, 31-12-1883, medico, professor da Faculdade de Medecina de São Paulo; filho de Miguel Julio de Moraes Sarmento e D. Guilhermina Schmidt Sarmento; faleceu 26-11-1939; Filhos:

3 — 1:—Carlos Adolfo, n., em S. Paulo, 26-4-1922, médico, casou-se, 9-1-1945, com D. Lila Nogueira da Silva Monteiro, n., D.F., 18-2-1925, filha do Dr. João da Silva Monteiro Filho e D. Alzira Nogueira da Silva Monteiro; Filho:

4 — 1:—Carlos Adolfo, n., S. Paulo, 31-10-1945;

3 — 2:—Lucia Beatriz, n., S. Paulo, 1-9-1923, casada 28-12-1944, com Caio Lacerda de Arruda Botelho, n., S. Paulo, 14-2-1923, filho de Carlos Amadeu de Arruda Botelho e D. Brazilia Lacerda de Arruda Botelho.

3 — 3:—Luiz Alberto, n., S. Paulo, 24-10-1926;

2 — 8:—Heloisa Clotilde, n., em Paris, França, 7-11-1905. casada á 28-12-1944 com o Dr. Albertino Gomes Moreira, n., em Uberlandia, M.

G., 9-10-1892, filho de Antonio Gomes Moreira e D. Custodia Luiza Gomes Moreira; filha:

3 — 1:—Heloisa Regina, n., Santos, S. Paulo, em 21-12-1936.

1 — 3:—Alvaro de Macedo Soares Alves, n., 22-6-1869, comerciario da firma Macedo Sobrinho, Abreu & Quartin, comissarios de café, á rua S. Bento, Rio de Janeiro; faleceu de variola, solteiro, na casa de residencia de seu tio, o Conselheiro Macedo Soares, em 1894.

1 — 4:—Godofredo de Macedo Soares Alves, n., 10-2-1872, funcionario, por muitos anos, do Instituto Surdos-Mudos, e do Ministerio da Agricultura; faleceu, solteiro, aos 55 anos.

1 — 5:—D. Clarice de Macedo Soares Alves Valle, n., em Cordeiros, S. Gonçalo, R. J., em 8-7-1873, casada no dia 4-7-1895 com Theophilo Ferreira Valle, n., na provincia do Maranhão, em 13-10-1867, conferente da Alfandega de Santos, de familia maranhense, e falecido, 30-9-1907. D. Clarice faleceu á 8-3-1902,aos 28 anos incompletos; filhos do casal:

2 — 1:Marina Alves Valle, n., 4-9-1896, em Santos; faleceu, 22-5-1900;

2 — 2:—Alexandre Theophilo Alves Valle, n., em Santos, S. Paulo, 21-9-1898, e falecido á 11-1-1921, no dia do encerramento das aulas da Escola Militar do Realengo, com brilhante curso da arma de artilharia, resultando de lamentavel acontecimento o retardamento da declaração de oficiaes da turma de 1920, por se tomar a escola de luto;

2 — 3:—Osvaldo Alves Valle, n., 18-5-1900, funcionario do Banco do Brasil, em Santos, casado, 18-5-1921 com D .Candida Bertha Vianna Alves Valle, n., em Munich, Bavaria, na Allemanha, á 12-5-1902; brasileira por opção

firmada á 11-9-1942 no Palacio do Governo do Estado de S. Paulo, filha de Antonio de Souza Vianna, natural de Itajubá, Minas Geraes, pintor, premio de viajem do Salão da Escola Nacional de Bellas-Artes, e de D. Bertha Anna de Souza Vianna, nascida "Tennius"; — Filhos:

3 — 1:—Maria Apparecida, n., 10-5-1923, em Maceió,

3 — 2:Helio, n., em Santos, 7-2-1932;

3 — 3:—Marina, n., em Santos, 7-6-1936.

1 — 6:—Paulo de Macedo Soares Alves, n., em Cordeiros, á 1-1-1876; fez o seu curso de humanidades no antigo Colegio D. Pedro II, funcionário bancario; casou-se, 4-7-1899, com D. Stella de Abreu e Souza, filha de Bellarmino Carlos de Abreu e Souza e D. Maria Carlota Soares de Mello de Abreu e Souza, neta paterna do Comendador Balthazar de Jacome de Abreu e Souza e de sua segunda mulher, D. Mariana Theodora de Abreu e Souza; neta pelo lado materno de Candido Soares de Mello e de D. Maria Candida de Sá Carvalho, esta filha de José de Sá Carvalho e de D. Carlota Joaquina de Siqueira Quintanilha.
Filhos:

2 — 1:—Alvaro de Macedo Soares Alves, n., 10-12-1902, cirurgião dentista e funcionario dos Correios; casou-se, 23-8-1928, com D. Zaira Maciel Levy, filha de Lucio Scoevola Maciel Levy, funcionario publico no Estado do Rio e D. Evangelina da Costa Levy; neta paterna de José Levy, comerciario, e de D. Fr[illegible]rença Carlota Maciel Levy, naturais de Campos; e materna do Dr. Dionysio da Costa e Silva, engenheiro civil, e de D. Carlota de Sá da Costa e Silva, naturais de Niterói; Filhos:

3 — 1:—Fernando, n., 31-8-1929;

3 — 2:—Vera, n., 30-3-1934;

2 — 2:—Clarice, n., 19-2-1904; casou-se 31-8-1935, com Antonio Kurtenbach, estabelecido com oficina mecanica em Petrópolis, filho de Emilio Kurtenbac, e D. Amelia Kurtenbach, de origem allemã; filha:

3 — 1:—Regina, n., 10-4-1942;

2 — 3:—José Mariano, n., 7-8-1906, funcionario do ministerio da fazenda, casado com D. Celeste Vieira Alves, filha de José Vieira Alves, falecido, e D. Antonia Vieira Alves, ambos de origem portuguêsa; filhos:

3 — 1:—Paulo, n., 10-6-1938;

— 2:—Sonia, n., 21-1-1940;

2 — 4:—Carmem, n., 3-9-1908; casou-se 27-1-1931 com o Dr. Antonio José Xavier da Silveira, bacharel em direito, advogado, funcionario do Ministerio da Educação e Saude Publica, filho de Argeu Xavier da Silveira, funcionario da Diretoria da Saude Publica, e de D. Carmem Xavier da Silveira, familias radicadas em Santos, S. Paulo; filhos:

3 — 1:—Roberto, n., 26-10-1932;

3 — 2:—Marlene, n., 21-7-1935; ;

3 — 3:—Lucia, n., 23-4-1940;

3 — 4:—Heloisa, n., 1-2-1946.

2 — 5:—Victor de Macedo Soares Alves, n., 24-10-1912, professor de educação fisica, no ministerio de Educação, solteiro;

2 — 6:—Paulo de Macedo Soares Alves, n., 5-12-1914, comerciario na importante firma José Silva & C., solteiro.

CAPITULO XXX

Descendencia de D. Maria da Gloria de Macedo Soares Ribeiro de Almeida e Major Joaquim Ribeiro de Almeida.

1 — 1:—D. Delphina de Macedo Soares Ribeiro de Almeida, n., em Maricá, 11-11-1874; falecida, em 1923, solteira.

1 — 2:—D. Carolina de Macedo Soares Ribeiro de Almeida Baptista Pereira, n., em Maricá, 5-1-1876, casou-se 18-1-1899 com o Dr. Balthazar Bernardino Baptista Pereira Junior, cirurgião dentista do Hospital de S. João Baptista, em Niterói, funcionario dos Correios, filho do Dr. Balthazar Bernardino Baptista Pereira, engenheiro civil, lente catedratico da Escola de Marinha, antigo deputado provincial e depois deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro, falecido em 1911, e de D. Amelia Guilhermina Alves Costa Baptista Pereira, neto paterno de Julião Bernardino Baptista Pereira e de D. Mariana Jacinta de Abreu Sodré (1) e neto materno do alferes Joaquim Mariano Alves Costa e de D. Carlota Antunes da Costa (Cap. XIII); Filhos:

2 — 1:—Walter de Almeida Baptista, n., 13-11-1899, alto funcionario do Banco do Brasil, casado

(1) D. Mariana Jacintha, 8.ª filha de Balthazar de Abreu Cardoso Sodré e de D. Marianna de Azevedo Sodré, teve os seguintes irmãos:
1º—Dr. Balthazar de Abreu Sodré, promotor publico, deputado, advogado;
2º—Dr. José Balthazar, bacharel em direito por S. Paulo (1849); inspetor da instrucão publica; deputado provincial; coletor das rendas em Resende.
3º—Ignacio Balthazar, fazendeiro em Itaborahy;
4º—Dr. Manuel Balthazar, medico em Capivary e depois em Cantagalo;
5º—Joaquim Mariano de Abreu Cardoso Sodré, funcionario publico em Niterói;
6º—Francisco de Paula Balthazar, coletor das Rendas, em Resende, demissionario em 1879;
7º—Paulino Balthazar de Abreu Cardoso Sodré;
8º—D. Mariana, acima mencionada;
9º—D. Maria, casada com o Dr. Joaquim Manuel de Macedo, medico; deputado provincial e geral pela provincia do Rio

com D. Odette Seabra de Mello Baptista (2), nascida na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, filha de José Alexandre Seabra de Mello, funcionario da Alfandega, n., 2-5-1870 e falecido 31-3-1937 e de D. Emilia Trindade Seabra de Mello, n., 6-1-1871 e falecida, 5-7-1921; ambos naturais do Estado do Rio Grande do Norte; neta pelo lado paterno de Antonio Benevides Seabra de Mello, conhecido por major Benevides, da Imperial Ordem da Rosa, n., 13-6-1833 e falecido, 18-4-1888, e de D. Francisca Adelina Pinto Benevides, n., 9-1-1836 e falecida, 6-12-1929. Ambos descendem de país portuguêses, capitãesmóres. Antonio Benevides era irmão do Comendador Miguel Benevides, um dos grandes do Imperio; neta pelo lado materno de Luiz Bezerra Augusto da Trindade, deputado provincial, chefe politico do partido liberal, n., naquele Estado, em 1823 e falecido em 2-2-882, e de D. Josina de Vasconcellos Bezerra da Trindade, n., tambem no Rio Grande do Norte, 4-9-1832 e falecida, 8-7-1925. Luiz Bezerra era proprietario e fazendeiro no municipio de Papari. Bisavô de D. Odette: José Alexandre Gomes de Mello, de que trata o estudo de Luiz da Camara Cascudo, publicado em apenso. Filhos:

3 — 1:—Walter, n., 4-12-1930,

3 — 2:—Wanda, n., 22-12-1932,

3 — 3:—Wilma, n., 6-6-1938.

---

de Janeiro, membro do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, professor de historia patria e geografia do Colegio D. Pedro II; poeta, autor da "Nebulosa", romancista da "Moreninha", autor de muitas novelas, dramaturgo, jornalista; recusou a pasta de ministro, mestre da familia imperial, viveu modestamente, na Corte, dos seus ordenados de professor;

10º—D. Paulina, casada com Manuel Odorico Mendes, o tradutor de Virgilio e Homero, deputado geral pelo Maranhão, onde representou importante papel politico, como se vê da sua biografia no "Pantheon Maranhense", do Dr. A. Henriques Leal, tomo 1.º.

(2) Vide apendice — Artigo de Luiz da Camara Cascudo.

2 — 2:—Ruben de Almeida Baptista Pereira, n., 29-5-1901, funcionario publico estadual, chefe da Secretaria do Palacio do Governo do Estado do Rio de Janeiro, casado com D. Addy de Souza Baptista Pereira, n., em Saquarema, 30-9-1908, professora diplomada, atualmente catedratica da escola noturna "Conselheiro Baptista Pereira", filha de Augusto Antonio de Souza, n., 25-7-1881, escrivão de Paz e Oficial do Registro Civil em Rio d'Areia, Saquarema, e de D. Ottilia Almeida de Souza, n., 1-3-1892, ambos naquele municipio; neta paterna de Joaquim Antonio de Souza, n., em Maricá, 26-7-1839, antigo Mestre-Escola em Rio d'Areia, durante 40 anos, tendo falecido aos 93 anos em 1932, e de D. Maria Candida de Souza, n., em Saquarema, 15-11-1847, coadjutora dedicada de seu marido, acolhia seus discipulos e os tratava como filhos. O professor Souza viveu para o magisterio; antigo presidente da Camara Municipal de Saquarema; inteligente e erudito, professor de letras e de musica teve por discipulos, entre muitos, Alberto de Oliveira e seus irmãos, drs. Oscar de Macedo Soares, Octavio de Macedo Soares e Oliveira Vianna. D. Addy é neta pelo lado materno de Antonio Silvestre de Almeida, n., 31-12-1864, antigo fazendeiro e politico em Palmital de Saquarema, e D. Idalina Vieira de Almeida, n., em Saquarema, 25-7-1865. Filhos:

3 — 1:—Maria Auxiliadora, n., 16-4-1934,

3 — 2:—Maria Lecticia, n., 1-3-1936,

3 — 3:—Maria Mercedes, n., 31-10-1938,

3 — 4:—Manuel Antonio, n., 12-12-1939.

2 — 3:—Dr. Durval de Almeida Baptista Pereira, n., 20-9-1902, cirurgião dentista, professor da Faculdade de Odontologia e de Medecina de Niterói, casado com D. Jandira Alves Costa Baptista Pereira, n., na Fazenda dos Duques,

em Itaborahy, filha de João Carlos Alves Costa, n., 28-2-1863 e falecido, 22-4-1934, e de D. Albertina Torres Alves Costa, n., 27-9-1870 e falecida á 3-5-1919, ambos em Itaborahy; neta paterna do Coronel Joaquim Mariano Alves Costa, n., 4-10-1819 e falecido a 4-8-1892, e de D. Carlota Joaquina Alves Costa, n., á 27-1-1828 e falecida á 8-7-1882, ambos de Itaborahy; neta materna de Bernardino José Ferreira Torres, n., 3-3-1825 e falecido á 27-4-1900, e de D. Maria Bernardina Rodrigues Ferreira Torres, n., 28-5-1843, e falecida á 7-7-1897, naturais de Itaborahy. Filhos:

3 — 1:—Vera Apolonia, n., 31-10-1927;

3 — 2:—Luiz de Gonzaga, n., 21-12-1929;

3 — 3:—Margarida Maria, n., 7-7-1933;

3 — 4:—Maria da Gloria, n., 29-10-1935;

3 — 5:—José Newton, n., 8-11-1938.

2 — 4:—José Newton de Almeida Baptista, n., em Niterói, 16-10-1904; ilustre sacerdote, Bispo de Uruguayana. D. José Newton fez seus estudos preparatorios no Seminario de Pirapora, em S. Paulo, sendo mais tarde distinguido pelo saudoso Cardeal D. Leme com u'a matricula no Colegio Pio Latino Americano, em Roma, onde esteve durante oito anos, ordenando-se em 1928.
Ali, frequentou tambem a Universidade Gregoriana, doutorando-se em teologia e direito canônico. Regressando da Europa, exerceu as vigararias de Paquetá, Osvaldo Cruz, Inhauma e Santa Cruz, em cujo serviço revelou-se o verdadeiro soldado de Christo, batalhando pela salvação das almas, assistindo o moribundo, consolando os aflitos, reconduzindo os transviados. Mais tarde, capelão do Colegio Notre Dame de Sion, do Rio, professor do Curso Superior do Seminario Arquidiocesano de São José, no Rio Comprido, onde lecionou as catedras de Arte Sacra, Apologética e Arquiologia; a sua profunda cultura tem a realçá-la mais a cativante afabilidade de uma alma de eleição, que tanto bem há feito, amparando os humildes e socorrendo os pobrezinhos. Distinguindo-se sempre pela sua piedade, inteligencia e zêlo apostólico, D. José Newton fez parte do Cabide Metropolitano e ainda foi o diretor das Vocações Sacerdotais da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Foi tambem secretario particular do Arcebispo D. Jaime Camara.

2 — 5:—Dr. Moacyr de Almeida Baptista Pereira, n., 23-3-1911, medico assistente do Hospital de S. João Baptista e cirurgião dentista, casado com D. Maria Thereza Villemor do Amaral Baptista Pereira, nascida em Niterói, filha do conceituado e antigo corretor de fundos publicos Alfredo Gastão Villemor do Amaral, n., 1-12-1858 e falecido á 14-9-1933, e de D. Flora Augusta Villemor do Amaral, n., 7-2-1881; neta paterna do Dr. Luiz José Sergio do Amaral, medico-clinico em Cantagalo, e de D. Amelie Elizabeth Jeanne Aimé de Villemor Amaral, filha dos Barões de Villemor, residentes em Paris; e pelo lado materno do Dr. Manuel Moreira de Araujo Silva, engenheiro civil, n., Rio de Janeiro, 7-10-1843, e de D. Josefina Tostes de Araujo Silva, natural da Bahia; n., á 27-5-1843 e falecida aos 94 anos, á 17-8-1937. Filhos:

3 — 1:—Thereza Maria, n., 3-10-1938;

3 — 2:—Margarida Maria, n., 26-6-1941, bella menina, falecida em uma piscina no parque das Aguas Virtuosas de Lambary, em Março de 1946, acontecimento que constristou a todos os veranistas, entre os quais o autor destas notas e sua senhora.

3 — 3:—Luiza Maria, n., 25-8-1942;

3 — 4:—José Geraldo, n., 6-6-1945.

3 — 5:—Helena Maria, n., 30-4-1947.

2 — 6:—Maria da Gloria, n., em Niterói, á 23-10-1913; irmã da Congregação das Mercedarias.

2 — 7:—José de Almeida Baptista, n., 26-7-1917; sacerdote secular, professor do Colegio Salesianos, em Niterói.

1 — 3:—Mathilde de Macedo Soares Ribeiro de Almeida, n., em Maricá, 19-9-1877, professora publica aposentada do Estado do Rio de Janeiro, solteira.

1 — 4:—Dolores de Macedo Soares Ribeiro de Almeida, n., 9-4-1879; faleceu á rua Barão de Petropolis, Rio, 1888, vitima da febre amarella.

1 — 5:—Dr. Joaquim Ribeiro de Almeida, n., em Maricá, 6-3-1882, medico pela Faculdade de Medecina do Rio de Janeiro, politico militante em São Gonçalo, deputado estadual, filiado a corrente Alfredo Backer. Intransigente, disciplinado, com a queda do partido preferiu não aderir, mudando-se para S. Paulo, onde logrou uma das maiores clinicas. Por mais de trinta anos exerceu o cargo de chefe de clinica da Santa Casa de Misericordia, e, por muitos anos, o de secretario geral da Sociedade de Medecina e Cirurgia de São Paulo. Em viajem de estudos á Alemanha, França e outros paizes da Europa, de volta conheceu e casou-se, em S. Paulo, 30-9-1911, com D. Aracy Moraes, filha de Camillo Antonio de Moraes e de D. Judith Queiroz Guimarães de Moraes, fazendeiros em Jacarehy. (1) O Dr. Joaquim Ribeiro faleceu á 26-7-1943, em sua residência, á rua Brigadeiro Tobias, n., 127, São Paulo. Filhos:

3 — 1:—Dr. Hugo Ribeiro de Almeida, n., em S. Paulo, 6-8-1912, medico pela Faculdade de Medecina de S. Paulo, casado com D. Isabel Isnard, filha de Ernesto Isnard, comerciante e industrial, chefe da antiga e conceituada firma Isnard & Comp., e de D. Zulmira Gouvêa, irmã do notavel cirurgião, Dr. Jorge de Gouvêa; neta materna do Coronel Francisco Soares de Gouvêa, fazendeiro, figura de relevo na politica fluminense, em Petropolis, antigo deputado federal, e de D. Isabel da Silva Soares de Gouvêa, falecida á 5-1-1937. O Coronel Soares de Gouvêa, natural de Sabará, Minas Gerais, irmão do conhecido oculista Dr. Hilario de Gouvêa, faleceu em Petropolis, á 12-6-1929; filhos:

(1) Sobre a ascendencia de D. Aracy, consulte-se Frederico de Barros Brotero. Apontamentos Genealogicos — Queiroges — S. Paulo — 1937. pg. 25.

4 — 1:—José Carlos, n., 28-3-1938;

4 — 2:—Clemente, n., 1-8-1939;

4 — 3:—Paulo, n., 27-4-1941;

4 — 5:—Lourenço, n., 10-5-1946.

3 — 2:—Dr. Tito Ribeiro de Almeida, n., 15-7-1913, casado com D. Magdalena Ribeiro, filha do Dr. Abrahão Ribeiro, advogado nos auditorios de São Paulo, atualmente prefeito da Capital, governo do embaixador, Dr. José Carlos de Macedo Soares, e D. Martha Schelezinger Ribeiro, de origem allemã; neta paterna de Francisco de Paula Ribeiro, e de D. Maria Isabel Coutinho Ribeiro, falecida, na capital do Estado de São Paulo, á 27-12-1946. A veneranda senhora que era filha de Sebastião Coutinho da Silva e de D. Francisca Baptista Coutinho, falecidos há muitos anos, deixou os filhos: D. Isabel Ribeiro Nickelsburg, viuva de Julio Burchard Nickelsburg; Dr. Samuel Ribeiro, casado com D. Heloisa Guinle Ribeiro; Dr. Abrahão Ribeiro, casado com D. Martha Ribeiro; D. Branca Ribeiro Guinle, viuva do Dr. Eduardo Guinle; D. Eulalia Ribeiro de Souza Reis, viuva do Dr. Francisco Tito de Souza Reis; D. Lina Ribeiro Serva, viuva do Dr. Leão Renato Pinto Serva; Dr. David Ribeiro, casado com D. Emilienne Berringer Ribeiro;

D. Juliana Ribeiro, solteira; Dr. Noé Ribeiro, casado com D. Martha Whitaker Ribeiro; D. Virginia Ribeiro Ferreira da Rosa, casada com o Dr. Armando Ferreira da Rosa; D. Maria Ribeiro Cajado de Oliveira, casada com Alvaro Cajado de Oliveira; D. Aurea Ribeiro Freire de Carvalho, casada com o Dr. Heitor Freire de Carvalho; D. Evangelina Ribeiro Tavares, casada com o Dr. Breno Tavares; D. Celina Ribeiro Collet Solberg, casada com B. D. Collet Solberg e D. Heloisa Ribeiro de Castro. Teve ainda uma filha, já falecida, D. Maria Isabel Ribeiro Ferreira, que foi casada em primeiras nupcias com Siegmund Mickelsburg, e, em segundas nupcias, com Sebastião Affonso Ferreira. Deixou ainda cincoenta netos e quarenta bisnetos; filhos:

4 — 1:—Thomaz, n., 6-11-1940;

4 — 2:—Guilherme, n., 4-5-1941;

4 — 3:—Maria Martha, n., 29-8-1943;

4 — 4:—Sylvia, n., 13-5-1945;

3 — 3:—Maria da Gloria, casada com o Dr. Claudino do Amaral, medico pela Faculdade de Medecina de S. Paulo, filho de Zepherino Alves do Amaral e D. Evelina Vairo do Amaral, domiciliados em S. Paulo. Filho adotivo:

4 — 1:—Luiz Carlos do Amaral, n., 7-11-1944.

1 — 6:—Anna Alexandrina de Macedo Soares Ribeiro de Almeida Mattos, n., 7-7-1884; casou-se em 26-6-1906 com o Dr. Joaquim de Oliveira Mattos, medico-cirurgião pela Faculdade do Rio de Janeiro, filho de Luiz de Mattos, português, comerciante e D. Leopoldina Rosa de Mattos, brasileira. Filhos:

2 — 1:—Lia, n., 8-6-1907, casou-se com o Dr. Clovis Newton de Lemos, n., em Condé, Bahia, 16-9-1905, bacharel em direito, professor da cadeira de direito Internacional Privado da Faculdade de Direito da Bahia, procurador Geral do mesmo Estado, filho do desembargador Arthur Newton de Lemos, do Tribunal de Apellação daquelle Estado, e de D. Maria Isabel Guimarães de Lemos, ambos de familias tradicionaes da Bahia. O Dr. Clovis faleceu na Capital Federal, á 10-10-1944, muito jovem, com grande pezar para seus amigos e discipulos. Filhos:

3 — 1:—Anna Maria, n., 20-10-1934;

3 — 2:—Claudio, n., 10-5-1940,

3 — 3:—Haroldo, n., 6-6-1941,

3 — 4:—Paulo, n., 11-1-1943;

3 — 2:—Dr. Haroldo de Almeida Mattos, n., nesta capital, 11-3-1911; medico pela Faculdade de Medecina desta Capital; cirurgião do pronto socorro da Assistencia Municipal. Abandonou a profissão para tomar o habito de monje beneditino, com o nome de D. Leão Magno de Almeida Mattos.

3 — 3:—Dr. Joaquim de Almeida Mattos, n., nesta capital, 17-1-1916, engenheiro arquiteto. Tem exercido varias comissões importantes no Estado do Rio e em escritorios particulares. Casado com D. Miriam da Rocha Miranda, filha do Dr. Aquila da Rocha Miranda, advogado e politico militante em Petropolis, falecido recentemente, e de D. Luiza Guerra da Rocha Miranda; neta paterna de Luiz da Rocha Miranda (Barão do Bananal), e de D. Adriana Nogueira Torres da Rocha Miranda, irmã do integro magistrado, desembargador Cesar Nogueira Torres; neta pelo lado materno de José Tavares Guerra e de D. Julia Fonseca Guimarães Guerra; filha:

4 — 1:—Miriam, n., nesta Capital, 12-6-1946.

CAPITULO XXXI

Descendencia de D. Anna Augusta de Macedo Soares Dias de Menezes e Antonio de Souza Dias de Menezes

1 — 1:—Edith de Macedo Soares Dias de Menezes, n., em Maricá, aos 25 de dezembro de 1870. Matriculando-se no Colegio da Imaculada Conceição, á Praia de Botafogo, revelou desde logo a sua vocação religiosa; concluindo os seus estudos tomou o habito de irmã de caridade, e passou chamar-se a irmã Catharina. Faleceu a 15-8-1913. A "União", sob a direção do Dr. Felicio dos Santos noticia: "A irmã Catharina — Mais uma angelica filha de S. Vicente de Paulo evolou á celeste mansão. Terminou o arduo incolato que tanto lhe foi suavisado pela ardencia da caridade, as consolações da esperança que luzem do sol da fé inabalavel. E' que na florescencia da edade já estava saturada de meritorios gestos a irman Catharina, no seculo chamada Edith de Macedo Soares Dias de Menezes, nascida em Maricá (E. do Rio) no dia de Natal do Senhor (25 de dezembro de 1870) e sepultada no dia da Assunção da Virgem Mãe (15 de agosto de 1913). A coincidencia dessas datas ainda é mais sugestiva quando se sabe que o nascimento da gentil menina em uma fazenda agricola foi comunicado aos avós residentes em outra por um inocente negrinho enviado com a noticia escrita na fita do chapéu porque não saberia êle transmiti-la verbalmente. Não lembra isso o evangelho do Natal de Jesus comunicado aos pastores pelos anjos? Foi uma digna filha do Menino Jesus essa alma de escol cujas peregrinas virtudes esplenderam na Congregação em que entrou a 15 de julho de 1895 e especialmente no Colegio da Imaculada Conceição de Botafogo onde era idolatrada. A irman Catharina era filha de D. Anna de Macedo Soares Dias de Menezes, ainda viva

D. Edith de Macedo Soares Dias de Menezes — Irmã Catharina.

e viuva há alguns anos. Era sobrinha do falecido presidente do Supremo Tribunal Federal, A. J. de Macedo Soares e prima do Dr. J. E. de Macedo Soares, proprietario e redator do "Imparcial". Escusado é dizer quanto foi concorrido o enterro da santa irman. Contemos a pena para não escrever um fato em que se verifica o valor das orações da irman Catharina. Mais tarde, talvês, diremos dêle. Ela continuará no Céo a interceder pelos pobres e pelos pecadores". — Cumpriu a promessa a "União" de 8 de fevereiro de 1914, sob o titulo "Casos reaes a registrar. Lucio de Mendonça, Macedo Soares, O Padre Chiquinho, a irman Catharina. Quando, há alguns mêses, noticiei a morte da santa irman de Caridade, que em religião honrou o nome de S. Catharina, aludi a um fato de sua vida que me pareceu uma graça divina. Não o referi, então, mas agora não vejo porque não deva revela-lo, tendo obtido a necessaria venia do meu velho amigo e colega Dr. J. M. de Macedo Soares, tio da falecida irman, e, seja dito de passagem agradavel, um dos três que restam dos formados em medecina em 1863 — êle, eu e o Lourenço de Almeida Baptista, barão de Miracema. Estava a ser julgada no Supremo Tribunal Federal, a rumorosa causa dos frades de S. Bento, que até arruaças graves causára. — Amigo, como fui, de Lucio de Mendonça, julguei dever procurá-lo empenhando-me a favor dos beneditinos atuais, cuja sucessão era contestada pelo falecido Frei João. Era o Lucio, Grão-Mestre adjunto da Maçonaria e um anti-clerical apaixonado. Como ousei, pois, dar esse passo? Valerá a pena dizê-lo, mesmo porque o meu Lucio, graças a Deus, morreu com os sacramentos da Egreja e nos braços do seu velho e cons-

tante amigo, o santo Mons. Francisco de Paula Rodrigues, o *Padre Chiquinho* como sempre foi conhecido, e em cuja casa morou

sempre ele, o Lucio, quando estudou em S. Paulo. Foi aquilo uma graça especial, sempre esperada pelo Padre Chiquinho; assim me disse um dia em que me honrou almoçando em minha casa com o Lucio e teve ele a consolação de, vindo de S. Paulo, expressamente, assistir a essa bela conversão. Não podia eu prevê-la, mas, algum tempo antes da minha intercessão junto ao Lucio, sucedera caso que me animou a procurá-lo. Moravamos eu e êle em Santa Thereza. Fui chamado uma noite á sua casa com urgencia. Achei-o consternado... Só um amigo como Você posso solicitar este obsequio: ver uma doentinha desenganada, para que, hoje, ou amanhan, dê o atestado de obito. O medico assistente é parente proximo: será melhor recorrermos a outro para a atestação... E' minha filhinha, venha vê-la. E o Lucio, dotado como era de extremosissimo sentimento, debulhado em lagrimas levou-me ao quarto da doente. A pobrezinha, de uns 2 anos de edade, extinguia-se nas vascas de uma meningite, naqueles agudos gemidos que tanto compungem os assistentes e laceram o coração das mães... A temperatura altissima e as convulsões sucessivas presagiavam a proxima terminação anunciada pelo ilustrado e criterioso medico assistente. — Outro não podia ser o meu prognostico. Prescrevi um calmante, apenas para minorar o sofrimento do anjinho. Depois procurei o pai para dizer-lhe algumas palavras de resignação religiosá. Resignação! — disse êle, levando-me para junto da janela aberta, da qual se avistava o incomparavel panorama do mar na entrada da bahia, e da cidade profusamente iluminada, como repousando abrigada na falda da cordilheira de Santa Thereza. O céo estava recamado de brilhantes astros pestanejantes, e a brisa a nos acariciar embalsamada... Resignação! — repetiu êle — Como? Você é um crente... é

feliz. Mas eu... Veja que beleza nesta noite de aflição horrivel para mim! Voce crê que há um Deus capaz de ouvir os gemidos, de aliviar as torturas de um pai nesta minha contingencia? Sim. Creio... Mas... Escute, disse êle interrompendo. — Si houvesse um Deus capaz de salvar minha filha, e que o quizesse, eu o serviria como um escravo. — Seria um áto de gratidão apenas, não é para essa especie de negocio que Êle deseja ser invocado para se revelar — disse eu. — Mas reflita bem! A's vezes conseguimos coisas extraordinárias, si são sinceros nossos votos. Bem semelhante é o seu caso ao que aconteceu a um seu colega notabilissimo magistrado de França. Conte-me... Augusto Nicolas fez igual promessa para obter a cura de uma filha. Foi atendido e empregou a sua vida em estudar a religião católica, e em escrever admiraveis livros apologeticos que tenho lido com grande prazer. E despedi-me. No dia seguinte, bem cedo, fui ver a doentinha: estava salva! Dois dias depois achei-a brincando. Lembrei ao Lucio a promessa! Riu-se e, com grande magua minha, explicou as suas exclamações como explosão de sentimentos atavicos: chasqueou das fraquezas de animo a que não escapam, nas grandes angustias, os homens, emancipados de crendices e superstições, como êle... Pouco depois, enviou-me uma fotografia da filhinha com uma dedicatoria escrita por êle. *Ao seu salvador oferece F. em sinal de gratidão.* Quanto me doeu isso! Debalde protestei que não fôra mais que um instrumento, infeliz todavia, da graça divina. Minhas prescrições em nada mereciam o titulo de "heroicas", banalissimas tinham sido. Ora agora cheguei ao motivo de minha visita ao Membro do Supremo Tribunal de Justiça. A causa dos beneditinos era justissima, a meu ver; fui lembrar ao *maçon* o que êle devia a *Deus*. Saí acabrunhado. O Lucio declarou-

me que não podia perder aquela ocasião de defender a causa do liberalismo contra as superstições catolicas, e, de mais a mais, tratando-se de frades... A causa não poude ser decidida por falta de um juiz. Estava doente Macedo Soares, Vice-Presidente do Tribunal. E era êle nada menos que o Grão Mestre efetivo da Maçonaria no Brasil. Esperavam poder fazê-lo comparecer á sessão proxima: seu voto romperia a empate. Empenhavam-se muito com êle para esse fim. — Nessa situação é que procurei a irman Catharina, sobrinha de Macedo Soares. Desejava que fosse ela pedir-lhe — não o seu voto (naturalmente contrario), mas que não arriscasse a sua saude, comparecendo á sessão. — Ouviu-me a santa irman com a cabeça baixa e, suspirando, respondeu-me. — Conheço, bem meu tio. Nestas coisas um pedido meu nada vale: talvês seja até pior. — O Senhor é amigo dele, mas creio que não conseguirá demovê-lo. Vou procurar um caminho melhor... Como se calasse ela, perguntei: — Que caminho é esse? Algum amigo? — Estavamos no jardim da frente do colégio da Imaculada Conceição, na Praia de Botafogo. Apontou-me a Capela e disse: — Sim, grande amigo. — No dia seguinte compareceu ao Tribunal Macedo Soares. Foi acolhido com alvoroço pelos contrarios aos beneditinos e com pesar pelos que por eles se interessavam. — Oh! Muito bem!... disseram aqueles. — Veiu, fazendo um sacrificio. Isso é que é de um magistrado patriota. Seu voto vai decidir o pleito. *A favor dos frades...* disse ele com firmeza. Imagine-se o pasmo do Lucio e dos outros! Que! O Grão Mestre da Maçonaria votando a favor de frades estrangeiros? — disse alguem. Sim. A favor — disse Macedo Soares que pouco tempo antes tinha escrito terriveis artigos anti-catolicos. — *Aqui não sou maçon!* Sou juiz. O direito sufraga os frades. Voto pelo direito. Apenas soube

desse belo gesto do integro magistrado, corri ao Colégio. Irman Catharina, seu tio foi a sessão! Ela deixou pender a cabeça suspirando. E votou... *a favor dos frades!* A santa irman levantou o rosto radiante de contentamento e disse apenas isso: Ah! Nosso Senhor fez mais do que eu pedi..." — F. S."

1 — 2:—D. Zeni de Macedo Soares de Azevedo, n., em Maricá, 18-7-1872, casou-se á 8-2-1896 com João Baptista de Azevedo, natural da provincia do Ceará, conferente da Alfandega de Santos; filhos:

2 — 1:—Lucinda de Macedo Soares Azevedo, n., 30-1-1897, solteira;

2 — 2:—Edith de Azevedo Aulicino, n., 24-5-1899, casada em 10-4-1920 com Miguel Aulicino, industrial, residente na Cidade de Santos, Estado de S. Paulo; filhos:

3 — 1:—José Aulicino, n., 9-4-1921, comerciario,

3 — 2:—Antonio Alberto, n., 27-8-1922, comerciario,

3 — 3:—Roberto, n., 14-12-1923; faleceu á 4-2-1932,

3 — 4:—Lucia, n., 4-1-1926, professora,

3 — 5:—Paulo, n., 12-10-1927, estudante,

3 — 6:—Miguel, n., 28-7-1929, estudante,

3 — 7:—Gilza, n., 4-12-1931, estudante,

3 — 8:—Lygia, n., 28-5-1934, estudante,

3 — 9:—Luiz Roberto, n., 19-3-1936,

3 — 10:—Fernando Sergio, n., 19-7-1941,

3 — 11:—Maria Edith, n., 19-9-1943.

2 — 3:—Olga, 20-3-1901; faleceu á 22-4-1901.

2 — 4:—Dr. Fabio Azevedo, n., 6-6-1902 medico, casou-se a 28-10-1936 com D. Ilka Ribeiro Gomes; Filhos:

3 — 1:—Maria Cristina, n., 21-11-1937,

3 — 2:—João Paulo, n., 13-5-1944,

2 — 5:—José, n., 26-5-1903; faleceu á 31-12-1903;

2 — 6:—Maria Celina, n., 9-2-1906, solteira.

2 — 7:—Dr. Claudio Azevedo, n., 12-8-1908, cirurgião dentista, com consultorio na C. F., casado com D. Elza Fernandes; filho:

3 — 1:—Claudio José, n., 20-7-1943.

2 — 8:—Maria Zeni, n., 16-4-1910; faleceu á 4-11-1918.

2 — 9:—Helena, n., 13-6-1912; casou-se á 27-11-1935 com Atabalipa Castro, fiel de tesoureiro da Alfandega de Santos; filhos:

3 — 1:—Marisa, n., 2-9-1937,

3 — 2:—Gilberta, n., 8-8-1943.

2 — 10:—Delia, n., 16-8-1914, solteira.

1 — 3:—Hermann de Macedo Soares Dias Menezes, n., em Niterói, 20-11-1873, antigo funcionário bancário, procurador do Banco Comercial do Estado de S. Paulo, casou-se á 4-5-1901 com D. Cacilda Leão, natural de S. João da Boa Vista, Estado de S. Paulo, n. á 27-12-1881, filha de Firmino Leão de Moura e D. Julia Bressane de Almeida Leão, esta de origem mineira, aquele de S. Paulo. Hermann faleceu á 19-4-1945. Filhos:

2 — 1:—Antonio Hermann Dias Menezes, n., em Santos, 25-6-1902; cursou a Escola Agricola Pereira de Queiroz, em Piracicaba. Dirigiu, durante alguns anos o "Correio Paulistano" e as radios "Tupi" e "Cultura", atualmente diretor das Emissoras Unidas de S. Paulo. Tomou parte ativa nas revoluções paulistas de 1924 e 1932 e foi levado ao exilio em companhia dos coroneis Palimercio de Resende e Euclydes de Figueiredo. Casado á 25-2-1927

com D. Carmem Almeida Prado Dias Menezes, n., em Rio Claro, S. P., 21-9-1908, filha de Eduardo de Almeida Prado e D. Alice Negreiros de Almeida Prado. Filhos:

3 — 1:—Maria Helena, n., 20-3-1928, em São Paulo,

3 — 2:—Paulo Antonio, n., em Sorocaba, 2-6-1929.

2 — 2:—Judith Dias Menezes, n., Juiz de Fora, Minas, 20-7-1905; falecida, 1906.

2 — 3:—Cyro Dias Menezes, n., em S. P., 23-12-1907, falecido á 22-6-1930.

2 — 4:—José Dias Menezes, n., em S. P., 18-4-1909: falecido, 9-5-1936.

2 — 5:—Maria de Lourdes Dias Menezes, n., em S. Salvador, Estado da Bahia, 11-3-1911. Curso ginasial, funcionaria do Banco Comercio e Industria de S. Paulo, 1931 á 1935; secretaria da diretoria; em fins de março de 1935 passou a I.A.P.C., Delegacia de S. Paulo, e em 1939, secretaria do Delegado. Em 1-3-1944 transferida para o Distrito Federal passou a exercer as funções de auxiliar do presidente do mesmo Instituto; atualmente, as funções de secretaria do engenheiro chefe da Fundação da Casa Popular.

2 — 6:—Celia Dias Menezes, n., em S. P., 26-8-1912; faleceu á 20-11-1912.

2 — 7:—Joaquim Mariano Dias Menezes, n., S. P., 19-2-1914. Curso ginasial, de aviador civil: é paraquedista da 1ª turma brasileira. Chefe da secção de Publicidade da Panair em S. P., e redator dos "Os Diarios Associados na parte — A aviação — e como representante dessa empreza visitou a Inglaterra e os Estados Unidos da America, a convite dos respectivos governos. Casado com D. Odila Azevedo Dias Menezes, n., em Casa Branca, 24-6-1921, chefe da secção de Arrecadação do I. A. P. I., em S. P., filha de Antonio

José de Azevedo, e de D. Elvira Ferraz de Azevedo. Filhos:

3 — 1:—Fernanda, n., S. P., 9-8-1942.

3 — 2:—Marcelo, n., S. P. 23-4-1946.

2 — 8:—José Eduardo Dias Menezes, n., S. P., 7-12-1915. Curso ginasial. E funcionario do I. A. P. C., em S. P., agência de Santos.

2 — 9:—José Carlos Dias Menezes, n., S. P., 17-10-1917; faleceu 27-11-1917.

2 — 10:—Edith Dias Menezes de Azevedo, n., Piracicaba, 18-3-1919; curso ginasial e normal. Fundou o Externato "Irmã Catarina" em 4-7-1938, com 4 alunos, alcançando atualmente, 190 alunos. Os seus alunos são, em regra, classificados em 1.º lugar nos exames de admissão aos cursos superiores; professora particular de português, francês e inglês. Ao seu Externato acresce a Escola de Bailados. Casou-se com Rubens José de Azevedo, n., 1-9-1915, em Casa Branca, filho de Antonio José de Azevedo e D. Elvira Ferraz de Azevedo. Tem os cursos de ginasio, normal e sociologia e Politica. Funcionario no I. E. P. A. I., em S. P., onde exerce as funcões de chefe de secção de cadastro industrial.

2 — 11:—Mathilde Dias Menezes, n., S. P., 4-1-1920; faleceu á 6-9-1924.

2 — 12:—Thereza Dias Menezes, n., em Taquaritinga, 22-9-1923. Curso ginasial e cientifico no Liceu Rio Branco; de ciencias naturais pela escola de Filosofia e atualmente aluna da escola de quimica industrial no Liceu Eduardo Prado, S. Paulo.

2 — 13:—Luiz Alberto Dias Menezes, n., Rio Claro, 1-12-1925. Estudante do curso de quimica industrial do Liceu Eduardo Prado; funcionario da Companhia de Seguros S. Paulo.

CAPITULO XXXII

Descendencia de Dr. José Eduardo de Macedo Soares e D. Candida Sodré de Macedo Soares

1 — 1:—Eponina de Macedo Soares Affonseca, n., em Cordeiros, municipio de S. Gonçalo, provincia do Rio de Janeiro — 18-8-1877. Casou-se — 18-11-1899 com Carlos Affonseca, n., 12-6-1870, fazendeiro e jornalista, filho de Carlos Luiz de Affonseca, e D. Maria do Carmo Cockrane Sá de Affonseca; filhos:

2 — 1:—Maria do Carmo, n., 15-2-1901, em Santos, S. Paulo; casou-se 19-3-1921, com Antonio Rogé Ferreira, n., 10-5-1897, funcionario da Diretoria de Rendas de S. Paulo, filho de Antonio J. Ferreira Junior, e D. Emilia Rogé Ferreira; filhos:

3 — 1:—José Antonio Rogé Ferreira, n., 10-1-1922, academico de direito, funcionario do I. A. P. C.; casou-se 14-3-1944 com D. Helena Maria Dal Medico, n., 1-7-1923, S. Paulo, filha de Rafael Dal Medico, e D. Esther Dal Medico; filho:

4 — 1:—José Antonio Rogé Ferreira Junior, n., 19-12-1944;

3 — 2:—Luiz Fernando Rogé Ferreira, n., 11-1-1923, funcionario do I. A. P. C.; casou-se 30-6-1945, com D. Ignês Cintra, n., 16-11-1926, filha de Francisco Antunes Cintra, e D. Odette Passos Cintra; filha:

4 — 1:—Maria Ignês Cintra Rogé Ferreira, n., 4-4-1946;

3 — 3:—Gilberto Affonseca Rogé Ferreira, n., 24-10-1935.

2 — 2:—José Carlos de Macedo Soares Affonseca, n., 12-8-1902, bacharel em direito, advogado, casou-se, 20-1-1925 com D. Gilda de Azevedo

Sodré, n., 20-3-1905, filha de Manoel Ribeiro de Azevedo Sodré, e D. Maria Candida Mendonça de Azevedo Sodré; filhas:

3 — 1:—Gilda Maria, n., 30-11-1926, casada, 16-10-1946, com o Dr. Benjamim Augusto Pereira de Queiroz, bacharel em direito, funcionario do I.P.A.S.E., departamento juridico, filho de Paulo Colombo Pereira de Queiroz.

3 — 2:—Regina Maria, n., 28-10-1928, solteira.

3 — 3:—Léa Maria, n., 7-3-1931, solteira.

3 — 4:—Sonia Maria, n., 21-2-1941.

2 — 3:—José Armando de Macedo Soares Affonseca, n., 9-11-1908, bacharel em direito, advogado, deputado federal pelo Estado de São Paulo, na Constituinte de 1946. Delegado do Brasil á Conferencia Internacional do Comercio e Industria, Genebra, 1947. Casou-se — 31-5-1938 com D. Leda Fiorini, n., 17-12-1921, filha de Mello Fiorini, e D. Deonira Fiorini.

2 — 4:—Maria de Lourdes, n., 3-8-1909; faleceu, 14-11-1911;

2 — 5:—José Humberto de Macedo Soares Affonseca, n., 17-2-1914; funcionario da Companhia Siderurgica Nacional. Casou-se, 16-9-1941 com D. Stella Maria, n., 16-7-1922, filha do Dr. Antonio Sobral Netto, e D. Isabel Rinaldi Sobral. Filha:

3 — 1:—Vera Maria, n., 16-6-1942;

2 — 6:—José Candido Macedo Soares Affonseca, n., 9-3-1917, industrial; casou-se, 24-10-1942, com D. Lorenzina D'Angelo, n., 2-10-1923, filha de José D'Angelo, e D. Theolinda Lamano D'Angelo; filhos:

3 — 1:—Carlos Affonseca Netto, n., 5-8-1943;

3 — 2:—José Armando Affonseca Sobrinho, n., 2-8-1945;

1 — 2:—José Paulo de Macedo Soares, n., 24-1-1879, em Cordeiros, municipio de São Gonçalo, provincia do Rio de Janeiro, cirurgião dentista, professor da Faculdade de Odontologia de S. Paulo; alto funcionario da C. N. M. F. Casou-se, 7-2-1901 com D. Ernestina Leão, n., 19-8-1885, filha de Firmino Leão de Moura, e de D. Julia Bressane de Almeida Leão; filha:

2 — 1:—Estella, n., 19-12-1901; faleceu, 19-1-1904.

1 — 3:—Eunyce de Macedo Soares de Souza Campos, n., no local acima, 28-1-1881. Casou-se á 4-7-1903, com o Dr. Antonio de Souza Campos Junior, estudante que foi dos mais distintos do afamado Colegio Paula Freitas, Rio; engenheiro civil e fazendeiro, n., 17-10-1877, filho do Dr. Antonio de Souza Campos, medico, republicano historico, um dos signatários do manifesto republicano de 1870, e de D. Candida Rosa de Bittencourt de Souza Campos, falecida em S. Paulo á 6-4-1932, na avançada idade de 89 anos; neto paterno de Pedro José de Souza Pimentel, e de D. Escholastica de Ferraz Campos; e materno de Candido José Velho Bittencourt, e de D. Rosa Candida Bittencourt. O Dr. Antonio de Souza Campos Junior, faleceu em S. Paulo em 1945, deixando os seguintes irmãos: D. Escolastica de Souza Campos Ferraz, casada com Francisco Dantas Ferraz, falecida á 31-12-1946; Pedro de Souza Campos, tambem falecido, casado que foi com D. Edith **Novais de Souza Campos; Dr. Candido de Souza Campos, viuvo de D. Zuleika Malta de Campos; professor Dr. Ernesto de Souza Campos, preclaro ministro de Educação** e Saude no governo do general Eurico Gaspar Dutra, casado com D. Celestina Brito de Souza Campos, e D. Elisa de Souza Campos Dias de Toledo, casada com Manuel Dias de Toledo. Filhos:

2 — 1:—Jandira, n., 29-5-1904; casou-se, 30-5-1923 com o Dr. Levy de Azevedo Sodré, medico, filho de Manuel Ribeiro de Azevedo Sodré, e D. Maria Candida Mendonça Sodré; filhos:

3 — 1:—José Carlos Eduardo, n., 16-5-1925; faleceu, 21-7-1926;

3 — 2:—Manuel Ribeiro de Azevedo Sodré Netto, n., 16-7-1926, estudante, solteiro. ,

3 — 3:—Maria Eunyce, n., 14-6-1927; faleceu, 30-10-1928.

3 — 4:—Levy de Azevedo Sodré Filho, n., 21-2-1931, estudante, solteiro.

3 — 5:—Antonio Augusto de Azevedo Sodré, n., 16-6-1932, estudante.

2 — 2:—José Antonio de Souza Campos, n., 30-6-1906, funcionario da I. A. P. C. Casou-se, 29-9-1933 com D. Sylvia Barbosa, n., 16-6-1914, filha do Dr. Jayme Villares Barbosa, engenheiro, e D. Celina Meyer Barbosa. Filhos:

3 — 1:—Antonio de Souza Campos Netto, n., 5-2-1935, estudante.

3 — 2:—Luiz Antonio de Souza Campos, n., 11-6-1946.

2 — 3:—José Eduardo de Souza Campos, n., 29-10-1908, funcionario da Comp. Seguros S. Paulo; casou-se 19-9-1935 com D. Maria do Carmo Villaça, n., 5-6-1915, filha do Dr. Joaquim Pedro Meyer Villaça, advogado, e D. Zelinda Barros Villaça; filhos:

3 — 1:—Joaquim Pedro, n., 5-9-1936;

3 — 2:—José Eduardo, n., 13-7-1941;

3 — 3:—Fernando Antonio, n., 9-4-1946.

2 — 4:—José Fernando de Souza Campos, n., 29-5-1912, bacharel em direito, advogado. Casou-se, 16-4-1940 com D. Maria Luiza Salles Teixeira, falecida, 24-6-1943; filho:

3 — 1:—José Fernando de Souza Campos Filho, n., 23-6-1943.

2 — 5:—Candida Eunyce, n., 23-8-1913; faleceu, 27-8-1913.

1 — 4:—José Eduardo de Macedo Soares, n., 4-9-1882, na freguezia de Cordeiros, municipio de S. Gonçalo, provincia do Rio de Janeiro. Curso de humanidades com real brilhantismo. No gôso de suas férias junto a seu dileto irmão Dr. José Eduardo, em S. Paulo, o Conselheiro Macedo Soares em carta intima a sua esposa, escreve: "O Eduardinho veiu do Rio fazer exame de historia natural. Fê-lo hontem, tirou distinção e voltou pelo nocturno. Como Cesar nas Gallias, — "veiu, viu e venceu". E' um turuna o Eduardinho!". — Matriculando-se na Escola Naval saiu-se bem, ganhando os galões de guardamarinha, e, após a viajem de instrução, os de 2.º tenente. Comandando a divisão branca, rumo aos Estados Unidos, o Almirante Duarte Huet Barcellar Pinto Guedes levou o tenente José Eduardo como seu ajudante de ordens. Por algum tempo exerceu essa comissão, e, já 1.º tenente, quando, na Inglaterra, se não poude refreiar na sua inclinação de servir a patria num ambiente aberto, — a politica, o jornalismo.. — Deu a sua demissão do serviço da armada. — Regressa ao Rio de Janeiro, funda o "O Imparcial", jornal moderno, com feição do dos melhores da Europa e da America; suplemento aos domingos, rico de colaboração ornada de ilustrações interessantissimas. Iniciou, então, a esteriotipia, na imprensa. Jornal de combate, franco, leal, alcançou a liderança nos meios jornalisticos. Entre seus colaboradores, Rui Barbosa faz

a campanha civilista. E' o jornalista, Macedo Soares desde logo, considerado, no 1º plano. — De Fernando Azevedo, no seu opulento 1.º volume de "A Cultura Brasileira", ed. 1944, pg. 415 nt.". "Não caberia certamente nos limites de uma obra de sintese a citação de todas as figuras que se destacaram, sob alguns aspéctos, no jornalismo do periodo republicano... Entre os grandes jornalistas — "de profissão" —, não seria possivel esquecer os nomes ilustres de Quintino Bocayuva, de "O Pais", Alcindo Guanabara, José Carlos Rodrigues, Edmundo Bittencourt, Eduardo Salamonde, João Lage, Julio de Mesquita, e, mais recentemente José Eduardo de Macedo Soares, fundador e diretor de "O Imparcial"... Costa Rego e Assis Chateaubriand...". — Em 1916 ingressou na Camara de Deputados como representante do seu Estado natal. — Pela atitude de desassombro, independente na sua profissão, sofreu o jornalista Macedo Soares perseguições de toda a ordem. Já em 1915 havia sido encarcerado, como preso politico, no Quartel dos Barbonos. Em 1922 homisiou-se na Legação Argentina. Em 1924 preso em Maricá, metido numa ilha, logrou a fuga. — Em 1927 funda o "O Diário Carioca", o popular, em verdade, o jornal dos Cariocas. — Em 1930, novamente preso, por delito de imprensa, é, recolhido ao Quartel de cavalaria de policia, á rua Frei Caneca. Autentico revolucionario pela liberdade, foi um dos lideres do movimento de 1930. Politico de larga influencia no Estado do Rio foi eleito Senador na Constituinte de 1934. — Desencantado com o governo Vargas, vemô-lo de novo na estacada, auscultando, aconselhando, articulando o movimento de 29 de outubro, tendo, por lema, a liberdade da imprensa, e por escôpo, a restauração da vida democratica do paiz. Nesse momento histórico a intervenção do jornalista Macedo Soares foi preponderante, decisiva. — A historia dirá do alto sentido civico desta revolução sem sangue que culminou na entrega do governo sob a egide do poder civil na pessôa do Presidente do Supremo Tribunal Federal. — Vem as eleições de 2 de dezembro, de fáto, livres e honestas, dotando o país com a Assembléia que soube organisar e proteger o regime de liberdades e garantias legais instituido na Constituição de 18 de Setembro de 1946. — E na estacada, repetimos, aquela vós do bom senso, na coluna mestra do "O Diário Carioca", franca, experiente, vai traçando o caminho que tanto almejam os bons brasileiros, oferecendo ao presidente da Republica a colaboração dos partidos, ou, pelo menos, de suas figuras mais representativas no cenario politico nacional. — E acaba de o obter com o mais completo êxito. — José Eduardo de Macedo Soares casou-se á 2-12-1908 com D. Adelia de Carvalho Costallat, filha do Marechal Dr. José Alipio de Macedo da Fontoura Costallat, antigo professor da Escola Militar e mais tarde diretor do Colegio Militar, e de D. Maria Elvira Torres de Carvalho; neta paterna de João Baptista Augusto Costallat, natural de Limonges, França, e de D. Maria Athanasia Macedo da Fontoura, natural de Rio Pardo, provincia do Rio Grande do Sul; (1) e materna de José Dias Delgado de Carvalho, major ajudante de ordens do Comando Superior da Guarda Nacional de Araruama, Saquarema e Cabo Frio, negociante matriculado na praça do Rio de Janeiro, e, por ultimo, Diretor da Companhia Carris de S. Christovam; recebeu, mais tarde, as honras de General do Exercito, e de D. Maria Carlota Rodrigues Torres de Carvalho, filha dos viscondes de Itaborahy; filhos:

(1) Vj. apendice — Carta do Sr. Jorge G. Felizardo, apontamentos sobre os Costallat.

2 1 :—Maria Carlota de Macedo Soares, n., Paris, França, 16-3-1910; solteira;

2 — 2:Maria Elvira de Macedo Soares, n., Paris, 2-11-1911. Na revolução constitucionalista de São Paulo, 1932, Maria Elvira seguiu alistada enfermeira, e, nos embates da gloriosa luta, conheceu o Dr. Antonio M. de Paula Leite, que, então, comandava, como tenente, uma companhia; os mesmos ideais os aproximaram e veiu a nossa bonissima enfermeira a se casar a 9-12-1933, com o filho de Ataliba Paula Leite de Barros e de D. Maria Julia de Carvalho Barros; neto paterno do Alferes Ignacio de Paula Leite de Barros, e de sua segunda mulher D. Anna Gertrudes de Barros Leite; e pelo lado materno de Pedro Alexandrino de Carvalho, e de D. Amelia Micheli de Carvalho, todos residentes em Jaú, São Paulo; (1); filhos:

3 — 1:—José Eduardo, falecido em tenra edade;

3 — 2:—Antonio Eduardo de Macedo Soares de Paula Leite, n., 15-3-1938.

Falecendo o Dr. Antonio Micheli de Paula Leite em S. Paulo, á 6-12-1938, passou D. Maria Elvira a segundas nupcias com o Dr. Flavio Amilcar Regis do Nascimento, engenheiro civil e construtor, chefe da firma Regis & Agostini, estabelecida na praça do Rio de Janeiro, filho do Coronel de artilharia Flavio Queiroz do Nascimento, e de D. Olga Regis do Nascimento; neto paterno de João Gonçalves do Nascimento, farmaceutico estabelecido á rua da Quitanda, muito popular, caridoso para com os sofredores, e de D. Joanna Queiroz de Nascimento, naturais do Distrito Federal; e materno de Alexandre Justino Regis e de D. Luiza Lebon Regis, naturais do Estado de Santa Catharina. O

(1) Sobre a ascendencia do Dr. Paula Leite, v. Frederico de Barros Brotero, descendentes do Ouvidor Lourenço de Almeida Prado, S. Paulo, 1938, pg. 372-8.

Sr. João Gonçalves do Nascimento, filho de José Gonçalves do Nascimento e de D. Joaquina Freire de Andrade, dos Sá Freire, de Guaratiba (2). D. Luiza Lebon, filha de Gustavo Lebon, de origem belga e de D. Camille Eugenie Lebon. Filho:

3 — 3:—Flavio Eduardo de Macedo Soares Regis do Nascimento, n. D. F., 25-8-1942

1 — 5:—José Carlos de Macedo Soares, n., 6-10-1883, na capital do Estado de São Paulo, á rua da Princeza, hoje rua Benjamin Constant. Curso primario na Escola Modelo Caetano de Campos e o de humanidades no Ginásio daquela capital; com o diploma de bacharel em Ciências e Letras, em 1901, recebeu o premio — "Dr. Augusto Freire da Silva". — Matriculando-se na legendaria Faculdade de Direito de São Paulo, destacou-se dentre os mais nobres academicos, tanto que Presidente do Centro Academico XI de Agosto, recebeu depois o titulo de Presidente Honorario, quando, em 1905, colou gráu de Bacharel em Ciências Juridicas e Sociais. — Diplomado, foi Professor de Economia Politica e Finanças no Curso Superior da Escola do Comercio Alvares Penteado, S. Paulo, e Diretor do Ginásio Macedo Soares. — Em 15 de dezembro de 1910 casou-se com D. Mathilde Melchert da Fonseca, n., em S. Paulo, á 1-8-1893, filha do Dr. José Manuel da Fonseca Junior., n., em Itú, 16-6-1858, bacharel em Direito, advogado e capitalista, falecido em 1907, e de D. Escholastica de Aguiar Melchert, veneranda senhora, inteligente e culta, sempre atenciosa; vive, de boa saude, em companhia de sua distinta filha e genro; neta paterna de José Manuel da Fonseca Leite e de D. Thereza de Almeida Prado; pelo lado materno de Adolpho Julio de Aguiar Melchert e de D. Escholastica Joaquina de Cam-

(2) Vj. suplemento — Carta do Conselheiro Macedo Soares ao Dr. Luiz Mario de Sá Freire

pos Melchert (1). — Em verdade dificil um estudo biografico, mesmo esboço, do Dr. José Carlos de Macedo Soares. — Varios escritores se tem dado a esse trabalho. — O Dr. Silveira de Menezes, apresenta-nos interessante — "*Retrato Psychologico do Ministro Macedo Soares*, 1936", com a seguinte advertencia: — "E' bem difficil plasmar-se em poucas linhas ou mesmo num pequeno volume a personalidade de um homem que pelas suas multiplas qualidades, como o Ministro José Carlos de Macedo Soares, tem escalado os mais ingremes labirynthos da vida publica..." — Por isso mesmo preferimos indicar ao leitor, entre outros estudos, o referido acima, que reputamos, conscienciosо, exato; o almanaque do Pessoal do Ministerio das Relações Exteriores — 1935, pg. 194; o discurso do ilustre escritor João Luso, pronunciado á 22 de Julho de 1937, no Gabinete Português de Leitura, na homenagem prestada pela Federação das Associações Portuguezes ao Snr. Dr. J. C. de Macedo Soares, Ministro da Justiça, e que constou da entrega de um retrato á oleo, presentes o Sr. Embaixador Martinho Nobre de Mello, S. Excia. o Sr. Cardeal D. Sebastião Leme, Felinto de Almeida, representando a Academia de Letras Conde Dias Garcia e muitas outras pessoas gradas. (Jornal do Commercio, 23-7-937); Luiz Autuori, *Os Quarenta Imortais*, 1945, pgs. 145-150; Contemporaneos Inter-Americanos, ed. enciclopedica, 1945, pgs. 587-9; Dicionario Universal de Literatura, de H. Perdigão, Porto, 1940, pg. 719; Bio-bibliografia do socio do Instituto Historico — Macedo Soares (José Carlos) pela ilustrada educadora D. Maria Carolina Max Fleuiss, *Rev. do Instituto*, vol. 181, Out. á Dez. — 1943 — pgs. 175-83 — Fernando Azevedo, "*A Cultura Brasileira*", 1944, pgs. 422; Ponte Inter-Americana, ed. enciclopédica contemporanea inter-americana LTDA., 1947 Dotado de uma atividade fisica, ou por outra, de uma capacidade de trabalho fóra do comum, milagrosa, no dizer de João Luso, o Dr. José Carlos desde moço, como vimos, passou a dedicar-se exclusivamente a seu Estado. — Duma vês que fui á sua cidade natal, observa João Luso, era o Sr. José Carlos de Macedo Soares Presidente do Banco de S. Paulo e da Companhia de Seguros S. Paulo; fazia parte ativa e influente da diretoria de mais oito ou dez emprezas, comanditava fabricas e fazendas; dedicava-se, em cargos dos mais exigentes, á Santa Casa de Misericordia e ao Hospital dos Lazaros; e as varias mesas da sua sala de trabalho na Companhia de Seguros estavam cobertas de plantas, projetos, calculos, orçamentos, para obras e serviços urbanos de que ele ia dotar Campos do Jordão. — Foi o que inspirou a frase de admiração e aféto do inclito Arcebispo D. Duarte Leopoldo: Este José Carlos, que homem! Nos seus vagares constrói uma cidade! — Todas as instituições paulistanas de caridade lhe devem auxilios avultados e em qualquer delas que visitemos encontraremos o seu retrato entre os benemeritos de alta categoria. Concorreu em medida dilatadissima, com a sua influência e a sua fortuna, para esse augusto, imperecivel monumento de fé cristã que há de ser a Catedral de S. Paulo. E durante a revolução de 1924, quando a cidade suberba e intransijente na sua força, esteve cercada, isolada do mundo; quando a segurança dentro dos seus muros se tornava de momento a momento mais precaria; quando o desengano das massas populares se avizinhava e com ela uma possivel revolta contra a revolta; quando o flagelo da fome já se alastrava pelos bairros pobres e não tardaria a

(1) Sobre a ascendencia de D. Matilde M. da Fonseca, consulte-se: — Frederico de Barros Brotéro — Descendentes do Ouvidor Lourenço de Almeida Prado, S. P., 1938, pg. 85 á 100.

dominar a cidade, um homem surgiu, um mediador, um salvador que assegurou a ordem, evitou a miseria, conjurou a catastrofe já considerada inevitavel. Esse homem, não há no Brasil quem o não saiba: foi José Carlos de Macedo Soares". — Era, então, o Dr. José Carlos, Presidente da Associação Comercial. E por ter cuidado dos interesses do povo paulista foi preso e exilado por cerca de 4 anos no estrangeiro. — Em 1930 fez parte do primeiro governo provisório de S. Paulo, ocupando a Secretaria do Interior. — Em 1931 nomeado embaixador do Brasil na Belgica, demitiu-se. — Em 1932 seguiu para Genebra como Chefe da Delegação do Brasil á conferencia do Desarmamento e á 16.ª Conferencia Internacional do Trabalho, representante do Brasil no "Bureau" de administração do B. I. T. Sobre a atuação do nosso embaixador depõe o Ministro Wilson, Chefe da Delegação Norte Americana, falando por ordem do Secretário de Estado, Sr. Stimpson: "lembro-me que na conferencia do desarmamento em Genebra, o Presidente Hoover fez comunciar ao Chefe da Delegação Brasileira que se todos os outros demais representantes tivessem levado, ao certame de 1932, o mesmo espirito e a mesma sinceridade emprestados aos trabalhos pelo Sr. José Carlos de Macedo Soares, o desarmamento teria sido possivel". — Em 1932 o Dr. José Carlos ainda desempenhou-se da missão de Embaixador junto ao Governo da Italia. — De 1933-1934 exerceu o mandato de deputado á Assembléia Constituinte. — Em 1934, julho, foi nomeado ministro das Relações Exteriores. — Em 1935, por ocasião da visita do presidente Vargas á Buenos Aires, deixou-se ficar na Capital Argentina, e, graças, sobretudo, á sua atuação habil e energica, acentua Maria Carolina Fleuiss, foi o maior fator para a terminação da guerra entre a Bolivia e o Paraguai, re-

cebendo de volta ao Brasil uma verdadeira consagração, ficando cognominado o "Chanceller da Paz", titulo, aliás, dado ao Ministro Macedo Soares pelo matutino "La Prensa" de Buenos Aires, no dia em que o nosso eminente embaixador regressou pelo cruzador "5 de Maio" destacado para conduzi-lo ao Brasil, por deferencia do Governo Argentino. Como testemunho apresentamos uma afirmação de Cordell Hull. Num banquete em Washington, o ilustre Secretário de Estado declarou: "para salvar a Conferencia de Buenos Aires, cujas primeiras reuniões, que foram aliás as definitivas, dependeram unica e exclusivamente, como aqui muita gente sabe, do espirito coordenador, do despreendimento e da abnegação do sr. Macedo Soares". (Vj. "Jornal do Commercio", 17-2-1937). — E para confirmalo transcrevemos a carta que, ainda, na qualidade de Chefe da Delegação dos Estados Unidos da América á Conferencia Inter-Americana para a Consolidação da Paz, enviou ao nosso Ministro das Relações Exteriores e Chefe da Delegação Brasileira a mesma Conferencia: — "Prezado Dr. Macedo Soares. Agora que a delegação do Brasil, tão competentemente chefiada por V. Ex., está prestes a deixar Buenos Aires, desejo, em nome dos membros da delegação dos Estados Unidos e no meu próprio, expressar a seus auxiliares e a V. Ex. a nossa sincera admiração e todo o nosso orgulho pelo esplendido serviço que prestaram á causa da paz, na Conferencia realizada nesta capital. O trabalho consciencioso, capaz e eficiente dos ilustres representantes do seu paiz tem sido evidente e considero alto e honroso privilegio para mim ter tido oportunidade de associar-me com os mesmos e com V. Ex., em nossos comuns esforços pela paz. Sinceramente, etc. (a) Cordell Hull. (Vj. "Diário Carioca", 27-12-1936). — Vem de molde,

encerrando esse brilhante episodio da nossa diplomacia, resaltar passagem de comovedora beleza, gesto sublime, o da senhora Mathilde de Macedo Soares, emquanto o grande oficio religioso celebrativo da paz, que fizéra se abraçassem as esposas dos chanceleres boliviano e paraguaio. Eis a narrativa num telegrama: — Buenos Aires, 15 (Do enviado especial d'A Noite). — Todos os jornais relataram com extrema simpatia o episodio verificado na Catedral onde as esposas dos chanceleres boliviano e paraguaio se abraçaram, por delicada lembrança da ilustre consorte do ministro do Exterior do Brasil, Sra. Mathilde Macedo Soares. Tal tem sido a repercussão desse gesto de tão formoso sentimento, que procuramos falar a respeito á Sra. Macedo Soares, que nos recebeu com inexcetivel gentileza, não ocultando a surpreza que lhe causára tanta repercussão de uma conduta que assumira tão expontaneamente. — Referiu-nos que, no templo, ficára casualmente próximo da Sra. Riart, que chegára de Assunção e a quem não conhecia ainda. Dirigiu-se-lhe., então, mostrando-se aquela dama comovidissima com o esplendor da cerimonia, á qual estavam presentes representantes de todas as classes sociais, e oficiando o Arcebispo de Buenos Aires. — A essa manifestação, replicára dizendo a Sra. Riart que a ela mais empolgava o espirito pensar que a celebração da paz transformára aquela missa, que devera ser votiva, em missa de ação de graças. A esposa do ministro paraguaio referira-lhe, então, que tinha três filhos na frente da batalha, sendo que um deles fôra ferido no reencontro de Boqueron. e que até o momento sofria as consequencias do ferimento. Logo depois aproximára-se a Sra. Elio. esposa do Ministro das Relações Exteriores da Bolivia, a quem conhecia e a quem muito estima. Percebera na fisionomia de

ambas o mesmo sentimento de jubilo. Comovera-se e apresentára-as, levada por um impulso de coração, e sentindo que no abraço daquelas damas estaria simbolizado o abraço fraternal de todas as mulheres paraguais e bolivianas, sacrificadas em suas mais caras afeições pelo dano da guerra. Sua atitude fôra absolutamente expontanea, e todas as mães compreenderão a simplicidade desse gesto. A publicidade do episodio surpreendera-a por isso. Entretanto, se repercutira e se a demonstração fraternal das ilustres damas impressionára o sentimento publico, que ela valesse por estimulo á confraternisação sem reservas das mulheres dos dois paizes. Na mesma ocasião demos á Sra. Macedo Soares noticia de que o presidente Justo indultára, a seu pedido, algumas sentenciadas, o que lhe deu grande satisfação. Sabe-se. ademais, que há quatro anos não se verificava um só caso de indulto no paiz, e isto encarece o gesto de gentileza e de bondade do chefe do governo argentino". — ("A Noite", 15-6-1935). — Em 1936 voltou á Argentina chefiando a Delegação do Brasil na Conferencia Roosevelt para a Consolidação da Paz. — Em 1936 visitou oficialmente o Chile, onde foi recebido com honras de Chefe de Estado, e, em seguida visitou a Republica do Uruguai. — No dia 19 de janeiro de 1937, ainda em Buenos Aires, exonerou-se do cargo de Ministro das Relações Exteriores. — Em janeiro de 1937 seguiu para os Estados Unidos da America como representante do Brasil na posse do 2.º mandato do Presidente Roosevelt, sendo recebido com honras de Chefe de Estado, presentes na estação, os Srs. Cordell Hull e Summer Welles, secretario e subsecretario de Estado, e altas patentes do Exercito e da Marinha, pertencentes á Casa Militar do Presidente da Republica. No grande banquete, que foi oferecido ao

nosso Embaixador no Waldorf Astoria Hotel, e a que compareceram o Sub-secretario de Estado, Embaixadores e Ministros Extrangeiros, coube o logar de honra ao sr. José Carlos de Macedo Soares que ficou ladeado pela Senhora Henry Goddard Leach, Presidente do "Peoples Mandate" e a Senhora James Roosevelt, a veneranda progenitora do Presidente da Republica. — De uma correspondencia de New York, fevereiro de 1937, *in Jornal do Commercio*, Rio, 17 fevereiro de 1937, sob o titulo — "O CONCEITO HUMANO DA PAZ AMERICANA e sub-titulos: — O presidente Roosevelt abriu em Buenos Aires novos e amplos horizontes á doutrina de Monroe, permitindo que todos os paizes americanos tenham responsabilidade propria na sua realização. — A importancia da viagem do Sr. José Carlos de Macedo Soares aos Estados Unidos, onde o Brasil possue agora uma situação privilegiada. — O christianismo como fonte espiritual da America. — A paz como função da democracia. — Levantando uma ponta do véo de Buenos Aires — Embaixador da Imprensa —, extraimos o seguinte: "O Sr. Hugues Gibson, afirmou, em notavel discurso, que transmitira a comunicação em 1932, e participara, intimamente da Conferencia para a Pacificação do Chaco, e declarara ha dois dias, num grande banquete oferecido no Waldorf Astoria Hotel ao Sr. José Carlos de Macedo Soares que lhe era facil sustentar que poucos homens trabalharam mais pela paz do que o antigo Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Respondeu o Sr. Embaixador Macedo Soares, em aplaudido discurso, que, por proposta de um senador, ficou fazendo parte dos anais por transcrito no "O Diário Oficial" do Congresso Nacional Americano. Uma semana antes, na solenidade da entrega pela Universidade Catolica de Washington do titulo de doutor "*honoris causa*" ao Sr. Macedo Soares, o Sr. Summer Welles, afirmou ter sido o Delegado do Brasil o grande vitorioso na paz do Chaco. E porque viesse de Washington a New York especialmente para falar no banquete das damas de "Peoples Mandate", antes de iniciar seu longo e substancioso discurso sobre a nova politica pan-americana dos Estados Unidos, pronunciou algumas palavras afim de chamar a atenção da assistencia para a presença ali, do Sr. José Carlos de Macedo Soares. Declarou, textualmente, o Sub-Secretario de Estado: — "Não conheço ninguem, no nosso hemisferio, que tenha trabalhado com menos publicidade e mais abnegação e despreendimento em prol da paz, do que o Sr. Macedo Soares". — Quem conhece a psicologia do Sr. Summer Welles, um dos homens mais comedidos nas suas apreciações, póde facilmente avaliar a importancia de sua referencia no banquete do Baltimore Hotel. — Em 3 de junho de 1937 assumiu a pasta da Justiça, — missão de terriveis dificuldades — acentuou o ilustre Ministro, quando de sua posse. Como programa traçou nessas palavras: ... "O Estado moderno, mais do que nunca, concentra-se numa palavra: autoridade. O seu dever precipuo é proteger as liberdades publicas, não mais no sentido ideologico da sociedade méramente politica do começo do seculo passado. As liberdades publicas, que lhe cabe proteger no quadro da civilização atual, dependem dos fenômenos economicos, sociais e politicos. A dificuldade está em ordenar tais fenômenos em vista do interesse geral e do bem comum, protegendo a personalidade humana e seus atributos essenciais contra a tirania dos grupos, das classes ou das categorias, colocando cada um no seu lugar na hierarquia dos seus valores, sempre subordinando ao primado espiritual os interesses e exigencias materiais. O requisito da

boa politica no Estado moderno, é pois: a autoridade. O metodo indeclinavel: a disciplina. Preocupação dominante: a defesa e preservação da personalidade. Finalidade inalteravel :a supremaria espiritual na ordenação da sociedade humana... Por nossa conta, praticarei a politica que Aristoteles aconselhava: "Inteligencia sem paixão"; inteligencia, isto é, a boa vontade de compreender, sem paixão, quer dizer, sem a parcialidade dos interesses pessoais". — E esses principios constituiram sempre norma na sua carreira politiva. — Num discurso que pronunciou para os moços de S. Paulo, ao encerrar as comemorações da fundação dos Cursos Juridicos, agosto de 1937, disse o ministro da Justiça. "...Os mais preciosos instrumentos da mocidade são o espirito de empreendimento e a audacia; a confiança e o entusiasmo; o despreendimento e a generosidade... Mas é preciso que esse decorrer na vida tenha um ideal, servindo Brasil, dignificando cada vez mais a personalidade humana dos brasileiros... E qual é o primeiro requisito da dignidade da personalidade nas sociedades humanas, em que vive? O primeiro de todos no reino do espirito, no da consciencia e do corpo, é, indubitavelmente *a liberdade*... Tudo quanto não seja liberdade, dentro da ordem juridica; tudo o que não assegure ao homem o amparo, a proteção e a defesa da lei, egual para todos, é sofisma da violencia, é pretexto falaz de alguns exaltados e fanaticos, é a mascara da ambição desesperada de poucos individuos com mais imaginação do que sabedoria. Assim, asseguro-vos com a minha dura experiencia, não ha governo, não ha regime, não ha sociedade politica, sem um sistema juridico regulando e dominando. A formula representativa e a temporalidade dos mandatos são o que de melhor se coadunam com um sistema de direito publico. Os poderes discricionarios,

as ditaduras de classes ou de facção, as ideologias que se servem da violencia — redundam na servidão da personalidade humana e se algum dia se impuzessem no Brasil seriam a degradação e vassalagem dos brasileiros... O meio em que se exercitam essas forças do espirito chama-se liberdade juridica. A liberdade condicionada pela lei, guiada pela cultura politica consiste no que se chama civilização, quer dizer o apogêo de forças do espirito dirigindo as nações... O regime que não se inspire na filosofa do Direito, que não se enquadre na força da lei, para assegurar as liberdades politicas, é um cenario de tirania... A vossa formula na vida que começa deve ser rija e sucinta: NENHUM DESPOTISMO!" — De inicio surgiram dificuldades partidarias e administrativas. Os politicos exigiam a intervenção no Rio Grande do Sul. Pugnando pela autonomia dos Estados, não n'a admitiu por considerar erro politico de consequencias imprevisiveis, sem fundamento legal. Doutra feita enfrenta imposições militares e evita violencias contra presos politicos. A maneira serena mas energica porque se conduziu na pasta politica, tomando providencias razoaveis para a defesa da ordem publica, impôs-se S. Ex. ao respeito e a confiança da opinião nacional. A caracteristica da sua administração consistiu no respeito, na consideração, no prestigio á autoridade do poder judiciario. Não se demorou ao dever de cortezia á Côrte Suprema. Na visita, á 9 de junho, foi S. Ex. recebido pelos srs. Ministros Plinio Casado, Carvalho Mourão e Laudo de Camargo, comissionados. O Presidente, Exm. Sr. Ministro Edmundo Lins, em nome da Côrte Suprema, congratula-se, efusivamente, com o Brasil, por ter, á frente do Departamento da sua justiça, o jurisconsulto insigne, que, em dois anos de gestão da pasta do Exterior, se revelou o avatar de Rio Bran-

co, que a geriu por doze anos. E após considerações sobre as prerogativas e finalidades da Côrte Suprema, e, já não mais — a *vox clamantis in deserto* — porque lhe inspira confiança a figura ilustre do Ministro da Justiça, acrecenta: — Sois herdeiro colateral do nome do Grande Ministro — Macedo Soares. — Este foi — disse-o eu, há pouco desta cadeira, foi, sob o ponto de vista da cultura geral, o maior juiz que honrou o exalçou uma das curûes do então Supremo Tribunal Federal. — E — atenda-se bem — quando hombreou, então, com os gigantes da nossa jurisprudencia — Barradas, Barão de Sobral, Piza e Almeida, Lucio de Mendonça, José Hygino, Americo Lobo e Epitacio Pessoa. — Sois, como o disse e folgo em repetir, herdeiro colateral desse grande nome. — E, apezar de tão moço, já sois notavel pela cultura juridica, revelada nos livros que tendes publicado e nos discursos que proferistes em a nossa constituinte. — A Côrte Suprema espera e confia, pois, que V. Ex. atenda, de pronto, ao seu justo e bradante clamor". — O ilustre Ministro José Carlos, entre outros conceitos, emitiu: ...A homenagem que o Ministro da Justiça presta hoje a mais alta magistratura da Nação, representa o proposito deliberado do Governo Federal de dar o testemunho de sua invariavel fidelidade ás formulas de estado-juridico, nas quais se constituiu, através nossos maiores, os descobridores e povoadores do paiz, seguindo as linhas mais antigas da civilizacão humana... As lacunas e faltas da organização do aparelho judiciario, não são somente, srs. Ministros, uma mancha para a nossa cultura e civilização, são tambem um perigo para a ordenação social do paiz, cuja disciplina decorre da força moral do Direito. Os corajosos protestos do venerando e ilustre Presidente da Côrte Suprema contra as condições de funcionamento do mais alto Tri-

(C. 22)

Visita oficial do Embaixador José Carlos de Macedo Soares Ministro da Justiça, ao Tribunal da Apelação do Estado do Rio de Janeiro. — 1937 — á mesa: — Ministro Macedo Soares, desembargador Julião Rangel de Macedo Soares, presidente do Tribunal, e Dr. Antonio Bello Filho, Secretario do Interior e Justiça; 2.º plano: — Desembargador Horacio Campos, Procurador Geral do Estado, Jorge Maciel da Costa Leite diplomata, Comandante Carlos de Carvalho Rego, oficial de Gabinete; Embaixador Luiz Avelino Gurgel do Amaral, Major Edmundo de Macedo Soares e Silva, sub-chefe de gabinete e tenente Joaquim Ramos, ajudante de ordens do Governador, Almirante Protógenes Guimarães; 3.º plano: Dr. Joaquim Vieira Ferreira Neto, Juiz de Direito.

bunal do país, são, pois, de grande patriotismo, e dignos da maior admiração. Emquanto permanecer na pasta que me confiou o Sr. Presidente da Republica, serei o orgão da ponderosa reclamação de V. Ex. perante os dois outros poderes da Republica. Assim prometo trabalhar para harmonizar as decisões do Legislativo com as exigências da Justiça, dando-lhe afinal a eficiencia, a rapidez, a regularidade no seu exercicio que são os elementos normais da sua força e magestade". — O gesto do ilustre titular da Justiça, realçou-se na mais alta e significativa expressão ao compreender a justiça estadual, sempre a margem, tendo a desprestigia-la o chamado juizo federal. — O dia 30 de junho de 1937 tornou-se memoravel para a justiça fluminense. S. Ex., o Sr. Ministro da Justiça o Dr. José Carlos de Macedo Soares, com o seu gabinete completo, deu-nos a honra de sua visita oficial .Como Presidente da Côrte de Apelação composta, no momento, de 13 desembargadores, todos fluminenses, ou de sangue fluminense, disse: ... esses juizes não podiam quedar-se insensiveis na indicação de V. Ex., em cujas veias corre o sangue de cinco gerações genuinamente fluminense. Sim, continuei, os Macedos Soares que, nos precederam, foram grandes no Paiz, no sacerdocio da medecina, na magistratura, na engenharia, na lavoura e na industria, no magisterio, este representado naquele bonissimo e preclaro educador da atual geração paulista que ocupa os postos de maior responsabilidade no nosso Estado lider e em outros sectores nesse imenso Brasil: quero referir-me ao seu saudosissimo progenitor, ha pouco, lembrado pelo Presidente da Côrte Suprema, o sr. Ministro Edmundo Lins, Juiz sábio, chefe venerando e veneravel. Os atos de V. Ex., no proposito de repor o paiz na ordem constitucional, restabelecendo as franquias das nossas liberdades, sem prejui-

zo da disciplina, do prestigio da autoridade, condição da ordem juridica, do respeito áquelas mesmas liberdades, demonstram a execução do programa consubstanciado nos conceitos por V. Ex. emitidos, quais — "o proposito deliberado do governo federal de dar o testemunho de sua invariavel fidelidade ás formulas de estado juridico, em ordem a que o Estado e o Direito mantenham relações complexas que atinjam, reciprocamente, sua estructura intima de tal modo que a ordem e a justiça social, resultante do Direito por sua vês assentem em bases nas quais o Estado se alicerça"... O que acabo de lembrar e expender, o faço sem o menor constrangimento ou eiva de vituperio, porque verdades proclamadas que estão na consciencia de todo o mundo. — *Non probandus factum notorium.* — Bem haja, pois, V. Ex., como principal colaborador — "na construção de uma grande nação afim de que os nossos descendentes possam rever, orgulhosos e felizes, a obra injente", — V. Ex., que vem de guardar as tradições dos seus maiores e soube leva-las além das nossas fronteiras, fazendo de Macedo Soares um nome universalmente bemquisto e respeitado. Queira, pois, V. Ex., aceitar os nossos agradecimentos pela honrosa visita, sem precedentes, em carater oficial, fáto esse que nos prestigia sobremaneira e ha de produzir, no futuro, os mais beneficos frutos". O sr. Ministro, agradecendo, acentuou que, conquanto paulista de nascimento e de formação intelectual, orgulha-se da ascendencia fluminense, e sente nas intimas fibras do seu coração o que deve da elevação dos seus sentimentos á herança de magistrados e senhores da gleba, nesta abençoada provincia. Agradeço muito, senhor presidente e meus senhores, as palavras ora proferidas, as quais serão para mim poderoso estimulo na árdua missão de governo, que assumi de olhos aber-

tos, medindo toda a extensão da minha responsabilidade, resolvido, porem a servir ao Brasil, porque esse é o meu dever e tanto mais quanto se trata de serviço ingrato e dificil. — Depois de hedionda agressão e estrangeira de 1935 — que outra não foi o surto comunista organizado e custeado por agentes moscovistas por solicitação do poder executivo, o legislativo, emendou a Constituição, fez e refez a Lei de Segurança, instituiu a justiça extraordinária. Por outros lados, as autoridades civis e militares tudo fizeram por descobrir os indiciados dos crimes, procurando formar nos minimos detalhes, a culpa de cada um. Todos esses ingentes esforços prolongaram-se por um ano e meio suspensas as garantias constitucionais, vigente a grave medida de estado de guerra. — Eis aí, meus senhores. a situação que encontrei e cujas terriveis consequencias, o paiz sofria resignadamente. — Três semestres decorreram de férias da legalidade. Desde a primeira semana, completamente debelada a loucura agressiva do inimigo, suspendemos as franquias da Constituição para preservar a ordem social. Quer dizer: em defesa da lei começamos por suprimi-la. Singularidade que somente a nossa boa fé e confusão poderia explicar. — Evidentemente, meus senhores, a sociedade mais civilizada na emergencia de um assalto da força, defende-se pela força. No regime do estado de guerra, cessam certas abstrações do direito. Mas, em tese, senhores, a sociedade civilizada, que suspende a vigencia normal com a intenção de assegurar a lei no regime da exceção, o menos que demonstra é a sua incapacidade, de defesa dentro dos quadros legais. — No nosso caso concreto, tres semestres de estado de guerra entretanto não nos bastaram para organizar o estado de paz, assim, alguma coisa propria do estado de guerra, impede, *sine*

die, que *se* estabeleça o estado de paz. Efetivamente. E sabem os ilustres juizes, onde está esse impedimento especifico do regime descricionario? Está nas suas comodidades, na sua irresponsabilidade, ao seu arbitrio, na expansão natural dos temperamentos que são assiduo do barbarie dormindo no fundo da alma do civilizado. — Felizmente, o sr. presidente Getulio Vargas, com as qualidades intelectuais e morais que o tornam tão destacadamente respeitado e estimado, entendeu chegada a hora da providencia completa, radical, decisiva. Primeiro, a plenitude legal, depois a consideração dos problemas da sua garantia, ajoujando-se o governo conscientemente aos trabalhos, sacrificios e responsabilidades para organizar e manter a ordem publica, para assegurar o regime social, e conservando intangiveis as liberdades politicas. — Aí está um programa bem simples. Primeiro, desintoxicar o pais restituindo-lhe a consciencia e o goso dos seus direitos. Depois tratar de reparar os estragos do seu organismo, consertando as visceras, tonificando os nervos, fortificando os musculos. — Gemem as cassandras anunciando os perigos desse metodo. Muito bem. Mas os professores não encontraram solução alguma senão perseverar na inercia, no abandono, na passividade. O paiz rolaria indefinidamente no descredito, na angustia, no sofrimento; incerto do dia de amanhã, desmoralizado no seu sistema de leis, ás portas da tirania. Ou seria exatamente esse o programa dos professores? O caso é que o honrado sr. presidente Getulio Vargas, vendo claro, resolveu fazer voltar o paiz ao regime legal e assim pudemos emergir, energicamente, do mangue da inação para entestarmos e vencermos nas realidades da vida nacional os seus angustiosos problemas. Evidentemente, meus senhores, a restauração constitucional sendo a regra vital da Republica, havia de ser a preliminar do programa do Governo, depois de verificado que o regime discricionario, por sua propria indole não permite a organização e aperfeiçoomento e a eficiencia do aparelho normal de defesa da ordem social e politica. Bem sabemos que não é facil conciliar autoridade, hierarquia, ordem, com o respeito integral ás liberdades individuais. E bem certo, tambem que o Direito Social que se está cristalizando em nossos dias, se entrechoca ainda com o direito individual, dominador soberano nos seculos XVIII e XIX. Na verdade, como observou Louis Le Fur, o eminente professor da Faculdade de Direito de Paris, em seu livro recentemente publicado: "*Les grands problémes du Droit*", no Direito Social e no Direito Individual é preciso ver dois elementos do Direito, e não dois Direitos distintos. Todo o Direito é simultaneamente social e individual. O Direito visa a melhor organização da sociedade para a felicidade dos individuos que a compõem. "*Per asper ad astra*". Encarando a realidade brasileira, aí mesmo encontrariamos a sugestão, o estimulo, a determinação dos grandes atos do Governo, assecuratorios da ordem material, da tranquilidade, da disciplina. Não perderemos tempo, traçando, e, desde logo, entrando a executar um vasto plano de reforma e estabelecimento da Justiça e da Policia preventiva e repressiva. Pedimos a colaboração sempre esclarecida e patriotica de ambas as Casas do Legislativo. Pedimos o andamento rapido das leis organicas indispensaveis ao pleno funcionamento da Constituição. Obtivemos um entendimento entre as Comissões do Senado e da Camara, que estuda, respectivamente, o Codigo Criminal e o Codigo de Processo Criminal, de modo que tais estudos se façam combinada e simultaneamente para que em Outubro o sr. Presidente da Republi-

ca possa promulgar as duas leis monumentais. Pedi ainda á Camara dos Deputados que tomasse a iniciativa de organizar o Tribunal de que trata o art. 79 da Constituição de forma a descongestionar a enorme tarefa imposta á Côrte Suprema. — Por outro lado, estamos estudando, com o chefe de policia alguns projetos de lei que garantam a eficacia de pesquizas e investigações em torno de fátos criminosos, e estamos cuidando de um vasto plano de aparelhamento material que dê á policia todos os recursos materiais, a instrução técnica, organização enfim, para que se possa desempenhar cabalmente os seus encargos, quer no sector preventivo, quer no repressivo. Por outro lado, a nossa Policia, na orla de contáto das classes armadas com a população civil poderá prestar, em materia disciplinar, apreciavel concurso ás autoridades da Guerra e do Marinha. Eis aí, meus senhores, os topicos principais de um programa de estabelecimento da Justiça, de reforma e aparelhamento da Policia, para ser executado, com presteza, no quadro dos meios legais. — Ainda teria muito a dizer sobre um conjunto de medidas em estudo, para descongestionar, acelerar e baratear a distribuição da Justiça no paiz. Não quero, porem, abusar da vossa paciencia, não convindo, de resto, manipular frutos verdes. Mas não terminarei sem vos pôr de cautela contra o mal do nosso tempo: a intriga, a mentira, a conjura, a traição. Os povos sofrem e morrem de tais insidias. Por isso, tomei como regra na vida publica abrir os olhos, falar claro e direito. Falo como penso, e ajo como falo. O fáto de supreender tal sincronismo num homem de governo, ainda que desvalioso, — dá o retrato de uma época descrente e frivola. — Temos entre nós a nossa politica os professores da inteligencia; escasseiam os mestres do caráter. O interessante é que os peritos da inteligencia não iludem a ninguem.

Suas intrigas duram pouco tempo e não deixam sinal de si. Na verdade tal inteligencia é uma sombra, um sucedaneo, qualquer coisa que se sente falso e se reconhece falso porque a arvore da inteligencia não pode dar frutos secos. — Um dos servidores do rei Carlos I da Inglaterra, o celebre Conde de Strafford, observava uma divisa interessante: — *"Through"*, quer dizer: a fundo, até o fim. Esse gentleman serviu bem, á sua maneira, a causa do poder absoluto que os reis Stuarts encarnaram num mau momento. De fáto, o Conde de Strafford acabou mal, soube, porem, morrer com tão corajosa simplicidade, que os proprios carrascos no seu triste mistér, guardaram um silencio comovente. Não sendo supersticioso, ás vezes considero a força de sintese da divisa de Strafford, *"Through"* mistica de constancia no cumprimento do dever, traduzida numa palavra forte. — Agradeço ainda uma vez, senhor presidente e meus senhores, a graça do vosso acolhimento, e digo-vos que nunca esquecerei a bondade de vossa participação na cerimonia da minha elevação á pasta de Justiça consagrando um homem que se esforça por ser um bom brasileiro, e, portanto, um bom fluminense." — A transcrição desse magnifico discurso do *"O Diario Carioca"*, de 1-7-1937, mostra o alto apreço do ilustre Ministro á Justiça Fluminense. — No mês seguinte, á 4 de agosto o Sr. Ministro da Justiça que se fez acompanhar de seus oficiais de gabinete e assistente militar, visitou a Côrte de Apelação do Distrito Federal. O Sr. Presidente, desembargador Morais Sarmento, em conceituoso discurso, disse: "...O nome de V. Ex. que tanto brilho teve na direção do Ministerio das Relações Exteriores, sendo cognominado o Embaixador da Paz, é hoje uma garantia na gestão do Ministerio da Justiça onde terá oportunidade de continuar a prestar ao paiz os seus serviços de alta re-

levancia. Acentuando que a Côrte se acha instalada num edificio de má construção com materiais de inferior qualidade carente de melhoramentos e urgentes reparos, acrescenta: "graças á boa vontade que encontrei da parte de V. Ex. empenhado em melhorar a situação da magistratura, já foi aberto o credito de cem contos autorisado por iniciativa do meu antecessor, o sr. desembargador Cesario Pereira, e assim em breve poderão ser iniciados os trabalhos de reparos e melhor adaptação desta Côrte". — O sr. Ministro, em longo discurso, mostrou conhecer as precariedades de suas instalações, a desorganisação material dos serviços, erros e lacunas que vem de observar, e, continuou: "Nos exiguos 50 dias de Ministério — afóra esses problemas e as resistencias e incompreensões, algumas naturais e sinceras, outras maliciosas, — deparei emperradas medidas legislativas necessarias e casos administrativos em suspenso em quasi todas os repartições e serviços da pasta. E lançou os fundamentos de um programa que mereceu aplauso integral dos magistrados. Um dos pontos do programa consistiu na construção da nova penitenciaria. — No lançamento da pedra fundamental, já em exercicio outro ministro disse o professor Candido Mendes, em discurso, perante o sr. presidente da Republica: "Assumindo a pasta da Justiça, o ministro Dr. José Carlos de Macedo Soares atendeu desde logo, com o maior interesse ao problema complexo da Défesa Social contra o crime, sendo o seu primeiro cuidado a construção do Reformatorio Penal da cidade do Rio de Janeiro, aspiração constante e pertinaz do Conselho Penitenciario do Distrito Federal há mais de doze anos como consta dos seus sucessivos relatorios anuais publicados". Da áta da solenidade consta: "...foi solenemente colocada a pedra fundamental de Penitenciaria do Rio de Janeiro (Re

matorio Penal) que vai ser construido com os recursos produzidos pelo selo penitenciario conforme o projeto do arquitécto Abelardo Soares Caiuby, aprovado por S. Ex., o sr. presidente da Republica e pelo então ministro da Justiça, Exmo. Sr. Dr. José Carlos de Macedo Soares. (*J. Com.*, 28-11-1937). vj. *Correio da Manhã* de 2-9-1937 — (noticiario sobre — A Penitenciaria Industrial e os detalhes interessantes de sua construção). — Com o reviver dessas passagens temos em vista destacar ponto cardeal de sua personalidade — o seu espirito publico, o conjunto de suas qualidades politicas e morais. a sua formação liberal, em suma, um autentico democrata! — Por isso mesmo demitiu-se á 9 de Novembro, vespera da chamada Carta Constitucional de 1937. — Eleito, em primeiro turno, membro da Academia Brasileira de Letras foi recebido á 10 de dezembro de 1938. — Presidente efetivo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica, orgão coordenador dos serviços estatisticos e geograficos do paiz, coube-lhe presidir o recenciamento de 1940, operação censitaria de maior envergadura já tentada no Brasil. Varias contribuições tem o embaixador Macedo Soares produzido neste particular, entre outras, o relatorio que apresentou ao presidente da Republica em 1939, e as insertas na *Revista Brasileira de Geografia e Estatistica* e *Revista Brasileira de Estatistica*. — Presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. — Socio efetivo, benemerito, vicepresidente, e, afinal, presidente perpetuo do Instituto Historico e Geografico Brasileiro. Socio de varias outras instituições literarias e cientificas do Rio de Janeiro, São Paulo e outros Estados e paizes da America e da Europa; patrono de diversas bibliotecas. Com a revolução liberal de 29 de Outubro de 1945 foi nomeado Interventor no Estado de São Paulo onde se mantem com elevação e hones-

tidade, procurando coordenar, unificar a politica nessa fase de consolidação do regime democratico, isento de paixões, imparcial que se mostra ser, em verdade, o primeiro magistrado do seu Estado. O embaixador Macedo Soares como diplomata e em carater particular tem percorrido e mesmo permanecido em diversos paizes da Europa, da America e do Oriente. Por serviços prestados, por sua cultura e fino trato, tem sido agraciado com altas condecorações, entre outras, a Gran Cruz da Legião de Honra, a Gran Cruz de Santo Sepulcro, a Gran Cruz da Ordem de Cristo, Gran Cruz de São Gregorio Magno, Gran Cruz da Corôa da Belgica, "Al Merito" do Chile, Gran Cruz Militar e Hospitalar de São Lazaro, de Jerusalem, as Comendas de S. Tiago, de Portugal, o Premio Briand, da Paz e muitas outras de elevada distinção. E' vasta e valiosa a sua bibliografia que se vê, em parte, enumerada no 1.º volume das obras completas de Macedo Soares — *Campanha Juridica pela Libertação dos Escravos.*"

1 — 6:—José Fernando de Macedo Soares, n., na capital de S. Paulo, 30-5-1885, funcionario da Prefeitura daquela capital; casou-se á 8-6-1916 com D. Sarah Pereira da Rocha, n., 5-2-1897, filha do Dr. Ignacio Pereira da Rocha, medico, e de D. Alice Ferreira Braga Pereira da Rocha; filhos:

2 — 1:—Nelly de Macedo Soares, n., S. P., 9-4-1917 bibliotecaria e secretaria particular do sr. Embaixador José Carlos de Macedo Soares, solteira.

2 — 2:—José Fernando de Macedo Soares Filho, n., 22-5-1918; aviador civil; funcionario da I. B. G. E., naquela Capital. Casou-se á 9-6-1940, com D. Marion Xavier, 10-8-1921, filha de Pompilio Xavier e de D. Ismenia Vieira Xavier; filhas:

3 — 1:—Nelly, n., S. P., 29-4-1942;

3 — 2:—Celia, n., S. P., 12-9-1943;

2 — 3:—José Carlos de Macedo Soares Sobrinho, n., S. P., 15-5-1919. Casou-se 26-9-1940 com D. Jacy Gandra, n., 31-8-1920, filha do Dr. Antenor Gandra, medico e de D. Maria Celeste Soares Gandra; filhos:

3 — 1:—José Carlos, n., S. P., 16-10-1941;

3 — 2:—Rosaly, n., S. P., 7-10-1944;

2 — 4:—Maria Salesia de Macedo Soares, n., 3-7-1920, casada com o Dr. Dagmar Mallet de Andrade, n., 10-10-1918, engenheiro civil, filho do Dr. Pompilio Franco de Andrade, farmaceutico, e de D. Anna Mallet de Andrade, farmaceutica; filhos:

3 — 1:—Anna Maria, n., 27-10-1942;

3 — 2:—Vera Lucia, n., 21-4-1944;

3 — 3:—Luiz Dagmar, n., 29-11-1945,

2 — 5:—José Paulo de Macedo Soares Sobrinho, n., 11-10-1923, funcionario da I. A. P. C.; solteiro.

1 — 7:—Eudoxia de Macedo Soares, n., na capital de S. Paulo, á 26-1-1887, professora e ex-vice-diretor, secção feminina, do acreditado Collegio Macedo Soares. Casou-se á 2 de Maio de 1908 com o seu primo, o Dr. Alexandre Alvares de Azevedo de Macedo Soares, n., em Cabo Frio, provincia do Rio de Janeiro, á 13-8-1883, filho do Juiz de Direito, depois, Ministro Antonio Joaquim de Macedo Soares e de D. Theodora Alvares de Azevedo Macedo Soares; com descendencia, mencionada acima, capitulo n. XXIV n. 13.

1 — 8:—José Cassio de Macedo Soares, n., na capital do Estado de S. Paulo, 13-10-1889. Curso de humanidades: exemplar. Matriculando-se na

Faculdade de Medecina do Rio de Janeiro, recebeu grau de doutor em 1913. Regressando á S. Paulo exerceu sua profissão por mais de dez anos, prestando seus serviços na Companhia Telefônica e na Prefeitura Municipal da mesma cidade. Dedicou-se á lavoura e ao comercio. Diretor da Companhia Agricola Araquá, e da Companhia de Seguros "S. Paulo". — Possuidor de vultosos haveres invertidos em varias empresas, o Dr. José Cassio consagra largo tempo a instituições de caridade, á Assistencia Social. Dedicando-se a estudos sobre a lepra, escreveu valiosa monografia, a que deu o titulo de — "*Profilaxia da Lepra*", — Faz parte do Conselho administrativo da Santa Casa de Misericordia de S. Paulo. Provedor do Asilo S. José (Casa de expostos), instituição modelar; mordomo dos Asilos Wanderley e de Araras: e, durante, 26 anos, diretor-tesoureiro do Instituto Anna Rosa, orfanato de crianças pobres, fundação do Barão de Souza Queiroz, bis-avô de sua esposa, e mantido exclusivamente por membros dessa ilustre familia. Membro da Comissão Executiva da Catedral. Atualmente exerce as funções de Diretor Geral do Departamento Social do Estado de S. Paulo, subordinado á Secretaria da Justiça, mediante a remuneração de um cruzeiro (Cr$ 1,00) mensal. Participe no desenvolvimento do seu Estado, dotado de alto espirito publico, foi Membro do Conselho Consultivo do Estado, nos governos Pedro de Toledo e Armando Salles. Eleito deputado federal, representou seu Estado na Assembléia Constituinte de 1934. Membro do Instituto Historico e Geografico de S. Paulo. Comendador da Ordem de S. Lazaro, recebeu a medalha comemorativa do centenario do nascimento do Barão do Rio Branco. O Dr. José Cassio de Macedo Soares casou-se em S. Paulo aos 20-5-1915, com D. Maria do Carmo de Souza Queiroz Platt, (1) n., S. P., 7-10-1893, filha de Guilherme Bonamy Platt e de D. Isabel de Souza Queiroz; filhos: todos nascidos em São Paulo:

2 — 1:—Maria Isabel de Macedo Soares Leite Cordeiro, n., 19-5-1916; casou-se em S. Paulo, na Igreja da Consolação, 17-1-1939 com o Dr. José Pedro Leite Cordeiro, n., em Campinas, daquele Estado, em 14-7-1914, filho do Dr. Linneu Cordeiro, e de D. Dulce Leite Cordeiro. Diplomado em medecina, aos 23 anos, pela Faculdade de S. Paulo, vive de sua profissão. Socio do Instituto Historico e Geografico de S. Paulo e do de Santos; da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e de Lisbôa; socio correspondente, eleito, do Instituto Historico e Geografico Brasileiro (1946); bibliografia: O visconde do Rio Branco; o castelhano e seus ilustres descendentes em Piratininga (1943); o bandeirante Domingos Cordeiro (1944); as confrarias de S. Paulo nos seculos XVI e XVII; a vida e as realizações de D. Bernardo Rodrigues Nogueira, 1.º Bispo de S. Paulo (1945); A criação da diocese de S. Paulo (1945). Ineditos: O tronco Oliveira Cordeiro na Capitania de S. Paulo; os Paulistas e a invasão holandeza; o tenente-general Gaspar de Godoy Collaço. Foi agraciado com a medalha comemorativa do centenario do Nascimento do Barão do Rio Branco; filho:

3 — 1:—Linnêo Luiz de Macedo Soares Leite Cordeiro, n., S. P., 16-5-1940;

2 — 2:—José Eduardo de Macedo Soares Sobrinho, n., 28-7-1917; bacharel em direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo; advogado de profissão, do serviço de assistencia social, da companhia paulista de

(1) Sobre a ascendencia de D. Maria do Carmo, consulte-se — "Dr. Frederico de Barros Brotero" — "A vida do Dr. João Dabney de Avellar Brotero", S. P., pg. 226 a 230.

estradas de ferro e outras empresas paulistas. Agraciado com a medalha comemorativa do centenario do nascimento do Barão do Rio Branco. Socio do Instituto Historico e Geografico de S. Paulo, do de Santos e da Sociedade Brasileira de Geografia. Bibliografia: A Concepção e a Redação da *Rerum Novarum*, conferencia lida em sessão do Instituto Historico e Geografico Brasileiro; Da Prescripção no Direito Trabalhista; Justiça Gratuita dos Pobres.

2 — 3:—José Cassio de Macedo Soares Junior, n., 25-1-1919, medico pela Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo, em 1943, com consultorio naquela capital. Exerce suas atividades profissionais na Companhia Seguros "S. Paulo", e no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciarios. Casou-se, em S. Paulo, na Igreja da Consolação, 4-7-1944, com D. Maria Helena Martins de Andrade, n., 30-9-1924; filha do Dr. Francisco Martins de Andrade, e de D. Orlandina Junqueira de Oliveira Martins de Andrade; filho:

3 — 1:—Maria Helena, n., S. P., 12-4-1945;

2 — 4:—Maria do Carmo Ribeiro do Valle, n., 27-11-1920, casada, em S. Paulo, na Igreja da Consolação, 19-12-1944, com o Dr. Marcos Ribeiro do Valle, medico pela Faculdade de Medecina da Universidade de S. Paulo, n., em Serra Azul (S. Paulo) 18-7-1920, filho de Manuel Joaquim Ribeiro do Valle, e de D. Lavinia Soares Ribeiro do Valle. O Dr. Marcos R. do Valle exerce suas atividades profissionais na Capital, no Hospital Municipal e no Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho, Bibliografia: *A Radioterapia no Granuloma Anular; A Radioterapia nos Fibromiomas Uterinos; Cancer da Pele;* filho:

3 — 1:—Manuel Joaquim, n., S. P. 3-7-1946;

2 — 5:—Maria Irene Moreira Lima, n., 17-5-1922, casada, em S. Paulo, na Igreja da Consolação, 2-2-1945, com o Dr. Roberto Moreira Lima, medico pela Faculdade de Medecina da Universidade de S. Paulo, n., 1-11-1915, filho de Jorge Moreira Lima e de D. Ottilia Soares Moreira Lima. Exerce suas atividades na Capital, no Hospital Municipal e na Companhia de Seguros "Novo Mundo"; — o filho:

3 — 1:—José Guilherme, n., S. P., 16-7-1946;

2 — 6:—Maria Silvia Junqueira de Almeida, n., 8-8-1924, casada, em S. P., na Basilica Abacial de S. Bento, 18-1-1944, com o Dr. Antonio Varella Junqueira de Almeida, n., S. P., 16-3-1919, filho de Cristovam Junqueira de Almeida, e de D. Carlota Varella Junqueira de Almeida; medico pela Faculdade de Medecina da Universidade de S. Paulo, turma de 1943, com consultorio na Capital, e profissionais no Serviço de Transito e na Companhia Textil; filho:

3 — 1:—Antonio Luiz, n., S. P., 6-7-1946.

2 — 7:—Maria Mathilde Platt de Macedo Soares, n., 28-2-1828; solteira.

1 — 9:—José Roberto de Macedo Soares, n., na capital do Estado de São Paulo, 12-4-1893, Bacharel em Ciências Juridicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1916. Socio do Instituto Historico e Geografico de S. Paulo e do Instituto Historico e Geografico Brasileiro; Membro da "Société des Gens de Lettres", da França. Ingressou na carreira diplomatica como adido a Legação de Lisbôa á 23-2-1916; 2.º secretario em 27-7-1917, galgou todos os postos, sempre por merecimento, 1.º secretario (1931); ministro Plenipotenciario de 2.ª classe, (1937): de 1ª classe (1941) — Secretario Geral do Ministerio das Relações Exteriores (1939);

Chefe do Departamento Diplomatico e Consular (1944); 3.º Delegado á Conferencia da Paz no Chaco, substituiu, interinamente, os 1.º e 2.º delegados, exercendo, subsequentemente, a vice-presidencia da referida Conferencia; designado, varias vezes, para constituir comissões de recepção das altas personalidades estrangeiras, em visita, no Brasil. Membro da comissão da Construção do monumento ao Barão do Rio Branco. Possue numeras condecorações que lhe foram conferidas por governos da Europa, Asia e paizes da America do Norte e do Sul. Atingiu o ultimo posto, na carreira diplomatica; nomeado, exerce as suas funções de Embaixador do Brasil na Republica Oriental do Uruguay (1946). Para outras informações, consulte-se; Almanaque do Pessoal — Ministerio das Relações Exteriores — (1946) — Casou-se com D. Eugenia Lopes de Oliveira Prestes, n., 11-7-1897, filha do engenheiro Dr. José Augusto Prestes, e de D. Eugenia Lopes de Oliveira Prestes; falecida em 1946; neta pelo lado materno de Francisco Lopes de Oliveira e de D. Narcisa do Amaral Lopes de Oliveira; bisneta (1.º) de Manuel Lopes de Oliveira e de D. Maria Joaquina de Oliveira; (2.º) de Francisco das Chagas Amaral Fontoura e de D. Gertrudes Pilar do Amaral Fontoura. D. Eugenia é sobrinha do Dr. Ubaldino do Amaral, republicano historico, senador, ministro do Supremo Tribunal, presidente do Banco do Brasil, um dos grandes de 1889, um caracter de aço! Filhos:

2 — 1:—José Augusto Prestes de Macedo Soares, n., 3-2-1919 no Distrito Federal. Bacharel em Ciências Juridicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito, 1945. Membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Consul de 3.ª classe, 9-12-1943; secretario da Missão Especial do Brasil á posse do Dr. Grau San Martin, presidente de Cuba, 20-9-1944; representante do Itamaraty junto á carteira de exportação e importação do Banco do Brasil, 1945. Atualmente secretario da embaixada do Brasil na Republica Argentina. Casou-se á 26-1-1946 com D. Maria Thereza Castello Branco, filha de Antonio Castello Branco e de D. Rachel Rodrigues Castello Branco (Condes de Pombeiro); neta paterna dos Marquezes de Bellas; e materna de Alexandre Herculano Rodrigues e de D. Maria de Carvalho Rodrigues. A cerimonia religiosa realizou-se no palacete dos pais da noiva, á rua Marques de Olinda, n. 74, sendo celebrante S. Ex. Rev. D. José Newton de Almeida Baptista, Bispo de Uruguaiana ,primo do noivo; serviram de padrinhos, os Principes D. Pedro e Sra. D. Esperanza de Bragança, por parte da noiva, e do noivo, S. Ex., o Sr. Embaixador José Carlos de Macedo Soares e a Sra. Embaixatriz, D. Mathilde Melchert da Fonseca de Macedo Soares. O Marquês de Bellas se achou representado, na cerimônia, pelo Sr. Conde das Galveias.

2 — 2:—Roberta Prestes de Macedo Soares, n., D.F., 4-4-1921;

2 — 3:—José Eugenio Prestes de Macedo Soares, n., D.F., 4-6-1923, técnico, com curso de aperfeiçoamento na Europa, distinguido com prêmios na Universidade de Roma; nomeado a 8-12-1946 professor de desenho decorativo da Escola Técnica Nacional; oficial de gabinete do ministro da Educação e Saude, Dr. Ernesto de Souza Campos, continuando nas mesmas funções com o atual Ministro, Dr. Clemente Mariani Bittencourt.

1 — 10:—Estella de Macedo Soares, n., S.P., 3-8-1894; faleceu á 14-11-1901.

1 — 11:—José Rubens de Macedo Soares, n., S. P. 25-6-1897; bacharel em Direito; delegado de Policia, atualmente, em Jacarehy; São Paulo.

CAPITULO XXXIII

Descendencia do Dr. Brotero Frederico de Macedo Soares e D. Carolina Pires de Macedo Soares

1 — 1:—Dr. Gustavo de Macedo Soares, n., 14-2-1887, em Sant'Anna do Sobradinho, sertão da provincia da Bahia, medico pela Faculdade de Medecina do Rio de Janeiro, turma de 1913, casou-se em 14-1-1911, com D. Edmée Cruls de Macedo Soares, filha do Dr. Luiz Cruls, astrônomo, belga, e de D. Maria de Oliveira Cruls; neta, pelo lado paterno de Philippe Augustin Guilláume Cruls, e de D. Anna Elizabeth Jordens, e, pelo lado materno de Francisco Rodrigues de Oliveira e D. Anna Maria de Oliveira; filhos:

2 — 1:—Luiz Brotero, falecido em tenra edade;

2 — 2:—Maria Carolina Cruls de Araujo Penna, n., 9-4-1913, casada com Carlos Americo de Araujo Penna; filho:

3 — 1:—Tadeu.

2 — 3:—Lydia Maria, falecida em tenra edade;

2 — 4:—Dr. Gustavo Luiz Cruls de Macedo Soares, n., 8-4-1916, engenheiro civil, solteiro.

2 — 5:—Sergio Luiz, n., 8-6-1920; falecido em 1945; O Dr. Gustavo de Macedo Soares chamado, o medico dos pobres, faleceu á 23 de Junho de 1931, teve a acompanhá-lo a sua ultima morada, a população dos suburbios. Foi medico da Estrada de Ferro Central do Brasil e, era, com o Dr. Aristides Caire, das mais acatadas e estimadas influencias politicas da zona suburbana.

1 — 2:—Guilherme da Macedo Soares, n., 16-8-1888; faleceu aos 3 anos.

1 — 3:—Dr. Gualter de Macedo Soares, engenheiro civil, professor da Escola Politécnica e astronomo do Observatório Astronomico, n., na

Capital Federal, 28-11-1891, casado a 24-12-1918, com D. Clara Carneiro de Mendonça, n., 16-11-1889, filha do Dr. Carlos Carneiro de Mendonça, e de D. Francisca de Araujo Carneiro de Mendonça, neta paterna do Coronel Joaquim Carneiro de Mendonça e de D. Maria Augusta Carneiro de Mendonça e, pelo lado materno de Hypolito Candido de Assis Araujo e D. Emilia de Brito Araujo. D. Clara é irmã do Major Roberto Carneiro de Mendonça, falecido, 12-4-1946, um dos grandes valores moraes do nosso exercito, interventor em vários Estados, diretor do Banco do Brasil, e Ministro do Trabalho, no governo — Ministro José Linhares — Do consorcio do Dr. Gualter e D. Maria Clara, nasceram:

2 — 1:—Léa de Saboia e Silva, n., 2-12-1919, casada com o Dr. Luiz de Saboia e Silva, engenheiro eletricista e mecanico, filho do Dr. Julio de Saboia e Silva, engenheiro, natural do Estado do Ceará, e de D. Adelina Lisbôa de Saboia e Silva, de origem mineira; filhos:

3 — 1:—Lilian Maria, n., 30-10-1941,

3 — 2:—Luiz José, n., 10-11-1942,

3 — 3:—Luiza Maria, n., 5-12-1944.

2 — 2:—Jorge, falecido em tenra edade.

2 — 3:—Ruth, n., 11-5-1922, solteira.

2 — 4:—Lucio, falecido em tenra edade.

1 — 4:—Maria de Macedo Soares, n., na chacara do Meyer, D. F., 21-2-1893; solteira.

1 — 5:—Comandante Gerson de Macedo Soares, n., 23-3-1894, oficial superior da Armada, Capitão de Mar e Guerra, socio da Sociedade Brasileira de Geografia, do PEN-Club do Brasil, e do Instituto Técnico Naval, condecorado com — a) Medalha da Ordem do Merito Naval, — b) Legião do Merito dos Esta-

dos Unidos, — c) Legião do Merito do Chile, — d) Cruz de Campanha contra o Imperio Alemão (la grande guerra mundial), — 2 semestus, — e) Medalha da Vitoria, internacional (1ª Grande Guerra Mundial), — f) Medalha de Serviços de Guerra, 2 estrelas, (2.ª Grande Guerra Mundial), — g) Medalha Militar de Bons Serviços (ouro); casado á 31-5-1923, com D. Yára de Almeida Macedo Soares, n., 14-3-1905, filha de Antonio Maximo de Almeida, funcionario do Ministerio da Viação; e jornalista, e de D. Maria da Gloria Pereira Pinto de Almeida, neta paterna de Francisco Maximo de Almeida, e de D. Maria Joaquina de Araujo Almeida; e, pelo lado materno, do Dr. Bernardo Gavião Pereira Pinto, engenheiro, e de D. Luiza Barata Pereira Pinto; filhos:

2 — 1:—Geyr de Macedo Soares, n., 29-3-1924, oficial da Armada, solteiro.

2 — 2:—Jaime-Hermano de Macedo Soares, n., 4-3-1926, cadete da Escola Militar.

2 — 3:—Hermano-Jaime de Macedo Soares, n., 4-3-1926, cadete do ar.

1 — 6:—Dr. Gualberto de Macedo Soares, n., 29-10-1895, funcionario publico e advogado, casado á 8-9-1927, com D. Dalva de Almeida de Macedo Soares, n., 17-9-1909 e cujos ascendentes são os mesmos de D. Yára de Almeida de Macedo Soares, já mencionados; filhos:

2 — 1:—Gilson de Macedo Soares, n., 25-4-1931, estudante;

2 — 2:—Gilza de Macedo Soares, n., 5-9-1934, estudante;

1 — 7:—Dr. Gilberto de Macedo Soares, n., 20-5-1898, farmaceutico, solteiro, falecido, 24-6-1924;

1 — 8:—Dr. Guilmar de Macedo Soares, n., 1-4-1901, engenheiro civil, solteiro, falecido á 8-11-1935.

Com exceção do Dr. Gustavo, todos os filhos do Engenheiro Brotero, nasceram no Distrito Federal.

CAPITULO XXXIV

Descendencia de Paulino José Rodrigues de Azevedo Soares e D. Maria Antonia Alves de Azevedo Soares

1 — 1:—Maria Joaquina de Azevedo Soares (Marietta), n., 30-3-1862, casada com seu primo Celso Salathiel de Azevedo Soares, antigo fiel de pagador da Marinha, filho de Antonio José de Azevedo Soares, e de D. Guilhermina da Costa de Azevedo Soares; filhos:

2 — 1:—Paulino José de Azevedo Soares, capitão de corveta da Marinha de Guerra, casado com D. Hilda Cuevas de Azevedo Soares, natural do Estado do Espirito Santo, filha de Pedro Cuevas, hespanhol, e de D. Leonor Cuevas, brasileira; o comandante Paulino faleceu, em Niterói, onde sempre residiu, aos 45 anos; filhos:

3 — 1:—Paulino, estudante;

3 — 2:—Nilda, professora diplomada aos 16 anos;

3 — 3:—Pedro Celso, estudante;

3 — 4:—Nilze;

2 — 2:—Celsina de Azevedo Soares, solteira;

2 — 3:—Antonio Claudio de Azevedo Soares, solteiro, falecido aos 25 anos.

2 — 4:—Juracy, falecida, impubere.

1 — 2:—Maria Carolina, n., 10-3-1870; faleceu solteira em 28-1-1895;

1 — 3:—Mario de Azevedo Soares, n., 5-4-1875, funcionario dos telegrafos, casou-se, em primeiras nupcias, com D. Maria Amelia da Costa, filha de Francisco Luiz da Costa, e de D.

Carolina da Costa, naturais de Itaborahy; s.g.; e, em segundas nupcias, com D. Maria Ferreira Horta, da familia Horta Barbosa, de Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais; filhos:

2 — 1:—Octacilio Horta Soares, funcionario dos telegrafos, casado com D. Aracy Coelho Soares, filha do oficial do exercito Edgard Coelho, falecido, e de D. Evangelina Braga Coelho; filhos:

3 — 1:—Lecticia Horta Soares, funcionaria dos Correios;

3 — 2:—Luiz Horta Soares, estudante;

3 — 3:—Lucia Horta Soares, estudante.

2 — 2:—Zaira, falecida menor;

2 — 3:—Diva, falecida impubere.

1 — 4:—Maria Christina de Azevedo Soares, n., 4-1-1877; falecida menor.

CAPITULO XXXV

Descendencia de D. Maria Paula de Azevedo Macedo Soares e Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares.
(Vj. Capitulo XXIII)

CAPITULO XXXVI

Descendencia de Antonio José de Azevedo Soares e D. Guilhermina da Costa de Azevedo Soares

1 — 1:—Celso Salathiel de Azevedo Soares, n., 16-10-1868, professor e fiel pagador da Marinha, casado com sua prima D. Maria Joaquina de Azevedo Soares, filha de Paulino José Rodrigues de Azevedo Soares, e de D. Maria Antonia Alves de Azevedo Soares; filhos:

2 — 1:—Capitão de corveta Paulino José de Azevedo Soares;

2 — 2:—Celsina, solteira;

2 — 3:—Antonio Claudio, solteiro.

2 — 4:—Juracy, falecida, menor, declarados acima.

1 — 2:—Eponina de Azevedo Soares, n., 28-3-1870, casada com Francisco da Costa Correia de Sá, ourives, relojoeiro, filho de Antonio da Costa Marinho, e de D. Francisca Correia de Sá da Costa Marinho, naturais do municipio de Capivary, Rio de Janeiro; filhos:

2 — 1:—Alaor Correia de Sá, ourives-relojoeiro, estabelecido em Campo Grande, Distrito Federal, casado com D. Maria de Jesus Correia de Sá; filhos:

3 — 1:—Francisco,

3 — 2:—Marlene,

3 — 3:—Flavio,

3 — 4:—Marly,

3 — 5:—Ademir.

2 — 2:—Enedina Correia de Sá, solteira;

2 — 3:—Mozart Correia de Sá. solteiro, faleceu no posto de sargento-aviador.

2 — 4:—Francisco, faleceu menor;

2 — 5:—Eloyna Correia de Sá, casada com Mario Nunes, funcionario publico; Filho:

3 — 1:—Mozart, n., julho de 1946.

1 — 3:—Luiz Hostilio de Azevedo Soares, n., 4-9-1871, falecido, em agosto de 1894.

1 — 4:—Antonio, n. em 1872, falecido impubere;

CAPITULO XXXVII

Descendencia de José Rodrigues de Azevedo Soares e D. Lydia Antas de Azevedo Soares

1 — 1:—Ernani de Azevedo Soares, falecido, menor;

1 — 2:—Luiz Hostilio de Azevedo Soares, n., 4-9-1871, engenheiro civil, com função na Prefeitura da capital do Estado de S. Paulo, casado com D. Maria de Lourdes Leite de Azevedo Soares, filha do Dr. Augusto Pereira Leite, advogado e diretor do Departamento — Segurança Publica — do Estado de S. Paulo, e de D. Ismenia de Almeida Pereira Leite; filhos:

2 — 1:—Fausto de Azevedo Soares, n., 19-11-1922;

2 — 2:—Nicia de Azevedo Soares, n., 24-11-1925.

1 — 3:—José Cesar Antas de Azevedo Soares, n., 3-9-1894, cirurgião-dentista do hospital de Juquery, com gabinete dentario na capital do Estado de S. Paulo, casado em primeiras nupcias com D. Elvira Gonçalves de Azevedo Soares, filha de Domingos José Gonçalves, e de D. Sebastiana Gonçalves Pizzani; em segundas nupcias, com D. Maria da Gloria Reis de Azevedo Soares (tambem falecida), filha de Alvaro da Silva Reis e de D. Elvira Pereira Reis, ambos do municipio de Bananal, Estado de S. Paulo.

CAPITULO XXXVIII

Descendencia de Luiz Manoel de Azevedo Soares Junior e D. Maria Luiza Alves de Azevedo Soares.

1 — 1:—Evangelina de Azevedo Peña, n., 19-10-1872, casada com José Ramos Peña, filho de D. Erico Augusto Peña, consul geral da Republica Oriental do Uruguay, no Rio de Janeiro e de D. Luiza Ramos Penña; filhos:

2 — 1:—Alexia Peña Pinto Pacca, casada com o professor José de Almeida Pinto Pacca, natural de Guaratinguetá, S. Paulo, filho do Dr. Gustavo Pinto Pacca e de D. Adelia de Almeida Pacca; filhos:

3 — 1:—Darcy,

3 — 2:—Dirce,

3 — 3:—Egmar,

3 — 4:—Gilda,

3 — 5:—Arildo,

3 — 6:—Omar, este falecido.

2 — 2:—Mair de Azevedo Peña, engenheiro mecanico e eletricista pela Universidade de New-York, U.S.A., fazendeiro e industrial no municipio de Paraty, Estado do Rio de Janeiro, casado com D. Amelia Moura Maia Peña, filha do Dr. João de Almeida Maia, advogado, e de D. Maria Amelia de Moura Maia; filhos; todos menores e estudantes:

3 — 1:—Mauro,

3 — 2:—Celio,

3 — 3:—Paulo,

3 — 4:—Stanley,

3 — 5:—Luiz Antonio,

3 — 6:—Marcelo.

2 — 3:—Marina Peña Colangelo Nobrega, diplomada pela Escola Normal de S. Paulo, casada com o Dr. Luiz Colangelo Nobrega, professor da Escola Politécnica de S. Paulo, filho de Pascoal Colangelo, e de D. Donata Colangelo; filhos:

3 — 1:—Luiz Waldir,

3 — 2:—Luiz Gonzaga,

3 — 3:—Luiz Zildo,

3 — 4:—Luiz Walcir,

3 — 5:—Luiz Paulo, todos menores, estudantes.

2 — 4:—Milton de Azevedo Peña, medico pela Faculdade de Medecina da Universidade do Brasil, casado com D. Altair Noronha Peña, filha do general Julio Cezar de Noronha, antigo prefeito de Niterói, e de D. Zulmira Rego Lopes de Noronha; filhos; menores, estudantes:

3 — 1:—Ney,

3 — 2:—Milton,

3 — 3:—Regina Maria.

2 — 5:—Ernani, falecido, impubere.

1 — 2:—Agenor de Azevedo Soares, n., 25-8-1873, bacharel em direito, advogado em São Paulo, atualmente residente na Capital Federal, casado, em primeiras nupcias, com D. Rosa Antonia de Aguiar Barros, filha do Dr. Antonio Francisco de Aguiar Barros, magistrado em S. Paulo, e de D. Genebra Souza Queiros de Barros; s. g., e, em segundas nupcias, com sua prima D. Judith Soares de Azevedo, filha de Joaquim José de Azevedo Soares, e de D. Candida Borba de Azevedo Soares; filhos:

2 — 1:—Luiz de Azevedo Soares, n., S. P., 29-1-1918, bacharel em direito, advogado, casado com D. Heloisa Oliveira do Amaral, n., 22-3-1921, filha de Carlos Augusto do Amaral, e de D. Leonor Oliveira do Amaral; filho:

3 — 1:—Luiz Manoel, n., 9-9-1946;

2 — 2:—Claudio de Azevedo Soares, n., S. P., 27-5-1920, técnico em estatistica, solteiro.

1 — 3:—Claudio de Azevedo Soares, n., 2-3-1875, falecido aos 14 anos.

1 — 4:—Felippe de Azevedo Soares, n., 11-12-1881, cirurgião dentista, falecido em Niterói, em 29-4-1945. Foi casado com D. Judith Costa Velho de Azevedo, filha de João José da Costa Velho e de D. Luiza Peña da Costa Velho; filho:

2 — 1:—Luiz Felippe de Azevedo, oficial do exercito, casado com D. Juracy da Matta de Azevedo, filha de João Guilherme da Matta, e de D. Maria Isabel Santos da Matta; filhos, todos menores:

3 — 1:—Luiz Felippe,

3 — 2:—Fernando,

3 — 3:—Maria Thereza,

3 — 4:—Maria Luiza,

3 — 5:—Maria Regina,

3 — 6:—Paulo Cezar.

2 — 2:—Decio de Azevedo, funcionario bancario, solteiro;

1 — 5:—Regina de Azevedo Soares, falecida, menor.

1 — 6:—Etelvina, de Azevedo Soares, falecida, menor.

CAPITULO XXXIX

Descendencia de Joaquim José de Azevedo Soares e D. Candida Borba de Azevedo Soares

1 — 1:—Maria Orminda de Azevedo Silva, n., 13-5-1882, casada com o Dr. Gustavo da Silva, natural de S. P., medico, falecido naquela cidade, filho de José Augusto Gustavo da Silva e de Alexandrina Fernandes da Silva; filhos:

2 — 1:—Lucia, n., em S. P., casada com o Dr. Antonio Austregésilo Filho, medico, filho do professor Antonio Austregésilo, da Faculda-

de de Medecina do Rio de Janeiro, membro da Academia Brasileira de Letras, e de D. Herminia de Morais Austregésilo; filho:

3 — 1:—Antonio Austregésilo Neto, n., no Rio de Janeiro.

2 — 2:—Hernani de Azevedo Silva, n., em Milão (Italia), bacharel em direito, advogado, e industrial em S. Paulo, casado com D. Maria Luiza Simonsen, filha do Dr. Wallace Cockrane Simonsen, banqueiro, comerciante e industrial em S. Paulo e de D. Maria Moretzsonhn Simonsen; filho:

3 — 1:—Hernani Wallace de Azevedo Silva, n., na capital do Estado de S. Paulo,

1 — 2:—Judith Soares de Azevedo, n., em S. P., 16-6-1884, casada com seu primo Dr. Agenor de Azevedo Soares, advogado; filhos:

2 — 1:—Dr. Luiz de Azevedo Soares, advogado;

2 — 2:—Claudio de Azevedo Soares, técnico em estatistica, mencionados acima.

1 — 3:—Carolina de Azevedo Soares Silva, n., S. P., 4-3-1886, casada com Arthur Fernandes da Silva, natural de Portugal, banqueiro e capitalista, residente em S. Paulo; filhos:

2 — 1:—Arnaldo Soares da Silva, n., em S.P., bacharel em direito, advogado e industrial, casado com D. Maria do Carmo Sette, filha de Dr. Primitivo de Castro Sette, ministro aposentado do Tribunal de Justiça do Estado de S. Paulo, e de D. Thereza Colaço Sette Filhos:

3 — 1:—Maria do Carmo.

3 — 2:—Arnaldo, ambos nascidos na capital de S. Paulo.

2 — 2:—Gustavo Soares da Silva, n., em S. P., industrial, casado com D. Córa Cezar Netto,

filha do professor Dr. Antonio Cezar Netto, advogado, e D. Maria José Cezar Netto.

1 — 4:—Lourival de Azevedo Soares, n., em S. P., 18-1-1888, bacharel em direito, advogado, casado com D. Hilda Vianna, filha do industrial e banqueiro, C. P. Vianna (Christiano Peregrino Vianna), e de D. Elisa Carneiro Braga; Filhos:

2 — 1:—Hilda Vianna de Azevedo Soares, solteira.

2 — 2:—Odette Vianna de Azevedo Soares, solteira.

2 — 3:—Carmem Vianna de Azevedo Soares, sôlteira.

2 — 4:—Ruth, casada com Daniel Manoel da Costa, natural de Portugal, comerciante no Rio de Janeiro (Copacabana).

1 — 5:—Guiomar de Azevedo Soares, n., S. P., 27-11-1889, casada com o Dr. Celso Vianna, engenheiro civil, filho de Christiano Peregrino Vianna, industrial e banqueiro, e de D. Elisa Carneiro Braga. Filhos:

2 — 1:—Ciro Soares Vianna, n., S. P., bancario, casado com D. Maria da Conceição Lima, filha do Dr. Alcino Lima, advogado e professor da Faculdade de Direito de São Paulo; filhas:

3 — 1:—Maria Apparecida,

3 — 2:—Maria Thereza.

2 — 2:—Rubens Soares Vianna, n., S. P., bancario casado com D. Silvia Marmo, filha de Clemente Marmo, chefe da Repartição Estadual, natural do Rio Grande do Sul e de D. Rosa Marmo. Filha:

3 — 1:—Nair, n., S. P., solteira.

1 — 6:—Edgardo de Azevedo Soares, n., S. P., 1-1-1892, engenheiro civil, industrial, banqueiro, presidente da Companhia de Seguros — "Italo-Brasileira", hoje, Companhia Seguradora Brasileira, casado com D. Angelina

Peixoto, filha de Francisco Peixoto Ferreira de Souza, natural de Portugal, comerciante em S. Paulo, e de D. Antonia Peixoto, n., em S. Paulo. Filhos:

2 — 1:—Dirce, n., em S.P., casada com o Dr. Arquimedes de Barros Pimentel, engenheiro civil, filho de Francisco de Barros Pimentel, comerciante, e de D. Georgina Sotto Maior. Filhos:

3 — 1:—Carlos Alberto,

3 — 2:—Fernando de Azevedo Pimentel.

2 — 2:—Edith, n., S. P., casada com Julio Giorgi, industrial em S. Paulo, filho de Guilherme Giorgi, industrial, e de D. Maria Milanesi, ambos naturais da Italia. Filhos:

3 — 1:—Guilherme,

3 — 2:—Roberto de Azevedo Soares Giorgi.

2 — 3:—Edgardo de Azevedo Soares, n., em S. P., engenheiro civil e industrial, casado com D. Lourdes França dos Santos, n., em S.P., filha de Luiz França dos Santos, comerciante em Santos, e de D. Adelina Santos.

2 — 4:—Washington de Azevedo Soares, n., S.P., industrial, casado com D. Aurea Marques da Costa, n., em S. Paulo, filha de João Marques da Costa, industrial, e de D. Margarida Marques da Costa. Filhas:

3 — 1:—Irene,

3 — 2:—Suzana de Azevedo Soares.

1 — 7:—Dirce de Azevedo Soares, falecida menor.,

1 — 8:—Joaquim José, falecido impubere,.

1 — 9:—José Joaquim, gemeo, tambem pouco sobreviveu.

CAPITULO XL

Descendencia do Dr. João Evangelista de Azevedo Soares e D. Amanda Peña de Azevedo Soares

1 — 1:—Nair Azevedo Soares Nobrega, n., 28-11-1893, casada com Antonio Barbosa Nobrega, funcionario da Caixa Economica, falecido em março de 1938, filho de Francisco Nobrega Junior e de D. Elvira Barbosa Nobrega; s.g.

1 — 2:—Haydéa Azevedo Soares Araujo, n., 13-8-1895, casada com Raul Tavares de Araujo, funcionario do fôro do Distrito Federal, filho do escrivão Henrique Ferreira de Araujo, e de D. Mathilde Tavares de Araujo; filhos:

2 — 1:—Leda, n., 28-11-1917, casada com Washington de Almeida, oficial do exercito;

2 — 2:—Heine Evangelista, n., 16-2-1920,

2 — 3:—Evangelina,

2 — 4:—Evaldo Henrique, n., 21-2-1930.

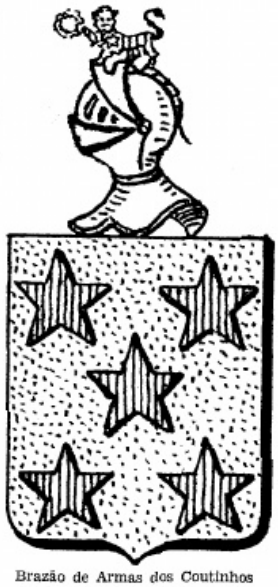
1 — 3:—Moacyr Peña de Azevedo Soares, n., 29-8-1899, medico pela Faculdade de Medecina do Rio de Janeiro, com função no quadro dos medicos do Ministerio da Fazenda, casado com D. Atimilda de Oliveira, distinta professora publica no Estado do Rio de Janeiro, filha de Fidelis Custodio de Oliveira, e de D. Francisca Mattos de Oliveira, fazendeiros em Nuam, municipio de Maricá; filho:

2 — 1:—Gerardo Evangelista Peña de Oliveira Soares, estudante e eximio musicista, solteiro. — D. Francisca Mattos de Oliveira, faleceu aos 80 anos, em 9-11-1944, em Niterói, deixando, do seu casal, filhos: D. Lidia de Oliveira, chefe da divisão de Industria, Comercio e Organização da Produção da Secretaria de Agricultura; D. Atimilda de Oliveira, supra; D. Fidelina de Oliveira Sarama-

fo, esposa de Manuel de Pinho Saramago, presidente do Sindicato dos Atacadistas; D. Fernandina de Oliveira, diretora do Grupo Escolar "Matias Neto" e esposa de Carlos Caetano da Silva, comerciante em Conceição de Macabú; D. Malvina de Oliveira, viuva de Benedito Bastos; D. Cecilia de Oliveira, professora publica estadual; e José de Oliveira, sócio da firma Saramago, Crista & Cia., da praça de Niterói.

APENDICE

Brazão de Armas dos Azeredos



Brazão de Armas dos Coutinhos

JULIÃO RANGEL DE MACEDO,

Fidalgo da Casa del Rey D. Philippe 1.º de Portugal, d'onde passou a conquista do Rio de Janeiro, e, aqui, como 1.º juiz de Orfãos, nos fins do seculo 16.º, e, em 1583, ficou substituindo a Salvador Corrêa de Sá, no governo geral e a quem muito ajudou na fundação da mesma cidade. —

(Padre Carvalho, Corografia, tom. 3, pg. 453)

Tirou Brazão de Armas em 12 de julho de 1746, isto é, o seu neto Julião Rangel de Souza, brazão esquartelado; no primeiro quartel as Armas dos Souzas do Prado, que são escudo esquartelado no primeiro esquinas de Portugal, no segundo em campo de prata um Leão rompente vermelho e assim os contrarios; no segundo quartel Armas dos Coutinhos, que são: um campo de ouro cinco estrelas vermelhas, postas em cantos de cinco pontas cada uma: no terceiro quartel as Armas dos Pereiras, que são em campo vermelho uma cruz de prata florente e vasia do Campo; no quarto quartel as Armas dos Rongeis que são um campo azul uma flor de liz de prata, orla de ouro com sete ramos verdes abertos em bagos sangueiros elmo de prata aberto, guarnecido de ouro paquife dos metais e cores das Armas, timbre o dos Coutinhos, que é um Leão andante vermelho com uma Capela de flores na mão direita, e uma estrela de ouro na espada, e por diferença brica de prata com um trifolio de ouro,

---

O CAMINHO DE DAMASCO

Nada ha, diz o adagio popular, como um dia depois do outro!

Em 1903, era como hoje digno representante do Estado de Sergipe o illustre Dr. Felisbello Freire, sempre distincto pelo seu saber, caracter e virtudes civicas.

Em sessão de 30 de Julho daquelle anno e a proposito de desapropriações, S. Ex. produzio notavel discurso com enthusiasmo apreciado, pelos seus dignos pares.

O Dr. Felisbello, então defensor do patrimonio municipal, descrevia as tres sesmarias que se fundavam, segundo esse Deputado, em o dominio directo dos terrenos desta capital, os quaes todos *pertenciam* á Camara Municipal.

Dizia o operoso representante da nação: "Estudando essas tres sesmarias *vê-se que não ha um só palmo do terreno* (sic) *fóra do dominio da Camara Municipal do Rio de Janeiro*. Logo, Sr. Presidente, comprar qualquer immovel ou qualquer terreno, é o Conselho ou o prefeito comprar o que já é seu".

Deante de tanto rasgo oratorio sem grandes provas, ninguem protestou contra semelhante inexactidão! E na bancada do Districto Federal havia quem tinha o dever de o fazer com desassombro.

Este a quem me refiro, havia poucos annos, pertencendo ao Conselho Municipal (1895-96), onde por muitas vezes foram discutidas questões de fóros e direitos patrimoniaes do municipio e até se pretendeu por subrogação alienar o que pertencia á edilidade no que ella realmente possuia sem duvida e contestação, em virtude das sesmarias que lhe foram concedidas no inicio e fundação da cidade do Rio de Janeiro.

Por esta folha "A Noticia" procurei com meus minguados recursos provar a facilidade com que por errados conceitos o imaginoso deputado sergipano procurava resolver problema até então insoluvel!

Argumentei com provas extrahidas do Archivo Nacional, com os textos do Dr. Haddock Lobo em sua obra. *O tombo das terras municipais*. Sustentava eu com bons fundamentos que os terrenos da cidade velha eram em sua grande parte allodiaes. Tinha sido concedidos sem foro aos primitivos conquistadores desta

terra. Retorquia-me S. Ex. com sua costumeira dialectica, querendo mostrar como bravo filho do norte ser antes "de quebrar que de torcer".

Nunca me hei de esquecer da hermeneutica de S. Ex. para explicar a decantada sesmaria de *sobejos*. Como se tal palavra não significasse o que resta de outrem possuidor ou o que não tem dono nem está aproveitado.

Mais realista do que H. Lobo, o Dr. Felisbello faria resurgir a utopia creada pelo prefeito Barata Ribeiro quando felizmente em vão procurou onerar como foreiras todas as terras que se estendiam da antiga rua da Valla até a praia da cidade,

Passam os annos e o illustrado Dr. Felisbello dá a imprensa o primeiro volume da sua *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*. Pois bem, com esta notavel publicação, S. Ex. veio dar ganho de causa a seu antigo contendor, o obscuro signatario destes apontamentos.

Após 98 annos escreveu o Dr Felisbello: "Os importantes serviços prestados pelos conquistadores para a fundação da cidade foram recompensados pelo governo com doações de terrenos para a construcção das habitações e inicio de suas lavouras. Todos os logares da administração publica municipal que ia nascer foram dadas a elles. As melhores zonas foram dadas aos que mais se salientaram na guerra e aos que tinham melhor herarchia social"

Ainda mais, a pags. 75 cita a opinião de H. Lobo por uns annos antes tantas vezes lembrada no correr das nossas descripções.

Escreveu H. Lobo: "Mem de Sá assignalando no Foral a direcção de NNO para ser obrigatoriamente seguido, quando se tratasse de medir a testada da sesmaria teve em vista alterar a concessão feita dois annos antes por seu sobrinho Estacio de Sá, em proveito tão somente dos edificadores de nova cidade, que, em virtude deste rumo deixavam *de ser contribuintes* á Camara por ficarem fóra dos limites de sua sesmaria. Se ao contrario tivesse elle confirmado pura e simplesmente a primeira dado o rumo da medição seria outro; visto como os terrenos della era uma legua e meia de terra, começando da casa de pedra ao longo da ba-

hia até onde se acabar". Quer isto dizer como tantas vezes o repito: todas essas terras foram sempre allodiaes.

Desta verdade ha provas inconcussas nas questões havidas entre o governador Luiz Vahia Monteiro e a Camara. Versavam acerca da construcção de casas fóra do muro da cidade, meio de defesa posto até certo ponto em executar e mais tarde abandonado por inutil para segurança do Rio de Janeiro.

Volto ao ponto principal. Grande contentamento, pois, experimentei ao vêr na monographia do Dr. Felisbello provas do que eu sempre asseverava: tantas eram as terras concedidas sem pensão ou fóro!

Não admira porque ainda em 1721 o governador Ayres de Saldanha concedida no interior da cidade sesmarias, máo grado a prohibição de 1716, facto que em 1748 ainda provocava por parte da Camara protesto levado á presença do monarcha portuguez.

Para os conquistadores e auxiliares de Estacio e Mem de Sá abre o Dr. Felisbello em seu trabalho um capitulo especial. O primeiro dos numerados é o mui conhecido Antonio de Mariz, immortalisado pela penna do egregio José de Alencar e tambem pela musica eminentemente nacional do inesquecivel Carlos Gomes

Que Mariz teve terras fóra do Rio, basta ler o tomo 93 da Revista do Instituto Historico.

Garante outrosim o Sr. Felisbello que Mariz obteve uma sesmaria no morro de Santo Antonio que doou aos Carmelitas. Não diz a data nem precisamente localisa o sitio. E' tão grande o alludido morro!

Ignoro as particularidades desse facto. Sei apenas que Antonio de Mariz teve um curral nas proximidades da Lagoa Grande ou do Boqueirão.

Deprehende-se isto da sesmaria concedida em 11 de Setembro de 1573 por Christovão de Barros a Nuno Tavares. Este pedio cem braças de terras de largo e duzentas, de comprido no Cabo da Vargem onde se chama o penedo do descanso, as quaes cem braças se medirão da lagoa que está na terra de Francisco de Souza indo pelo caminho que vem da Aldeia de Martim Affonso cortando do curral de Antonio de Moraes até a praia do oleiro e as duzentas pelo monte arriba ao longo do caminho que vae pelo monte arriba á roça de Salvador Corrêa de Sá.

Christovão de Barros concedeu apenas sessenta braças ao longo do caminho que vae da lagoa grande e do outro do meio para as olarias correndo ao longo do chão de Francisco de Souza que começarão onde acabar Thomé Rodrigues e setenta pelo outeiro acima etc."

Antes de vir para o Rio de Janeiro, Antonio de Mariz residio na Capitania de S. Vicente. De 1562 a 64 servio como juiz ordinario e vereador da Camara da Villa de S. Paulo. Consta tudo isto de um folheto que me foi offerecido pelo operoso Eugenio Egas. Nesse opusculo vem reproduzidas as actas da referida villa no precitado periodo.

A genealogia dos descendentes de Antonio foi feita como já disse pelo ministro Dr. Macedo Soares. E' trabalho de consciencia e muito estudo.

Desse distincto brazileiro ocorre tambem curiosa nota na 2.ª edição do trabalho: "Regimento das Camaras Municipaes, nota que muito esclarece a personalidade de A. de Mariz"

Conforme M. Soares, o verdadeiro nome daquelle é Dr. Antonio de Mariz Coutinho, provedor da fazenda real no Rio de Janeiro, casado com D. Izabel Velha"... Entretanto, José de Alencar, no seu romance o "Guarany", sem mais exame e só pelo que leu em Balthazar Lisboa (que erra muito nestas materias) enganou-se, dando á mulher de Antonio de Mariz o nome de Lauriana. Tambem não sabemos aonde elle foi buscar o titulo de Dom com que condecorou o provedor do Rio de Janeiro. Imaginação de poeta mettido a historiador".

Falleceu A. de Mariz pouco mais ou menos em 1584, porque neste anno pedia Ayres Fernandes o logar de mamposteiro dos captivos, vago pela morte de Mariz.

Foi este, como bem disse o Sr. Felisbello, tronco de numerosa familia fluminense, cujos representantes por muitos annos exerceram importante papel na politica e na administração.

E' em derredor de sua individualidade que José de Alencar teceu o enredo do Guarany.

Bom é lembrar que o romance começa em 1606 e Mariz estava enterrado desde 1584. Tambem nunca teve filha com o nome de Cecilia!

Entre os descendentes desse primeiro povoador, contam-se os Rangeis de Souza os Macedos Freires, os Sodrés, Azeredos Coitinhos, Macedo Soares, Duque Estrada, Mascarenhas, etc., etc.

Falta-me espaço para tratar dos outros prematuros povoadores que tambem deixaram illustre e honrada descendencia.

Todos elles foram tambem aquinhoados com terras não foreiras.

Ao velho carioca perdoa o generoso Dr. Felisbello estas impertinencias, filhas do muito que me merece o operoso historiador o qual tem procurado com os esforços de seu talento restabelecer a verdade com referencia ao passado desta capital.

Vieira Fazenda.

Domingo, 1 de Dezembro de 1912.

Da "A Noticia", de 11-12-1912.

ANTONIO DE MARIZ

Nem todos os frequentadores do Lyrico dispõem de tempo para procurar saber quem foi o individuo, cujo nome encima os presentes apontamentos, o qual das paginas de notabilissimo romance passou para a opera — *O Guarany*, vocabulo de etymologia ainda incerta

Para Theodoro Sampaio é corrupção de guarani — o guerreiro, o que lucta. D'esse pensar foram tambem Varnhagen e Couto de Magalhães. O dr. João Mendes de Almeida julga, porém, provir aquella palavra — de Goára — ani — povo não originario do logar.

Personagem de existencia historica averiguada o Dr. Antonio de Mariz Coutinho, se nunca teve o titulo de *Dom*, não possuio solar medieval nas cercanias do Paquequer, nem falleceu victima de explosão e desmoronamento, occupa, todavia, notavel logar nas paginas da nossa historia colonial a que ligou o nome por feitos de heroismo e abnegação, servio cargos do funcionalismo publico, fazendo parte d'essa illustre pleiade de soldados — fé em Deus, amor da patria e dedicação ao rei — varreram das plagas cariocas intrusos estrangeiros e ajudaram Mem de Sá a lançar os alicerces da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Descendentes de Lopes de Mariz obtiveram os da familia brazão de armas, dado em Evora por D. João III em 13 de setembro de 1534, como refere o visconde Sanches de Baêna, em seu importante trabalho *Archivo Heraldico e Genealogico.*

Das indicações esparsas em documentos impressos e ineditos nada podemos conhecer dos primeiros tempos da vida de Antonio de Mariz. Ignora-os quando chegou ao Brasil; mas é certo que já em 1561, se havia fixado na Capitania de S. Vicente; pois n'esse anno requeria a Pedro Collaço, capitão mór, preposto de Martim Affonso de Souza, terras, na bórda do Campo, *onde se chama Ipyranga*, termo da ilha de Piratininga, allegando ser, de há muito, residente na Capitania, e *ser casado*. Camarista da villa de S. Paulo, Mariz e seus companheiros, em 12 de maio de 1565, resolvem dirigir energica representação a Estacio de Sá, capitão mór da armada real. Esse documento, impresso na *chronologia* annexa aos *Apontamentos Historicos Geographicos, Biographicos* de Azevedo Marques dá perfeita idéa do carater e independencia d'esses antigos homens deliberados sempre a quebrar, mas nunca a torcer.

Acompanhou, abandonando de vez S. Paulo, a Estacio de Sá, tomando parte activa em todos os combates contra francezes e seus alliados tamoyos, referidos por todos os historadores e chronistas. Dispersos os inimigos, obteve Antonio de Mariz, por actos de bravura, a amisade e consideração do governador geral Mem de Sá. Transferida por este a cidade para o morro depois chamado do Castello obteve o brioso capitão de infantaria varias datas de terras que podemos ler na Revista do **Instituto** Historico (tomo 63, parte 1.ª: "3.000 braças de largo e 6.000 para o sertão, que está dentro n'este Rio, correndo por ele acima (fevereiro de 1568) — 4.500 e 9.000, para o sertão por esta Bahia a dentro, onde acaba Martim Affonso até o logar chamado Ibirapitanga (23 de março de 1568) — mais 3.000 braças ao longo do mar e 6.000 para o sertão, principiando a medir de Ibirapitanga, onde acaba a

data de Diogo da Rocha (23 de março de 1568) e finalmente em 8 de Janeiro de 1574 — 500 braças em quadro, na praia em frente ás ilhas de Maricá".

Do desinteresse de Antonio de Mariz temos prova na desistencia feita, em favor do Arariboia (Martim Affonso), de uma sorte de terras, constando de uma legua de costa e duas de sertão, começando das barreiras vermelhas. N'esse ponto, em 1573, formou-se a antiga aldeia de S. Lourenço, como está provado pelas escripturas publicas, trasladadas por Joaquim Norberto de Souza e Silva, na parte documentada de sua *Memoria* sobre as Aldeias de Indios da provincia do Rio de Janeiro, impressa na Revista do Instituto Historico, (Tomo 17. Anno 1854).

Da leitura d'essa importante monographia resulta a certeza de ser a esposa de Antonio de Mariz, D. Isabel Velho e não Laureana Simoa, como pretendeu o Dr. Balthazar Lisboa, no 1.º volume de seus Annaes do Rio de Janeiro. E facto curioso: mais adiante, no volume 5.º da mesma obra, o Dr. Balhazar sem se lembrar da contradicção, em que cahira, assignala á esposa de Mariz o nome verdadeiro.

No documento acima apontado assignou a rôgo Pedro de Seabra, por ser D. Isabel Velho *mulher e não saber escrever*.

Da posse, em 1573, das terras cedidas ao Arariboia resulta-nos a convicção de que este indio alliado dos portuguezes so se passou para banda do além quando os primeiros governadores, em vista do socego da terra, puderam dispensar o auxilio immediato do volente chefe dos Tupininós. D'esse modo o celebre combate, de 1568, do qual o Arariboia sahio vencedor, graças ao auxilio de Salvador Corrêa e ao denodo de Duarte Martins Mourão, teve lógar para as bandas da antiga Bica dos Marinheiros (Aterrado), primitivo assento da Aldeia de S. Lourenço. D'esse chefe, a quem D. Sebastião remunerou com o habito de Christo, a tença de 1.200 e um vestuario de seu uso e sobre cuja biographia andava reunindo materiaes o general Couto de Magalhães, vem a pello repetir aqui um facto narrado por frei Vicente do Salvador.

Chegando ao Rio de Janeiro, o governador Antonio de Salema foi emprimentado pelos principaes ci-

dadãos e indios, tendo estes á sua frente o Arariboia. O governador mandou-lhe dar uma cadeira — e elle em se assentando cavalgou "*huma* perna sobre a outra, segundo o seu costume; mandou-lhe dizer o governador pelo interprete que alli tinha que não era aquella boa cortezia, quando fallava com hum governador, que representava a pessoa de El-Rey. Respondeu o Indio de repente, não sem colera e arrogancia, dizendo-lhe: Se tu souberas quão cançadas eu tenho as pernas das guerras em que servi a El-Rey, não estranhavas dar-lhes agora este pequeno descanço, mas já que me achas pouco cortezão eu me vou para minha aldeia, onde nós não curamos d'esses pontos, e não tornarei mais á tua côrte. Porém nunca deixou de se achar com os seus em todas as occasiões que o occupou".

Tempos depois como é sabido, determinou Salema expulsar os francezes de Cabo Frio sendo valentemente auxiliado pelo Arariboia e por quatrocentos portuguezes, entre os quaes se achava o nosso Antonio de Mariz. A narração da jornada de Salema foi feita pelo professor Capistrano de Abreu, sob o titulo *Gravetos da Historia Patria*, impressa na "Gazeta de Noticias", de 6 de novembro de 1882 e reproduzida pelo então juiz de direito e hoje ministro do Supremo Tribunal Federal Dr. Macedo Soares, nas annotações á 2.ª edição, do Regimento das Camaras Municipaes, e tambem pelo illustrado Dr. Augusto de Carvalho em sua monographia — *A Capitania de S. Thomé.*

Tal foi a relevancia dos serviços prestados na expedição de Cabo Frio por Antonio de Mariz, que o governador o armou cavalleiro, em 18 de fevereiro de 1578, segundo nos refere o auctor anonymo dos Annaes do Rio de Janeiro existentes na Bibliotheca cional em parte empressos pelo Dr. Mello Moraes no *Brasil Historico* (1866-68).

Por morte de Estevão Pires foi Mariz nomeado provedor da fazenda real e juiz da alfandega. Em 1568, já exercia o cargo, que lhe não permittia ausentar-se ou ter residencia fóra do ambito da nascente cidade do Rio de Janeiro. Que teve grangearia, aqui, nos dá noticia o traslado de antiga sesmaria concedida a Nuno Tavares. Pedia este ao governador Christovão de Barros, 11 de setembro de 1573, *cem braças de terra de lar-*

go e duzentas de cumprido no cabo da vargem, onde se chama o penedo do descanso, as quaes cem braças se medirão da lagoa que está na terra de Francisco de Souza, indo pelo caminho que vem da aldeia de Martim Afonso, cortando "ao curral de Antonio" de Mariz até a praia do oleiro e as duzentas pelo monte arriba ao longo do caminho que vae pelo monte ás roças de Salvador Corrêa de Sá.

Tratando-se aqui do morro do Castello, da lagôa do Boqueirão (hoje Passeio Publico), praia de Santa Luzia ou caminho da forca e Chacara da Floresta, estavam os curraes de Antonio de Mariz, salvo erro, nas proximidades do Cattete. Residiria elle n'esse hoje elegante e aristocratico bairro d'esta capital? Quanto á época da morte do Dr. Coutinho, sabemos pela provisão passada ao filho Diogo de Mariz (31 de dezembro de 1606) que: seu pae pelejara valorosamente na defesa da cidade, onde *falleceu*, traspassado de settas, na lagôa depois chamada da Sentinella e antes *Capuerussú* (hoje rua Frei Caneca), onde os indios escondidos sahiram de improviso contra os portuguezes que sobre elles iam.

Este triste acontecimento foi em 1584, pouco mais ou menos. Resulta esta nossa opinião da leitura do *Traslado da provisão* de *Ayres Fernandes* de Manam posteiro-mor dos captivos, passada na Bahia, em 11 de setembro de 1584, pelo governador geral Manuel Telles Barreto.

N'esse documento, impresso no Archivo do Districto Federal (tomo 2.º, anno de 1895, pag. 262) encontramos o seguinte: — Hei por serviço de Sua Magestade o (Ayres Fernandes) encarregar do officio de Mamposteiro-mór dos captivos da dita Capitania, *que vagou por* MORTE DE ANTONIO DE MARIZ, etc.

Esse encargo, que consistia na arrecadação das esmolas para redimir os prisioneiros victimas dos infieis só era dado a pessoas de *importancia, virtudes e saber*. E' isto mais uma prova do caracter do individuo para cuja biographia apresentamos, aqui, apenas simples notas.

Além do filho Diogo, acima referido, deixou o Dr. Antonio de Mariz Coutinho, uma filha, D. Isabel Velho Tenreiro, esposa de Chrispim da Cunha Tenreiro,

que tambem exerceu o cargo de provedor mór da fazenda. Obteve elle uma sesmaria perto da lagôa grande, terras cedidas, mais tarde, aos carmelitas que as venderam ao bispo D. Antonio do Desterro para edificação do convento da Ajuda (1750). Entre os vereadores d'esta cidade (1609) encontramos um Antonio de Mariz, que suppomos ser filho ou neto do Dr. Coutinho. Foi seu descendente o prelado Antonio de Mariz Loureiro, que perseguido por inimigos perdeu o juizo, *por peçonha ou veneno ministrado na comida*, e teve de fugir para Portugal.

Não ficou felizmente extincta a raça do valente cavalleiro, cuja psychologia foi magistralmente feita por José de Alencar. Da geração do antigo provedor da fazenda provieram muitos e illustres brasileiros, notaveis nas armas, lettras e sciencias e da maior fama, pertencendo o sangue d'elle a muitas das nossas principaes familias: os Loureiros, Sodrés, Rangeis, Macedos, Freires, Azevedos, Coutinhos e tantos outros são ramos do tronco principal — Dr. Antonio de Mariz e D. Isabel Velho. De seus numerosos descendentes citaremos o illustrado clinico Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares e seu irmão o venerando ministro do Supremo Tribunal Federal, Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, que possue todos os papeis genealogicos, pertencentes a seu avô materno o Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, capitão-mór de Cabo Frio, 4.º neto paterno e 6.º materno do Dr. Antonio de Mariz, e ao seu parente o finado coronel Theodoro de Macedo Sodré, 7.º neto do mesmo Mariz.

D'este notavel varão sempre perdurará a memoria, graças á penna de ouro de Alencar e ao éstro sublime do immortal Carlos Gomes.

V. Fazenda.

Da "A Noticia" de 1 de outubro.

UMA FESTA TRADICIONAL NOSSA SENHORA DA GLORIA

Vieira Fazenda, cujo desapparecimento foi uma grande perda para o nosso Instituto Histórico, deixou o seu

nome ligado á chronica do Rio, cujos faustos e tradições descreveu em trabalhos numerosos. Sobre o antigo e pittoresco templo da Glória, onde o povo carioca celebra annualmente uma das suas festividades, Vieira Fazenda escreveu este curioso artigo, que achamos opportuno reproduzir.

Ha duzentos annos tiveram inicio as obras de um novo templo em substituição a uma antiga ermida feita de páo a pique e barro, a qual ameaçava desabar.

Ermida e novo sanctuario tiveram assento em um morro, hoje da Gloria e primitivamente de Levype e mais tarde de Maximo o *Sapateiro*, como escreveu o Dr. Felisbello Freire na sua recente "Historia da Cidade do Rio de Janeiro".

Salvo melhor juizo esse Maximo foi Maximo Ribeiro de Souza. Seu nome com os de Heitor Fernandes Carneiro, Padre Sebastião Fagundes Varella, Thomé Cabral, Antonio do Souto e Manoel Francisco figuram como testemunhas no auto de verificação da *Casa de Pedra* quando em 1667 o *Conselho* começou a medição da sesmaria concedida por Estacio de Sá e modificada por Mem de Sá.

Aquelle monte ou outeiro desperta pois recordações historicas. Lembral-as no dia de hoje é chamar a attenção dos presentes para um passado cheio de tradições, no presente quasi esquecido, porém curioso por factos da nossa vida de antanho e lendas poeticas, que o cercam.

Nas proximidades do actual morro da Gloria, estava situado o baluarte dos Tamoyos *Ibiraguassú-mirim*, invertido em 20 de Janeiro de 1567, O combate foi renhido, Francezes e Tamoyos alliados foram vencidos. Infelizmente o Capitão Mór Estacio de Sá ficou ferido e fallecia em meiados de Fevereiro daquelle anno.

Por junto do morro espraiava um dos braços do rio Carioca, onde tambem os nossos antepassados se proviam de água. Indios e negros de Guiné lá iam com potes. E para garantir a authenticidade do precioso liquido ornavam as vasilhas com certa planta que só medrava naquellas paragens.

Outeiro e sanctuario inspiravam poetas e Frei Francisco, o S. Carlos, escreveu até um poema sob o titulo *Assumpção*. Portalegre nas suas *Brasilianas*,

exaltece a belleza e o encanto do local em que ergue a moderna Igreja de Nossa Senhora da Gloria, Walsh, D. José Guido, Moreira de Azevedo, João de Aboim. Carlos de Sá, José de Alencar e tantos outros fallam com enthusiasmo do pittoresco templo.

Ninguem melhor do que Mello Moraes Filho fallou em linguagem de verdadeiro poeta das festas brilhantes dos tempos áureos das romarias em que os grandes e pequenos da terra, ricos e pobres á porfia subiam a ladeira para prestar homenagem á Virgem. D. João VI, os nossos dois Imperadores, suas consortes, suas filhas o mesmo praticavam nesse dia 15 de Agosto, consagrado á morte gloriosa de Maria. E tinham razão. "He, escreveu Frei Agustinho de Santa Maria, esta santissima Imagem de rara formosura e assim está attraindo os corações de todos os que nella põem os olhos e por esta causa he a sua casa e sanctuario muito frequentados com romagens, porque todos têm muita fé com esta Senhora gloriosa e piedosa mãe. Hé muito assistida de seus devotos e ella lhes paga muito bem com as muitas mercês, que faz a todos, como estão apregoando os muitos signaes que se estão vendo perder das paredes de sua casa em quadros, mortalhas deste argumento".

Corria o anno de 1671, quando Antonio Caminha, que depois accrescentou o sobrenome de Gloriano, fundou a primitiva ermida, formando com um nucleo de devotos a primeira irmandade de Nossa Senhora da Gloria. Era o outeiro então cercado de roças pertencentes a diversos donos, taes como João Lopes, Padre Vicente de Leão, Manoel Soares, João de Abreu e Miguel Couto Loureiro. Nas visinhanças notavam-se as olarias de Joanna Coutinho e de Domingos Coelho.

Seu primeiro proprietario fôra *Julião Rangel de Macedo*. O caminho fazia-se pela praia, passando pelo lado da lagôa do Boqueirão, onde está o Passeio Público.

A estrada junto ao mar era attingida pelas vagas, sobretudo em tempos de resacas. Foi melhorada, no tempo do Marquez do Lavradio. Mais tarde, em 1858, formou-se o chamado Cáes da Gloria. Em nossos dias, remodelada pelo inolvidavel Prefeito Pereira Passos, faz parte desta esplendida Avenida Beira Mar, tão justamente admirada por nacionaes e extrangeiros.

Obtida a necessaria concessão por parte do proprietario, Caminha poz por obra o religioso intuito. Por informações de frei Miguel de S. Francisco, refere ainda o precitado frei Agostinho "a imagem de N. S. da Gloria é formada de madeira e de perfeitissima esculptura e parece que foi feita com muito espirito e o seu artifice foi o mesmo ermitão Antonio Caminha Tem sete palmos e como na sua manufactura poz o artifice grande cuidado e devota applicação assim sahiu tão bella e tão formosa que é uma suspensão. Está em pé e tem em seus braços o Menino Deus que tambem está em pé." "A materia é de madeira incorruptivel, mas por maior devoção e veneração a cobrem com roupas de ricas sêdas e com um manto muito grande e roçante e corôa de prata."

Em 15 de Agôsto festeja-se tambem em Lagos, no Algarve, a Senhora da Gloria. E notavel coincidencia, a de Portugal é exactamente esculpida como a do Rio de Janeiro! Seu artista foi o mesmo Caminha, natural de Aveiro, que ainda existia (1714) ao tempo em o qual foi publicado o tomo X do Sanctuario Mariano, de lavra do já supracitado frei Agostinho.

Entra este religioso em minucias acerca dessa outra imagem. Caminha foi ajudado por dous mancebos, dous anjos disfarçados. Outros dizem coadjuvado por um filho sacerdote de nome João Caminha. Prompta a Santa, Caminha fel-a embarcar na náo Falcão, cujo capitão era Manoel da Rocha Lima. Intrigantes foram denunciar o devoto ao bispo. Diziam que no caixão iam joias pertencentes a Nossa Senhora da Gloria do Outeiro. Caminha foi preso. Nésta triste emergencia disse ao capitão que levasse a imagem e a offerecesse ao Rei D. João V.

O navio seguiu na frota de 1708. Assaltada por "procellosa tempestade" a embarcação deu á costa nas praias de Lagos. Salvou-se o caixão e os Capuchos de Santo Antonio retiraram do mar a imagem e a puzeram no altarmór da Igreja do seu convento.

Posto á parte lendas, Antonio Caminha existiu. Duvidas não póde haver. Foi grande proprietario na vasta zona em que até pouco tempo existiu o Convento d'Ajuda. O ermitão teve filhos e netos que possuiram por herança partes desses terrenos e prédios. Uma neta, Marianna da Silva Rosa, casou com Manoel Fernandes da Costa. Este propoz ás freiras d'Ajuda demanda que durou 70 annos. Terminou em 1811 por um accôrdo entre as religiosas e a filha de Fernandes da Costa — D. Anna Joaquina de Jesus, viuva de Alexandre Tavares da Silva, unica herdeira sobrevivente do referido Costa.

Ao notavel e conhecido historiographo, ao tratar da Gloria, pareceu extranho que pudesse Caminha fundar ermida ou capella em terras não de sua propriedade. Era facto muito commum. Entre outros, aqui mesmo no Rio de Janeiro, temos o exemplo de Aleixo Manoel construindo a capella da Conceição, no actual morro de S. Bento, então pertencente a Manoel de Brito e depois a seu filho Diogo de Brito Lacerda.

Pedro Martins Negrão construiu a capella de S. Pedro, junto á antiga igreja da Candelaria, em terrenos pertencentes a Antonio Martins da Palma.

Não póde, pois, ser posta em duvida a personalidade de Antonio Caminha, tão romanescamente feita por José de Alencar, mas fundada em documentos ineditos e pouco conhecidos.

Procede, pois, muito bem a Veneravel Irmandade da Gloria, grata á memoria desse ermitão fazendo annualmente (13 de Junho), celebrar acto religioso em suffragio pelo eterno repouso desse primeiro instituidor no Rio de Janeiro da devoção cujo titulo encima estas notas, simplesmente commemorativas.

Outro, a quem com justiça a Veneravel Irmandade concede o primeiro lugar entre os seus grandes bemfeitores, é o Dr. Claudio Gurgel do Amaral

Cahia em ruinas a capella erguida em 1671, quando em 20 de Junho de 1699, o Dr. Claudio doava aos irmãos da Gloria, a posse do outeiro, em que hoje se ergue o pittoresco sanctuario.

A escriptura então lavrada no cartorio do tabellião Christovão Corrêa Leitão, reza mais ou menos o seguinte:

"Presentes os confrades da Gloria, o referido Dr. Claudio e o vigario geral Dr Manoel da Costa Coreiro, e na presença de testemunhas, declarou o Dr. Claudio fazer doação á Nossa Senhora da Gloria de um outeiro de terras que possuia por titulo de compra que

fizera ao capitão Gabriel da Rocha Freire, para no dito outeiro se edificar uma ermida á mesma Senhora, que fosse permanente e, não sendo assim, ficaria revogada a doação, e sem mais condição de que na dita, ermida lhe dariam sepultura a elle doador e a todos os seus descendentes e a quem lhes parecesse. Figuram neste curioso documento como testemunhas, o padre João de Lima e João de Souza Pereira. Por escriptura de 18 de Fevereiro de 1687, lavrada pelo tabellião João Corrêa Ximenes, e na presença das testemunhas Ignacio Francisco de Araujo e Matheus da Costa, Manoel Lopes Carrilho ao Dr. Claudio Gurgel do Amaral por 210$000 vendeu 100 braças de terras proprias, na praia da Carioca, chacara do Oriente, em quadra e barreiras perto dellas, partindo do lado direito com terras do Senado, nellas fazenda testada. O vendedor declarou que tinha herdado essas terras de seu pae, João Lopes. Por este documento se vê que as terras iam até o mar, que até então ainda não estava aberta a rua do Cattete, e que o caminho fazia-se pela praia, contornando o actual outeiro da Gloria.

Pois bem, não contente de doar o monte, o Dr. Claudio, para patrimonio do novo templo, doou mais aquella zona de terras, no ponto em que hoje se edifica o Palacio Cardinalicio e onde existem outras importantes propriedades.

Neste sitio existiu o palacete de Braz Carneiro Leão. Passou depois á sua viuva, D. Anna Francisca Rosa Maciel da Costa, baroneza de S. Salvador de Campo; mais tarde a Manoel Lopes Pereira Bahia e muito depois nesse immovel funccionou em nossos dias a Secretaria de Extrangeiros.

No predio em questão, demolido para a construcção do palacio do Sr. Cardeal, deram-se no tempo do Imperio e na noite de 15 de Agosto, os sumptuosos bailes descriptos por Mello Moraes Filho. A estes saráos assistiram D. Pedro I, D. Pedro II e suas consortes.

Os terrenos vendidos ao Dr. Claudio por João Lopes, sempre allodiaes entestavam com outros tambem livres de fôro. Vão do canto da rua do Cattete, até a actual rua Corrêa Dutra. Constituiam a sesmaria dada em 1642 por Salvador Benevides a Heitór Fernandes Carneiro, a qual passou depois aos Valdetaros.

Máo grado a vigilancia dos Governadores, continuavam os Francezes a fazer em Cabo Frio o contrabando de páo brazil. Um certo Toussaint Grugel, foi apanhado em flagrante e preso por João de Souza Pereira Botafogo. Grugel fixou residencia nesta cidade. Residia na rua do Gadelha (Ouvidor), do lado direito, acima do becco de Francisco Barreto (hoje das Cancellas), com fundos para á rua de Domingos Manoel (Rosario). Falleceu antes de 1631. Fôra casado com D. Domingas de Arão Amaral. Teve muitos descendentes, que se espalharam por varios pontos do Brasil. De Toussaint Grugel era neto, por parte materna, o Dr. Claudio Grugel do Amaral, cuja assinatura authentica figura nos livros da Misericordia.

Cahia em ruinas um antigo forte, chamado de Nossa Senhora da Gloria, e a metropole confiou a reedificação delle a Claudio Grugel do Amaral, com a condição de que este de pedra e cal renovaria á sua custa o forte. Para tal mister recebeu o mesmo Claudio a patente de capitão, assignada em 12 de Março de 1703, pelo Governador D. Alvaro da Silveira de Albuquerque. Neste documento se faz o elogio dos serviços militares prestados pelo nomeado. Diz mais que Claudio serviu com honra os cargos de Provedor da Corôa e Fazenda Real, provido pelos Governadores Pedro Gomes, Duarte Teixeira Chaves e João Furtado de Mendonça e depois por Sebastião de Castro Caldas, nos cargos de Provedor da Fazenda Real. Juiz da Alfandega e Contador della. Occupou tres cargos, como diz a patente, "grande zelo e desinteresse do serviço de Sua Magestade, havendo antes occupado por suas lettras e merecimentos, os honrados cargos da Republica, de Juiz Vereador e Escrivão da Camara".

Nesta carta allude-se ainda á posição assumida por Claudio na occasião da vinda, em 1695, de varios navios francezes, e á generosidade com que contribuio com dinheiro, escravos e materiaes, para o melhoramento de quarteis e fortificações da praça do Rio de janeiro. "Por cujos serviços, reza ainda o documento, e tendo consideração a que o dito Claudio Grugel por sua nobreza, autoridade e prudencia obrára em tudo com grande acerto, havendo-se com valor na occasião do real serviço, dando inteira satisfação no que for encarre-

gado e esperando de sua pessoa que assim o execute e no que tocar ao adiante do dito forte: Hei por bem fazer mercê ao dito Claudio Gurgel de o nomear e prover em nome de Sua Majestade (como por esta minha carta-patente o nomeio), do posto de Capitão do forte de Nossa Senhora da Gloria da praia da Carioca, etc."

Pelo referido se vê a importancia de que gozava nesse tempo do Governo o benemerito bemfeitor da Gloria.

Entrado em annos, tomou o Dr. Claudio ordens. O Dr. Diogo de Vasconcellos, illustrado autor da *Historia Antiga de Minas Geraes*, pondo em destaque a influencia que os bispos procuravam sustentar ante o poder temporal, escreveu o seguinte: "ordenavam o maior numero de padres que podiam, chegando a ponto que criminosos protegidos por dignidade ecclesiastica não raras vezes recebiam ordens para se livrarem da jurisdicção do fôro commum. Com Claudio Grugel do Amaral deu-se o facto de urdir por questões de igreja, no Rio, uma revolução, em que houve mortes. O bispo ordenou-o e nomeou vigario de Ouro Preto, pelo que Albuquerque ao Rei se queixou e o Rei mandou por ordem de 18 de Novembro de 1712 que, se o bispo não o removesse, o Governador fizesse prender (Grugel) e fosse deportado para a Africa.

Triste fim teve a vida do doador do Outeiro da Gloria.

Ministro por duas vezes da Ordem da Penitencia, occupou tambem o cargo de Provedor da Misericordia, onde, em um quarto particular veio, em 1716, a fallecer, victima de uma emboscada. Odios antigos, intrigas e passadas offensas dividiam, depois da invasão franceza (1711), as familias desta cidade em inimigos irreconciliaveis. Energico, irascivel e caprichoso, Claudio não sabia esquecer e perdoar. Ferido por um tiro sucumbio, pois, na Santa Casa, onde prestára bons e apreciaveis serviços.

Nesta pallida resenha de factos referentes á Gloria não pode tambem ser esquecido o nome do Conego Francisco da Cunha Coronel, natural do Rio de Janeiro, e fallecido em 23 de Dezembro de 1711.

Distribuio, disse Monsenhor Pizarro, muita parte de seus bens em obras pias, de que participou o templo

de Nossa Senhora da Gloria, edificio no suburbio desta cidade, cujo edificio se dispunha a fabricar de novo".

Não lh-o permittiu a morte.

Seu nome, porém, deve ser grato á Irmandade da Gloria, que teve inicio em 1739, terminadas todas as obras do novo templo.

Durante tão longo espaço de tempo tem este sodalicio desempenhado santa e piedosa missão.

A' sua frente está como Provedor o meu amigo Ulrich Carlos Rohr, a cujo pedido escrevi, de pressa, estas notas — exiguo preito á Virgem, paraphrazeando os versos de Frei S. Carlos:

"Eu só pretendo com meus versos rudes
Tuas glorias cantar, tuas virtudes."

15 de Agosto de 1914. (1).

Vieira Fazenda.

A PENHA

De Vieira Fazenda.

Sou dos que mais apreciam a antiga e tradicional romaria que hoje se realiza.

Emquanto achamos ridiculos usos e costumes inteiramente nossos, importamos de extranhas terras, outros, que não têm o cunho nacional.

E', pois, de louvar o modo por que o nosso povo conserva inalteravel o entusiasmo pela festa da Penha, que já em 1713 merecia menção especial de frei Agostinho de Santa Maria.

Censurem-se, e com razão, as cenas ridiculas, indecentes e prejudiciais a que a festança dá lugar, nascidas da indiferença de uns e da irreligiosidade de muitos.

A's autoridades competentes cumpre reprimil-as, para que desordeiros e desclassificados não perturbem as sinceras manifestações de reverência de muita gente que sobe os 365 degraus cavados na rocha para levar á Virgem homenagens de fé robusta e sinceras esperanças.

(Revista Selecta — 11 de Agosto de 1917).

Despontaram elas nos corações dos nossos antepassados nos dias em que circulou o boato do grande milagre realizado por intervenção da Senhora da Penha.

Propensa sempre para o maravilhoso, a imaginação popular apoderou-se do fáto, embelesou-o, modificou-o de várias maneiras.

E bela e poética a lenda, a que se prende a fundação do santuário, o qual, do pincaro de alterosa montanha, domina os vastos campos de Inhauma e Irajá.

Durante a maior força dos ardores do sol, escreveu o cronista do *Ostensor Brasileiro*, abrigava-se um dos pobres caminhantes á sombra de copada árvore, que crescia na baixa da precipitada montanha.

Deposto o bordão de viagem, adormeceu o pobre homem, descansado e sem temor. Eis que de um brejal próximo sái horrendo jacaré com as queixadas abertas, eriçadas de agudos dentes. Em sonho vê o viandante o iminente perigo, e bem assim entre nuvens a imagem de Nossa Senhora tendo nos lábios sorriso de angélica bondade.

Desperta o viajor.

Seus olhos descobrem na realidade o jacaré e uma serpente que, descendo da montanha, o vem ferir de morte.

Retira-se a cobra para o alto da montanha; serpeia por entre as vassouras do sopé do monte, envereda por sobre a pedra lisa e enfim desaparece na crista alvissima e descalvada.

— Quererá esse animal indicar-me lugar onde devo ir agradecer á Mãe de Deus o milagre que acaba de obrar em minha salvação? disse o caminhante.

E logo uma nuvem branca e resplandecente se assentou no pincaro do monte. Deu o pobre homem volta em derredor e não encontrou sitio próprio para subir.

— Por aqui ficarei. Aqui, até morrer, darei graças ao Senhor e á sua Mãe Santissima.

Largou o seu farnel e cajado, e ali mesmo onde depois, segundo á fama, se construiu a casa dos Romeiros, cortou alguns ramos e com eles fez tosca cabana, onde se dispôs a passar a noite.

Procurando agua ali por perto, não a poude encontrar. Deitou-se, tendo por leito a relva, e adormeceu. Aparece de novo Nossa Senhora e diz que lá no

alto do monte existia uma sua imagem; que lá fosse construida uma ermida onde seria reverenciada.

Ao alvorecer ergueu-se o peregrino. Mal sahiu do seu rancho, um coelhinho branco como a neve foi caminhando diante dele. Desceu para o outro lado do vale, desviando-se do trilho que o caminhante havia seguido na véspera.

Aos olhos deste deparou-se um olho dágua fresca e saborosa. Dela bebeu. Volta o coelhinho branco, não para o ranchinho, de onde viera seguindo o caminhante, porém para o alto da montanha, por onde ele tambem o acompanhou. Ai encontrou a imagem, que depois foi sempre venerada com a invocação de Nossa Senhora da Penha.

Tem a lenda outras versões. Enumerá-las seria prolixo; prefiro, porém, a história do coelhinho, a mim contada e repetida quando criança.

Do milagre a tradição conservou sempre a lembrança. Nos registos distribuidos pela Irmandade, vêem-se, entre nuvens, a Virgem tendo ao colo o menino Jesus, um individuo de joelhos e de mãos postas, e mais distante um jacaré e uma cobra.

Existe na sacristia da Misericordia um antiquissimo quadro representando a Senhora da Penha pela maneira acima indicada.

Desçamos, porém, a terreno mais prosaico. Resam crônicas que o verdadeiro edificador da Penha foi Baltazar de Abreu Cardoso, senhor de engenho e representante de ilustre e abastada familia, de que foi tronco.

Quanto á época da fundação da capela, escreveu Ernesto Senna no *Jornal do Commercio* de 2 de Outubro de 1898: "Homem de arraigadas crenças religiosas (Baltazar Cardoso), fez construir no cume desse rochedo uma pequena ermida, em 1635, mais ou menos, sob a invocação de Nossa Senhora da Penha".

Esta data é tambem adotada pelo notavel investigador Noronha Santos. Tais opiniões são aceitáveis.

A freguezia de Irajá, fóra da área pertencente aos Jesuitas, a qual terminava na tapéra de Inhauma, foi retalhada em diversas sesmarias dadas pelos primeiros governadores do Rio de Janeiro.

Já em 14 de julho de 1568 Salvador Corrêa de Sá (o velho) concedia a Antonio de França, além de

terras ao *trasto da cidade*, 1.500 braças em Irajá. Começavam elas no atual porto de Maria Angú até o rio Irajá.

França foi o fundador da Fazenda Grande ou de Nossa Senhora da Ajuda, da qual em 1642 era proprietário Jorge de Souza Coutinho, a quem o governador Duarte Corrêa Vasqueannes concedia tambem uma ilha fronteira ao referido engenho.

Em 1652 Souza e sua mulher Maria de Galhegos faziam cessão dessas terras, sitas em Guguipiriri, aos dois filhos Inácio e Francisco.

Demais, na lista das já referidas sesmarias encontro a concedida em 1613 a Baltazar de Abreu. Este mais tarde cedeu á Santa Casa terrenos de seu engenho, os quais passaram depois a outros donos. Corrobora este fáto a existência de montanhas entre a Penha e Inhauma, as quais conservàram até hoje o nome de serra da Misericordia.

Em 1637, Baltazar Cardoso serviu o cargo de vereador, tendo como companheiros Antonio de Sam Payo, Gaspar Lopes de Figueiredo, Domingos de Araujo e Nicolau Alvares Gago. Parece que o fundador da Penha era já falecido em 1647.

Pelo alvará régio de 16 de fevereiro deste ano, foram confirmadas as duas paróquias de Irajá e Miriti.

Por uma ordem constante do livro 6.º da Provedoria, determinava a metrópole quais os engenhos que deviam ficar pertencendo á zona de Irajá.

Entre eles não figura o nome de Baltazar Cardoso, mas sim o de Bartolomeu Abreu, naturalmente filho.

Póde-se hoje conhecer a ascendência do fundador da igreja da Penha. Para tal resultado muito contribuiram as *Notas Genealógicas*, organizadas pelo falecido ministro do Supremo Trjbunal Federal, dr. Macedo Soares, e oferecidas ao Instituto Histórico pelo dr. Julião Rangel de Macedo, filho do referido ministro.

Baltazar Abreu Cardoso, era filho de d. Isabel Rangel de Macedo e do dr. Francisco da Fonseca Diniz, que deu nome a uma paragem nas redondesas de Niterói; e neto pelo lado paterno do Dr. Jorge Fernandes da França e d. Brites da Costa Homem, filha de Afeixo Manuel (o velho) e de d. Francisca da Costa Homem.

Pelo lado materno foram avós de Baltazar Cardoso — Baltazar de Abreu Souto Mayor, natural da Madeira, e dona Isabel Rangel de Macedo, filha do dr. Julião Rangel de Macedo (o velho), juiz de órfãos no Rio de Janeiro.

Em 1583, substituiu na governança a Salvador Corrêa de Sá, quando este teve de ir a S. Paulo compôr dúvidas entre os vereadores da Camara.

Do exposto se deixa vêr que o dono do engenho da Penha, de quem hoje já ninguem se lembra, não foi simples desconhecido ou mero ermitão.

Pertenceu ao numero dos homens bons, e fazia parte da nobreza da terra, ainda que nas veias não lhe corresse sangue azul ou real.

Mas foi com os serviços e esforços desses prestimosos cidadãos da *Republica*, como então se dizia, que a metrópole poude conservar a integridade da sua vasta colônia da América.

Bem ou mal por mim apresentado, tem Baltazar Abreu Cardoso jús á consideração dos devotos, que de ora avante galgarem os degráus da Penha.

Para o fundador, pois, e por intenção de sua alma seja resado um Padre-Nosso e uma Ave-Maria.

A' benemerita Irmandade, que tão bem soube conservar com brilhantismo as tradições de antanho, peço vênia para uma lembrança:

Mandar simplesmente inscrever em uma das muralhas o nome de Baltazar de Abreu Cardoso.

Deste modo, ficarão os devotos e crentes conhecendo a individualidade de um bom católico da velha guarda.

Por sua vez, os que vão á Penha por pandega saberão o nome do dono dessas terras outrora essencialmente agricolas e transformadas em teatro de ruidosos, estapafurdios, ridiculos e carnavalescos convescotes.

Bom é quando neles não entram o cacete, a faca, a navalha ou o revólver.

(Da Revista — "Eu Sei Tudo" — 329, de Outubro de 1944).

Illm. Sr. Dr. Luiz Mario de Sá Freire. (1)

Itaguahy.

Tenho a honra de comprimentar a V. S., de quem desejo o favor de dar-me umas explicações relativas a antepassados seus, que tambem o são meus. Solicitei-as do Sr. Capitão José Paes Ferreira, do Campo Grande, o qual pelo appellido me parecia nosso parente; que taes são Paes Ferreiras, Sás Freires, Castello-Brancos, Barbozas, Macedos, Azeredos Coitinhos, Sardinhas, Sodrés, Rangeis e outros; mas, S. S. não respondeu a duas ou tres cartas que lhe escrevi sobre esse assumpto, parecendo-me que as não recebeu: pois sei que é um cavalheiro estimavel. Permitta V. S. que lhe dê os seguintes dados para chegar á conclusão do pedido que lhe faço:

Minha Mãe, D. Maria de Macedo Soares, é filha do Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coitinho, senhor que foi do "Engenho de Fora", e depois Capitão-mór de Cabofrio, em Araruama; e de sua 2.ª mulher e prima D. Maria Thereza de Sá Freire. Esta Senhora era filha do Cap. Antonio dos Sanctos Silva e sua mulher D. Maria Antonia de Sá Freire; neta materna do Coronel Luiz José de Sá Freire e sua mulher D. Maria Thereza Rangel de Sá Freire, meus trisavós.

O coronel Luiz José era filho do Coronel João Barboza de Sá e D. Clara de Souza Pereira; neto paterno de João Barboza de Sá Souto Mayor e D. Joanna de Soveral Freire; e neto materno do Coronel João Gomes da Silva Pereira e D Andreza de Souza.

O Coronel João Barboza de Sá e D. Clara de Souza Pereira tiveram mais os seguintes filhos: — Rdo. João Barboza de Sá; Francisco, padre da Companhia; Ayres Barboza de Macedo; e João Freire de Sá, nascido em 1734, posthumo, como leio no formal de partilhas (pr. morte do Coronel) de um dos herdeiros, em meu poder.

Meu avô o Cap. Mór Dr. Francisco de Macedo Freire de A. Coit.º era filho do Coronel João Barboza de Sá Freire, nascido em 1716, e de sua mulher D. Anna Maria de Souza Pereira, nascida em 5 de Maio

(1) O original consta do archivo do Dr. Miciades Mario de Sá Freire, que m'o confiou, para tirar a presente cópia. — (J. R. M. S.).

de 1728; neto paterno do Cap. Francisco Paes Ferreira, senhor do engenho de *Guaratiba*, e de sua mulher D. Brites de Sá Souto-Mayor Freire; neto materno de Antonio Ferrão de Castello Branco Travassos e D. Andreza de Souza Pereira, irmã da referida D. Clara de Souza Pereira, e filha do Coronel João Gomes da Silva Pereira e D. Andreza de Souza.

O Coronel João Barboza de Sá Freire, meu bisavô, teve os seguintes filhos:

1.—D. Anna de Sá Sodré Castello Branco, casada com o mestre de campo Fernando José de Mascarenhas Castello Branco, sogros do Marquez de S. João Marcos;

2.—Dr. Francisco de M. Freire de A. Coutinho, meu avô;

3.—João Barboza de Sá Freire, casado com D Maria Thereza de Sampaio, morreu de pouca edade, deixando uma unica filha, D. Anna Joaquina Barboza de Sá Freire, que casou com Francisco Moniz Tello de Sampaio; nasceu em 1749;

4.—Antonio Barboza de Sá, nascido em 1750;

5.—D. Maria Ignacia de Souza Pereira, solteira;

6.—D. Brites de Sá Souto-Mayor;

7.—D. Francisca de Sá Freire;

8.—Joaquim José de Sá Freire, n. em 1758, monsenhor;

9.—Manuel Paes Ferreira;

10.—D. Barbara Viegas de A. Coitinho;

11.—José Ferrão de Castello Branco;

12—Bento Barbosa Freire;

13—D. Escholastica de Sá Freire;

14.—D. Mariana.

Presumo que V. S. é neto de algum d'estes meus tios-avós; e n'este presuppostо, peço-lhe o favor de declarar-me:

1º—Os nomes dos Srs. seus paes; com a data do nascimento, casamento e obito; cargos que o Sr. seu Pae occupou; si foi fazendeiro, o logar onde e o nome da fazenda; postos da guarda nacional; condecorações que teve; algum facto notavel de sua vida, e o mais que possa servir de elemento para uma biographia;

2º—Os nomes de seus avós paternos e maternos, até onde souber (bisavós, trisavós, etc.); com todas as especificações supra, relativas a cada pessoa; filhos que tiveram; genros e noras e a geração ascendente e descendentes d'estes, até onde houver noticia;

3º—Quem são uns moços Paes Ferreira e Sás Freires, que tenho visto matriculados na Eschola Polytechnica e na Faculdade de Medicina da Corte; seus paes e avós, ut supra;

4º—Si existem por ahi, no Campo Grande, em Guaratiba, Jacarépaguá, Irajá, etc., papeis de familia relativos á genealogia; quem os possue e como os poderei haver para consultar e extractar;

5º—Finalmente, si o Sr. Capitão José Paes Ferreira, do Campo Grande, é de alguma d'essas nossas **familias.**

O fim d'este pedido é completar uma obra que tenho em mãos, tendo por titulo — "Genealogia de algumas das mais antigas familias brazileiras da Corte e provincia do Rio de Janeiro".

Desde já agradeço qualquer informação que V. S. se dignar dar-me; e peço venia para assignar-me, com a mais distincta consideração,

de V. S.
att.º ven.or e crdo.
Ant. Jm. de Macedo Soares.

Mar de Hespanha (Minas Geraes),
29 de Abril de 1877.

Major Luiz José de Sá Freire e Anna Rosa Roberta de Vasconcellos

Filhos:

1—Tenente Coronel José Tiburcio de Sá Freire;
2—Luiz Barbosa de Sá Freire;
3—Ignacio Luiz de Sá Freire;
4—Carlos Dantas de Sá Freire;
5—João Luiz de Sá Freire;
6—Tenente Coronel Joaquim José de Sá Freire + (pelos escravos);
7—Maria Perpetua de Jesus;
8—Josepha Maria do Amor Divino;
9—Clementina de Jesus;
10—Anna Roberta de Jesus.

Tenente Coronel José Tiburcio de Sá Freire e Maria Carolina de Oliveira Freire

Filhos:

1—Joaquim Antonio de Oliveira Freire — +;
2—José Tiburcio de Sá Freire Junior — +;
3—Dr. Luiz Mario de Sá Freire — +;
4—Maria Carolina de Oliveira Freire — +;
5—Jacintha C. de Oliveira Freire (reside em Portugal);
6—Francisca C. de Oliveira Freire — +;
7—Rita Fernandes Freire (reside em Itaguahy).

2as. nupcias do *Tte. Cel. José Tiburcio de Sá Freire* com *Thereza Maria da Purificação Freire*

Filhos:

1—Francisco Tiburcio de Sá Freire, +;

2—Thomaz Joaquim Freire, +;

3—Antonio Francisco de Sá Freire; reside no Rio;

4—Flora Analia de Sá Freire, +;

5—Joaquina Analia de Sá Freire (mãe do Dr. Nilo **Peçanha), +;**

6—Josepha Maria do Amor Divino, +

Luiz Barbosa de Sá Freire — (desconheço a Sra. deste)

Filhos:

1—Cap. João Barbosa de Sá Freire, +;

2—Luiz Barbosa de Sá Freire;

3—Maria, casada com Francisco de Oliveira Coutinho (ignora-se os filhos);

4—Antonia, casada com José Borges da Cunha (filhos fallecidos);

5—Francisca, sem geração —

Ignacio Luiz de Sá Freire (ignoro a Sra. deste)

Filho:

1—Ignacio L. de Sá Freire (falleceu em Queimados).

Carlos Dantas de Sá Freire (sem descendentes)

João Luiz de Sá Freire (filhos naturaes)

Joaquim José de Sá Freire

Filhos:

1—José Joaquim de Sá Freire (sub-Director E. F. C. B.; aposentado);

2—Antonio Francisco de Sá Freire (engenheiro, residente no Realengo);

3—Joaquim Salomé (funccionario publico em Taubaté);

4—Anna (residente em Realengo);

5—Maria (residente no Rio).

Maria Perpetua de Jesus (não teve filhos).

Josepha Maria do Amor Divino (solteira).

Francisco Santiago Dantas e Clementina de Jesus
Filho:

1—Cap. Francisco Santiago Dantas (luctou na Guerra do Paraguay), +.

Anna Roberta de Jesus e Antonio Fernandes Costa
Filhos:

1—Cap. Antonio Roberto Fernandes (capitalista), residente em Itaguahy;

2—Cap. Francisco Fernandes Costa (professor aposentado em Parnahyba);

3—João Fernandes Costa, +.

Joaquim Antonio de Oliveira Freire e Maria Amalia de Mariz Freire

Filhos:

1—Irineu Freire de Lima e S.ª;

2—Thomaz Freire de Lima e S.ª;

3—Turybio Freire de Lima e S.ª;

4—Rosalina;

5—Zulmira;

6—Rosalina Maria.

José Tiburcio de Sá Freire Junior (fallecido) e *Anna Luiza de Sá Freire*, residente no Realengo.

Filhos:

1—José Tiburcio de Sá Freire (Agente), E. F. C. B., E. Rios;

2—Annibal de Sá Freire (telegraphista);

3—Anna;

4—Idalina;

5—Maria;

6—Etelvina;

7—Alice (vivos).

Dr. Luiz Mario de Sá Freire e Maria da Gloria Cardoso Sá Freire (fallecidos):

Filhos:

1—Dr. Milciades Mario de Sá Freire (Rio de Janeiro); (1)

(1) O Dr. Melciades M. de Sá Freire faleceu em avançada edade de 77 anos, á 8-7-1947, em sua residencia á R. José Higino, n. 261. Era viuvo de D. Alice de Sá Freire; deixa duas filhas viuvas, D. Silvia de Sá Freire Abreu, casada que foi com o Dr. Silvio Pericles de Abreu, advogado, e D. Maria da Gloria Sá Freire Dantas, casada que foi co mo Dr. Geremario Dantas, tambem advogado e influente politico no Distrito Federal. Deixou ainda 4 netos, sendo 3 maiores. Sobre este ilustre jurista e parlamentar, escreveu o professor H. Valadão, no "O Correio da Manhã", de 12 de Julho de 1947:

"UM VARAO DO DISTRITO FEDERAL — Com a morte do dr. Milciades Mário de Sá Freire perde o Brasil u mseu notável filho e o Distrito Federal um varão autêntico.

Foi um carioca integral; "jus soli", nascido nesta cidade; "jus sanguinis", filho de carioca, do ilustre e saudoso clinico de São Cristovão, dr. Luiz Mario de Sá Freire; "jus domicilii", criado, educado e radicado tôda a vida nesta capital.

Vai estudar direito em São Paulo quando inexistiam aqui cursos juridicos, antes da Republica. Mas ali formado em 1891 retorna logo ao Rio de Janeiro e se dedica imediatamente á politica e á advocacia.

E haveria de ser numa ou noutra dessas nobres atividades o numero um dee sua classe.

Na tumultuosa e agitada politica do Distrito Federal foi eleito intendente municipal, deputado federal, senador federal, representando o povo carioca por várias décadas, pugnando sempre com brilho, com altivez, com justiça e com extrema dedicação pelos interêsses de sua cidade, que tanto soube honrar e dignificar, e da qual foi, afinal, o prefeito no govêrno do dr. Epitacio Pessoa.

2—Dr. Sylvio Mario de Sá Freire (Rio de Janeiro);

3—Dr. Enéas (fallecido);

4—Dr. Alcêo (fallecido).

Thomaz Joaquim de Silva e Maria Carolina de Oliveira Freire (falleridos):

Filho:

1—José Joaquim da Silva Freire (Dr.), engenheiro Officinas E. de Dentro.

Politico militante cêrca de trinta anos no Distrito Federal jamais se ouviu dizer nada contra a sua conduta moral. Antes foi tido e havido como um exemplo de virtudes civicas, profissionais e domésticas como um padrão de vida honrada e impoluta.

Da linha independente, leal e nobre de suas atitudes são conhecidos vários fatos, alguns ainda ontem citados, e quero agora apenas recordar, a propósito da autonomia do Distrito Federal, a precedência que Sá Freire dava, quando presidente do Instituto dos Advogados e nas sessões solenes dêste, ao prefeito do Distrito Federal, governador da cidade, sôbre o ministro da Justiça e dos Negócios interiores, um dos secretarios do presidente da Republica.

Advogado militante, com escritório montado durante tôda a vida e até alguns anos após à insidiosa moléstia que o acometeu, foi um exemplo permanente para seus colegas, constituindo em verdade o tipo perfeito de "vir probus jurisperitus".

Entrou jovem para o Instituto dos Advogados, recém-formado, em maio de 1892, e ali trabalhou uma existência, por mais de cinquenta anos, pelo aperfeiçoamento de nossas instituições juridicas, destacando-se em várias Comissões, pertencendo ao Conselho Superior e, afinal, ascendendo ao pôsto máximo, ao cargo de presidente que exerceu de forma admirável de 1924 a 1926.

Ainda em 1944, durante a minha presidência, Sá Freire já enfermo há vários anos, veio colaborar nos trabalhos do Instituto enviando-me longa carta, publicada no "Correio da Manhã" e em outros jornais, peça juridica de alto valor sôbre o problema da extinção da enfiteuse.

A colaboração de Sá Freire nos trabalhos do Código Civil foi das mais eficientes quêr, como deputado, em 1901 e 1902, membro da Comissão Especial da Camara (conhecida pela Comissão dos 21), representando o Distrito Federal, encarregado do capitulo, da liquidação das obrigações, quêr como senador, em 1912 e 1915, na Comissão e no plenário, a ponto de Clovis Bevilaqua lembrar "com simpatia a inteligenteatividade e o esfôrço bem intencionado" de Sá Freire.

E na tribuna do Instituto foi um ardoroso e brilhante defensor daquele grandioso monumento de nossa cultura juridica.

Em 1930 produziu Sá Freire o excelente trabalho, Manual do Código Civil Brasileiro, vol II., Parte Geral, Disposições Preliminares, Das Pessoas e dos Bens, arts. 1 a 73.

E assim foi a vida profissional e publica de Sá Freire: um modêlo intelectual e moral para os juristas e para os politicos do Brasil.

Haroldo Valladão.

Jacintha Carolina de O. Freire, viuva, não teve filhos.

Cap. João Barbosa de Sá Freire e Francisca Carolina de Oliveira Freire, (fallecidos)

Filhos:

1—Mario Barbosa de Sá Freire, residente em Santa Cruz;

2—Amelia Paes Rodrigues, residente no Rio

Cap. Antonio Roberto Fernandes (capitalista), e *Rita Fernandes Freire*

Filhos:

1—Jayme Fernandes Freire (Cap.)

2—Tte. Mario Fernandes Freire.

São os unicos da familia que residem em Itaguahy, que é o berço de toda a familia.

Francisco Tiburcio de Sá Freire (solteiro; fallecido).

Thomaz Joaquim Freire (solteiro, fallecido)

Antonio Francisco de Sá Freire (solteiro, residente no Rio)

Antonio Silva e Flora Anaia de Sá Freire, (ambos fallecidos)

Filhos:

1—Cesar de Sá Freire; empregado do Correio-Geral;

2—Mario de Sá Freire, residente no Rio.

Ambos nasceram em Campos, E. do Rio.

Joaquina Analia de Sá Freire e Sebastião Peçanha (naturaes de Itaguahy e Campos, respectivamente)

Filhos:

1—Nilo Peçanha (Dr.), Presidente do E. do Rio;

2—Dr. Alcibiades Peçanha (Ministro na Russia);

3—Arzibulo Peçanha, fallecido, natural do E. do Rio; Campos;

4—Cicero Peçanha, fallecido, natural de Campos. E. do Rio;

5—Sebastião Peçanha, fallecido, natural de Campos, E. do Rio;

6—Armenia Peçanha, residente em Nictheroy.

Josepha Maria do Amor Divino e *Sebastião Peçanha*, (de Itaguahy e Campos, respectivamente).

Filho:

1—Julião Peçanha e outros ignorados.

Tirado por Mario Fernandes Freire, bisneto do Major Luiz José de Sá Freire e Anna Rosa de Vasconcellos, neto do Ten. Cel. José Tiburcio de Sá Freire e Maria Carolina de Oliveira Freire e filho do Cap. Antonio Roberto Fernandes e Rita Fernandes Freire, que offerece ao Illmo. Snr., Presado Parente, Dr. Julião de Macedo Soares.

Itaguahy, 28 de Novembro de 1916.

(a.) *Mario Freire.*

ACADEMIA BRASILEIRA

A sessão de quinta-feira — Visita do Ministro Hernandez Catá e do Desembargador Macedo Soares. — A próxima recepção do Sr. Barbosa Lima Sobrinho

Realizou-se ante-hontem a sessão semanal da Academia Brasileira de Letras, presentes os Srs. Claudio de Souza, presidente; A. Austregesilo, secretario geral; Mucio Leão, 1.º secretario; Levi Carneiro, Adelmar Tavares, Afranio Peixoto, A. Amoroso Lima, Ataulpho de Paiva, Fernando Magalhães, Filinto de Almeida, Gustavo Barroso, Helio Lobo,, João Neves, Luiz Guimarães Filho, Miguel Osorio de Almeida, Olegario Mariano, Octavio Mangabeira, Pereira da Silva, Ramiz Galvão, Rodolpho Garcia, Roquette-Pinto e o membro correspondente Sr. João Luso.

Achando-se de visita á Academia os Srs. Desembargador Julião Rangel de Macedo Soares e D. Alfonso Hernandez Catá, Ministro de Cuba, nomeou o Sr. Presidente os Srs. Ataulpho de Paiva, Octavio Mangabeira e Fernando Magalhães, para introduzirem no recinto os illustres visitantes, os quaes foram recebidos com uma salva de palma.

Saudação dos Srs. Hernandez Catá-Macedo Soares

O Sr. Presidente disse que a "Academia recebia com grande jubilo a visita de duas figuras notaveis: a do Desembargador Macedo Soares, que nos vem trazer a expressão de seu agradecimento pela homenagem que a Academia prestou á memoria de seu pae, o grande brasileiro Antonio Joaquim de Macedo Soares, e a do eminentissimo escriptor Alfonso Hernandez Catá, novo ministro de Cuba em nosso paiz. O Desembargador Macedo Soares traz-nos agradecimento a que não fizemos jús. O nome de seu pae, por sua luminosa projecção na historia nacional, incorporou-se ao patrimonio hagiographico de nossa devoção civica. Louval-o tornou-se, pois, dever cultural da raça para com suas figuras primaciaes. Nunca se applicou com mais exactidão e mais realidade a um agradecimento a fórma convencional de escusa do "não ha de que". Agradecida está a Academia a Sua Ex. por sua visita, pois S. Ex. continuando

como magistrado a vida de seu pae, pela applicação dos dogmas educativos que hauriu de seus nobres exemplos, lhe offerece opportunidade para prestar-lhe a devida homenagem".

Continuando, disse o Sr. Presidente que "o Ministro Hernandez Catá é uma das mais altas figuras da arte contemporanea. Sua obra comprehende todas as formas literarias, das especulações esthetico-philosophicas — através do ensaio, do conto, do romance e da biographia — ao poema. Acha-se ella traduzida para o inglez, o francez, o italiano, o hollandez, e tambem, para o portuguez, em edições de Lisboa. Essa repercussão em tantos paizes logo evidencia sua fama universal. Só consegue extravassar do leito nacional para tão grande dilatação a arte caudal, a torrente brotada com impetuosidade da essencia cosmica pela inspiração infusa, que supera os marcos comarcãos e os lindes nacionaes para derramar-se em toda a terra, laborando e fertilizando os espiritos e convolando os corações a renovadas nupcias com a fantasia, repousando-os nos sonhos de amor e de belleza. Nessa funcção o artista torna-se o summo sacerdote da lithurgia sobrehumana que se processa sem o limo da realidade acima da vida, como as frizas que se desenham processionalmente nos nevoeiros das alturas, fazendo-se e refazendo-se, tangidos pela brisa ou esphacelados pelos ventos.

Na maravilhosa arte de Hernandez Catá, no drama singelo ou na tragedia violenta, a majestade simples e impositiva dos scenarios, das figuras e da acção faz lembrar o equilibrio e a potencia pathetica dos antigos gregos. Seus contos de rapida mas intensa dramaticidade apresentam-se em poucas paginas, com periodos curtos e adjectivações sobrias, sem artificos, dentro da mais estricta humanidade, e provocam entretanto, as mais fortes commoções. Sente-se o amadurecimento classico, do qual se distilla a quintessencia de todos os sabores e de todos os perfumes da razão plena.

Cada um de seus contos poderia dilatar-se por muitos capitulos sem grande esforço do autor. A riqueza imaginativa do escriptor é, porém tão grande que elle nos vae dando aquellas barras massiças de oiro, sem lhes apressar o valor e sem que esse apparente descuido dadivoso implique no descuramento de qualquer

dos elementos essenciaes da narrativa. Seu poder de concentração é quasi sem igual na literatura contemporanea. Usa com seus personagens do mesmo processo que certas tribus americanas empregavam para reduzir a cabeça do adversario morte a berloque de pequenas dimensões, com que se adornavam. Catá parece extrair-lhes toda a substancia inutil ao drama para depois comprimil-os e no-los offerecer na miniatura perfeita, sem lhes alterar a physionomia de personagem. Em toda sua obra Hernandez Catá revela essa forma nuclear do pensamento esthetico, exposto em sua essencia, sem necessidade de recurso ás circumstancias ambientaes ou de opposição e contraste, para fazer da mais tósca realidade a mais acabada obra de arte. No conto esse poder attinge ao maximo de efficiencia. *El Testigo*, *Deberes*, *Gallequita*, *Los Chinos*, ou qualquer outro volume *Sus Mejores Cuentos*, são obras primas de lavor literario no juizo unanime dos mais rigorosos criticos.

Ao fecundo poder de expressão, junta Hernandez Catá a purea da linguagem. Assim como não busca peripecias para a acção, desdenha as extravagancias neologicas, os tropos fatuos, as invenções onomatopaicas, todo o zabumba de que se servem os instrumentistas bisonhos. Usa a substancia vernacula na sua fórma pura. Para isso não recorre á imitação do falar classico, que sôa sempre como o falsete de um carnaval retrospectivo; recorre, ao contrario ás formas mais viçosas e mais floridas da linguagem, sabendo dispol-as com raro gosto de tons e de volumes. Não é possivel, entretanto, analysar para enaltecer quanto merece sua imponente obra literaria nos rapidos periodos de uma saudação. Nem é mais preciso fazel-o, pois basta conhecel-a para admiral-a, tão grande é sua belleza.

A Academia — conclue o Sr. Presidente agradece as duas visitas que tanto a penhoram: a do magistrado illustre, e a do escriptor insigne, a cujo genio rende sincera e affectuosa homenagem".

— Dada a palavra ao Dr. Julião de Macedo Soares, leu este o seguinte discurso:

Oração do Desembargador Macedo Soares

Exmo. Sr. Presidente. Exmos. Srs. da Academia Brasileira de Letras.

Por força de circumstancias especiais, e, talvez, só por força dellas, encontro-me aqui neste augusto cenaculo, fiado naquella nobre audacia que costumava Macedo Soares infundir nos estreantes da advocacia e das letras, em geral, porque só escudado no cumprimento de imperioso dever, poderia achar-me entre vós.

Mas, eis que nos congregamos sob a invocação de Antonio Joaquim de Macedo Soares, emulo de Teixeira de Freitas, como há bem pouco disse Vieira Ferreira Netto, jovem e distincto magistrado fluminense quando na solennidade commemorativa do centenario daquelle, no Tribunal de Appelação do meu Estado.

Perdoai-me, vós expoentes de nossa cultura, alçar tão alto para dizer-vos algo da gratidão dos filhos, dos descendentes, daquelles, emfim, que se honram de trazer o nome de Macedo Soares, nesse momento em que, de todos os recantos de nossa pátria, ouvimos o éco abençoador a quem soube personificar a bondade desde a mais tenra idade, como filho, irmão, collega, amigo e nas actividades publicas, como politico, juiz, cidadão em summa.

Eil-o na poesia: leiamos a ultima quadra que enviára, de S. Paulo, á sua carinhosa mãe, no dia de seu natalicio:

"A' ti consagro este meu rude canto,
De um'alma enferma desbotada flôr,
A' ti, que de tão longe ao filho inspiras
Co'a a tua imagem, vida, alento e amor."

Vêde com que delicadeza aos deseseis annos elle se dirige a sua irmã, pelo mesmo motivo:

"Se feliz, sê tam pura e encantadora:
— Sê Anjo dos Ceus, —
A poesia dos Ceus é a pureza,
— Sê Virgem de Deus.
Oh! vive — vive muito e mui ditosa
P'ra gloria dos teus".

Em 1862, no anno de seu casamento com a sua prima, joven mui linda, de deseseis annos, no proprio solar de seu sogro, Coronel Alvares de Azevedo Macedo, cunhado dos Viscondes de Itaborahy e Uruguay, familia agricola, conservadora e catholica, cuja grandeza dependia da existencia de elemento servil, *senhor* que era de seis fazendas, eis como Macedo Soares se apresenta no meio de 3.000 escravos, ante a morte de uma negrinha:

"Leva um beijo, o derradeiro..
O canto do captiveiro,
Filha! jámais has de ouvir.
Vai, meu anjo! que este mundo
Não vale o somno profundo
Que vais na terra dormir".

Na Academia, de Macedo Soares escrevia Salvador de Mendonça: "A sua carinhosa benevolencia para com os estreantes na prosa e no verso era proverbial. Ao passo que recordava as *melhores* producções das passadas gerações *academicas*, para exemplo e estimulo da geração contemporanea, animava e guiava com mão segura a quantos davam os primeiros passos nas trilhas traiçoeiras da publicidade.

Mello Mattos (Luiz José de Carvalho), o eloquente orador do elogio funebre de Gabriel José Rodrigues dos Santos, com a sua natural mordacidade que era a manifestação superficial e ruidosa da bondade mais profunda de coração que todos lhe conheciamos, opinava nas palestras nocturnas, que Macedo Soares estava *fazendo* um desserviço ás letras nacionaes *com* a sua perenne animação a quanto *rabiscador* apparecia; que se devia deixar *a* gente nova provar se tinha ou não real *talento*; que a selecção se devia fazer pelos dotes naturaes que mostrasse cada contendor no periodo da iniciação e da luta; que nem todos podiam ser Alfredos de Musset e de Vigny, Octavianos e Justinianos; que alguns era preciso que fossem pela agua abaixo ou que se afundassem; que para sobrenadar um Garret era necessario que se afogasse muito Francisco Palha.

Riamo-nos todos, Macedo Soares sorria tambem dos paradoxos de Mello Mattos com o seu sorriso de

bondade paternal, e *dada* a occasião, sahia em defesa dos "afo*gados* do Mello Mattos".

E' de ver-se a influencia que teve sobre a mocidade academica de S. Paulo o espirito lhano e culto de Macedo Soares.

De outro artigo, sobre Carlos Gomes, intimo, publicado no "Jornal do Commercio", de 2 de Julho de 1905, ainda vivo Macedo Soares, destaco os seguintes periodos, da lavra de tão illustre academico: "A' rua do Meio, que corria por traz da Cadeia, hoje palacio do Congresso, ficava a Republica de Macedo Soa*res* (Antonio Joaquim) o nosso Sainte-Beuve, (no dizer de Francisco Octaviano) a melhor vocação para a critica literar*is* que tenho conhecido, e a quem coube de direito a honra de apresentar ao publico, nas columnas do "Correio Paulistano", o jovem compositor. Republicavam com elle Francisco Belisario e Ribeiro de Almeida... Nesta republica reuniam-se os estudantes das duas anteriores e das que vão adiante, como no cenaculo, onde professava o mestre... Reune-se o cenaculo e voton que Carlos Gomes seguisse para o Rio a estudar no Conservatorio de Musica. A resolução ia de encontro aos desejos de seu pae, que carecia de *seus* servicos na orchestra de Campinas; mas ainda assim prevaleceu a opinião do cenaculo. Entre varias cartas de recommendação que gente tão luzida podia fornecer, tres foram as que mais lhe approveitaram. Macedo Soares obteve uma carta de apresentação para a Sra. Condessa de Barral escripta por Telles Ferrão, que nos Estados Unidos conhecera a Sra. Condessa, quando ella se educava em companhia das filhas de Fennimore Cooper. Eu dei-lhe outra para o meu conterraneo Dr. Joaquim Manoel de Macedo. Francisco Azarias recommendou-a a um commerciante seu comprovinciano, estabelecido á rua Direita. As duas primeiras cartas foram o inicio da protecção do Imperador, *que* até no fim cumulou o artista de favor*es*. A terceira deu-lhe a aposentadoria *na* casa hospitaleira do generoso Mineiro".

Essas reminiscencias marcam, de certo modo, a posição de Macedo Soares entre os seus Collegas: no circulo da intellectualidade daquelles dias.

Em se tratanto, portanto, de um auhentico, de um fino homem de letras, natural é que, nas manifestações que lhe vem prestando todos os Tribunaes de Appelação do Brasil, juizes singulares, advogados, communguem, por igual e tambem os nossos centros culturaes, da mais alta representação e responsabilidade, qual o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, qual esta sabia Academia Brasileira de Letras, em cujo recinto ainda se ouve a voz do seu eminente presidente, Dr. Claudio de Souza, que proferiu, a respeito de Macedo Soares o mais brilhante e eloquente elogio a que nos foi dado assistir.

E nenhuma outra, para mim, talvez mais impressionante e caroavel, por sua alta significação de nobreza e de justiça, como e quanto a desta collenda Academia, por ser conhecida a irremovivel resistencia de Macedo Soares aos reiterados convites de Lucio de Mendonça, Araripe Junior, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, seu conterraneo, e por fim do proprio Machado de Assis para nella figurar como um de seus fundadores.

Verdadeira contradição! Proceder inconsequente! Macedo Soares, o amigo do livro, o amante das letras, o fundador de Clubes literarios e bibliothecas, em todas as Comarcas onde exercitára a sua nobilissima profissão de Juiz, deixára de prestar a sua solidariedade em igual commettimento que tinha por fim precisamente a cultura da lingua e da literatura nacional, na Capital do Paiz.

Embora passados 40 annos, sendo eu, áquelle tempo, simples preparatoriano, relembro essa passagem para dizer que a obstinação de Macedo Soares, não accedendo ao convite para ser parte na fundação desta academia, obedecera tão sómente áquelle sentimento do mais entranhado nacionalismo — elle o autor do diccionario da lingua brasileira — e a que ha pouco se referiu o nosso preclaro mestre Claudio de Souza. Macedo Soares levava-se ao exagero de só permittir o que era exclusivamente nosso, ou se afastasse dos modelos estrangeiros.

Elle guardava aquella coherencia que, de tanto tocar, no magistrado acaba por se tornar uma segunda natureza.

Sim, porque o meio era o seu, em companhia de muitos que elle habitualmente reunia, em tertulia, na sua residencia, e, orgulhosamente apresentava como seus lidimos discipulos.

Dest'arte este egregio Collegio, se antecedera, sem o perceber nas manifestações que se vem cumulando em torno de Macedo Soares.

A significativa eleição, em 1.º turno, de José Carlos de Macedo Soares, quando fóra de quaesquer posições officiaes, não podia deixar de nos sensibilizar, a todos nós, que temos a correr nas nossas veias o sangue de Macedo Soares. E vivo elle fosse, certamente, contaria, entre os dias mais felizes de sua vida, aquelle da ractificação dos seus augurios sobre o futuro de seu dileto sobrinho, por quem nutria a mais profunda admiração dado o seu pendor pelas letras, dada a sizudez nos seus propositos, dada, finalmente, a intelligencia revelada desde a sua meninice.

E aqui se me permitta intercalar aquellas palavras do immortal Lucrecio, que tanto parecem accomoradas ao momento e ao falarmos num centenario:

"Vemos tudo correr em longe tempo, e o passado sumir aos nossos olhos; dest'arte a Humanidade se renova sempre, e os homens, entre si, como que assumem e transmittem, correndo, a luz da vida".

Mais uma vez imploro o vosso perdão pelo tempo que vos tomei com esta ensossa, mas despretenciosa palestra, longe que ficou da brilhante oração com que Claudio de Souza encantou, no dia 19 esta illustre companhia".

(Do "Jornal do Commercio", de 29 de Janeiro de 1938).

OS GRANDES VULTOS DE CAMPOS

A família Rodrigues de Britto e o seu tronco

Por Alberto Lamego, do Instituto Histórico

— I —

João de Freitas e sua mulher Maria de Abreu, tiveram alguns filhos e entre elles Manoel de Freitas Sil-

va (tataravô dos Britto), nascido na Ilha da Madeira em 1602 e fallecido em 4 de outubro de 1692 em São João da Barra então parte da capitania da Parahyba do Sul e donataria do Visconde de Asseca. Um dos principaes moradores daquella villa que tinha o nome de S. João da Praia e que fôra fundada em 18 de junho de 1677, exerceu os cargos de ajudante, capitão-mór, juiz ordinario em 1683 e 1688 e vereador em 1686.

Casou-se com Maria Pinto das Neves, 5.ª filha do capitão-mór Salvador Alves de Magalhães e de dona Maria de Oliveira e neta do capitão Francisco Alves de Barcellos e de Margarida Correia.

Deste matrimonio nasceram 8 filhos, sendo um delles Joaquim Pinto da Silva (bisavô dos Britto) que se casou com Anna Coutinho, filha de Antonio Ferreira Coutinho, que foram progenitores de Manoel de Britto Coutinho (avô da familia Britto) casado com Marianna Benedicta da Silveira Britto, paes de Anna Pinto da Silveira, casada com Francisco José Rodrigues Fernandes, filho de Jeronymo Rodrigues e Maria Fernandes, portuguezes.

* * *

Francisco José Rodrigues Fernandes (pae da familia Rodrigues da Britto) nascido em S. Thomé de Bade, termo da villa da Barca, arcebispado de Braga, Portugal, veiu para o Rio de Janeiro em 1804 e em dezembro do mesmo anno fixou residencia em S. João da Barra.

Foi ahi negociante e casou-se com Anna Pinto da Silveira (mãe dos Rodrigues de Britto, Rodrigues do pae e Britto da avó Marianna Benedicta da Silveira Britto).

Em 1833 comprou uma fazenda em S. Francisco de Paula, municipio de São João da Barra, dedicando-se á lavoura.

Foi juiz de Paz, procurador da Camara em 1823, vereador em 1828.

Em 1819 fôra eleito imperador do Espirito Santo, festa instituida em São João da Barra por quatro açorianos de accordo com o vigario, mediante certo estatuto e ceremonial.

Filhos desse casal:

Marianna, fallecida, menor.

— Dr. Manoel Pinto Rodrigues de Britto.

— Jeronymo Pinto Rodrigues de Britto.

— Francisco, fallecido, menor.

— Dr. Marianno Pinto Rodrigues de Britto.

— Joaquim Pinto Rodrigues de Britto.

— Anna, fallecida, menor.

— Francisco Pinto Rodrigues de Britto.

— Marianna Pinto Rodrigues de Britto.

— Severo, fallecido, menor.

— Antonio, fallecido, menor.

— Dr. José Pinto Rodrigues de Britto.

— Maria Theodora Pinto Rodrigues de Britto.

— Theodora Maria Pinto Rodrigues de Britto.

Ao todo 14 filhos que fixaram residencia em Campos, com excepção do dr. Manoel Pinto Rodrigues de Britto que foi residir no Rio de Janeiro.,

* * *

Dr. Manoel Pinto Rodrigues de Britto, casou-se com d. Maria Antonia Baptista de Britto e tiveram 6 filhos, 10 netos e 4 bisnetos seguintes:

Anna Baptista Rodrigues de Britto, solteira.

— Theodora Maria Castello Branco, casada com o dr. Francisco Gil Castello Branco e tiveram dois filhos:

Coronel Francisco Gil Castello Branco Filho, casado com d. Dora Antonietta Castello Branco, tem 2 filhos.

Manuel Joaquim Pinto Rodrigues de Britto, solteiro.

Maria Thereza Pinto Rodrigues de Britto, solteira.

Marianna de Britto Araujo, casada com João Estevam de Araujo; tiveram 3 filhos: Renato, Aracy, Marianna e Paulo Bruno.

Clelia da Fonseca Rangel, casada com Antenor da Fonseca Rangel; têm 6 filhos: Antenor da Fonseca Rangel Filho, Orlando da Fonseca Rangel, dr. Benjamin da Fonseca Rangel, Clelia, Theodora e Antonietta e dois netos com o nome de Antenor.

* * *

Jeronymo Pinto Rodrigues de Britto, casado com d. Antonia Jorge. Tiveram 5 filhos:

João Rodrigues de Britto, casado com d. Gema Rodrigues de Britto.

D. Anna Ferreira Landim, casada com o dr. Manoel Camillo Ferreira Landim. Este casal teve 7 filhos:

Commandante Jorge Ferreira Landim, casado com d. Lilia Paula Freitas Landim; Ilde Landim, solteira; dr. Jayme Ferreira Landim, casado com d. Armelinda Ferreira Landim e são progenitores de Sonia, casada com Gonçalo de Vasconcellos que tem um filho: Jayme Francisco, e Angela e Gilda.

José Ferreira Landim, casado com Celita Ferreira Landim e têm 3 filhos: Maria Augusta, José Eduardo e Heloisa.

Dr. Manoel Ferreira Landim, casado com d. Zilde Landim, e tem um filho, Manoel Camillo.

Stella Landim, solteira.

Dr. Raul Ferreira Landim, casado com d. Lucia Lamy Landim, que são paes de Lucia Eleonora, Anna Maria e Raul.

Jeronymo Jorge de Britto.

José Jorge Rodrigues de Britto, casado com d. Maria da Penha de Britto Rodrigues, e têm 3 filhos vivos: José, Maria José e Paulo e Ilda (fallecida).

* * *

Joaquim Pinto Rodrigues de Britto, casado com d. Marianna Mattos Rodrigues de Britto, tiveram 11 filhos, 25 netos e 22 bisnetos.

José de Mattos Britto, casado com Celestina de Mattos Britto, tiveram 2 filhos: Marianna e Celestina.

Anna de Britto Alvarenga, casada com o dr. Eduardo Alvarenga; tiveram 3 filhos: Zilda de Britto Tavares, casada com o dr. Jeronymo Baptista Tavares; Cyrene, fallecida, e Octavio de Britto Alvarenga, casado com d. Nair de Britto Alvarenga, que tiveram 3 filhos: Arlette, Nadir e Nilton.

Maria Rodrigues de Britto, solteira.

Marianna R. de Britto, solteira.

Laura Mattos Rodrigues de Britto, casada com Antonio Saturnino Rodrigues de Britto. Tiveram 8 filhos e 10 netos:

Laura, solteira; Climerio Rodrigues de Britto, casado com Alda Rocha de Britto, que tiveram 5 filhos: Maria da Penha, Geraldo, Hilson, Hamilton e Arlette.

Leandro Rodrigues de Britto, casado com Fernandina Rodrigues de Britto; tiveram 3 filhos: Eneida, Fernando e Celeste.

Manoel Rodrigues de Britto, casado com Maria Amelia Rodrigues de Britto; têm 2 filhos: Lauro e José Assumpção.

Maria Antonietta, solteira.

Amenaide, Jandyra, Marianna, todas, tambem, solteiras.

Joaquim de Mattos Britto, solteiro.

Antonia de Mattos Britto, solteira.

Luiz de Mattos Britto, casado com Haydée Werneck de Mattos Britto. Tiveram 3 filhos: Hayliz, solteira; Silay de Mattos Britto Zame, casada com Eugene Zame, que tem uma filha: Beatriz; Maria Dulce de Mattos Dias dos Santos, casada com o dr. Raphael Barbosa Dias dos Santos; tem um filho: Marcello.

Ernestina de Mattos Britto, casada com Francisco José Pinto. Tiveram 5 filhos e 9 netos: Maria, solteira; Manoel de Mattos Pinto, casado com d. Carmen Calomeni de Mattos Pinto, que tem 3 filhos: Eduardo e Joaquim, solteiros; Francisco de Mattos Pinto, casado com d. Enedina de Mattos Pinto; têm uma filha: Maria Lucia.

Renato de Mattos Britto, casado com d. Antonia de Mattos Britto. Tiveram duas filhas: Conceição e Hervê.

Adalberto de Mattos Britto, casado com d. Amalia Werneck de Mattos Britto; tiveram 6 filhos e uma neta: Maria Amalia, Mario, Ivan, Thereza, Elli e Inice de Mattos Britto, casada com Renê Barbosa, que tem uma filha: Ritta de Cassia.

— II —

Francisco Pinto Rodrigues de Britto, casado com Marianna Marques Saturnino de Britto foi progenitor de 15 filhos, 32 netos e 36 bisnetos:

Dr. Francisco Saturnino Rodrigues de Britto, casado com Alice Saturnino Rodrigues de Britto e tiveram 4 filhos:

Dr. Francisco Saturnino Rodrigues de Britto Filho, Maria Alice Saturnino Rodrigues de Britto, Maria Clotilde Saturnino Rodrigues de Britto e dr. Augusto Saturnino Rodrigues de Britto, todos solteiros.

Na ultimo artigo desta série nos occuparemos mais detalhadamente do grande engenheiro, uma das glorias do Brasil.

Marianna, solteira.

Anna, solteira.

Dr. Manoel Saturnino Rodrigues de Britto, casado com Etelvina Saturnino Rodrigues de Britto. Este casal teve 4 filhos e 8 netos:

Ramiro Saturnino Rodrigues de Britto, casado com Maria Joanna da Cunha Britto.

Tiveram elles 3 filhos: Amir, Ary e Arlette. Casou-se em segundas nupcias e teve mais 4 filhos: Antonio, Aida, Alda e Arthur.

Antonia Eugenia e Rosa Eugenia, solteiras. Maria Eugenia Saturnino Rodrigues de Britto, casada com o dr. Aristides Madeira. Filho deste ultimo casal: Carlos.

Antonio Saturnino Rodrigues de Britto, casou-se com Laura Mattos Saturnino de Britto e tiveram 8 filhos e 10 netos: Laura, Maria Antonietta, Amenaide, Jandyra e Marianna, todas solteiras.

Climerio Saturnino Rodrigues de Britto que esposou Alda Rocha de Britto e tiveram 5 filhos: Maria da Penha, Geraldo, Ilsen, Amilton e Arlette. Leanyro Rodrigues Saturnino de Britto que casou-se com Fernandina Rodrigues de Britto e desse matrimonio nasceram 2 filhos: Eneida, Fernando e Celeste.

Manoel Saturnino Rodrigues de Britto, casou-se com Maria Amalia Rodrigues de Britto e tiveram 2 filhos: Lauro e José Assumpção.

Maria Izabel Saturnino Povoa de Britto, casada com José Manoel Povoa de Britto. Não tiveram filhos.

Izabel, solteira.

Joaquim Saturnino Rodrigues de Britto, que casou-se com Zelia Vasconcellos Rodrigues de Britto e tiveram 7 filhos e 10 netos:

Dr. Laerte Rodrigues de Britto, que esposou Maria de Lourdes Osorio Rodrigues de Britto e tiveram 4 filhos: Haroldo, Therezinha, Gilberto e Roberto, os dois ultimos gêmeos.

Sebastião Francisco, fallecido, menor.

Dr. Letelba Rodrigues de Britto, casado com Emilia Macedo Soares Rodrigues de Britto. Tem 3 filhos: Lenardo, Evandro, Eliana.

Carlos Rodrigues de Britto, casado com Margarida Nieva Rodrigues de Britto. Não têm filhos. Maria da Penha Britto de Oliveira Sampaio, casada com o

commandante Frederico Huet de Oliveira Sampaio. Filha do casal: Jedda Maria.

Roseli Rodrigues de Britto, casada com o capitão Alvaro de Laroque Couto. Filho do casal: Carlos; Ecila Britto Maia de Mendonça, casada com o dr. Renato Firmino Maia de Mendonça. São filhos do casal: Renato, Vera, Marina.

José Saturnino Rodrigues de Britto, casado com Concetta Rodrigues de Britto. Tiveram 7 filhos e 2 netos: Maria Rosa Serra Martins, casada com Arthur Serra Martins. Tiveram 2 filhos: Fernando e Ivan, fallecidos; Francisco Angelo, Stello e José, solteiros. Flora e Olga, solteiras e fallecidas. Fernando Saturnino Rodrigues de Britto, casado com Antonietta Rodrigues de Britto. Não têm filhos.

Ernestina, solteira.

Branca, solteira.

Delia, solteira.

Rosa, solteira.

Lucilia, solteira.

Herminia Izabel de Britto Vasconcellos, casada com o dr. Antonio Ribeiro de Vasconcellos. Este casal tem 2 filhos: Antonio e Paulo.

* * *

Marianna Pinto Povoa Ferreira, casada com o dr. Manoel Francisco Povoa Ferreira. Tiveram 3 filhos, 24 netos e 19 bisnetos:

Anna Povoa Ferreira, casada com Antonio Povoa Ferreira. Tiveram uma filha: Edina Povoa Tavares, casada com Flavio Tavares. Estes tiveram os seguintes filhos: Antonio Luiz, Flavio, Anide, Ovidio, Ozema, José, Lupe, Ruth, Ondina e Anide, fallecida.

Francisco Povoa de Britto, casado com Izabel Maria de Menezes Póvoa de Britto. Tiveram 9 filhos e 14

netos: Lucy Póvoa da Motta, casada com Feliciano Motta. Filhos deste casal: Derly e Nely.

Nelson Póvoa de Britto, casado com Maria Carlota Barreto Póvoa de Britto. Filhos do casal: Nely, Irma, Celia e Debora; Nely Graça, casada com o dr. Gastão Graça; não deixou filhos, Iná de Britto, casado com o dr. Jovelino Paes. Filhos deste casal: Hermano e Rosa. Genaro Póvoa de Britto, casado com Yolanda Póvoa de Britto, casado com Yolanda Póvoa de Britto. Filha do casal: Nisa.

Nahir Ferreira Paes, casada com o dr. Manoel Ferreira Paes. Filhos deste casal: Yedda, Madali e Marcello.

Dr. Oswaldo Póvoa de Britto, casado com Gersenita Póvoa de Britto. Filho do casal: Rossani.

Maria José, solteira. Arliette Costa Nunes, casada como dr. Francisco Costa Nunes. Filha do casal: Beatriz Helena.

Urcula Póvoa Manhães Barreto, casada com o dr. Feliciano Manhães Barreto. Tiveram 5 filhos, 3 netos e 1 bisneto:

Felicissima Manhães Barreto, casada com Euzebio Manhães Barretto. Filhos deste casal: Ecyla e Elide.

Francisco Manhães Barreto, casado com Antonieta Manhães Barreto. Tem uma filha: Heloisa Helena.

Alice Manhães Fonseca, casada com o dr. Carlos Fonseca. Não têm filhos. Dr. Manoel Francisco Manhães Barretto, casado com Izabel Alvarenga Manhães Barreto. Não tiveram filhos. Maria Manhães Miranda casada com Renato Miranda. Não têm filhos. Etelvina Neves e Almeida, casada com o dr. Alvaro de Castro Neves e Almeida. Não têm filhos.

Cecilia Manhães Barreto, casada com o dr. João Manhães Barreto; tiveram 2 filhos e 4 netos. Jocilia de Azeredo Coutinho, casada com Gotchald de Azeredo Coutinho. Filhos deste casal: Nilze e Roberto, Dr. Ovidio Manhães Barreto, casado com Esmeralda Ma-

nhães Barreto. Filhos deste casal: Vera Manhães Barretto Miranda, casada com Oswaldo Miranda. Tem uma filha: Gilda Maria.

Neuze, solteira.

Antonio Póvoa de Britto, casado com Maria da Penha Menezes Póvoa. Tiveram 6 filhos, 11 netos e bisneto: Aracy Póvoa de Oliveira Campos, casada com o dr. Alpheu Gomes de Oliveira Campos. Filhos deste casal: Andral, Amir e Amorita, casada com o capitão Gilberto Pessanha. Este casal tem 1 filho: Alpheu Sergio. Raul Póvoa de Britto, casado com Alda Póvoa de Britto. Filhos deste casal: Maria Helena e Angela Maria.

Mary, solteira. Dr. Hélion Póvoa de Britto, casado com Nair Póvoa de Britto. Filhos deste casal: Roberto, Hélion, Gilda, Maria e Luiz Cesar.

Sylvia Póvoa de Britto, casada com José Vieira de Mello. Não tem filhos. Capitão Octavio Povoa de Britto, casado com Carmen Póvoa de Britto. Filho deste casal: Angelo Antonio.

José Manoel Póvoa de Britto, casado com Maria Isabel Povoa de Britto. Sem filhos.

Marianna Póvoa de Almeida, casada com o dr. Manoel Themistocles de Almeida. Sem filhos.

Abelardo Póvoa de Britto, casado com Anna Póvoa de Britto. Tem 4 filhos e 1 neta.

Ruth Póvoa La Grota, casada com Armando de La Grota. Filha do casal: Marley.

Eimar, Aluizio e Evaldo, solteiros.

* * *

Theodora Maria, solteira.

* * *

Dr. José Pinto Rodrigues de Britto, solteiro.

* * *

Maria Theodora Gesteira Passos, casada com o dr. Manoel Gesteira Passos. Tiveram 7 filhos e 8 netos: Anna, solteira. Maria Theodora Gesteira Rosa, casada com Alfredo Rosa. Filho deste casal: Alfredo.

Alzira, Francisco, Hortencia solteiros.

Olympia Gesteira Pinheiro, casada com o dr. Caetano Thomaz Pinheiro. (1) Filhos deste casal: Conceição Maria Izabel, Fernando e Marilia.

Dr. Manoel Gesteira Passos, casado com Atalá Gesteira Passos. Filhos do casal: Helena, Helio e Heloisa.

(Do "Monitor Campista", 22 e 23-6-1940).

RETRATO DE FAMILIA

Lúcia Miguel Pereira fala sobre Miguel Pereira. — "Papae era um companheirão". — Um menino criado na roça. — O médico, o professor e o apóstolo. — Miguel Pereira na intimidade. — O preto David. — "O Brasil é um imenso hospital". — "Brincando de fazendeiro" na Estiva. — A glória e o fim. — Reportagem de Francisco de Assis Barbosa

Miguel Pereira nasceu numa fazenda, junto á Serra da Bocaina. Sempre foi um homem preso á terra. "Eu sou um desenraizado na cidade", costumava dizer aos intimos. Era filho e neto de lavradores. Conta Saint Hilaire que foi na fazenda do capitão Miguel Pereira que viu os primeiros pés de café plantados em alinhamento. De uma familia de proprietários rurais, o destino fez de Miguel Pereira um cientista. Não por seu gôsto ou vontade própria. Bem que trocaria a sua cátedra de professor pela vida da roça. Era essa, pelo menos, a vida que êle desejaria ter vivido.

— Meu pai — conta-me, hoje, Lucia Miguel Pereira — foi criado na Fazenda do Campinho, em São José do Barreiro. Aprendeu a ler com minha avó. Só com 12 anos é que veio para o Rio. Aqui entrou para o

(1) Ilustre desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Rio.

Colégio Pedro II. Sofreu muito, a principio. Não se conformava com a prisão do internato. O seu maior sofrimento era ter de andar calçado. Nas visitas, vovô prometia pagar-lhe a 5 mil réis cada banco de honra que êle tirasse. Mas vovô nunca cumpria a promessa. Papai sempre tirou banco de honra e jámais recebeu os 5 mil réis. Lembro-me de ouvir essa história contada lá em casa mais de uma vez.

E com ternura que Lucia Miguel Pereira recorda coisas da vida de seu pai. No coração da filha, o grande homem que foi Miguel Pereira está presente não como uma estátua mas como um sêr humano. Simples, natural e sincero. Um homem que não sabia mentir.

— Combativo e trabalhador ele sempre foi desde rapazinho. No Pedro II, redigia um jornal de estudantes: "A Refrega". Faria propaganda republicana dentro do colégio. E nas horas vagas ensinava aos alunos das classes mais atrasadas. Lecionando a colegas, meu pai ficava sem pensar no Campinho.

Logo que terminou o Pedro II, Miguel Pereira foi matar as saudades da fazenda. E lá fica algum tempo sem se preocupar com os exames vestibulares para a Faculdade de Medicina. Metia-se no mato com os camaradas a caçar perdizes e não queria saber de outra vida. Voltou para o Rio, afinal. Tem 19 anos quando entra para a velha escola da rua Santa Luzia. E' um belo rapaz. Forte, louro, olhos claros. Chamaram-lhe D'Artagnan.

— Meu pai sempre foi o primeiro aluno da sua turma — diz Lucia Miguel Pereira. Francisco de Castro foi seu mestre. Um grande mestre, aliás. Por duas vezes, Miguel Pereira abandonou as aulas da Faculdade. A primeira em 93, na revolta de Floriano. Foi para Niterói. Como soldado, tomou parte na Batalha da Armação. Depois, por ocasião de uma epidemia de cólera no vale do Paraiba, no ano seguinte. E' que meu pai não podia ficar indiferente a essas coisas. Ele se comprometia em tudo. Nunca foi neutro. Sentia como que uma necessidade imperiosa de definir-se. Se visse dois moleques brigando na rua, tomava logo o partido de um deles.

A casa do largo São Salvador

Depois de formado, Miguel Pereira volta á Fazenda do Campinho. Sua tese de doutorando sobre *Hematologia tropical* é considerada obra notável. Em São José do Barreiro, Miguel Pereira não pensava em outra coisa senão em caçadas. Montava a cavallo e esquecia da vida. E' o que me conta Lucia Miguel Pereira.

— Francisco de Castro escrevia chamando o discipulo querido. Um sujeito atacou a tese. Pedro de Almeida Magalhães defendeu-a. E papai caçando na fazenda. Só depois de uma boa temporada no Campinho (uns seis meses, pelo menos) é que achou de voltar. Meu pai começou a vida como médico visitador da Associação dos Empregados do Comércio. Ganhava 250 mil réis por mês. Quando se casou foi morar com meu avô numa casa do Largo São Salvador. Era uma casa enorme. Meu avô ali morava com seus sete filhos, minha bisavó, que ainda vivia naquele tempo, e o segregado da familia. Vovô era rico mas queria que os filhos trabalhassem. Dante dêle, meu pai guardava um grande respeito, a ponto de não fumar na sua presença. Vovô era econômico. Papai, ao contrário, era gastador. Vinha da cidade de tilburi mas para não aborrecer meu avô mandava o cocheiro parar uma quadra antes. E dizia que tinha descido no ponto de secção do Largo do Machado, como medida de economia.

E Lucia Miguel Pereira continua:

— Mas eu não me lembro de meu pai na casa do Largo São Salvador. Começo a lembrar-me dêle na nossa chácara de Gávea. Vivia do seu cargo de médico do Hospicio. A clinica era pequena. Papai almoçava ás 7 da manhã e saia a cavalo no "Tempestade" a visitar os doentes. Depois ia para a Praia Vermelha, onde passava grande parte do dia. Tratava das moléstias intercorrentes dos loucos.

O concurso para Professor

Era esta a vida de Miguel Pereira quando se deu a vaga de professor substituto da cadeira de clinica médica da Faculdade de Medicina, com a morte de Benicio de Abreu. Juntamente com Aloisio de Castro, Antonio Austregésilo e Rubião Meira, inscreve-se no con-

curso. Mas acontece um imprevisto. Adoece a esposa de Miguel Péreira. Já não é possivel pensar em outra coisa.

— Papai e mamãe — diz Lucia Miguel Pereira — formavam um casal felicissimo. Os dois se adoravam. Fomos todos prá Bocaina. Que viagem estupenda! Subimos a serra de troli e de carro de boi. Ficamos na casa de um amigo da nossa familia, Joãozinho Airosa, num lugar chamado Lageado. Mamae melhorou depressa. E papai caiu na caçada. Quando se apanhava na fazenda parecia um menino. O concurso se aproximava. Mamãe já estava boa. Papai tinha que vir. O tempo era pouco para estudar. Vovô salvou a situação. Deu algum dinheiro a papai. O velho trancou-se no escritório e pôs-se estudar. Não admitia que se fizesse o menor barulho na casa. Todos nós éramos obrigados a andar na pontinha dos pés. E papai fez o concurso. Foi um dos mais brilhantes da história da Faculdade de Medicina. Ai começa a sua vida de professor.

Miguel Pereira é logo nomeado professor de Patologia Interna. Seu nome está feito. A clinica aumenta. Já agora reside na rua Bambina, tem automovel na porta. Suas aulas são famosas. Alunos de outras faculdades, como o estudante de Direito Osvaldo Aranha, vão ouvir-lhe as preleções. A casa da rua Bambina está sempre cheia. Era uma romaria, todos os dias. Os estudantes iam lá para casa e ficavam horas conversando com papai.

Personalidade forte, Miguel Pereira despertava grandes simpatias. Mas era homem incapaz de adular a quem quer que fosse. Quando se realizavam as provas do concurso que o fez professor, soube por um amigo comum que um lente com quem não tinha relações lhe ia dar o seu voto.

— Mas êle precisa saber — replicou prontamente ao receber a noticia — que continuarei a não o cumprimentar...

Lucia Miguel Pereira reportou-se uma vez a êsse episódio, num artigo para a "Revista do Brasil" (3.ª fase).

O Pae e o Esposo

Antes de assumir a cadeira de Clinica Médica, para a qual fora nomeado em 1909, Miguel Pereira faz a

sua primeira viagem á Europa. Vai com a esposa. Desta vez, fica em Paris.

— De regresso, retorna ás aulas. Estava já no exercicio da cadeira de Clinica Médica quando é decretada a Reforma Rivadávia. Meu pai manifesta-se contra a reforma. Em reunião da congregação, expõe o seu ponto de vista. Acha que os professores precisam tomar uma atitude. Mas a congregação teme o Estado de Sitio. Que fazer? Meu pai, secundado pelo velho professor Augusto Brandão, chefia uma revolta entre os estudantes. Nossa casa passa a ser vigiada pela policia, guardada por investigadores dia e noite. Meu pai acaba suspenso por seis meses. A violência não o amedronta. Propõe uma ação contra o govêrno. E' seu advogado o dr. Alfredo Bernardes. Entrega-lhe a causa e vai passar uns tempos na fazenda de um amigo em Poços de Caldas. Um mês depois a suspensão é cancelada. Ainda assim, meu pai achou que não devia reassumir. Tocou a ação por diante, até que o Supremo Tribunal lhe deu ganho de causa, tornando sem efeito a suspensão e reconhecendo a violência da medida governamental.

Miguel Pereira só voltará á Faculdade em 1912, de volta da sua segunda viagem á Europa. Desta vez, ficára em Berlim, trabalhando com o professor Klemperer.

— No ano seguinte, é escolhido para paraninfar a turma de doutorandos. Pronuncia, então, um grande discurso contra o governo. Está no apogeu da sua carreria de professor. Sua posição é a de um lider na Faculdade. A clinica aumentando sempre. Papai trabalha de manhã á noite, sem descanso.

E Lucia Miguel Pereira observa:

— Não sei como papai dava um geito para nos levar ao Sion. O facto é que todos os dias, ás 10 horas, o seu automovel "Lancia" estava na porta. Papai nunca deixou de levar as filhas ao colégio. E ia muito alegre, conversando conosco, perguntando coisas, demonstrando um grande interêsse pelos nossos estudos.

Se era assim amoroso com as filhas mais ainda o era com a esposa. E tinha razão para isso. D. Maria Clara foi-lhe sempre uma grande e estremosa companheira.

— Papai e mamãe pareciam dois namorados — disse-me Lucia Miguel Pereira mais de uma vez no decorrer da entrevista.

Um mixto de "Kerniano" e "Dantas"

Um homem encantador, o Miguel Pereira intimo. Era alegre e brincalhão. Tinha lá os seus momentos de neurastenia, mas quem é que não os tem? Não dispensava cerveja. "Fidalga" no almoço. Tomava vinho ao jantar .Gostava de dizer: "Sou um homem que dorme com prazer, que come com prazer, que trabalha com prazer".

— E assim era de facto — garante-me Lucia Miguel Pereira. Tinha paixão pelo "turf". Eu adorava ir com papai ao Jockey Clube, naquele tempo ainda em São Francisco Xavier. Uma vez, papai esqueceu em casa o binóculo. Num dos páreos, tomou-se de um grande entusiasmo. E como não visse direito a corrida, não teve duvida em tomar o binóculo de um dos assistentes que estava ao seu lado e que naturalmente acompanhava a carreira com o mesmo interêsse que êle. Foi uma coisa tão inesperada que o pobre homem resolveu não protestar. Terminada a carreira, papai todo atrapalhado devolveu o binóculo pedindo mil desculpas ao dono estupefato.

Impulsivo e bom, Miguel Pereira era um misto de "kerniano" e "dantas", de acôrdo com a classificação biotipológica de Mestre Jaime Ovalle. A história do provedor da Santa Casa dá uma idéia da bondade e da paciência de Miguel Pereira. Lucia Miguel Pereira vai contá-la:

— Meu pai tinha um grande amigo no interior do Estado do Rio, que um dia foi nomeado provedor da Santa Casa do lugar onde morava. O amigo veio contar-lhe a novidade, cheio de satisfação. E pediu-lhe que escrevesse o discurso de posse. Meu pai escreveu. Virava e mexia, lá vinha o homenzinho como um novo pedido. Eram discursos e mais discursos. Por fim, não se contava em ter os discursos prontos. Queria aprender a recitá-los. Meu pai achou graça e concordou. Trancava-se com o amigo no escritório. Lia os discursos. O homem também lia. Eram cenas engraçadissimas. Nós nos divertiamos á grande, espiando papai e o amigo fazendo discursos pelo buraco da fechadura.

Miguel Pereira foi orador notável. Algumas vezes ditava seus discursos á filha, naquele tempo aluna do Colégio Sion.

— Era muito orgulhoso dos filhos — diz Lucia Miguel Pereira. Um dia, êle chegou em casa muito triste dizendo que havia passado uma grande vergonha por minha causa.

— Por que, papai? — perguntei-lhe.

— O'! minha filha! Aquele discurso! Fui mostrá-lo ao Couto (assim tratava ao seu amigo Miguel Couto) e você tinha escrito circunstancia com "n".

No tempo de Miguel Pereira circunstancia se escrevia com "m". E todo mundo levava a sério coisas de ortografia. Não era como hoje.

O Preto David

O retrato de Miguel Pereira na intimidade seria incompleto sem a figura do preto David. David Pereira de São Lázaro. Pereira porque se considerava uma pessoa da familia. São Lázaro por ser filho de ferreiro; São Lázaro é o santo protetor dos ferreiros...

— David herdava os "fracks" de papai — conta Lucia Miguel Pereira. Tinha um ar digno e era de uma dedicação sem limites. Recebia os clientes no consultório de meu pai, na rua da Assembléia. Havia na cidade um outro dr. Miguel Pereira, médico tambem. David não admitia confusões com o homônimo de meu pai. E' o que conta, pelo menos, o dr. Afonso de Taunay, que uma tarde bateu no consultório; tinha vindo de São Paulo com o fim unico e exclusivo de consultar-se com meu pai. Foi subindo os degraus da escada e ao atingir o primeiro andar topou com a figura impressionante de David.

— E' aqui o consultório do dr. Miguel Pereira, não é?

David olhou-o de alto a baixo e respondeu:

— Não, o sr. está enganado.

— Como enganado?! — retrucou espantado o cliente. Não é possivel. Eu vim de São Paulo especialmente para consultar o dr. Miguel Pereira.

— Pois não é aqui, insistia o preto.

O dr. Taunay ia retirar-se quando David saíu-se com esta:

— Aqui é o consultório do professor dr. Miguel Pereira. E explicou serenamente: Há um outro dr. Miguel Pereira por ai mas nós não queremos confusões...

O preto David não sabia ler mas fingia muito bem. Quando viajava de trem, abria o "Jornal do Comércio" com tôda a solenidade e ficava atento vendo as letrinhas impressas. Não sabia ler mas sabia contar Sempre de uma honestidade a toda a prova era quem entregava e recebia as contas.

— David possuia muitas qualidades mas não era lá muito meticuloso na limpeza. Meu pai, certa vez, resolveu pregar-lhe uma peça. Chegou em casa contando á mamãe o carão que passára em David. "Imagine que o divã do consultório estava coberto de poeira. Ah, não tive duvida. Escrevi com o dedo — "Burro". O David vai se pôr em brios, você verá". Mamãe riu-se e disse a papai: "Ora Miguel, coitado do David! Ele não sabe ler"...

"O Brasil é um imenso Hospital"

Lia muito Miguel Pereira. E não lia apenas os livros de medicina. Gostava de literatura. De ler o seu Anatole France, o seu Renan. O ultimo livro que leu, já doente, na Estiva, foi um volume de cartas de Barbey D'Aurevilly. Lia todas as noites antes de dormir.

— Quando minha irmã adoeceu, mamãe ficou muito preocupada e fê-la dormir no seu quarto. Papai passou para o meu. Eu ficava acordada, ás vezes, até meia noite, esperando-o. Ele vinha, repreendia-me mas no fundo ficava todo "flatté". Papai se deitava na cama de minha irmã e se punha a ler em voz alta. Trechos de Renan e de Anatole France. Trechos de livros que não caiam nas minhas mãos de menina de 14 anos.

E Lucia Miguel Pereira tem uma frase deliciosa, que não quero deixar perder:

— Papai era um companheirão!

Esse cientista de gosto literário apurado se transformava por completo quando se apanhava no campo. Em 1915, comprou um sitio na Estiva, vila que hoje tem o nome de **Miguel Pereira**.

— Todo fim de semana, meu pai ia para a Estiva. Como êle queria bem áquele sitio! Fazia madrugada, trabalhava tanto durante o dia que á noite estava morto de cansado e só pensava em dormir. Era ele mesmo quem ia tirar berne de boi, quem raspava os cavalos. Mamãe costumava dizer que papai, na Estiva, brincava de fazendeiro. Mandou vir um troli de Piracicaba de quatro cavalos. Matava porco, montava a cavalo. Na Estiva, vivia sempre contente. O clima da Estiva era o melhor do mundo. Aconselhava todos os clientes a irem para lá.

E' por esta época que Miguel Pereira inicia a grande campanha do saneamento do Brasil. Passará á historia o discurso em que sauda o professor Aloisio de Castro, em outubro de 1916, que regressa de uma viagem á Argentina. Há um trecho que é preciso destacar. "O exército, a força armada de uma nação, — disse Miguel Pereira — a nação em armas é a unidade nacional, e dessa unidade, una e indivisa, desentranhar uma dualidade é operação de que só nos manicômios se teriam provas. Não será exercito o que não fôr homogêneo; na luta pela Pátria todos se acamaradam e emparceiram como diante da morte, que essa luta tantas vezes preludia, todos se nivelam na terra profunda. E bem que se organizem milicias, que se armem legiões, que se cerrem fileiras em torno da bandeira, mas melhor seria que se não esquecessem nesse paroxismo de entusiasmo que, fora do Rio e de São Paulo, capitais mais ou menos sanadas, e de algumas outras cidades em que a providência superintende a higiene o Brasil é ainda um imenso hospital. Num impressionante arrouho de oratória já perorou na Camara ilustre parlamentar que, se fosse mistér, iria êle, de montanha em montanha, despertar os caboclos dêsses sertões. Em chegando a tal extremo de zêlo patriótico, uma grande parte e parte ponderável, dessa brava gente não se levantaria: inválidos, exangues, esgotados pela anquilostomiase e pela malária; estropiados e arrasados pela moléstia de Chagas; corroidos pela sifilis e pela lepra; devastados pelo alcoolismo chupados pela fome, ignorantes abandonados, sem ideal e sem letras ou não poderiam êstes tristes deslembrados se erguer da sua modorra ao apê-

lo tonitroante da trombeta guerreira, ecoando de quebrada em quebrada ou quando, como espectros, se levantassem não poderia compreender porque a Pátria, que lhe negou a esmola do alfabeto, lhes pedia agora a vida e nas mãos lhes punha, antes do livro redentor, a arma defensiva". Em meio á exaltação nacionalista da primeira Grande Guerra, as palavras de Miguel Pereira ecoaram com dureza. Eram verdades que só os apóstolos têm a coragem de proclamar.

A morte, na Estiva

Os jornais abrem manchetes. Uns contra, outros a favor do discurso. "O País" ataca. O "Correio da Manhã" defende. E Miguel Pereira continua a sua campanha. São dois anos de luta .Por fim, em 1918. o governo de Wenceslau Braz inicia o saneamento do paiz. A campanha está vitoriosa. Pelo menos, em parte. A primeira pedra quem a plantou foi Miguel Pereira. No dia 19 de maio de 1918, recebe o grande homem a homenagem consagratória. O orador é o professor Afranio Peixoto. Miguel Pereira pronuncia ultimo discurso. Ao voltar para a casa, dirá, abraçando a esposa:

— Foi o meu canto de cisne...

Dias depois, cái doente. Ninguem sabe dizer que estranha moléstia é aquela que abate o lutador em plena maturidade, aos 47 anos. Os maiores médicos do Rio de Janeiro, estiveram na cabeceira do enfermo ilustre. Mas a moléstia era um enigma para todos. Três meses de padecimentos cruéis e nada! Ao fim de três meses de padecimentos, Miguel Pereira declara que deseja ir morrer na Estiva, no sitio que êle fez e que tanto amou. Nem o clima da Estiva, — o melhor clima do mundo! — consegue melhorar o seu estado de saude. Vai de mal a pior. Discipulos e amigos dedicados, como Aloisio de Castro, Rocha Faria, Thompson Mota, Aristides de Melo e Sousa e Leônidas Porto, acompanham-no até o ultimo instante. Tudo inutil. Por fim, é o doente quem faz, nas vésperas da morte o próprio dignóstico. Dias antes de morrer, Miguel Pereira chama a esposa e pede que lhe dê os originais do seu *Tratado de clinica médica*. Trabalhára muitos anos nesse livro. Estava quase pronto para a tipografia. Já combinára a edição e só

não entregára ainda os originais porque pretendia fazer uns retoques. D. Maria Clara traz o livro. Miguel Pereira senta-se na cama com esforço. Enche de alcool uma bacia, onde mergulha o manuscrito. Acende um fósforo. Tudo foi tão rápido que não se poude evitar.

(Do "Correio da Manhã", de domingo, 10 de Setembro de 1944).

ACTA DIURNA DE LUIZ DA CAMARA CASCUDO

O primeiro sobrado em Natal e seu dono

O primeiro sobrado em Natal ainda existe. E' o de numero 601, na rua da Conceição. Está modificado ligeiramente no telhado. Amputaram-lhe os finais do beirão em cauda de andorinha, de sabor nitidamente colonial. A exigência da platibanda alterou-lhe a fisionomia marcadamente aristocrática, denunciando solar, ao gosto ainda fidalgo mas já sime burguês do século XIX. Vive a varandinha, projetando a porta de honra do andar, lembrando a época em que as colchas vistosas eram estendidas a passagem processional da Padroeira, levada, em lenta e oscilante marcha, pelos fieis de outrora.

O primeiro sobrado foi mandado construir pelo Capitão Mór José Alexantre Gomes de Melo, senhor de Pitimbú, o mais lindo, o mais desejado, o mais famoso sitio na freguezia de N. S. da Apresentação.

Esse Gomes de Melo era filho de Antonio Teixeira da Costa e d. Tereza Antonia de Melo. Casou com d. Joana Evangelista de Vasconcelos. Carlos José de Vasconcelos e d. Josefa Maria da Conceição eram sogros do Capitão Mór. Gente de bom sangue. Antonio José de Souza Caldas, o fundador dos Souza Caldas no Rio Grande do Norte, maridara com outra filha do casal, d. Josefa Maria de Nazaré.

José Alexandre Gomes de Melo era da primeira linha social. Pertenceu ao Conselho do Governo, sendo um dos seis primeiros conselheiros, o segundo na ordem da votação, no pleito de 23-3-1824. Fez parte igualmente do Conselho Geral da Provincia, eleito a 18-11-1828.

Apuração, a 2-2 do ano seguinte na igreja de Sto. Antônio, forneceu-lhe o diploma e sua posse se deu a 30-11-1830, dia da sessão preparatória. Era um dos treze e encontro seu nome presente a ultima reunião, de 31-1-1834, ano em que foi extinto o Conselho Geral da Provincia pelo art. 1.º da Lei de 12-8-1834 (chamado ato adicional) substituido pela Assembléia Legislativa Provincial. O Conselho era um ensaio legislativo em ponto mirim.

Gomes de Melo frequentou assiduamente todas as quatro sessões do Conselho, opinando com dignidade e clareza. Era homem inteligente, original e prático, tendo idéias e sabendo-as discutir. Numa sessão, a 3 de fevereiro de 1832, propoz reduzir as férias escolares, que eram de 3 de dezembro a 2 de fevereiro, ao curto prazo de 17 dias, isto é, de 21 de dezembro a 6 de janeiro, por lhe parecer não só desnecessárias como opostas ao progresso da instrução da mocidade.

Discutiu a 3, 6 e 9 de fevereiro, foi a proposta adiada a 10. Um seu parecer sobre a fonte da Bica, onde a população retirava a água para beber, é dos nossos dias, pela logica e veemencia argumentadora.

Votado deputado á legislatura inicial da Assembléia Provincial de 1835-1837 (obteve 28 votos), sendo o Presidente da mesa eleitoral instalada na Matriz de Natal, a 10 de novembro de 1834, foi deputado á seguinte, 1838-39, positivando o prestigio.

Grande proprietário em Natal, era senhorio do Conselho Geral que lhe alugara uma casa, Pitimbú, invejado pelos anjos do céu, dizia do conforto em que vivia o Capitão Mór, conhecido, depois da primeira decada do século XIX por "Coronel".

O sobrado da rua da Conceição começou a ser feito em 1818 e terminou a 1819 ou 1820. Não há noticia de um outro em tempo anterior. Os da rua da Conceição são de 1847 a 1850. O casarão de Joaquim Inácio Pereira Senior, também, da rua Conceição, é muito posterior, assim como o Vaca Amarela, de onde saiu o Atual Palácio do Govêrno.

O velho Coronel Manoel Leopoldo Raposo da Camara, nasceu em setembro de 1810 e faleceu em novembro de 1905, com a idade de 95 anos, recordava-se, dizia-me seu filho o Dr. Augusto Leopoldo, de haver

brincado, em 1818 ou 1819, nos alicerces e paredes emergentes do edificio que se levantava na rua da Conceição. Até pouco tempo lia-se a data sobre a moldura da porta. Era sobrado residencial, um luxo para aquele tempo e unico em sua espécie, depois da casa da Camara que se reunia num só piso superior da cadeia. O sobrado do Coronel José Alexandre Gomes de Melo, de onde provem os Seabra de Melo, era uma das maravilhas na mui nobre e leal Cidade de Natal do Rio Grande.

Lado paterno:

Nota: — Coronel José Alexandre Gomes de Melo — bisavô.

Antônio Benevides Seabra de Melo — Avô.

Conhecido por Major Benevides, condecorado com a medalha de Cavaleiro da Rosa. Nasceu em 13 de junho de 1833 e faleceu em 18 de abril de 1888. Era casado com d. Francisca Adelina Pinto Benevides, nascida em 9 de janeiro de 1836 e falecida em 6 de dezembro de 1929. Ambos descendem de fidalgos portugueses, capitães mores, etc. Antônio Benevides era irmão do Comendador Miguel Benevides, grande figura nos tempos do Imperio.

José Alexandre Seabra de Melo — Pai — filho do Rio Grande do Norte, nascido a 2 de maio de 1870 e falecido em 31 de março de 1937. Era casado com Emilia Trindade Seabra de Melo, filha do Rio Grande do Norte, nascida em 6 de janeiro de 1871, e falecida em 5 de julho de 1921.

Lado materno:

Luiz Bezerra Augusto da Trindade — Avô. — Deputado provincial, chefe politico do Partido Liberal na politica do Dr. Amaro Bezerra, deputado federal. Nasceu no Rio Grande do Norte em 1823 e faleceu em 2 de fevereiro de 1882. Era casado com Josina de Vasconcelos Bezerra da Trindade, nascida no Rio Grande do Norte em 4 de setembro de 1832 e falecida em 8 de julho de 1925. Era proprietário e fazendeiro no Municipio de Paparí, no Rio Grande do Norte.

Porto Alegre, 22 de agosto de 1939.

Exmo. Sr. Desembargador.
Dr. Julião Rangel de Macedo Soares.
Rua Santo Amaro, 21 — RIO.

Respeitosos cumprimentos.

Rogo permissão a V. Excia. para manifestar minha satisfação ao tomar conhecimento da sua meritoria colaboração, ao trabalho do provecto genealogista paulistano Dr. Frederico de Barros Brotero, publicado no ano passado, sobre a descendência do ouvidor Lourenço de Almeida Prado. A's paginas 377 e 378 aquele linhagista registra informações de V. Excia., sobre a ascendência de d. Maria Elvira de Macedo Soares, filha de José Eduardo de Macedo Soares e de D. Adelia Costallat.

Como um estudioso da genealogia riograndense, tomo a liberdade de informar a V. Excia. da ascendencia gaucha do marechal José Alipio de Macedo Costallat, pai de D. Adelia Costallat. Essa ascendencia gaucha é de quasi 200 anos, com enxertos de duas linhagens francesas: a dos Agon, em 1764 e a dos Costallat, em 1844.

Em folhas anexas organisei a arvore de costado da ascendencia riograndense de D. Adelia Costallat que poderá ser ampliada, no tronco Carneiro da Fontoura, de mais 5 gerações, segundo a COMUNICAÇÃO feita pelo sr. Barão da Ribeira de Pena, publicada á pagina 95 do n.º 5 da Revista do Instituto de Estudos Genealogicos de S. Paulo.

Queira V. Excia. aceitar com esta colaboração, as saudações muito cordeais de seu patricio e admirador.

(a) *Jorge G. Felizardo.*

Jorge G. Felizardo, Edificio Bica de Medeiros.
Rua Jeronimo Coelho, 209-4.º-43.
Porto Alegre — R. G. Sul.

ASCENDENCIA DE DONA ADÉLIA COSTALLAT

1.—Francisco Pires Casado, foi casado com d. Felipa Antonia da Silveira, ambos naturais dos Açôres. Houve:

2.—José Francisco da Silveira Casado, capitão-mór, cognominado de Conde da Cunha, nasc. na freg. de Sta. Luzia da Ilha do Pico, bisp. de Angra, em 1733 e fal. em Porto Alegre a 16 de janeiro de 1825; casou provavelmente na Aldeia dos Anjos, (Gravataí, R. G. Sul) cerca de 1759, com D. Bibiana Josefa Bittencourt do Canto, nasc. na freg. da Conceição dos Clerigos da cidade de Angra, da Ilha Terceira e fal. em P. Alegre a 14 de outubro de 1805, com 57 anos aproximadamente, filha de Diogo Belmonte Ursua de Montojos e de d. Luzia Josefa do Canto, naturais dos Açores. Houve:

3.—José Antonio da Silveira Casado, coronel, bat. em Viamão, a 22 de janeiro de 1766 e fal. em P. Alegre a 26 de dezembro de 1818; casou em P. Alegre em 1782, com d. Maria Eulalia Veloso da Fontoura, nasc. na vila de Rio Pardo (R. G. Sul) a 19 de dezembro de 1764 e fal. em P. Alegre a 5 de Junho de 1852, cuja ascendencia é a seguinte:

a) Antonio Carneiro da Fontoura, casou com d. Francisca Velosa, ambos naturais de Chaves, Portugal. Houve:

b) João Carneiro da Fontoura, natural de vila de Chaves e fal. em Rio Pardo a 19 de agosto de 1769, com cerca de 90 anos; casou com d. Izabel da Silva, nat. de Torres Novas, Portugal e fal. no Rio Pardo a 17 de fevereiro de 1794, com cerca de 100 anos, filha de Gabriel da Costa e de d. Mariana de Souza. (Vêr GENEALOGIA RIOGRANDENSE vol. I e COMUNICAÇÃO no n.º 5 da Revista do Instituto de Estudos Genealogicos de S. Paulo de 1939). Houve:

c) Maria Tereza Velosa da Fontoura, nasc. em Viamão a 24 de março e bat. a 3 de abril de 1750, fal. em Rio Pardo cerca de 1772, onde casára a 8 de maio de 1764, com o alferes de Dragões João Batista de Agon, nasc. na França em 1740 e fal. na vila de Triunfo (R. G.

S.) a 4 de Janeiro de 1779, filho de Manoel de Agon e de D. Maria Cardoso de Jesus. Houve:

d) Maria Eulalia Velosa da Fontoura, que, como vimos em 3 acima, casou com José Antonio da Silveira Casado. Houve:

4.—Bibiano José Carneiro da Fontoura, coronel, nasc. em P. Alegre a 4 e bat. a 18 de agosto de 1787, onde fal. a 28 de julho de 1861; casou em primeiras nupcias na mesma cidade a 10 de novembro de 1816, com d. Ana Barbara Pereira de Macedo, nasc. em R. Pardo a 29 de abril e bat. a 25 de maio de 1801 e fal. em P. Alegre a 3 de janeiro de 1856, cuja ascendencia é a seguinte:

a) Antonio Albernaz foi casado com d. Maria Duarte, ambos naturais da Ilha do Faial e fals em Rio Pardo. Houve:

b) Raimundo Albernaz, nasc. na freg. de N. S. da Ajuda da Ilha do Faial, em 1734 e fal. assassinado em Rio Pardo a 21 de janeiro de 1799; casou com d. Maria Tereza de Jesus, nasc. na freg. de S. Mateus da Ilha do Pico em 1750 e fal. no Rio Pardo a 31 de março de 1780, filho de Manoel da Rosa e de d. Maria Antonia, nats. da Ilha do Pico e fals. em Rio Pardo. Houve:

c) Ana Maria de Assunção, nasc. em Rio Pardo a 8 de Maio de 1777 e fal. em P. Alegre a 1.º de novembro de 1816; casou no Rio Pardo a 4 de Novembro de 1790, com Manuel de Macedo Bruno, nasc. e bapt. em 1760 na Freg. do Santissima Trindade das Lages da Ilha do Pico e fal. em Porto Alegre a 16 de Novembro de 1816, filho de Manuel de Macedo Madruga, nat. da ilha do Pico e falecido no Rio Pardo. Houve:

d) Ana Barbara Pereira de Macedo, que, como vimos em 4 acima, foi a 1.ª mulher do coronel Bibiano José Carneiro da Fontoura. Houve:

5.—Maria Anatasia Macedo da Fontoura, nasc. no Rio Pardo a 5 de julho e bat. a 28 de agosto de

1825, fal. no Rio de Janeiro, a 25 de julho de 1905; casou em Porto Alegre, a 30 de novembro de 1844 com João Batista Augusto Costallat, nat. de Limoges na França, filho de João Batista Costallat e de d. Catarina Emilia Bergognior. Houve:

6.—José Alipio de Macedo da Fontoura Costallat, marechal e engenheiro militar, nasc. em Porto Alegre a 15 de agosto de 1852 e bat. a 3 de janeiro de 1853; casou no Rio de Janeiro em 1883, com d. Maria Elvira Torres de Carvalho, nasc. na mesma cidade a 15 de novembro de 1855, filha do general José Dias Delgado de Carvalho e de d. Carlota Rodrigues Torres. Houve:

7.—Adelia Costallat, natural do Rio de Janeiro, onde casou com José Eduardo de Macedo Soares.

ASCENDENCIA DO SENADOR GIL DINIZ GOULART, NATURAL DE ANGRA DOS REIS, PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO.

1.—O Dr. Gil Diniz Goulart é filho de

2.—Tenente Manoel Joaquim Goulart — Tenente da Guarda Nacional. Negociante em Angra dos Reis, de onde era natural e por ultimo na cidade do Rio de Janeiro, onde falleceu em 1870 ou 71, com 56 ou 57 anos.

2.—Amalia Gabriela de Alencastro Albuquerque Diniz Goulart; faleceu em 1892 com 71 annos de edade.

—Manoel Joaquim Goulart era filho de

3.—Capitão Antonio Joaquim Goulart, falleceu com 97 annos de edade, no Rio de Janeiro, em S. Christovam, hoje rua Figueira de Mello, em 1864. Muito joven foi para companhia do General Curado, que o educou com rigor, imbuindo sãos principios. Foi para o Sul, onde tomou parte e se distinguiu em diversas batalhas (guerra Cisplatina e campanhas do Sul), galgando todos os postos desde soldado até Capitão da tropa de linha, posto

em que se reformou. Foi fazendeiro em Angra dos Reis (fazenda de Araçátiba), onde occupou diversos cargos de eleição popular e foi instructor da Guarda Nacional.

3.—D. Felizarda Cesarina de S. José Goulart, era filha de Ubatuba (S. Paulo), e de sua ascendencia nada se sabe. Teve irmãos entre os quaes um que ficou em Angra dos Reis e uma irmã D. Engracia, casada com o Dr. Frederico José de Vilhena, advogado provissionado em Angra dos Reis e della provierão alguns filhos, entre os quaes o Dr. Frederico José de Vilhena, comissario de higiene, Dr. Diniz Frederico de Vilhena, que foi representante da Angra dos Reis na Assembléia provincial do Rio, e advogado.

—D. Amalia de Alencastro e Albuquerque Diniz Goulart era filha do

3.—Coronel Joaquim da Silva Diniz. Official de Milicias. Director da Secretaria de Marinha, falleceu depois de aposentado, em 1846, em Nictheroy e foi enterrado no Cemiterio do Maruhy. Foi fazendeiro em Angra dos Reis.

3.—D. Maria José de Alencastro e Albuquerque Diniz — era filha de Francisco Santiago Robalo Pacheco da Silva, official, não se sabendo o posto. Fazendeiro em Itaipú. A Igreja nesta localidade foi por elle construida, assim como construiu um prédio que depois foi convertido em asylo para mulheres que abandonavam os maridos. Esta senhora descende dos Albuquerques, isto é, de Affonso de Albuquerque. O Conde de Diniz Cordeiro possue uma justificação para brazão a este respeito. Parece que Francisco era casado com uma filha do donatario do Maranhão, Pedro Albuquerque Maranhão (?).

—O Capitão Antonio Joaquim Goulart (que assignava Gularte, forma aportuguezada) era filho de

4.—F. Goulard, francez, negociante de calçado na rua de S. José; não se sabendo com quem se casou.

INFORMAÇÕES PRESTADAS PELO SR. EUGENIO PINTO VIEIRA, EM 1-XI-1943

O capitão de mar e guerra, Rodrigo José Ferreira, da nossa marinha, comandante de varios portos, em viagem a Republica do Uruaguay, conheceu e casou-se com Nathalia Gonzalez, natural d'aquela Republica, de 12 para 13 anos, e de grande beleza; do seu consorcio nasceram:

1.—Carolina, n. á 8 de Agosto de 1826, faleceu solteira á 16 de Agosto de 1897.

2.—Bento, solteiro, assassinado no Rio Grande do Sul, solteiro.

3.—Outro rapaz, cujo nome não se lembra.

4.—Belmira, n. em 1833, casada em 1as. nupcias com o Senador Joaquim Franco de Sá; em 2as. com o Senador Viveiros de Castro; em 3as., com o negociante José Pinto Vieira, estabelecido com charutaria á Rua Gonçalves Dias, ponto de reunião dos nossos mais notaveis politicos; republicano historico.

5.—Emilia, n., a 18 de Agosto de 1835, casada em 1as. nupcias com o comercianteJoão Baptista da Silva Teixeira e em 2as. com o Dr. Joaquim Baptista da Silva Castellões, notavel advogado, especialista em direito maritimo, em cuja banca foi substituido pelo seu auxiliar, Dr. Firmo de Albuquerque Diniz, tio materno do Dr. Gil Diniz Goulart.

6.—Henriqueta, n. em 1838, casada com Pedro Pinheiro Guimarães, sub-diretor da Secretaria do Exterior, oficial de gabinete do ministro Quintino Bocayuva, quando da proclamação da Republica.

Do casal de Belmira com o Senador Franco de Sá:

Belarmina Franco de Sá, n., á 16-2-1851, faleceu solteira.

Do casal de Belmira com o Senador Viveiros de Castro:

Maria Augusta Viveiros Brandão, n., á 4 de Abril de 1856, casada com o Dr. Julio Cesar Ferreira Brandão; faleceu á 20 de Abril de 1916.

Do casal de Belmira com **José Pinto Vieira:**

Eugenio Pinto Vieira, diretor da Contabilidade da Comp. T. Light and Power, n., á 21 de Dezembro de 1858, casado com Albertina Pinto Vieira, filha de João Baptista da Silva Teixeira e Emilia Ferreira Teixeira mencionados acima.

Do casal de Emilia, com João Baptista da Silva Teixeira:

1.—Emilia, n. á 9 de fevereiro de 1853, falecida a 18 de Julho de 1898, casada com o Dr. Gil Diniz Goulart, notavel advogado, republicano historico senador pelo Estado do Espirito Santo, na constituinte, filho do comerciante Manuel Joaquim Goulart, natural de Angra dos Reis e D. Amalia de Albuquerque Diniz (vj. notas).

2.—João, n. em 25-1; faleceu demente;

3.—Luiz, n., faleceu menino, de croup.

4.—Albertina, n. a 4-IX-1858, falecida a 10-5-1930, mencionada acima.

5.—Henrique, n., 17-5-1860.

6.—Luiz (2.º) n. em 13-XI-1862, falecido em Vila Nova de Lima, Minas Gerais, casado com

---

Do casal de Emilia com o Dr. Joaquim Baptista Baptista da Silva Castellões:

1.—Joaquim, n. em 1867, casado com

2.—Edgard, n. em 25-1-1885, faleceu solteiro aos 15 anos.

Do casal de Henriqueta com Pedro Pinheiro Guimarães:

1.—Isabel, n. 25-5-1859, casada com Antonio da Rocha Moura, capitalista.

2.—Maria, n. 5-XI-1861, casada com o Dr. Antonio Augusto de Oliveira Roxo, magistrado, juiz municipal da Comarca da Parahyba do Sul.

3.—Francisco Pinheiro Guimarães, n., em 1862, faleceu solteiro.

4.—Pedro Pinheiro Guimarães, consul em Posadas, Republica Argentina. — Casado, aqui ficou a esposa; amasiou-se com uma argentina.

5 —Edgard Pinheiro Guimarães, afilhado da avó Natalia, casado com Floripes, faleceu demente;

6.—Belarmina, casada com Joaquim José Moreira. sobrinho do Barão de Ipanema. —

7.—Gastão Pinheiro Guimarães, funcionario do Ministerio da Justiça, casado com Julia de Souza. sobrinha do Sr. Souza, um dos fundadores da casa Park Royal, de cujo tio herdou grande fortuna.

8.—Tibiriçá Pinheiro Guimarães, funcionario da Secretaria do Exterior, oficial de gabinete do ministro Dionysio Evangelista de Castro Cerqueira, casado com D. Cecilia Roxo.

9.—Ernestina, n. em 8-XII, faleceu solteira, em plena mocidade.

Do casal de Maria Augusta com o Dr. Julio Cesar Ferreira Brandão:

Julio Brandão Filho, prefeito de S. Salvador, capital do Estado da Bahia, casado com Carmita Campos filha de Eduardo Maria Campos e D. Maria do Car-

mo, filha de ....., jornalista portuguez, pae de outra filha casado com o caricaturista Angelo Agostini.

Do casal de Albertina, com Eugenio Pinto Vieira:

1.—Eugenia, n., em 12 de Março de 1885, solteira.

2.—Edith, n. 29-VI-1890, casada com Frederico Augusto da Silva, filho de Thomaz Augusto da Silva e Anna Guimarães da Silva;

3.—Esther, casada com Alvaro Henriques de Carvalho, filho de Affonso Henriques de Carvalho e Alice Costa Pereira de Carvalho, afilhada do Dr. Augusto Alvares de Azevedo.

4.—Elsa, solteira.

5.—Edda, solteira.

6.—Alberto Pinto Vieira, fiscal do imposto do consumo no Distrito Federal, casado com Orlandina Bomfim, natural do Espirito Santo, filha de Acrisio Bomfim, Tabelião da Comarca de Santa Thereza, daquele Estado e Ermelinda Bomfim, de origem italiana.

Do casal de Luiz (2.º), casado com a sobrinha do Dr. Nelson Almeida, ofical de Marinha, medico homeopatha.

De Henrique com:

Nair, filha natural, casada com

Carmen, filha natural, casada com

Do casal de Joaquim Castellões com Conceição:

Do casal de Isabel com Antonio da Rocha Moura:

1.—Risoleta, casada com o Dr. Waldemar Bandeira, jornalista, filho do Dr. Esmeraldino Olimpio Torres Bandeira, professor de direito, ministro da Justiça no Governo Nilo Peçanha.

2.—Rachel, casada com o jornalista Dr. Oscar Lopes Ferreira, filho do Dr. João Lopes, deputado pelo Estado do Ceará.

3.—Regina casada com o Dr. Arthur Torres, filho do Dr. Alberto de Seixas Martins Torres, politico, polygrapho, ministro do Supremo Tribunal.

4—Roberto, afilhado do Dr. Gil Goulart, industrial, casado com

---

Do casal de Maria com o Dr. Antonio Augusto de Oliveira Roxo:

1.—Maria Cecilia, casada em 1as. nupcias com o Dr. Gustavo Van Ervan, engenheiro da Inspetoria de Aguas e Esgotos; e em 2as., com Ernesto G. Fontes, capitalista.

2.—Estella, casada com Raul Chaves, jornalista.

3.—Diva, casada com Lauro Teixeira, filho de Constança Teixeira, da familia dos Teixeiras, firma Teixeira Borges;

4—Dagmar, casada com Silveira, filho de Silveira, jornalista.

5—Julia, casada com Dunsche de Abranches.

6.—Zaide, faleceu de acidente, queimada.
Pedro, pae de Carmem c., com José Paranhos, filho do Comendador José Paranhos e D. Wolfanga Crissiuma Paranhos.

TESTAMENTO

João Francisco Pires, falecido com testamento á 10 de Julho de 1890: verba: instituo por herdeiros usu-

fructuarios de minha terça a meus filhos Joaquim, Samuel, Isabel, Carolina, Alcida, Lydia e Maria Joaquina Pires, passando a uns e outros até o ultimo e por fallecimento deste ultimo, reverterá a propriedade da mesma terça aos filhos e filhas somente das minhas ditas 5 filhas acima mencionadas, ficando a mesma terça constituida do meu predio á rua do Hospicio canto da rua dos Andradas, completando-se a mesma terça no restante que falta com apólices da divida publica.

Alvará da 2ª Vara de Orphãos.

Carolina, casada com o Dr. Brotero Frederico de Macedo Soares, faleceu á 4 de Setembro de 1938.

Alcida faleceu solteira a 5 de Setembro de 1942.

Maria Joaquina Pires, casada com Joaquim Francisco Pires, faleceu a 6 de Março de 1920.

Lydia, casada com o Dr. Octavio Ribeiro de Macedo Soares, faleceu á 2 de Maio de 1923 — (Lydia Maria Pires Soares). O Dr. Octavio faleceu a 8-5-1941.

Isabel Pires Barbosa da Franca, viuva do Coronel Barbosa da Franca, falecida a 31-10-1946.

CAPITULO I

Ascendencia do Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares

Antonio Joaquim de Macedo Soares é filho do

1.—Doutor Joaquim Maríano de Azevedo Soares, nascido em 1 de Fevereiro de 1809, Médico; residente em sua fazenda no Bananal, municipio de Maricá, provincia do Rio de Janeiro; Cavalleiro da Ordem de Christo; Official do Imperial Ordem da Rosa; Major comandante da primeira secção de Batalhão de infantaria da reserva da Guarda Nacional da Provincia, em Maricá; primeiro subdelegado de Policia e primeiro Presidente da Camara Municipal de Saquarema,

quando alli residiu; Eleitor, Juiz de Paz, Presidente da Camara Municipal, Delegado de Policia, primeiro substituto do Juiz Municipal e de Orphãos em Maricá. Em 16 de Setembro de 1834, casou-se com D. Maria de Macedo Soares. Era filho do

2.—Alferes do Caes Antonio Joaquim Soares e D. Maria Antonia Reginalda. — D. Maria de Macedo Soares (n. 1) era filha do

3.—Doutor Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho, Doutor em Direito pela Universidade de Coimbra; CapitãoMór de Cabo-Frio; senhor da Fazenda da Tiririca em Saquarema, freguezia de Araruama; casado, em segundas nupcias, com sua prima D. Maria Thereza de Sá Freire. —

O Alferes Antonio Joaquim Soares (n. 2) era filho de

4.—Simeão Soares de Azevedo e D. Isabel Maria Caetana Antunes. —

D. Maria Antonia Reginalda era filha (n. 2) de

5.—D. Joaquina Francisca de Alvarenga.

O Capitão-mór Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho era filho do (n. 3).

6.—Coronel João Barbosa de Sá Freire, nascido em 1716, e falecido, com testamento, em 5 de Março de 1771 e de D. Anna Maria de Souza Pereira, nascida em 5 de Maio de 1728.

D. Maria Thereza de Sá Freire (n. 3) era filha do

7.—Capitão Antonio dos Sanctos Silva, e sua mulher D. Maria Antonia de Sá Freire. —

Simeão Soares de Azevedo (n. 4) era filho de paes portuguezes, cujos nomes não pude obter.

D. Isabel Maria Caetana Antunes era filha do (n. 4).

8.—Doutor José da Sylva, (José da Sylva Antunes, o dono da sesmaria do Quilombo?) e de sua mulher D. Joanna Gomes Antunes.

D. Joaquina Francisca de Alvarenga era filha de (n. 5).

9.—José da Costa Alvarenga, portuguez, casado com D. Antonia Maria Antunes. —

O Coronel João Barbosa de Sá Freire (n. 6) era filho do

10.—Capitão Francisco Paes Ferreira, senhor do Engenho de Guaratiba, casado com D. Brites de Sá Souto Mayor Freire. —

D. Anna Maria de Souza Pereira (n. 6) era filha de

11.—Antonio Ferrão de Castello-Branco Travassos, casado com D. Andreza de Souza Pereira. —

Capitão Antonio dos Sanctos Silva (n. 7) era filho de

12.—Sancho Manuel da Silva e de sua mulher Joanna Coutinho Bragança. —

D. Maria Antonia de Sá Freire era filha (n. 7) de

13.—Coronel Luiz José de Sá Freire, e sua mulher D. Maria Thereza Rangel de Sá Freire. —

Do Dr. José da Sylva, medico portuguez, não ha tradição na familia acerca dos seus paes (n. 8).

14.—Antonio Antunes e sua mulher D. Aurelia Antunes.

Do portuguez José da Costa nada consta (n. 9). D. Antonia Maria Antunes era filha de

15.—Antonio Antunes e sua mulher D. Aurelia Antunes.

O Capitão Francisco Paes Ferreira era filho de (n. 10).

16.—Francisco Paes Fererira, nascido em 1656, casado com D. Maria de Macedo Freire Soveral (alibi, Sobral). —

D. Brites de Sá Souto Mayor Freire era filha do (n. 10).

17.—Coronel Francisco de Macedo Freire, casado com D. Barbara Viegas de Azeredo (alibi, de Macedo Viegas). Seus filhos D. Anna e Antonio de Sá Freire casaram na familia de D. Helena da Cruz Freire de Lemos, mulher de Francisco Antunes Leão de Sá, quartos netos de Henrique Duque Estrada e sua mulher D. Theodosia da Rosa e Aguiar.

Antonio Ferrão de Castello Branco Travassos (n. 11) era filho de

18.—Callixto Ferrão de Castello Branco, natural de Almada (Portugal), e de D. Antonia Travassos.

D. Andreza de Souza Pereira era filha (n. 11).

19.—Coronel João Gomes da Silva Pereira, Moço fidalgo da Casa Real, Coronel de Infantaria do Rio de Janeiro, casado com D. Andreza de Souza.

Sancho Manuel da Silva (n. 12) era filho de

20.—Capitão José da Silva Motta e de D. Isabel Antunes da Motta.

D. Joanna Coutinho de Bragança era filha de (n. 12).

21.—João Coutinho de Bragança, bastardo da Casa Real de Bragança, em Portugal.

O Coronel Luiz José de Sá Freire (n. 13), era filho do

22.—Coronel João Barbosa de Sá e de D. Clara de Souza Pereira.

D. Maria Thereza Rangel de Sá Freire (n. 13), era filha do

23.—Tenente Luiz Barbosa de Sá Freire e de D. Maria Rangel de Azeredo Coutinho.

Da ascendencia dos Antunes ns. 14 e 15, nada consta.

Francisco Paes Ferreira (n. 16), era filho de

24.—Domingos Paes Ferreira (irmão deste foi o reverendo Dr. Francisco Paes Ferreira) e D. Ignez de Almeida.

D. Maria de Macedo Freire Soveral (n. 16) era filha do

25.—Capitão Lucas do Couto, o velho, e de D. Marianna (alibi D. Ignacia) de Soveral. —

O Coronel Francisco de Macedo Freire (n. 17) era filho de

26.—João Barbosa de Sá Souto-Maior, e de D. Joanna de Soveral Freire.

D. Barbara Viegas de Azeredo (n. 17) era filha do

27.—Alferes Lucas do Couto, o moço, e de D. Isabel Coutinho.

Callixto Ferrão de Castello Branco (n. 18) era filho de

28.—José Ferrão, e de D. Franciscã Travassos.

De D. Antonia Travassos consta apenas que era filha legitima: supponho que sua mãe era irmã de D. Francisca Travassos, sob o n. 28.
O Coronel João Gomes da Silva Pereira, filho de

29.—Coronel Francisco Sodré Pereira, Moço Fidalgo da Casa Real, Coronel de um Regimento pago do Rio de Janeiro, casado com D. Catharina da Silva Sandoval (alibi, D. Catharina Pereira de Marins Sandoval). —

D. Andreza de Souza (n. 19) era filha do

30.—Coronel Ignacio de Oliveira Vargas, casado com D. Maria de Abreu de Souto Mayor (alibi, de

Abreu Rangel). Tiveram mais um filho de nome José da Fonseca Rangel, que casou na familia Sandoval, onde teve uma filha. D. Maria Antonia de Abreu Rangel e Sandoval, casada com Paulo da Matta Duque Estrada, setimo filho do Sargento-mór Ambrosio Dias Raposo e sua mulher D. Anna Josepha da Cruz Duque Estrada.

O Capitão José da Silva Motta (n. 20), era filho de

31.—Francisco de Araujo.

De D. Isabel Antunes da Motta (n. 20) nada consta.
Do n. 21, idem.

O Coronel João Barbosa de Sá (n. 22) era filho de

32.—João Barbosa de Sá Souto Mayor e de D. Joanna de Soveral Freire, nomeados a fls, sob o n. 26.

D. Clara de Souza Pereira (n. 22) era filha de

33.—Coronel João Gomes da Silva Pereira, e de D. Andreza de Souza, nomeados sob o n. 19. —

O Tenente Luiz Barbosa de Sá Freire (sob o n. 23) era filho de

34.—Pedro Barbosa Maximo de Sá Soveral.
De D. Maria Rangel (n. 23), *nihil*.

Domingos Paes Ferreira (n. 24) era filho de

35.—Doutor Francisco Paes Ferreira e de D. Maria da Cunha. —

D. Ignez de Almeida (n. 24), era filha de

36.—Manoel Botelho e de D. Isabel, a velha.

Lucas do Couto, o velho (n. 25) era filho de

37.—Manuel do Couto e D. Domingas da Costa.

D. Marianna de Soveral (n. 25) era filha de

38.—Antonio de Macedo Viegas (Rev. Inst. Hist., 1843, 426), casado na familia Soveral ou Sobral e D. Francisca Viegas. — (Vide n. 53).

João de Sá Souto-Mayor (n. 26) era filho de

39.—Manuel Barbosa Pinto, natural de Vianna, Portugal, casado em segundas nupcias com D. Philippa de Sá Souto-Mayor. Foi sua primeira mulher D. Brites Rangel, filha do Comendador Diogo de Sá da Rocha, natural de Vianna, casado com D. Brites Rangel, filha de Antonio de Mariz Rangel (*alibi, Rongel*). — Br. Hist. II, pg. 167; Rev. Inst. Hist. 29, p. 2, pg 279, de 1866. Segundo os papeis dos Sodrés, era filho da 1.ª mulher.

D. Joanna de Soveral Freire (n. 26) era filha de

40.—Francisco de Macedo Freire, natural de Beja, Sargento-mór de Infantaria, casado com D. Joanna de Soveral e Atouguia (*alibi*, D. Maria de Soberal).

Lucas do Couto, o moço, Alferes (n. 27), era filho de

41.—Lucas do Couto, o velho e D. Marianna de Soveral (n.).

De D. Isabel Coutinho, n. 27), *nihil*.

José Ferrão (n. 28), era filho de

42.—Antonio Esteves Ferrão e D. Ignez Antunes da Costa.

D. Francisca Travassos (n. 28) era filha de

43.—Bernardo Rodrigues Marins, casado com D. Violante Travassos, sobrinha de D. João 1.º, Patriarcha da Ethiopia.

O Coronel Francisco Sudré Pereira (n. 29) era filho de

44.—Duarte Sudré Pereira, Senhor do Morgado de Aguas-Bellas, em Portugal, casado em primeiras nupcias com D. Guiomar Ramires. Foi segunda mulher D. Dionysia Lopes de Sande, filha de Fernão Lopes de Sande. (Carvalho, 3.º pg. 149). —

D. Catharina da Silva Sandoval (n. 29) era filha de

45.—Doutor João Gomes da Silva, Capitão de Infantaria e das Fortalezas de Santo Antonio na Bahia e de S. João no Rio de Janeiro. Provedor da Fazenda Real, Juiz de Orphãos da Cidade do Rio de Janeiro; casado com D. Maria de Marins.

O Coronel Ignacio de Oliveira Vargas (n. 30) era filho de (Vide Rev. do Inst. Hist., tomo 33, p. 2, pg. 66); Carvalho, 3.º, pgs. 186). —

46.—Francisco de Oliveira Vargas e D. Andreza de Souza.

D. Maria de Abreu Souto-Mayor (n. 30) era filha do

47.—Doutor Francisco da Fonseca Diniz e D. Isabel Rongel de Macedo, de quem teve mais dois filhos: 1.º Balthazar de Abreu Cardoso, casado com Isabel Pereira Sudré, filha de Francisco Sudré Pereira e de D. Catharina da Silva Sandoval, supra, n. 29; 2.º — D. Brites Rongel de Macedo, casada com Sebastião Marins Coutinho, o velho, senhor do Engenho de Guaxindiba e descendente de Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo português, de boa casa, 1.º donatario da Capitania do Espirito Santo (1525). — Um filho de Balthazar de Abreu Cardoso, de nome João de Abreu Pereira Sodré, foi casado, em segundas nupcias com D. Escholastica Pacheco, de quem houve: D. Paula Rangel de Abreu, que veiu a casar com João Freire de Azeredo Coutinho, filho de Pedro Freire Ribeiro Duque Estrada e de sua segunda mulher D. Maria de Azeredo Coutinho; que era sua prima.

D. Francisca de Araujo (n. 31) nada consta.

De João Barbosa de Sá Souto Mayor e sua mulher D. Joanna de Soveral Freire (n. 32) já se disseram os ascendentes sob os ns. 39 e 40.

Do Coronel João Gomes da Silva Pereira e sua mulher D. Andreza de Souza (n. 33) constam os ascendentes dos ns. 29 e 30.

De Pedro Barbosa Maximo de Sá Sobral (n. 34) nada.

O Dr. Francisco Paes Ferreira, era filho de

48.—Pedro Lopes de Souza Bacoso, (Barroso?) natural de Evora, casado com D. Philippa Ferreira Peckim (Pechim, nos papeis dos Sodrés). Tirou branzão em 1643.

D. Maria da Cunha (n. 35) era filha de

49.—Bento da Rocha Gondim, natural de Lisbôa.

De Antonio Marins Coutinho e D. Isabel, a velha (n. 36), assim de Manoel do Couto (n. 37) nada se sabe.

D. Domingas da Costa (n. 37) era filha de

50.—Thomé Rodrigues da Costa, casado com D. Paula da Costa, ignora-se de que familia.

De Antonio de Macedo Viegas (n. 38), Manoel Barbosa Pinto (n. 39), Francisco de Macedo Freire (n. 40) não constam os ascendentes.

D. Joanna de Soveral e Atouguia (n. 40) era filha de

51.—Antonio de Macedo Viegas (n. 38), casado com uma Senhora da familia Soveral.

Lucas do Couto, o velho (n. 41) era filho de

52.—Manuel do Couto e D. Domingas da Costa (n. 37).

D. Marianna de Soveral (n. 41) era filha de

53.—Antonio de Macedo Viegas (Rev. Inst. Hist., 1843, 426), (n. 38), Fidalgo da Casa Real (1665) ou 1565?, casada com uma senhora da familia Soveral.

De Antonio Esteves Ferrão e sua mulher (n. 42); de Bernardo Rodrigues Marins e sua mulher (n. 43) nada se sabe.

D. Maria de Marins, ou Mariz, filha do

54.—Dr. Diogo de Mariz Loureiro, Provedor da Fazenda Real, no Rio de Janeiro, casado com D. Paula Rongel de Macedo.

Dr. Diogo de Mariz Loureiro, era filho de

55.—Antonio de Marins Coutinho e D. Isabel, a velha. (Ver. em Carv.º, 3 — pg. 145 e 186).

De Francisco de Oliveira Vargas (n. 46), *nihil*.
D. Andreza de Souza (n. 46) era filha de

56.—Jeronymo de Souza de Britto, casado com D. Barbara Coutinho.

O Dr. Francisco da Fonseca Diniz (n. 47) era filho de

57.—Jorge Fernandes da Fonseca e D. Brites da Costa Homem.

Lucrecia filha do licenciado Francisco Viegas e sua mulher D. Joanna de Soveral. De Antonio de Macedo Viegas e Lucrecia Viegas descendem Maria Viegas, mulher de Pedro de Abreu Rangel, filho de Balthazar de Abreu, o velho; o padre Henrique de Macedo (1645) e os mais aqui declarados.

D. Isabel Rongel de Macedo (n. 47) era filha de

57.—Balthazar de Abreu do Souto Mayor e sua mulher D. Isabel Rongel de Macedo.

De D. Domingas da Costa, deu-se a ascendencia em n. 50.

De Antonio de Macedo Viegas (n. 53), nada.

O Doutor Diogo de Mariz Loureiro (n. 54) era filho de

58.—Antonio de Mariz Coutinho, casado com D. Isabel, a velha, (n. 36), onde o apelido de Mariz se acha como sendo Marins.

D. Paula Rongel de Macedo (n. 54) era filha de

59.—Julião Rangel de Macedo (1583), casado com D. Beatriz (*alibi* D. Brites) Sardinha.

D. Brites da Costa Homem era filha de

60.—Aleixo Manuel, o velho, e D. Francisca da Costa Homem:

De Balthazar de Abreu de Souto Mayor (n. 57), nada.

D. Isabel Rongel de Macedo (n. 57) era filha de

61.—Capitão Julião Rongel de Macedo e D. Beatriz Sardinha (n. 59).

De Antonio de Marins e sua mulher (n. 58) e do Capitão Julião Rongel (n. 61).

D. Beatriz Sardinha (59) era filha de

62.—João Gomes Sardinha, da familia dos Sardinhas de Setubal.

João Gomes Sardinha era filho de

63.—Damião Dias Rongel, filho de D. Diogo Dias Rongel, Comendador de Cete e Villela. —

Damião Dias Rongel, supponho que casado na familia dos Sardinhas de Setubal, da qual seu filho João Gomes tomou o appellido de Sardinha. Desta familia de Sardinhas foi D. Pedro Fernandes Sardinha, despachado para a India para Vigario Geral, e depois primeiro Bispo (155..) onde morreu ás mãos dos selvagens. Simão de Vasconcellos, liv. 1.º, n. 37; liv. 2.º ns. 14 e segs. H. G.

Damião Dias Rongel (n. 63), era filho de

64.—D. Diogo Dias Rongel, Comendador de Cete e Villela, filho de

65.—D. Pedro Alvres Rongel, **Senhor da Casa** e Quinta do Rongel, junto á **Cidade de Coimbra**, onde está o solar dos Rongeis, **casado com D.** Ignez Alvres Sanches de Macedo. **Em seus descendentes** uniu-se como temos dito o **appellido** de Macedo ao de Rongel, hoje mudado para **Rangel**. Entre esses descendentes conta-se **Callixto** Rongel Pereira de Sá, que foi morador em Coimbra, e cuja ascendencia relatada na "Corographia Portugueza", tom. III, pg. 653 e 654, segundo o manuscripto que tenho á vista. Ahi na "Corographia" talvez se achem dados para supprir as muitas lacunas e alguns erros de appellidos e de dados desta genealogia. (Vj. Tom. 2.º, pg. 45, pgs. da 2ª ed. (1869) — Inn. Bibliot. II, 111 — Cartas Primeiras — Diogo Couto e Barros. — Antonio Ferrão de Castello Branco em Mello Moraes, Braz. Hist. III, 54.

CAPITULO II

Coronel João Barbosa de Freire e D. Anna Maria de Souza Pereira, n.º 6 deste Cap. 1.º

Filhos:

1º—D. Anna de Sá Sodré Castello Branco, c. com o mestre de campo **Fernando José** de Mascarenhas **Castello Branco.**

2º—Dr. Francisco de Macedo Freyre de Azeredo Coutinho, n. em 1747.

3º—João Barbosa de Sá Freire, n. em 1749.

4º—Antonio Barbosa de Sá, n. em 1750.

5º—D. Maria Antonia de Souza Pereira, n. em 1751.

6º—D. Brites de Sá Souto Mayor, n. em 1753.

7º—D. Francisca de Sá Freire, n. em 1754.

8º—Joaquim José de Sá Freire, n. em 1758.

9º—Manuel Paes Ferreira, n. em 1761.

10°—D. Barbara Viegas de Azeredo Coutinho, n. em 1762.

11°—José Ferrão de Castello Branco, n. em 1763.

12°—Bento Barbosa Freyre, n. em 1764.

13°—D. Escholastica de Sá Freyre, n. em 1765.

14°—D. Marianna de Sá Freire, n. em 1769.

Extr. do formal de partilhas do Dr. Francisco de Macedo Freire, em meu poder. Campo Largo, 1875, janeiro, 30.

Formal do Coronel João Barbosa de Sá e sua mulher D. Clara de Souza Pereira, n. 22, deste Cap. 1.°

1.°—Francisco, nascido em 1724.

2°—João Barbosa de Sá, Rev., padre da Companhia.

3°—Ayres Barbosa de Macedo, n. em 1731.

4°—Luiz José, nascido em 1733, n. 13, cap. 1.° supra.

5°—João Freire de Sá, nascido em 1734.

Ext. do formal de partilha do herdeiro João Barbosa de Sá e em meu poder. Campo Largo (Paraná), 30 de janeiro de 1875. — Antonio Joaquim de Macedo Soares.

Domingos Paes Ferreira, n. 24, fundou, na Serra da Piba Grande, a capella de N. S. do Desterro, dependente da Matriz da freguezia de Itaipú (173..). Ha erro typographico em Milliet de St. Adolphe, vb. *Piba Grande*, onde se lê Domingos Paes Ferreira.

D. Maria Antonia Reginalda n. 2, fundou na sua Fazenda do "Bananal" em Maricá, uma capella sob a invocação de N. S. da Conceição, completa de paramentos e alfaias e com licença do Bispo D. .... para nella se celebrarem todos os actos religiosos; o que se tem feito com applausos dos povos vizinhos, distantes da Villa e sede da Freguezia duas e três leguas.

Jorge Fernandes da Fonseca, n. 56, capitão-mór de Vicente, em 1660, com autorisação do governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides, levou á Villa, a povoação de Paraty, a requerimento de Domingos Gonçalves capitão da dita povoação. — Milliet de St. Adolphe, vb. Paraty.

Os Viegas tinham na freguezia do Campo Grande um *magnifico engenho* (diz Milliet de S. Adolphe, vb. *Campo Grande*), onde havia uma capella dedicada a N. S. da Lapa.

N. 55 — Jeronymo de Souza de Britto, devia ser da familia dos *Botafogos*, que tinham esses appellidos, como se vê em Pedro Taques, Rev. do Inst. Hist., tom. 34, p. 2.°, pg. 21. — Vj. tambem tom. 35, p. 1.°, pg. 271, sobre a mesma familia de Botafogo: tomo 34, p. 2, pg. 21.

Sobre Sás Barbosa e Coitinhos, Rev., tomo 34, p. 2, pg. 189.

Sogros de Pedro Dias Paes Leme, casado com D. Francisca Joaquina da Horta Forjaz, foram Roque Pereira de Macedo e D. Aguardas. Rev. 36, 1, pg. 37.

Barbosas Souto-Mayor, Rev. I, pgs. 78

Diogo R. Sarmento, nasceria por 1.600. Seu pae Cosme Rangel, por 1570. Seu avô Damião Dias, por 1530. Julião Rongel por 1540: devia ser irmão de Damião Dias; e ambos filhos de Diogo Rongel de Macedo.

N. 60 — Aleixo Manuel, o velho e sua mulher D. Francisca da Costa Homem, ambos naturaes da ilha Terceira, tinham no monte que é hoje o morro da Gloria uma granja e uma ermida de N. S. da Conceição da qual das terras circumsvizinhas e annexas fizeram doação, em 1590, aos padres da Ordem de S. Bento com a obrigação de festejarem a Senhora: Vide o mais na Rev. do Inst. Hist., tom. 36, p. 2, pg. 91. Nota: — No titulo dos Abreus vem que Aleixo Manuel era da Ilha do Fayal.

N. 43 — D. Violante Travassos parece ter sido da familia dos Travassos de que trata Pedro Taques, na Rev. do Inst. Hist., tom. 35, p. 1, pg. 98.

Sobre o Bispo D. Francisco de S. Jeronymo, Rev. tom. 35, p. 1, pg. 96, e p. 2, pg. 9.

Sobre Vasco Fernandes Coitinho, Rev. Inst. t. 34, p. 2, pg. 159.

João Pereira Ramos e irmãos, a mesma Rev. pg. 168 e 169 e Pereira da Silva, 2.º vol.

Sobre o titulo de *Grimaldi*, da familia de Sebastião de Miranda Coitinho, ver B. Silva Lad., Annaes, I, 538. Vem de uma Grimaldi que casou com um filho natural de Vasco Fernandes Coitinho, o grande.

O Capitão Marcellino dos Sanctos Coutinho falleceu em Julho de 1880, com cerca de 95 annos.

A mulher de Antonio de Mariz não era Lauriana, como se vê em Balthazar da Silva Lisbôa; era sim Isabel, a velha, como dos pp. do Cap.-mór Macedo e da escritura pgs. 301 da Rev. do Inst., pg. 354, tom. n. 15; vj. no livro dos Antunes.

(nota 7) — D: — Francisco da Fonseca Diniz: Rev. 1854, 309

Dr. Jorge Fernandes da Fonseca. R.I.H., V., 1843, 326.

Antonio de Mariz — 4º p. e 6º, m. avô do Cap.-mór Macedo e 7º avô do Coronel Theodoro — (Rev. do Inst., 1843, 40 falla delle).

Julião Rangel está nos mesmos gráus com ambos.

Julião Rangel tem mais uma filha com D. Brites, casada com Diogo de Sá da Rocha — (Vêr os pp. do Coronel Theodoro, n. 22 da Genealogia. Encontro na m. ascend. n. 39 (cad. de 8º).

Macedos e Coutinhos em Abrantes, Carvalho, III, 133.

Licenciado Jorge Fernandes da Fonseca de Azeredo, em Mello Moraes, Chron. 142.

O Bispo de S. Paulo, D. Matheus.

Abreu Pereira era descendente, ou seria irmão de João de Abreu, supra?

Sobre o Bispo Sardinha, Rocha Pitta, liv. 3º, 9.

Vêr sobre quais todos estes parentes: Rev. Inst. 1843. 42.

O tenente coronel Antonio Barroso Pereira, o major Bento Barroso Pereira, o Dr. Raul Capello Barroso, D. Maria Benedicta Rongel Lopes Duque Estrada, e seus filhos, o Dr. José Aldrete de Mendonça Rongel de Queiroz Carreira e o Capitão Miguel Joaquim Rongel de Azeredo rogão as pessoas de sua amizade e parentes o obsequio de assistirem ás missas de 7º dia que pelo repouso d'alma de sua muito prezada mãe, avó, irmã, e tia D. Maria Paula Rongel de Souza Coutinho e Azeredo Barroso mandão celebrar hoje 3ª-feira, 3 do corrente, ás 9 horas, na igreja S. Francisco de Paula (Côrte) na capella de N. S. do Desterro da Pedra e na matriz de Guaratyba, e por êste acto de religião se confessam já agradecidos" J. C., 3 de julho de 1883.

FIM DO 2.º VOLUME

TÁBUA BIBLIOGRÁFICA

TABUA BIBLIOGRÁFICA

Pág.

Anais da Bibliotéca Nacional 85
Antonio Carvalho da Costa — Corografía Portuguêsa — 7 — 12 — 18 — 20 — 36 — 57 — 67 — 78 — — 84 — 90 — ap. 3 — 83 — 85 — 87 e 90
Arsenal Heráldico 37
Augusto de Carvalho — A Capitania de São Thomé — ap. 11
Autuori (Luiz), — Os 40 Imortais 278
Azevedo Marques — Apontamentos Históricos Geográficos — ap. 9
Baithazar da Silva Lisbôa, — Anais do Rio de Janeiro — 35 — 36 — 37 e ap. 10
Barão da Ribeira da Pena — RIEG., São Paulo — ap. ... 66
Bernardo Pereira de Berredo, — Anais Históricos do Maranhão 6
Brasil Histórico — 29 — 52 — 54 — 84 — ap. 82 e 87
Bricio Filho (Correio da Manhã) 132
Candido de Oliveira — Legislação Comparada 134
Capistrano de Abreu, Gravetos de História Pátria — ap. 110
Carvalho de Mendonça — Tratado de Direito Comercial 133
Cesar Leal Ferreira — Higiene 220
Contemporaneos Inter-Americanos 278
Cordeiro (Padre) — História Insulana 6
Correio da Manhã (O), Rio — 132 — 297, — ap. 32 e .. 63
Correio Paulistano (S. Paulo) — 123 — 153 — ap. 41
Diario Carioca (O), Rio — 180 — 185 — 274 — 281 e ... 295
Diario de Notícias (O) Côrte 9
Dicionário Internacional 166
Diogo do Couto e Barros — Décadas — ap. 87
Diogo de Vasconcelos — História Antiga de Minas Geraes — ap. 20
Edmundo Silva (Dr. Sebastião Ed. Mariano Silva) — Quarentenas e Higiene do Rio de Janeiro 177
Edmundo Silva (Dr.) — Brasil Sport 178
Estado (O) — Niterói 183
Estado de São Paulo (O), jornal 146
Evaristo de Morais — Revista Criminal 216
Felicio dos Santos — (A União, jornal Rio) — 116, — 258 e 259

Fernando Azevedo — A Cultura Brasileira — 274 e .. 279
Felisbello Freire — História da Cidade do Rio de Janeiro — ap. 5 e 14
Fluminense (O) — Niterói 9

	Pág.
Frederico de Barros Brotero — Apontamentos Genealógicos dos Queirozes	256
Frederico de Barros Brotero — A vida de João Dabney de Avelar Brotero	301
Frederico de Barros Brotero — Descendência do Ouvidor Lourenço de Almeida Prado — 276 e	278
Gabriel Soares, in RIH.	38
Gaspar Frutuoso — História Genealógica de São Miguel — 30 e	34
Gazeta (A), Jornal, S. P.	146
Haddock Lobo — O Tombo das Terras Municipais — ap. 4 e	5
Henrique de Macedo Soares — A Guerra de Canudos	171
H Perdigão, Dicionário	278
Imparcial (O), Rio — 123 — 147 — 273 e	274
João de Barros — Décadas	38
João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho — Os Abreos do Rio de Janeiro — 3 e	b
Jorge G. Felizardo — Apontamentos sobre os Costallat — 275 — ap.	66
Jornal do Comércio (O) Rio — 132 — 136 — 139 — 146 — 160 — 168 — 182 — 192 — 217 — 225 — 278 281 — 284 — 297 — ap. 23 e	48
Ladisláu (B. Silva) Anais — ap.	8
Lamego — Alberto. Estudos sobre os Rodrigues de Britto 219 — ap.	43
Lucia Miguel Pereira — Sobre Miguel Pereira	245
Luiz da Camara Cascudo — O primeiro sobrado em Natal e seu dono — 252, — ap.	63
Macedo Soares — Liberdade Religiosa no Brasil — 127 128 e	137
Macedo Soares — Regimento das Camaras Municipais — ap.	7
Macedo Soares — Campanha Juridica pela Libertação dos Escravos — 130 e	298
Mello Morais — Chronica — 85 — ap. 11 e	91
Milliet de Saint Adolphe — Dicionário Geográfico do Império do Brasil — 86, — ap 88 e	89
Noticia (A), jornal — Rio	138
Noite (A), Jornal — Rio — 282 e	283
Paiz (O), jornal — Rio — 132 — 138 — 175 — 176 e	274
Pedro Taques — in RIH — 18 — 26 — 27 — ap.	89
Pereira da Silva, 2.º Vol — ap.	90
Pizarro, Memórias Históricas do Rio de Janeiro — 8 — 21 — ap.	20
Ponte Inter-Americana	279
Revista Brasileira de Geografia e Estatistica	297
Revista do Comércio, Rio	261
Revista — "Eu Sei Tudo" — Rio — ap.	25
Revista do Instituto dos Estudos Genealógicos — (S.P.) — ap. 67 e	92

	Pág.
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIH) — 18 — 20 — 21 — 26 — 51 — 72 — 84 — 85 135 — 138 — 139 — 278 — ap. 6 — 9 — 10 — 82 — 88 — 89 — 90 — 91 e	92
Revista Popular, Rio	123
Revista "A Selecta", Rio — ap.	21
Rio de Janeiro (O), Jornal — Niterói	156
Rocha Pitta — America Portuguêsa	10
Sacramento Blake — Dicionário Bibliográfico Brasileiro	159
Salvador de Mendonça	123
Sanches de Baena, Arquivo Heráldico Genealógico — ap.	9
Silveira de Menezes, Retrato Psicológico do Embaixador Macedo Soares	278
Simão de Vasconcellos — 85 — ap.	86
Tribuna (A), jornal, Rio	138
Varnhagem, História do Brasil	38
Vieira Fazenda — ap. 8 — 13 e	21

INDICE GERAL

Pág.

Obras Completas do Conselheiro Macedo Soares — Nobiliarquia Fluminense 1

Obras Completas do Conselheiro Macedo Soares, Antonio Joaquim. Coligidas, revistas e publicadas por seu filho Desembargador Julião Rangel de Macedo Soares 2

Nobiliarquia Fluminense ou Genealogia das principais e mais antigas familias fluminenses da Côrte e Provincia do Rio de Janeiro coligida, revista, completada e publicada pelo Dr. Julião Rangel de Macedo Soares — Volume V — Parte II 3

Carta ao Illmo. Exm. Snr. Dr. Benjamin Francklin Ramiz Galvão 4

Nobiliarquia Fluminense — Abreos do Rio de Janeiro 5

Notas — Rongeis do Rio de Janeiro 12

Julião Rongel de Souza Coutinho 13

Diogo de Mariz Loureiro, Provedor da Fazenda Real 17

Belchior Rongel de Macedo 37

Mestre de Campo João de Abreu Pereira 38

Familia Rangel de Guaratyba, sua origem e data do seu estabelecimento nesta Freguezia 40

Familia Sodré da Guaratyba. Sua origem e estabelecimento n'ella 50

Familia Paes Ferreira 51

Ascendência do Capitão Mór Doutor Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho 51

Ascendência de D. Maria Isabel da Visitação Ferreira .. 57

Ascendência de D. Maria Thereza de Sá Freire 59

Descendência do Capitão Mór Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho em primeiras nupcias com com D. Maria Isabel da Visitação Ferreira 60

Descendência do Capitão Mór Dr. Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho em segundas nupcias com D. Maria Thereza de Sá Freire 64

Aditamentos: Ascendência do Dr. Custodio Cotrim da da Silva e de José Cotrim da Silva 66

Filhos do Sargento mór José Cotrim da Silva 67

Filhos do Capitão José Custodio Cotrim da Silva 67

Ascendência de D. Feliciana Duarte de Macedo Soares

Descendência do Alferes Francisco Duarte e Silva 69

Descendência do Tenente João Duarte dos Sanctos 70

Descendência de Antonio dos Sanctos Silva e D. Maria Antonia de Sá Freire 70

Ascendência dos Macedos (Azevedo Macedo e Macedo Soares) 72
Mestre de Campo João Alvares de Azevedo — D. Maria de Macedo Freire de Azevedo 78
Coronel Comendador Francisco Alvares de Azevedo Macedo — D. Theodora da Silveira Bueno Alvares de Azevedo 78
Ascendência do Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares . 79
Ascendência de D. Theodora Alvares de Azevedo de Macedo Soares 80
Geração dos Paes Leme 83
Notas 84
Filhos do Coronel Barbosa de Sá Freyre e D. Anna Maria de Souza Pereira 85

NOBILIARQUIA FLUMINENSE — Parte III — Os SOARES e MACEDOS da Provincia do Rio de Janeiro... 87
Descendência dos Soares e Macedos da Provincia do Rio de Janeiro. — Julião Rangel de Macedo: — Tronco dos Macedos — Simeão Soares de Azevedo: — Tronco dos Soares 89
Capitulo I — Descendência de Antonio Antunes e D. Aurelia Antunes 91
Capitulo II — Descendência do Dr. José da Sylva Gomes e D. Joanna Gomes Antunes 91
Capitulo III — Descendência de José da Costa Ferreira (Alvarenga) e D. Antonia Maria Antunes 92
Capitulo IV — Descendência de Simeão Soares de Azevedo e D. Isabel Maria Caetana Antunes 92
Capitulo V — Descendência de João Pacheco de Resende e D. Maria Gertrudes 95
Capitulo VI — Descendência de Manuel Custodio Pacheco de Resende e D. Anna Josepha Antunes 96
Capitulo VII — Descendência de João Coelho e D. Maria Antonia Antunes 97
Capitulo VIII — De ....., e D. Emerenciana .. 97
Capitulo IX — Descendência de Antonio José da Costa e D. Joanna Maria Ferreira 97
Capitulo X — Descendência de Manuel José da Costa e D. Anna Maria Corrêa 100
Capitulo XI — Descendência de João Damasceno Chaves e D. Francisca de Paula Antunes 100
Capitulo XII — Descendência do Capitão Francisco de Paula Antunes e D. Maria Paula do Nascimento, filha de José Vieira Rangel e D. Maria Feliciana Ferreira 100
Capitulo XIII — Descendência do tenente João Pacheco Ferreira e D. Antonia Maria Joaquina 102
Capitulo XIV — Descendência de Antonio Gomes da Costa e D. Joanna Francisca, em primeiras núpcias 104

Capitulo XV — Descendência de Joaquim José da Costa e D. Joanna Francisca, em segundas núpcias 104
Capitulo XVI — Descendência de João Lopes Ferreira e D. Joaquina Antunes 105
Capitulo XVII — Descendência de Manuel Soares de Azevedo e D. Maria Joaquina 105
Capitulo XVIII — Descendência de Fernando Henrique dos Santos e D. Maria Joaquina da Conceição 107
Capitulo XIX — Descendência de José Alves Pacheco e D. Mariana Bernarda 108
Capitulo XX — Descendência do Alferes Antonio Joaquim Soares e D. Maria Antonia Reginalda 110
Capitulo XXI — Descendência de D. Maria Carolina de Azevedo Alves e Joaquim Mariano Alves 112
Capitulo XXII — Descendência do Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares e D. Maria de Macedo Soares 113
Capitulo XXIII — Descendência do Major Luiz Manuel de Azevedo Soares e D. Carolina Luiza de Azevedo Soares 149
Capitulo XXIV — Descendência do Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares e D. Maria Paula de Azevedo Macedo Soares 152
Capitulo XXV — Descendência do Conselheiro Antonio Joaquim de Macedo Soares e D. Theodora Alvares de Azevedo de Macedo Soares 153
Capitulo XXVI — Descendência de Francisco Américo de Macedo Soares e D. Feliciana Duarte de Macedo Soares 226
Capitulo XXVII — Descendência de Francisco Américo de Macedo Soares e D. Maria Eulalia de Lima 233
Capitulo XXVIII — Descendência do Alferes João Augusto de Macedo Soares e D. Maria Gertrudes Ribeiro de Macedo Soares 235
Capitulo XXIX — Descendência de D. Marianna de Macedo Soares Alves e José Mariano Alves 243
Capitulo XXX — Descendência de D. Maria da Gloria de Macedo Soares Ribeiro de Almeida e Major Joaquim Ribeiro de Almeida 251
Capitulo XXXI — Descendência de D. Anna Augusta de Macedo Soares Dias de Menezes e Antonio de Sousa Dias de Menezes 260
Capitulo XXXII — Descendência do Dr. José Eduardo de Macedo Soares e D. Candida Sodré de Macedo Soares 269
Capitulo XXXIII — Descendência do Dr. Brotero Frederico de Macedo Soares e D. Carolina Pires de Macedo Soares 306
Capitulo XXXIV — Descendência de Paulino José Rodrigues de Azevedo Soares e D. Maria Antonia Alves de Azevedo Soares 309
Capitulo XXXV — Descendência de D. Maria Paula de Azevedo de Macedo Soares e Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares 310

Pág.

Capitulo XXXVI — Descendência de Antonio José de Azevedo Soares e D. Guilhermina da Costa de Azevedo Soares 310
Capitulo XXXVII — Descendência de José Rodrigues de Azevedo Soares e de D. Lydia Antas de Azevedo Soares 312
Capitulo XXXVIII — Descendência de Luiz Manuel de Azevedo Soares Júnior e D. Maria Luiza Alves de Azevedo Soares 312
Capitulo XXXIX — Descendência de Joaquim José de Azevedo Soares e D. Candida Borba de Azevedo Soares 315
Capitulo XL — Descendência do Dr. João Evangelista de Azevedo Soares e D. Amanda Pena de Azevedo Soares 319
Apêndice 1
Julião Rangel de Macedo 3
O Caminho de Damasco 4
Antonio de Mariz 8
Uma festa tradicional de Nossa Senhora da Gloria ... 13
A Penha 21
Carta ao Dr. Luiz Mario de Sá Freire 26
A familia Sá Freire 29
Academia Brasileira. Discursos do acadêmico Claudio de Souza, e do desembargador Julião Rangel de Macedo Soares 36
Os grandes vultos de Campos. A familia Rodrigues de Britto, e seu tronco 43
Retrato de familia. Dr. Miguel Pereira por Lucia Miguel Pereira 53
Acta Diurna de Luiz da Camara Cascudo 63
Carta do Sr. Jorge Felizardo sobre os Costallat 66
Ascendência de D. Adelia Costallat 67
Ascendência do Senador Gil Diniz Goulart 69
Descendência do Capitão de Mar e Guerra Rodrigo José Ferreira e D. Rachalia Gonzalez 71
Ascendência do Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares 76
Descendência do Coronel João Barbosa Freire e D. Antonia Maria de Souza Pereira 87
Notas várias 88
Tábua Bibliográfica 94
Tábua Onomastica 94